

ÁUREO JOAQUIM CAMARGO

**A BAGATELIZAÇÃO DA LITERATURA DE LIMA BARRETO:
análise do legado editorial do escritor.**

ASSIS

2015

ÁUREO JOAQUIM CAMARGO

**A BAGATELIZAÇÃO DA LITERATURA DE LIMA BARRETO:
análise do legado editorial do escritor.**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Paulista para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápías Ceccatini.

ASSIS

2015

(verso da folha de rosto)

Camargo, Áureo Joaquim.

C175b A bagatelização da literatura de Lima Barreto: análise do legado editorial do escritor / Áureo Joaquim Camargo. – Assis, 2015.

184 f. il.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras.

Orientador: Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccatini

1. Lima Barreto 2. Obras 3. Edições 4. Bagatelização 5. Mercado editorial.

CDD 869.98

ÁUREO JOAQUIM CAMARGO

A BAGATELIZAÇÃO DA LITERATURA DE LIMA BARRETO: análise do
legado editorial do escritor

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis
para obtenção do título de Doutor em
Letras. (Área de Conhecimento:
Literatura e Vida Social)

Data da Aprovação: 18/12/2015

COMISSÃO EXAMINADORA


Presidente: PROF. DR. JOÃO LUÍS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI - UNESP/Assis


Membros: PROFA. DRA. ALICE AÚREA PENTEADO MARTHA - UEM/Maringá


PROFA. DRA. SANDRA A. FERREIRA - UNESP/Assis


PROF. DR. JOSÉ BATISTA DE SALES - UFMS/Três Lagoas


PROF. DR. FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS - UNESP/Assis

À memória de minha filha Mariane (1992-2011), eterna luz da minha vida!

AGRADECIMENTOS.

Às inúmeras pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, na realização deste meu trabalho, deixo aqui meus agradecimentos:

- Ao meu amigo irmão Fábio Augusto de Oliveira Santos, guerreiro da educação, que sempre me incentivou a fazer o mestrado e depois o doutorado;
- À minha ex-esposa Roseli, companheira de tantas labutas e de muitas dores;
- Aos meus amigos e colegas da E. E. Dr. Ginez Carmona Martinez, especialmente as meninas da Sala de Leitura, Vera Lúcia da Silva Bertolazo e Tânia Mariano, pela confiança e ajuda no empréstimo dos livros;
- Aos meus amigos e colegas do Curso e Colégio Seletivo, em especial à Silvana, Marcos e Fernando;
- Aos meus alunos, colegas e amigos da Faculdade Reges de Osvaldo Cruz, pelo companheirismo e pela força;
- Aos meus amigos Prof. Dr. José Batista de Sales, Prof. Dr. Rauer Ribeiro, Prof. Álvaro Santos Simão Júnior, Profa. Dra. Sílvia Maria Azevedo, Prof. Francisco Topa pelo apoio e ensinamentos;
- Ao meu querido orientador, Prof. João Luís Ceccantini, pela confiança e pela amizade;
- Aos meus irmãos, pela alegria e pela união;
- Aos meus novos amigos de Tupã, meu novo local de residência;
- À minha esposa Renata Cristina, pelo amor, pela compreensão;
- Ao meu enteado Guilherme, que por afinidades, chamo de filho;
- Aos funcionários da secretária de Pós-Graduação da Unesp de Assis, pela competência profissional e pela gentileza;
- A Iria Okuda, pela gentileza de ter me atendido com toda a humanidade possível num dos momentos mais tristes da minha vida;
- Aos meus amigos de Rinópolis que, embora distanciados, estão sempre no meu coração;
- A Lígia Alves, bibliotecária da Faculdade Reges de Dracena, pela força;
- A minha ex-aluna, sempre amiga, Evelin Carvalho, também ao Prof. Mestre Cesar Vendrame pela inestimável ajuda.

CAMARGO, Áureo Joaquim. **A bagatelização da literatura de Lima Barreto**: análise do legado editorial do escritor. 2015. 190 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015.

Esta tese objetiva demonstrar o percurso editorial do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), analisando as modificações e as permanências no legado editorial do escritor após sua morte. Chamamos de bagatelização a maneira como o escritor juntou os textos do livro *Bagatelas*, publicado em 1923, modelo que plasmou as edições póstumas organizadas por Francisco de Assis Barbosa. Analisamos o processo de bagatelização da literatura de Lima Barreto por dois vieses: a) o desenvolvido por Lima Barreto, resultado da veia satírica do escritor; e b) a bagatelização realizada por Francisco de Assis Barbosa, motivada pelas exigências inerentes do mercado editorial. Assim, há pelos quatro capítulos que compõem a tese o fio condutor da discussão do processo bagatelizador da obra de Lima Barreto, embasado pela descrição da evolução do mercado editorial brasileiro. No primeiro capítulo, tomamos o espaço temporal de 1909 a 1923, momento da constituição do legado editorial do escritor, com sete obras publicadas. O segundo capítulo compreende o intervalo temporal de 1923 a 1956, quando o legado editorial do escritor é, por um lado, mantido pelas editoras, e por outro sofre alterações e ampliações, atingindo um total de dez volumes. O terceiro capítulo tem por objetivo exclusivo a tentativa de se oferecer ao mercado as obras completas de Lima Barreto, executada por Francisco de Assis Barbosa, com o legado editorial limabarretiano atingindo o total de dezessete volumes. O último capítulo apresenta as tendências editoriais existentes nas publicações das obras de Lima Barreto pós-1956 marcadas por dois aspectos: por um lado a repetição continuada e acrítica dos textos fixados na edição de 1956 por Francisco de Assis Barbosa, quase única referência; por outro, pelo aparecimento de edições que dialogam implicitamente com a edição de 1956, visando a oferecer ao mercado edições distintas do padrão barbosiano.

Palavras-chave: Lima Barreto; obras; edições; bagatelização; mercado editorial.

CAMARGO, Áureo Joaquim. **The bagatellization of Lima Barreto's literature: an analysis of the editorial writer's legacy.** 2015. 190 f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2015

ABSTRACT

The thesis aims to demonstrate the editorial course of the works of writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), analyzing the changes and continuities that have taken place in the editorial writer's legacy after his death. We call bagatellization the way the writer joined the texts of *Bagatelas*, published in 1923, a model that has shaped the posthumous editions organized by Francisco de Assis Barbosa reflected in the publications of other publishers, subsequent to their work. We examine the process of bagatellization of Lima Barreto literature by two biases: a) developed by Lima Barreto, a result of the satirical vein of the writer; and b) the bagatellization performed by Francisco de Assis Barbosa, resulted by the demands inherent in the publishing market, described in its main trends throughout its evolution until almost our time. The conducting wire of the thesis summarized the discussion of bagatellization's process of Lima Barreto work was distributed by four chapters. At first, we'll approach the time interval between 1909-1923, when the editorial writer's legacy constitute oneself, composed by the publication of seven works. The second comprehends the interval 1923-1956, when the editorial writer's legacy is on the one hand, maintained by publishers, and on the other, undergoes changes and expansions, reaching production of the writer a total of ten volumes. The third has the exclusive purpose of trying to treat Francisco de Assis Barbosa to offer in 1956 by Brasiliense publisher to market the complete works of Lima Barreto, with limabarretiano legacy reaching seventeen volumes mark. The final chapter presents existing editorial trends in the publications of the works of Lima Barreto post- 1956 marked by two aspects: on the one hand, the continued and uncritical repetition of the texts set in the edition of 1956 by Francisco de Assis Barbosa, almost unique reference; other by the emergence of issues that implicitly dialogue with the edition 1956, aiming to provide the market with different editions of barbosiano standard while retaining, even residually, however, signals bagatellization process.

Key-words: Lima Barreto; works; editions; bagatellization; publishing.

LISTA DE FIGURAS:

- Figura 1:** Capa do primeiro número da revista *Floreal*, setembro de 1907 24
- Figura 2:** Capa e página de rosto do romance *Numa e a Ninfa*, reimpressão de 1919 pela Gianlorenzo Schettino Livraria Editora 29
- Figura 3:** Capa da 1ª edição do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1919 31
- Figura 4:** Organograma do mercado editorial, segundo DARTON, 2010, p. 195 55
- Figura 5:** Indicação de “obras do mesmo autor” colocada na edição de 1917 de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*..... 69
- Figura 6:** Capas das edições de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicados pela editora O Livro de Bolso, em 1943, com desenhos atribuídos a Belmonte 85
- Figura 7:** Capa do livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* publicado pela editora O Livro de Bolso em 1943 88
- Figura 8:** Página de rosto de *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Editora Brasiliense, 1957, antecedida de retrato de Lima Barreto 116

LISTA DE QUADROS.

- Quadro 1:** Distribuição dos anos de publicação dos artigos em *Bagatelas* por periódicos ... 42
- Quadro 2:** Distribuição dos artigos de *Bagatelas* por periódicos 43
- Quadro 3:** Distribuição e totalização dos textos de Lima Barreto publicados em livros até 1923..... 44
- Quadro 4:** Significados dos vocábulos “marginália”, “mafuá” e “feira” 50
- Quadro 5:** Relação de contos acrescentados à edição de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado pela Editora Mérito em 1949 94
- Quadro 6:** Relação de contos inseridos na segunda parte de *Histórias e Sonhos*, 2ª edição, publicada pela Gráfica e Editora Brasileira, intitulada *Outras Histórias* 96
- Quadro 7:** Relação de contos publicados na 3ª parte de *Histórias e Sonhos*, 2ª edição, publicado pela Gráfica e Editora Brasileira, intitulada *Contos Argelinos* 96
- Quadro 8:** Relação de crônicas acrescentadas na primeira parte de *Bruzundangas*, edição de 1952 pela Editora Mérito 98
- Quadro 9:** Relação de artigos e crônicas que compõem *Coisas do Reino do Jambon*, segunda parte do livro *Os Bruzundangas*, publicado pela Editora Mérito em 1952 99

Quadro 10: Distribuição dos textos que compõem a parte intitulada <i>Coisas do Reino do Jambon</i> , publicada em <i>Os Bruzundangas</i> pela Editora Mérito, em 1952, por periódicos	100
Quadro 11: Distribuição dos anos de publicação dos textos que compõem a parte intitulada <i>Coisas do Reino do Jambon</i>	100
Quadro 12: Relação de artigos e crônicas que compõem <i>Feiras e Mafuás</i> , publicado em 1953 pela Editora Mérito	101
Quadro 13: Distribuição dos textos que compõem <i>Feiras e Mafuás</i> , publicado pela Editora Mérito S. A., em 1953, por periódicos	102
Quadro 14: Distribuição dos anos de publicação dos textos que compõem a parte intitulada <i>Coisas do Reino do Jambon</i>	103
Quadro 15: Artigos e crônicas que compõem a 1ª parte de <i>Marginália</i> , publicada pela Editora Mérito, em 1953	105
Quadro 16: Distribuição dos textos que compõem a 1ª parte de <i>Marginália</i> por periódicos	105
Quadro 17: Distribuição dos anos de publicação em periódicos dos textos da 1ª parte de <i>Marginália</i> publicado pela Editora Mérito S. A. em 1953	106
Quadro 18: Relação de artigos e crônicas que compõem <i>Impressões de Leitura</i> , publicado em <i>Marginália</i> , pela Editora Mérito em 1953	106
Quadro 19: Distribuição de textos por periódicos em <i>Impressões de Leitura</i> , pela Editora Mérito S. A. em 1953	107
Quadro 20: Distribuição dos anos de publicação em periódicos dos textos de <i>Impressões de Leitura</i> , publicado em <i>Marginália</i> , pela Editora Mérito S. A. em 1953	107
Quadro 21: Relação de artigos e crônicas que formam <i>Mágoas e sonhos do povo</i> , publicado em <i>Marginália</i> pela Editora Mérito em 1953	108
Quadro 22: Distribuição e totalização dos textos de Lima Barreto publicados em livros até 1953	110
Quadro 23: Relação de textos suprimidos de <i>Outras Histórias</i> , do volume HS1951, e realocados em XII: MA	124
Quadro 24: Relação de textos suprimidos de <i>Contos Argelinos</i> , do volume HS1951, e realocados em VIII: CRJ	124
Quadro 25: Relação de textos suprimidos de <i>Contos Argelinos</i> , do volume VI: HS, e realocados em XII: MG	125
Quadro 26: Crônicas separadas da 1ª parte de BR1952, que formam <i>Outras Histórias da Bruzundanga</i> em VII: BR	126

Quadro 27: Relação dos textos que compõem <i>Coisas do Reino do Jambon</i> , publicada pela Editora Brasiliense, em 1956	128
Quadro 28: Distribuição dos textos que compõem <i>Coisas do Reino do Jambon</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956, por periódicos	130
Quadro 29: Distribuição por anos de publicação dos textos que compõem <i>Coisas do Reino do Jambon</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	130
Quadro 30: Relação das crônicas inéditas que formam a parte intitulada <i>Hortas e Capinzais</i> , publicadas em VIII: CRJ	131
Quadro 31: Relação de crônicas e artigos que formam <i>Vida Urbana</i> , publicada pela Editora Brasiliense, em 1956	134
Quadro 32: Distribuição por periódicos dos textos que compõem <i>Vida Urbana</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	137
Quadro 33: Distribuição por anos de publicação dos textos que compõem <i>Vida Urbana</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	137
Quadro 34: Relação dos textos que compõem <i>Marginália</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	139
Quadro 35: Distribuição das crônicas e artigos de <i>Marginália</i> , publicada pela Editora Brasiliense, em 1956	141
Quadro 36: Distribuição por anos de publicação dos textos que compõem <i>Marginália</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	142
Quadro 37: Relação de textos que compõem <i>Impressões de Leitura</i> , publicado pela Editora Brasiliense em 1956	143
Quadro 38: Distribuição por periódicos dos textos de <i>Impressões de Leitura</i> , publicada pela Editora Brasiliense, em 1956	144
Quadro 39: Distribuição por anos de publicação dos textos que compõem <i>Impressões de Leitura</i> , publicado pela Editora Brasiliense, em 1956	145
Quadro 40: Linha cronológica das publicações do legado livresco de Lima Barreto até 1923 (edições em vida): 7 títulos	149
Quadro 41: Linha cronológica das publicações entre 1948 e 1953 (1ª ampliação do legado livresco de Lima Barreto): 10 títulos	150
Quadro 42: Ordem dos volumes publicados na coleção <i>Obras de Lima Barreto</i> (2ª ampliação do legado livresco de Lima Barreto): 17 títulos	150

Quadro 43: Cotejo dos textos curtos de Lima Barreto nas Editora Mérito e Editora Gráfica Editora Gráfica Brasileira (1948 a 1943) e os da Editora Brasiliense (1956) e suas respectivas categorias literárias	152
Quadro 44: Comparação entre os três momentos de publicações da obra de Lima Barreto	158
Quadro 45: Comparação entre as ordens das crônicas em <i>Toda Crônica</i> , volume I, p. 68-115, e XIII: IL, p. 259-283	171
Quadro 46: Quantidade de contos de Lima Barreto publicados até 1953	175
Quadro 47: Distribuição de textos publicados como “contos” na edição de 1956	176

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

IC1943 – *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. O Livro de Bolso, 1943.

PQ1943 – *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O Livro de Bolso, 1943.

VM1943 – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. O Livro de Bolso, 1943.

CA1948 – *Clara dos Anjos*. Mérito, 1948.

PQ1948 – *Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1948.

IC1949 – *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Mérito, 1949.

VM1949 – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Mérito, 1949.

NN1950 – *Numa e a ninfa*. Gráfica Editora Brasiliense, 1950.

HS1951 – *Histórias e Sonhos*. Gráfica Editora Brasiliense, 1951.

BR1952 – *Os Bruzundangas*. Mérito, 1952.

FM1953 – *Feiras e mafuás*. Mérito, 1953.

MA1953 – *Marginália*. Mérito, 1953.

DII1953 – *Diário Íntimo*. Mérito, 1953.

I: IC – *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. Brasiliense, 1956.

II: PQ – *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Brasiliense, 1956.

III: NN – *Numa e a ninfa*. Brasiliense, 1956.

IV: VM – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Brasiliense, 1956.

V: CA – *Clara dos Anjos*. Brasiliense, 1956.

VI: HS – *Histórias e Sonhos*. Brasiliense, 1956.

VII: BR – *Os Bruzundangas*. Brasiliense, 1956.

VIII: CRJ – *Coisas do Reino do Jambon*, 1956.

IX: BA – *Bagatelas*. Brasiliense, 1956.

X: FM – *Feiras e mafuás*, 1956.

XI: VU – *Vida urbana*, 1956.

XII: MA – *Marginália*, 1956.

XIII: IL – *Impressões de leitura*, 1956.

XIV: DI – *Diário íntimo*, 1956.

XV: CV – *Cemitério dos vivos*, 1956.

XVI: C1 – *Correspondência*, ativa e passiva. Tomo I. Brasiliense, 1956.

XVII: C2 – *Correspondência*, ativa e passiva. Tomo II. Brasiliense, 1956.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. O LEGADO EDITORIAL DE LIMA BARRETO (1909-1923)	21
1.1. As sete obras editadas em vida pelo autor	22
1.1.1. <i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i>	22
1.1.2. <i>Triste fim de Policarpo Quarema</i>	25
1.1.2.1. Os contos	26
1.1.3. <i>Numa e a ninfa: romance da vida contemporânea</i>	27
1.1.4. <i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>	30
1.1.5. <i>Histórias e Sonhos</i>	32
1.1.5.1. Os contos	33
1.1.6. <i>Os Bruzundangas</i>	35
1.1.6.1. As crônicas	35
1.1.7. <i>Bagatelas</i>	38
1.1.7.1. Os artigos	40
1.2. As edições das obras de Lima Barreto entre edições e tipografias	44
1.2.1. A bagatelização da obra de Lima Barreto	45
1.3. A evolução do sistema literário na Europa	52
1.3.1. Brasil: a evolução do sistema literário	55
1.4. O sistema literário e o mercado editorial carioca entre 1900 e 1922.....	59
1.4.1. O oficialismo das letras entre 1900 e 1922: um breve comentário.....	62
1.4.2. A posição de Lima Barreto diante do oficialismo das letras	64
1.4.2.1. Repúdio ao oficialismo e a consciência crítica de Lima Barreto	65
1.4.2.2. Adesão ao oficialismo: anseios e realização	68
1.5. Conclusão.....	73
2. REIMPRESSÕES E AMPLIAÇÃO DO LEGADO EDITORIAL DE LIMA BARRETO ENTRE 1930 E 1953	76
2.1. O contexto editorial entre 1930 e 1953	76
2.2. Ampliações e modificações do legado livresco de Lima Barreto na editora O Livro de Bolso	82
2.2.1. <i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i>	85
2.2.2. <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	86

2.2.3. <i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>	88
2.3. As edições da Editora Mérito e da Gráfica Editora Brasileira entre 1948 e 1953.....	90
2.3.1. <i>Clara dos Anjos</i>	91
2.3.2. <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	92
2.3.3. <i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i>	93
2.3.4. <i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>	93
2.3.5. <i>Numa e a ninfa</i>	94
2.3.6. <i>Histórias e Sonhos</i>	95
2.3.7. <i>Bruzundangas</i>	97
2.3.8. <i>Feiras e mafuás</i>	101
2.3.9. <i>Marginália</i>	104
2.3.10. <i>Diário íntimo</i>	108
2.4. Conclusão	110
3. A EDIÇÃO DE 1956 PELA EDITORA BRASILIENSE	113
3.1. A trajetória da Editora Brasiliense até 1956	113
3.2. Os 17 volumes das <i>Obras Completas de Lima Barreto</i>	115
3.2.1. <i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i>	119
3.2.2. <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i>	120
3.2.3. <i>Numa e a ninfa</i>	121
3.2.4. <i>Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá</i>	122
3.2.5. <i>Clara dos Anjos</i>	123
3.2.6. <i>Histórias e Sonhos</i>	123
3.2.7. <i>Os Bruzundangas</i>	126
3.2.8. <i>Coisas do Reino do Jambon</i>	127
3.2.9. <i>Bagatelas</i>	132
3.2.10. <i>Feiras e Mafuás</i>	133
3.2.11. <i>Vida urbana</i>	133
3.2.12. <i>Marginália</i>	138
3.2.13. <i>Impressões de leitura</i>	143
3.2.14. <i>Diário íntimo</i>	146
3.2.15. <i>O cemitério dos vivos</i>	147
3.2.16. <i>Correspondência (ativa e passiva) – tomo I</i>	148

3.2.17. <i>Correspondência</i> (ativa e passiva) – tomo II	148
3.3. Conclusão	159
4. AS EDIÇÕES DE LIMA BARRETO PÓS-1956	162
4.1.O contexto e a configuração do mercado editorial da década de 1960 em diante	162
4.2. As publicações da obra de Lima Barreto pós-1956	164
4.2.1. A permanência da bagatelização: <i>Lima Barreto: Prosa Seleta</i>	165
4.2.2. A ruptura da bagatelização: <i>Toda crônica: Lima Barreto</i>	168
4.3. A edição dos contos	173
4.3.1. A dispersão dos contos, antes e depois de 1956	173
4.3.2. As edições compiladas de Oséias Silas Ferraz e Mauro Rosso	176
4.3.3. <i>Contos completos</i> de Lima Barreto organizados por Lilian Mortiz Schwarcz.....	179
4.4. Conclusão	180
CONSIDERAÇÕES FINAIS	182
REFERÊNCIAS	185

INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa nasceu na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas quando cursávamos o Mestrado em Estudos Literários sob a orientação da Professora Dra. Sheila Dias Maciel em 2007. Inscrito na disciplina “Teorias da Narrativa e do Gênero Poético”, tivemos o prazer de conhecer o Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati. Nosso projeto de pesquisa com a Professora Sheila Maciel em princípio era a análise de *Diário Íntimo*, de Lima Barreto, pois sempre fomos admiradores da literatura limabarretiana, embora até ali fôssemos apenas um leitor dileitante. Não sendo possível dar continuidade ao projeto por motivos alheios à nossa vontade e à da Prof.^a Sheila, resolvemos trabalhar com os contos de Luiz Vilela, o qual nos foi muito prazeroso e proveitoso. Mas Lima Barreto continuou-nos um desafio que um dia, pensávamos, gostaríamos de enfrentá-lo.

Nas primeiras aulas com Professor Carlos Fantinati o assunto Lima Barreto veio à tona e ele convidou-nos para que tentássemos o doutorado estudando o escritor. Desde então, a relação aluno/professor tornou-se relação de amizade, amarrada pela paixão por Lima Barreto. Do antigo desejo à realidade de tornar um pesquisador da literatura limabarretiana: assim aconteceu. Das sugestões apresentadas escolhemos a análise das edições de Lima Barreto, com a primeira exigência do experiente amigo/professor/confidente/pai intelectual: cursar a disciplina “Crônica e sátira na literatura brasileira”, ministrada pelo Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Júnior, na UNESP de Assis. Dessa experiência dos estudos do Prof. Álvaro sobre a sátira e a crônica no Pré-Modernismo pudemos ter o primeiro contato com a acidez da crônica de Lima Barreto, pois até então nosso olhar dileitante estivera voltado só para o *Isaías Caminha* e o *Policarpo Quaresma*.

Paralelas às tentativas de tornarmos doutorando pela UNESP de Assis, as conversas de horas a fio com o Prof. Fantinati, em que eu íamos recebendo lições literárias, conselhos de pesquisas e me aproveitando de sua biblioteca. Em 2011, dois fatos mudariam a nossa vida: um triste, a morte de nossa filha; o outro, feliz, a aprovação para o doutorado. Assim, a pesquisa se torna acadêmica, agora sob a orientação do Prof. Dr. João Luís Cardoso Tápias Ceccatini. Deste, o conhecimento sobre Literatura e Mercado, que alinhavamos com o estudo do percurso editorial de Lima Barreto sob os olhares atentos do Prof. Fantinati. Nesse contato

com “Literatura e Mercado”, tivemos a oportunidade de produzir e publicar um artigo sobre a literatura infanto-juvenil de Francisco Marins¹.

Esta estada pelo Campus da UNESP de Assis levou-nos a conhecer a verdadeira importância de se estudar a literatura pelo viés da vida social, fugindo da “interpretatose”, doença que o Prof. Fantinati diz acometer a maioria dos estudos literários no Brasil. Assim conhecemos melhor a formação da narrativa machadiana com as aulas da Profa. Dra. Sílvia Azevedo; ter contato com o Prof. Dr. Francisco Topa, de Portugal, e seu trabalho de Crítica Textual. Aqui tivemos uma das mais fantásticas experiências da vida acadêmica: através do Prof. Fantinati tivemos contato com o professor e pesquisador britânico Robert John Oakley, e a honra de ter resenhado seu livro *Lima Barreto e o destino da literatura*².

Paralelos à pesquisa, produzimos alguns trabalhos sobre Lima Barreto, os quais apresentamos em seminários e colóquios; como mencionaremos mais à frente, dois deles tomados como base para a redação do quarto capítulo desta tese. Os demais, comunicações sobre o uso da ironia nas crônicas de Lima Barreto³ e crítica ao mercado editorial de sua época⁴.

Enfim, muitas das ideias que perpassam essa tese de doutorado que ora apresentamos publicamente são provenientes das discussões entre mim e o Prof. Carlos Erivany Fantinati, que desenvolveu uma co-orientação com o Prof. João Luís Ceccantini, unindo duas pontas de pesquisas desenvolvidas na UNESP de Assis: as edições de Lima Barreto e “Literatura e Mercado”. A nós, coube o privilégio de colocar nas linhas desta tese o resultado destas discussões, que esperamos tenha logrado algum êxito. Se coube aqui, a homenagem ao ilustre Prof. Carlos Erivany Fantinati que com paciência soube suportar nossa deficiência intelectual; e ao Prof. João Luís Ceccantini, nossos mais sinceros agradecimentos. Pusemos aqui estas linhas que ficam entre um memorial e um panegírico, porque entendemos que a gratidão e reconhecimento ao Prof. Carlos Fantinati não deveriam vir no protocolo dos agradecimentos, pois é público e notório que nós nos rendemos à tão grande inteligência dedicada aos estudos limabarretianos.

¹ Camargo, Áureo Joaquim. Entre ficção e história. In. CECCANTINI, João Luís & VALENTE, Tiago Alves (orgs.). **Narrativas juvenis**: literatura sem fronteiras. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2014. p. 49-67.

² Esta resenha foi publicada sob o título “A ‘luta dos discursos’ em Lima Barreto” na revista *Itinerários*, Araraquara, n. 36, jan-jun/2013. p. 311-313.

³ Camargo, Áureo Joaquim. Da invectiva à ironia em Lima Barreto. Anais do X SEL – Seminário de Estudos Literários: “Cultura e Representação”. Assis, SP.

⁴ _____. Lima Barreto na *Gazeta da Tarde*: um crítico na contramão do mercado editorial. Anais do XII SEL – Seminário de Estudos Literários: 50 anos do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Unesp, Assis, 2012.

Esta tese de doutorado intenciona mostrar como foi editada e publicada a obra do escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), comparando seu legado editorial com as publicações póstumas. O objetivo de tal cotejo é a análise do que foi mantido com as modificações que sua obra sofreu pelas organizações feitas postumamente. Outra meta a ser buscada neste trabalho é a percepção de como o contexto do sistema literário e o mercado editorial influíram nas decisões e atitudes do escritor e dos editores para publicar a obra limabarretiana.

No primeiro capítulo descrevemos as sete obras editadas em vida por Lima Barreto, concomitante à história da edição de cada uma, assim estabelecendo o legado livresco⁵ deixado pelo escritor, que servirá como parâmetro para o cotejo com as obras publicadas postumamente. Diante da descrição dos sete volumes editados pelo escritor, procuraremos analisar o processo de “bagatelização” de sua obra, ou seja, o *modus operandi* de Lima Barreto na reunião de seus textos para a publicação em livros. Ainda nesse capítulo, apresentaremos a evolução do sistema literário e do mercado editorial, fazendo um paralelo entre os panoramas europeu e nacional, embasando-nos em teóricos como Dieter Wellershoff, Antonio Candido, Marisa Lajolo, Brito Broca e outros. Almejamos com isso demonstrar como as características do sistema literário aliadas à conjuntura do mercado editorial nacional nesse período não favoreciam escritores neófitos e que não gozavam de prestígio maior junto aos agrupamentos literários dominantes, como a Academia Brasileira de Letras e a Livraria Garnier, fato que levou Lima Barreto a se insurgir contra o modelo estabelecido.

No segundo capítulo nosso olhar volta-se para as duas tentativas de se publicarem as obras completas do autor. O primeiro caso é o da editora O Livro de Bolso, em que aconteceria a primeira ampliação do legado livresco do autor: além das sete obras publicadas até 1923, o romance *Clara dos Anjos*, inédito em livro, viria a lume pela editora. O projeto foi abortado com apenas três livros reeditados e postos em circulação.

O segundo projeto, de maior fôlego, sob a direção de Francisco de Assis Barbosa (1914-1991), começou em 1948 e se estendeu até 1953 pelas editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira, aumentou o legado livresco de Lima Barreto para um total de dez volumes; contudo, não se publicou toda a obra inédita do autor. Para mostrar as modificações e a ampliação do que foi deixado editado pelo autor, analisamos a montagem de cada volume editado, tanto pela O Livro de Bolso como pelas editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira.

⁵ Entendemos que “legado editorial” e “legado livresco” são sinônimos, por isso a alternância do uso desses dois termos na redação da tese.

Examinamos ainda neste capítulo as modificações ocorridas no mercado editorial e a evolução do sistema literário nas três décadas entre a morte de Lima Barreto e a publicação de *Diário Íntimo*, em 1953, última obra posta em circulação pelas editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira. Diante dessa demonstração de transformações culturais no período, discutimos a importância da inserção da obra limabarretiana no formato “livro de bolso” e em coleções, características de um mercado editorial expandido e em consolidação.

O terceiro capítulo centra seu foco no projeto maior das edições da obra de Lima Barreto: o empreendido sob a organização de Francisco de Assis Barbosa, pela Editora Brasiliense, em 1956. Descrevemos os dezessete volumes da coleção *Obras completas de Lima Barreto*, investigando a permanência e as transformações em relação aos projetos de reedições anteriores e o legado livresco limabarretiano. Perseguimos aqui quatro objetivos: o primeiro é o de fazer um breve histórico da Editora Brasiliense; o segundo, examinar a importância desse legado editorial; o terceiro, o de tratar da intervenção do editor e organizador Francisco de Assis Barbosa na construção da coleção; e, finalmente, o quarto diz respeito à transformação dela em referência para futuros projetos de organização de edições da obra do autor.

O último capítulo da tese debruça-se sobre alguns projetos de organização da obra limabarretiana, que tomam como alicerce a edição levada a termo pela Editora Brasiliense em 1956. Três trabalhos de organização são foco nesse capítulo: o primeiro aborda o volume *Lima Barreto: Obra Seleta*, sob a organização de Eliane Vasconcelos, pela editora Nova Aguilar, de 2001, tida como editora de prestígio; o segundo, a organização *Toda Crônica*, em dois volumes, empreendida por Beatriz Rezende e Rachel Valença, pela editora AGIR, no ano de 2004, que revoluciona a classificação literária da produção jornalística de Lima Barreto; o terceiro projeto de organização examinado, *Contos completos de Lima Barreto*, sob a responsabilidade de Lilia Moritz Schwarcz, foi editado pela editora Companhia das Letras, em 2010. Nela foram publicados textos inéditos do escritor, o que lhe constituiu uma ampliação do legado editorial. Além da demonstração das reedições pós-1956, procuramos analisar algumas confusões reinantes na indicação de gêneros dos textos jornalísticos, classificação nascida em 1923 com *Bagatelas* e continuada nas *Obras Completas* de 1956, cuja melhor correção se dá na edição da AGIR.

Dois são, assim, os objetivos dessa tese: primeiramente, mostrar os procedimentos usados por Lima Barreto para, ente 1909 e 1923, elaborar e publicar os seus livros, cindido entre as condições desfavoráveis e mesmo antagônicas do mercado editorial da época e, em seguida, o de apresentar a manutenção, o aumento e as modificações de seu legado livresco

por editores e organizadores após sua morte, destacando-se, de modo especial, as permanências e alterações ocorridas na edição das obras do autor carioca feita por Francisco de Assis Barbosa em dois momentos: no período entre 1948 e 1953 e, pouco depois, nas *Obras completas*, em 1956.

Serve como explicativa para a falta de ineditismo nas ideias desenvolvidas no quarto capítulo, pois parte dele são discussões realizadas em participações em congressos e colóquios em que apresentamos comunicações e apareceram publicadas nos anais dos eventos. Trata-se, em primeiro lugar, da comunicação apresentada no 2º CIELLI – Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, intitulada “Quantos contos: análise sobre a quantidade de contos de Lima Barreto”, na Universidade Estadual de Maringá em julho de 2012. Teve essa apresentação o objetivo de discutir a questão da quantidade dos contos de Lima Barretos nas suas várias edições, principalmente as organizações de Mauro Rosso e Lilian Moritz Schwarcz.

O segundo trabalho foi apresentado no IV Colóquio da Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, que nomeamos de “Toda Crônica? Análise sobre a publicação de Lima Barreto em duas organizações”, ocorrido entre 15 e 17 de setembro de 2012. Esta comunicação centrou-se na análise de *Toda Crônica: Lima Barreto*, publicada em 2012 sob organização de Beatriz Resende e Rachel Valença.

Algumas informações de cunho técnico são necessárias para que se possamos ser desculpados por algumas lacunas. Referimo-nos, primeiro, à questão de informações biográficas de alguns nomes que são homenageados em dedicatórias por Lima Barreto: para aqueles que conseguimos informações, procuramos passar de forma sucinta; no entanto, há casos que não conseguimos maiores informações, o que deixa clareiras na redação. Assim também se procedeu com ilustradores e ou personagens que estiveram ligadas às edições de Lima Barreto. Em segundo lugar, a opção de trazer as referências das edições de Lima Barreto sob a fórmula de siglas (cf. lista), usando abreviações unidas ao ano de publicação. Respeitamos, porém, as primeiras edições, mantendo sempre a referência pelo nome completo da obra.

1. O LEGADO EDITORIAL DE LIMA BARRETO (1909 – 1923).

Uma boa questão para iniciar a discussão sobre o legado editorial de algum autor é a feita por Roger Laufer: “em que edição se deve ler um texto?” (LAUFER, 1972, p. 72). Marisa Lajolo apresenta questões semelhantes às do teórico francês:

As Memórias póstumas de Brás Cubas publicadas em fascículos pela *Revista Brasileira*, em 1880, são a mesma obra publicada em volume pela Editora Garnier em 1881? É? E esta, por sua vez, é a mesma obra publicada nos três volumes em papel-bíblia pela Aguilar e acrescida de poderoso aparato crítico? E estas *Memórias póstumas* destas coleções escolares são as mesmas que as incluídas como brinde de domingo de grandes jornais, ou as acessíveis em diferentes *sites* da Internet? (LAJOLO, 2003, p. 55).

A resposta dada pela pesquisadora é negativa. Diante das perguntas feitas pelos dois teóricos, a outra indagação a ser feita é: qual o legado editorial deixado por um escritor? Para melhor estabelecer um legado livresco não se deve alterar o que foi feito pelo próprio escritor, verificando qual era seu procedimento com relação aos textos editados em vida. Portanto, não se pode esquecer que a cada nova edição, segundo os questionamentos feitos por Marisa Lajolo, a obra modifica-se. Para preservar a edição mais perto dos anseios demonstrados pelo escritor e para o bom estabelecimento de um texto é necessário que sejam observados alguns pontos:

- a) ver se existe manuscrito ou o texto original;
- b) recorrer, se existindo, à edição príncipe (que é o caso normal) ou às edições príncipes (que é caso episodicíssimo);
- c) recorrer às edições em vida do autor, observando, porém, que a última destas, se revista, ou refundida, ou aprovada pelo autor, é a mais fidedigna em princípio para o estado geral e particular do texto; se não revista ou não feita sob suas vistas, deve-se recorrer à príncipe ou à mais próxima da príncipe – em faltando essa. (HOUAISS, 1967, p. 222).

Com a intenção de contar a história das publicações de cada obra de Lima Barreto editada em vida pelo autor, partiremos sempre da primeira edição publicada em livro, verificando se vieram anteriormente a público em fascículos, folhetins ou mesmo de maneira parcial, informando também se há indícios de manuscritos. Muitas obras que foram publicadas em fascículos ou em folhetins ao serem editadas em livros são revisadas e, muitas vezes, modificadas pelo próprio autor, o que justifica nossa decisão de partir sempre desta publicação para a análise, fazendo uma retroativa de sua gênese.

Como base para a história de cada edição da obra limabarretiana usaremos as informações contidas nos prefácios e notas explicativas encontradas nas edições póstumas, essencialmente as que vieram a lume pelas Editora Mérito S.A. e Gráfica Editora Brasileira Ltda. entre os anos de 1948 e 1953, e os dezessete volumes da coleção “Obras de Lima

Barreto, pela Editora Brasiliense em 1956. Ainda recorreremos a outras fontes, como a biografia do autor publicada em 1952, sob responsabilidade de Francisco de Assis Barbosa, e também às várias organizações da obra do escritor.

A ordem para a descrição da obra obedecerá aos seguintes critérios: 1º) primeira publicação em livro; 2º) publicação em fascículos ou em folhetins; 3º) informação sobre a existência ou não de manuscritos de acordo com as fontes consultadas; 4º) as edições revistas e aumentadas ou reimpressões da obra até o falecimento do escritor.

Às obras compostas por apenas um gênero literário, chamaremos de “edição homogênea”; às compostas por mais de um gênero, indicaremos como “edição heterogênea”, como por exemplo, nos casos de uma obra apresentar um romance e contos.

1.1. As sete obras editadas em vida pelo autor.

Quando falece, em 1º de novembro de 1922, Lima Barreto havia publicado cinco livros; logo após sua morte vieram a público mais duas obras, uma em dezembro de 1922 e outra no início de 1923. Ambas foram organizadas pelo próprio escritor e por isso as consideramos como parte do legado editorial do escritor, perfazendo o total de sete obras editadas em vida.

1.1.1. *Recordações do escrivão Isaías Caminha⁶. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1909. 316 páginas.**

A publicação do livro de estreia de Lima Barreto foi realizada em Lisboa pela Livraria Editora Clássica Editora, de propriedade de António Maria Teixeira. Os originais de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* foram levados para Portugal por Antônio Noronha Santos, amigo do escritor. O editor português, a princípio,

não queria aceitar o manuscrito, mesmo sem ter que pagar direitos autorais. Apesar de ter publicado *Crítica e fantasia* de Olavo Bilac, o romance *Miss Tate*, de Araripe Júnior (sob o pseudônimo de Cosme Velho), *A pátria portuguesa* de Sylvio Romero e *Selvas e céus* de João Pereira Barreto, primo de Romero, ele afirmava que os escritores brasileiros não eram vendidos em Portugal. (HALLEWELL, 1985, p. 190).

Mas mudou de ideia ao ler o romance, dizendo que as particularidades sobre a vida em uma redação de jornal eram iguais às que aconteciam na imprensa lisboeta (HALLEWELL, 1985, p. 190); quando publicado, foi anunciado como “um livro de intriga jornalística fluminense” (XVI: C1, p. 173). A revisão do livro ficou sob responsabilidade do escritor e bibliófilo Albino Forjaz de Sampaio (1884-1949), e como pagamento pela edição, Lima

⁶ O asterisco é indicador de que a obra foi consultada, na forma impressa ou digitalizada.

Barreto nada teve de recompensa monetária, reservando-se ao direito de receber apenas alguns exemplares. O escritor

só recebeu 50 exemplares grátis!... E os livreiros brasileiros importaram tão poucos exemplares – Francisco Alves, com uma encomenda de 50, foi quem mais comprou – que o romance se esgotou e já não pode ser encontrado no Rio de Janeiro em janeiro de 1910. (HALLEWELL, 1985, p. 190).

O volume, composto de 316 páginas, traz na primeira folha de rosto o título do romance. Na segunda, apresenta-se no alto da página o nome do autor, “Lima Barreto”; no rodapé são indicados os créditos da editora: “Lisboa, Livraria Clássica, de A. M. Teixeira & C., Praça dos Restauradores, 20, 1909”. No verso da segunda página de rosto, no rodapé, há a informação sobre a impressão: “Com. e imp. Na Typ. do Porto Médico de Magalhães, L. a.; Praça da Batalha, 12-A – Porto”. O romance começa à página 05. Não há colofão.

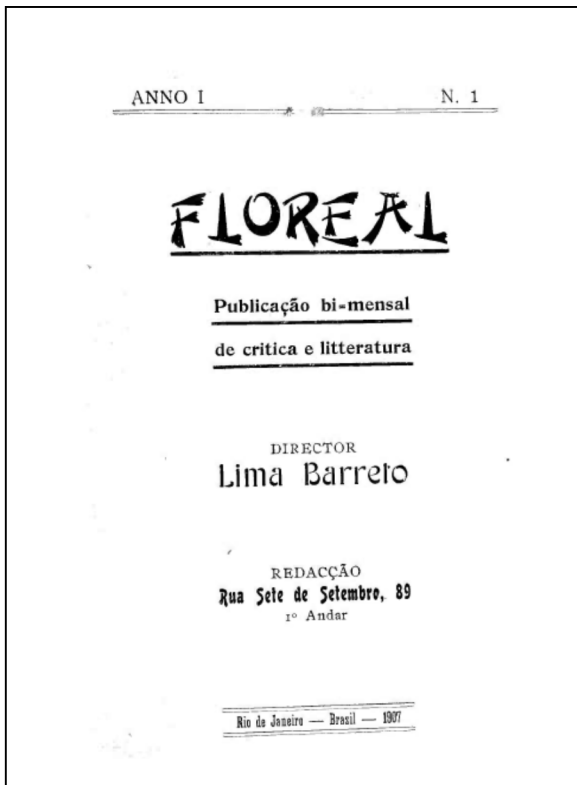
Os primeiros capítulos do romance foram publicados pela revista *Floreal*, criada e dirigida pelo próprio Lima Barreto⁷. O periódico durou pouco, começando a circulação em 25 de outubro de 1907, e em dezembro do mesmo ano chegou ao final com a publicação de seu quarto número. No primeiro número da revista foi publicada a “carta” de Isaías Caminha, e na sequência vem o primeiro capítulo com a epígrafe “Mon coeur profond ressemble à ces voûtes les d’eglise / Où le moindre bruit s’enfle em une immense voix. (Guyau. Vers d’un philosophe)⁸.” A carta e a epígrafe não são publicadas na primeira edição em livro. A publicação de *Recordações* na revista encerra-se com parte do terceiro capítulo, no último número da revista em dezembro de 1907.

Segundo I: IC, p. 31, os manuscritos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* integram a coleção Lima Barreto, na Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. Em 1917 veio a lume uma segunda edição revista e aumentada pela *Revista dos Tribunais**, cuja página de rosto trazia as seguintes informações: no alto, centralizado, o nome do autor; mais abaixo, o título, seguido da inscrição “2ª edição, revista e augmentada”; no rodapé a indicação do ano, 1917, e a descrição da editora: Typ. Revista dos Tribunaes – Carmo, 55 – Rio de Janeiro. Na página subsequente há a nota “do mesmo autor”, em que constam as obras *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Numa e a Ninfa*. Ao final do volume, p. 235, há a errata. Não há colofão.

⁷ Os colaboradores da efêmera *Floreal* foram Antônio Noronha Santos, Domingos Ribeiro Filho, M. Pinto de Souza, M. Ribeiro de Almeida, J. Pereira Barreto, Carlos de Lara, Edmundo Enéas Galvão, Octavio da Rocha, César Gilberto Moraes, Juliano Palhares, Juliano Chaves Barbosa e Gilberto de Moraes.

⁸ “Meu coração é profundo como as abóbadas da igreja / Onde o menor ruído incha em imensa voz. (Guyau. Para um filósofo)”.

Figura 1: capa do primeiro número da revista *Floreal*, setembro de 1907.



Outra edição aparece em 1917, publicada pela A. de Azevedo & Costa com as mesmas características daquela editada pela Revista dos Tribunais, com exceção dos dados do local de impressão do volume, que são os seguintes: “A. de Azevedo, & Costa Editores – Rua Uruguyana, 29 e Senador Dantas, 120 – Rio de Janeiro”. Nestas duas edições de 1917 o escritor dedica o livro a Benedito de Souza (1880-1941), tipógrafo e gerente da Tipografia da Revista dos Tribunais, a quem Lima Barreto chama de “meu compadre e meu amigo”.

A edição destes dois volumes de *Recordações* desencadeia confusão por se verificar a indicação de casas editoras e ainda haver o apontamento de que são, ambos, “2ª edição revista e aumentada”, não existindo em nenhum deles a menção de “nova tiragem”. Em I: IC, p. 16, consta o volume publicado pela A. de Azevedo, & Costa Editores como “nova tiragem, com o retrato do autor na capa”⁹.

A edição de 1917 de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* é a última desta obra a ser publicada em vida pelo autor. Desde sua gênese na revista *Floreal* até a 2ª edição revista e aumentada e sua nova tiragem no mesmo ano, o livro passou por várias modificações. A primeira foi a revisão feita por Albino Forjaz de Sampaio, “removendo todos os

⁹ O volume consultado foi encadernado com capa dura suprimindo-se a capa original.

brasileirismos, embora apropriados ao contexto” (HALLEWELL, 1985, p. 190); as demais, como a inserção da carta de Isaías Caminha, a epígrafe e a dedicatória, além da restituição do texto original anterior à revisão de Forjaz de Sampaio, foram realizadas pelo próprio Lima Barreto. Trata-se de uma edição homogênea, por ser composta por apenas um gênero literário, romance.

1.1.2. *Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1915. p. 1-240.**

A gênese do segundo romance de Lima Barreto remonta a 11 de agosto de 1911,

quando o *Jornal do Comércio* (edição da tarde) iniciava a publicação, em folhetins, do *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Entregue à vida boêmia, já nessa ocasião, fora num instante de fuga do burburinho dos cafés e ao tédio da repartição que Lima Barreto escreveu, em menos de três meses [entre agosto e setembro de 1911], pode-se dizer, o mais bem composto e equilibrado de seus romances. (BARBOSA, 1975, p. 201).

Se para o biógrafo Francisco de Assis Barbosa *Triste fim de Policarpo Quaresma* é o “mais bem composto e equilibrado” romance da produção limabarretiana, para o legado editorial do escritor a obra é representativa por trazer como apêndice do volume os primeiros contos do escritor. Dentre estas narrativas curtas encontram-se dois dos mais importantes textos da lavra limabarretiana: “A nova Califórnia” e “O homem que sabia javanês”.

Francisco de Assis Barbosa escreve que

aos 30 anos, Lima Barreto atingira o ponto mais alto de sua carreira literária. E produz as suas obras-primas. “A nova Califórnia” é de novembro de 1910. “O homem que sabia javanês”, de abril de 1911. Foi exatamente no intervalo desses contos que escreveu *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Trabalhou-o com paixão, entregando-se por inteiro à sua composição, vertiginosamente, como se estivesse em estado de transe. É esta, sem nenhum exagero, a impressão que fica de um exame atento e demorado dos originais, impressão fortalecida pela informação do próprio autor de que escrevera o romance em apenas dois meses e meio. (BARBOSA, 1975, p. 202).

Em 1915, então, veio a público em livro, editado pela Tipografia Revista dos Tribunais. Na primeira página de rosto, no alto, o nome do autor e a indicação “autor do *Isaías Caminha*”. O título do livro aparece centralizado no meio da página e, no rodapé, estão os créditos da editora: Typ. “Revista dos Tribunaes” – Rua do Carmo, 55 – Rio de Janeiro – 1915. Acreditamos que o diretor de publicação tenha sido Benedito de Souza. A dedicatória, a João Luís Ferreira, se apresenta na segunda página de rosto e, na terceira, a citação de *Marc-Aurèle*, de Renan:

Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire.¹⁰Renan, *Marc-Aurèle*.

João Luís Ferreira, a quem o livro é dedicado, foi engenheiro civil e era amigo de Lima Barreto de longa data. Ferreira ocupou o cargo de governador do Piauí e teria, segundo o biógrafo Francisco de Assis Barbosa, convidado o escritor para ser diretor da Imprensa Oficial do Estado, e este recusou o cargo. Em outra versão, conforme Barbosa, o convite teria “ficado apenas na intenção, não fora o estado de decadência a que chegara Lima Barreto” (BARBOSA, 1975, p. 305). Este episódio ocorreu na década de 1920 quando o escritor já se aproximava do final da vida.

Ferreira, o homenageado em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, era irmão de Félix Pacheco, escritor e jornalista que ocupou o cargo de ministro das Relações Exteriores no governo de Artur Bernardes. Também Lima Barreto tinha afinidades com Pacheco e “tratava-o afetuosamente *Zé Félix*. Não admitia que o atacassem” (BARBOSA, 1975, p. 305). A proximidade entre o escritor e os influentes irmãos João Luís Ferreira e Félix Pacheco nos leva a acreditar que a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* tenha sido patrocinada pelo primeiro, ou que pelo menos tenha colaborado com a empreitada. Supomos que até mesmo os irmãos tenham influenciado na publicação do romance em folhetins, já que o *Jornal do Comércio* foi um periódico com fortes ligações com os órgãos governamentais da época.

Com relação à publicação do romance em folhetins, já nos referimos no início deste tópico que o *Jornal do Comércio*, na sua edição da tarde, começou a publicar *Triste fim de Policarpo Quaresma* entre 11 de agosto e 19 de setembro de 1911. Quanto aos manuscritos, Francisco de Assis Barbosa informa: “Na Biblioteca Nacional, acham-se, sob o título *Episódios da vida do Major Quaresma*, os mss que serviram de base para a publicação do texto no *Jornal do Comércio*” (I: PQ, p. 18).

1.1.2.1. Os contos – o volume *Triste fim de Policarpo Quaresma* traz os primeiros contos de Lima Barreto publicados em livro. O escritor pode ter-se aproveitado o momento e a provável ajuda dos irmãos João Luís Ferreira e Félix Pacheco e ter incluído as narrativas curtas para

¹⁰“O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se se transpuserem para ela os princípios do ideal, as qualidades transformam-se em defeitos, de tal modo que, muito frequentemente, o homem íntegro obtém menos sucesso que aquele que se motiva pelo egoísmo e pela rotina vulgar”. (Tradução retirada de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Apresentação de Ivan Teixeira; notas de Ivan Teixeira e Gustavo B. Martins. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001. p. 45.

serem editados. Abaixo, a relação destes textos, com a ocorrência de dedicatórias, além de locais e datas que constam ao final de cada um deles.

1.1.2.1.1. “Um especialista”. p. 241-253. Set. 1904. Dedicado ao jornalista e poeta Bastos Tigre (1882-1957), cuja amizade com Lima Barreto vinha dos tempos da Escola Politécnica.

1.1.2.1.2. “O filho da Gabriela”. p. 254-270. 1906. Traz a epígrafe com a seguinte citação de Jean-Marie Guyau: “Chaque progrès, au fond, est un avortement / Mais l’échec même sert¹¹”. O conto é dedicado a Antônio Noronha Santos, amigo do escritor, que levou os manuscritos de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* para serem publicados em Portugal.

1.1.2.1.3. “A nova Califórnia”. p. 271-284. 10 nov. 1910.

1.1.2.1.4. “O homem que sabia javanês”. p. 285-297. O texto “foi publicado pela primeira vez na *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, em 20-4-1911” (BARBOSA, 1975, p. 202).

1.1.2.1.5. “Um e outro”. p.299-312. Todos os Santos (Rio de Janeiro) Mar. 1913. Dedicado a Deodoro Leucht.

1.1.2.1.6. “Miss Edith e seu tio”. p. 313-329. Todos os Santos (Rio de Janeiro). Mar. 1914.

1.1.2.1.7. “Como o homem chegou”. p. 331-352. Rio de Janeiro, 18 Out. 1914. Traz a epígrafe “Deus está morto; sua piedade pelos homens matou-o”, de Friedrich Nietzsche.

Não há informações sobre os manuscritos destes contos. Edição heterogênea, por constituir um volume com dois gêneros literários, romance e contos, tomamos a edição de 1915 de *Triste fim de Policarpo Quaresma* como legado editorial da obra, seguindo a tradição da Crítica Textual.

1.1.3. *Numa e a Ninfa*: romance da vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficinas d’A Noite, 1915. 76 páginas.

A história da publicação de *Numa e a Ninfa* é cheia de desencontros em relação às datas de edição do livro. Na edição de 1956, feita sob coordenação de Francisco de Assis Barbosa, é informado que:

O romance *Numa e a Ninfa* foi publicado pela primeira vez em folhetins do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, de 15 de março a 26 de julho de 1915. Essa composição serviu para a feitura de um folheto, em páginas de duas colunas, com data de 1915, mas vindo à circulação em 1917. (III: NN, p. 15).

¹¹Tradução: “Cada avanço, no fundo, é um insucesso / mas mesmo o fracasso satisfaz”.

Wilson Martins atesta que “[...] seria de mau gosto a publicação de *Numa e a Ninfa* em volume, pronto desde 1915, aproveitando a composição tipográfica dos folhetins, o livro, como ficou dito, só seria posto à venda dois anos mais tarde” (MARTINS, 2010, v. VI, p. 21).

Em carta de Lima Barreto a Antônio Noronha Santos, de 10 de junho de 1916, o escritor pergunta ao amigo: “já saiu o *Numa?*” (XVI: C1, p. 103). Em nota de fim em XVI: C1, Francisco de Assis Barbosa explica: “*Numa e a Ninfa*, publicado em folhetins d’*A Noite*, em 1915, só apareceu em volume – aliás um folheto magro e feio – em setembro de 1917”.

Em III: NN, na nota de “edições anteriores” consta a informação de que em 1915 houve uma reedição da obra:

Numa e a Nympha. Romance da vida contemporânea. Escripito especialmente para *A Noite*¹²... Rio de Janeiro, Oficinas d’ “*A Noite*”, Rua Julio Cesar, 29 e 31, 1915. [Nova tiragem, com uma capa desenhada por Ivan, contendo os seguintes dizeres: Romance sugestivo de escandalos femininos]. (III: NN, p. 5).

Consideraremos 1915 como data de publicação de *Numa e a Ninfa* como consta nos registros de edição. Os manuscritos do romance ao serem entregues às oficinas de *A Noite*

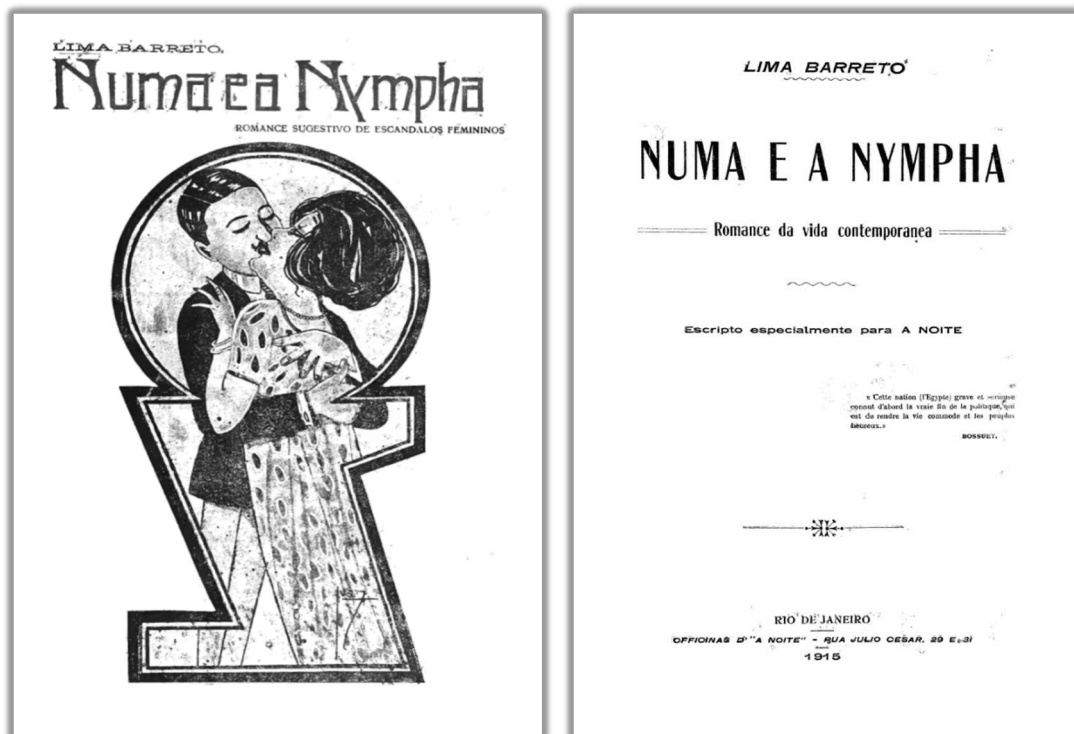
perderam-se, ao que parece, irremediavelmente. Esse mal não chega a ser grande, se se tem em conta o fato de que Lima Barreto costumava alterar, nas provas, o texto manuscrito. Isso de um lado, e de outro, porque ficaram as provas dos folhetos, preparadas para nova impressão, com correções e acréscimos autógrafos, que se encontram hoje na Coleção Lima Barreto, Secção de Manuscritos, da Biblioteca Nacional. (III: NN, p. 15).

Pelos levantamentos e confrontos das informações sobre as datas de edições de *Numa e a Ninfa*, chegamos à conclusão de que, provavelmente, houve uma reimpressão do romance em 1919 pela Gianlorenzo Schettino Livraria Editora. Em carta enviada por Francisco Schettino a Lima Barreto, sem data, o primeiro escreve: “Sei que tens na *A Noite*, com o Marinho, muitos exemplares do *Numa e a Ninfa*. Nós os compraremos, se assim o quiseres. Escreve nesse sentido ao Senhor Marinho ou manda autorização” (XVII: C2, p. 91). Em resposta, Lima Barreto escreve, em 24 de julho de 1919: “O Marinho disse-me há tempos que tinha uma partida de *Numa e a Ninfa*, para ser colocado nas livrarias” (XVII: C2, p. 92). Em nota explicativa a essa carta, Francisco de Assis Barbosa afirma: “A Livraria Schettino fez nova distribuição do *Numa e a Ninfa*, com uma capa em cores, desenhada por Ivã, onde se lê à guisa de subtítulo: ‘Romance sugestivo de escândalos femininos’” (XVII: C2, p. 132).

¹²O jornal *A Noite* era comandado por Irineu Marinho, que fundou em 1916, a *Empresa de Romances Populares*, em que se publicou de Lima Barreto o livro *Bagatelas* em 1923.

Há um volume da obra digitalizada na Biblioteca Brasileira, da Universidade de São Paulo¹³, à qual consultamos. Na capa há um desenho de um casal se beijando visto através de uma fechadura (figura 2). No alto, o nome do escritor seguido do título e o subtítulo: “Numa e a Nympha: romance sugestivo de escândalos femininos”. Na folha de rosto, no alto, centralizado, o nome do autor e mais abaixo, também centralizado, o título e o subtítulo: “Numa e a Nympha: romance da vida contemporânea”. Abaixo do título, a indicação “Esripto especialmente para *A Noite*”. A seguir, uma citação de Bossuet: “Cette nation (l’Egipte) grave et sérieuse connut d’abord la vraie fin de la politique, qui est de rendre la vie commode et les peuples heureux”¹⁴. No rodapé, os créditos da editora: “Rio de Janeiro – Officinas d’*A Noite* – Rua Júlio Cesar, 29 e 31 – 1915” (figura 2). Ao final do volume encontra-se um encarte da Livraria Schettino anunciando a obra *História e Sonhos*, a ser lançada em 1920, o que nos leva a supor que o exemplar consultado se trata da reimpressão feita em 1919 pela Schettino.

Figura 2: capa e página de rosto do romance *Numa e a Ninfa*, reimpressão de 1919 pela Gianlorenzo Schettino Livraria Editora.



Fato que chama a atenção são os dois subtítulos que se apresentam: um na capa e outro na página de rosto. Supomos que “romance sugestivo de escândalos femininos” como

¹³<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00122500#page/4/mode/1up>

¹⁴“Esta nação (O Egito) grave e séria soube pela primeira vez o verdadeiro propósito da política, que é o de tornar a vida das pessoas conveniente e feliz”. (Tradução minha).

subtítulo na capa trata-se de uma jogada de *marketing* da parte de Lima Barreto, um flerte com o mercado de obras populares. Segundo a biógrafa de Irineu Marinho, Maria Alice Rezende de Carvalho, *Numa e a Ninfa*

despertou grande interesse no público, que, dias antes da publicação do primeiro capítulo, fora bombardeado com afirmações de “*Numa e a Ninfa* era uma charge inclemente dos homens políticos do momento”, que romanceava “vários escândalos dos milhares que assinalaram o governo Hermes como o mais corrupto da história”. (CARVALHO, 2012, p. 126).

Não restam dúvidas de que realmente Lima Barreto queria chamar a atenção para que seu livro fosse consumido como uma obra popular, tratando-se de um romance à chave, como já havia sido *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

Concluímos, então, que o romance *Numa e a Ninfa* após ser publicado em folhetins em 1915, foi editado em livros no mesmo ano e, somente em 1917 foi colocado em circulação, tendo uma reimpressão feita em 1919 por outra editora.

1.1.4. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Edição da “Revista do Brasil”, 1919. 192 páginas.**

O quarto livro publicado por Lima Barreto, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* é uma obra que estava sendo gestada há muito tempo pelo escritor, segundo pudemos apurar diante das informações levantadas na biografia do escritor e nos seus escritos confessionais, além de sua correspondência. Mas o que mais nos interessa neste trabalho é a história da publicação do volume, pois na trajetória editorial da obra do escritor é aquela que recebeu um tratamento mais acurado, tendo sua publicação ficado a cargo daquele que revolucionou o mercado editorial: Monteiro Lobato.

Lobato, que dirigia a “Edição da Revista do Brasil”, escreve a Lima Barreto em 02 de setembro de 1918:

A Revista do Brasil deseja ardentemente vê-lo entre os seus colaboradores. Ninho de medalhões e perobas, ela clama por gente interessante, que dê coisas que caiam no gosto do público. E Lima Barreto, mais do que nenhum outro, possui o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõezinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores. Queremos contos, romance, o diabo, mas à moda do *Policarpo Quaresma*, da *Bruzundanga*, etc. [...]. (XVII: C2, p. 49).

Assim, a história da publicação de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* tem início, e em 15 de novembro de 1918, o editor escreve ao escritor propondo as condições de publicação do livro:

[...] A *Revista do Brasil* tem muito gosto em editar esta obra [*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*] e o faz nas seguintes condições: como é pequena, podendo dar um volume aí de 150 pgs mais ou menos, convém fazer uma edição de 3.000 exemplares em papel de jornal que permita vender-se o livro a 2\$000 ou 2\$500; nesse caso, proponho 50% dos lucros líquidos ao autor, pagáveis à medida que se forem realizando.

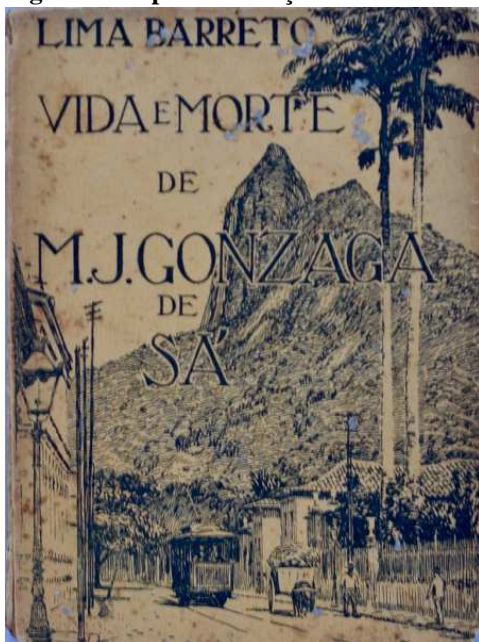
Podemos fazer mais outra proposta: a *Revista* explorará a primeira edição tirada nas condições acima, mediante o pagamento de 800\$000 no ato da entrega dos originais; ou de 1.000\$000 em duas prestações – uma de 500\$000 pela entrega dos originais e a outra três meses depois de saído o livro.

Se lhe servem estas condições, poderemos firmar contrato imediatamente.

Sem mais, disponha do amigo com probabilidades de se tornar também editor. (XVII: C2, p. 50).

Editorialmente, *Gonzaga de Sá* será o livro mais bem preparado das edições de Lima Barreto em vida: Lobato mandou datilografar os manuscritos do livro para que o autor pudesse revisá-lo antes da publicação. E, ao julgar pela carta endereçada ao escritor pelo editor, em 22 de fevereiro de 1919, o livro foi posto em circulação no início do ano. A capa (figura 3) traz um contraste em que o moderno e o antigo se justapõem: o primeiro é marcado por bonde e postes de iluminação elétrica e o segundo, por carroça e postes de iluminação a gás. O elemento humano também contrasta nas imagens de um carroceiro e de um transeunte; notável, ainda, é verificar que as imagens naturais tomam a maior parte da capa.

Figura 3: Capa da 1ª edição do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1919



Na página de rosto encontra-se, centralizado no alto, o título do romance; abaixo, duas citações: uma de Alfred de Vigny – “Seul le silence est grand: tout le rest est faiblesse¹⁵” – e

¹⁵Tradução: “Só o silêncio é grande, todo o resto é fraqueza”.

outra de Paul Bourget – “Le plaie du coeur est le silence¹⁶”. O livro foi dedicado ao amigo Antônio Noronha Santos.

O cuidado editorial com o livro não foi suficiente para que fosse um sucesso de venda, o que levou o editor a reimprimir o livro “em formato diferente, capa nova, com a seguinte indicação: Romance, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras” (IV: VM, p. 6). Lobato assim o fez para que se pudesse dar um impulso nas vendas do livro, pois, segundo ele mesmo disse ao escritor, a obra saía pouco porque o público julgava que se tratava da biografia de um ilustre desconhecido. Indicar que o romance tinha sido agraciado com menção honrosa pela ABL era um fato de distinção, servindo de propaganda para a obra. O fracasso de venda de *Gonzaga de Sá* fez com que Lobato não mais se interessasse por editar Lima Barreto.

1.1.5. *Histórias e Sonhos. Rio de Janeiro: Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, 1920. 192 páginas.**

Lima Barreto era amigo de Francisco Schettino, filho do proprietário da Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, editora que havia comprado o lote de *Numa e a Ninfa* que estava armazenado no jornal *A Noite*, reimprimindo-o e colocando em circulação em 1919. A aproximação entre Lima e os Schettinos foi primordial para que o escritor tivesse *Histórias e Sonhos* publicado pela casa editora da família. Volume de muita importância para o legado editorial limabarretiano, por ser a segunda obra a trazer narrativas curtas do escritor.

No alto da capa há o retrato do escritor tendo ao lado o nome dele e o título do livro. Abaixo aparecem a indicação de “contos” e a frase “Amplius! Amplius! Sim; sempre mais longe!”, divisa que Lima Barreto toma de São Francisco Xavier, e que o mesmo havia encerrado um artigo de 1916 com essa expressão. No rodapé, os créditos da editora: Gianlorenzo Schettino – Livraria e Editora – 18, Rua Sachet, 18 – Rio de Janeiro. Na terceira página, a dedicatória a Prudêncio Milanês (1861-1920). Ao final do livro, à página 183, o índice; na 185, a errata. A página 187 traz uma nota com referências à dedicatória, assinada pelo próprio Lima Barreto; nas páginas subsequentes são apresentados trechos de juízos críticos quanto à obra do escritor.

Quanto à nota na página 187, Lima Barreto informa que

quando a impressão deste livro ia já pela metade, ocorreu o falecimento de Prudêncio Cotejipe Milanês, a quem é ele dedicado. Milanês foi meu chefe de secção na Secretaria de Guerra; mais do que isso, porém, foi um meu amigo bondoso e paternal.

¹⁶Tradução: “A chaga do coração é o silêncio”.

[...] Milanês morreu, como já foi dito, e a dedicatória devia ser em outros termos: à memória, etc., etc., etc. Tem de ficar como está, fazendo crer ao desprevenido que ele ainda é deste mundo. Não havia inconveniente algum nisso, pois, para mim, talvez seja essa a forma exata e justa de homenagear o meu generoso amigo, tanto ele é vivo na minha saudade e na minha gratidão. Era preciso, entretanto, explicar isto ao leitor, e é o que estas breves linhas pretendem. (LIMA BARRETO, 1920, p. 187).

Embora longa a citação, faz-se necessária para demonstrar a amizade que Lima Barreto devotava a Milanês e que este ocupou cargos políticos, como o de deputado estadual e federal. Advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, por causa da função que ocupara no Ministério da Guerra, foi alçado ao cargo de capitão honorário do Exército¹⁷. Esta proximidade e amizade entre os dois nos leva a deduzir que Milanês também ajudou Lima Barreto em questões de empréstimos ou subvenções pecuniárias para que pudesse editar seus livros. À página 7, há o prefácio “Amplius!”, pelo próprio autor, em que ele republica um artigo que veio a lume em setembro de 1916, com o mesmo título, pelo jornal *A Época*, que escreveu para comentar a recepção do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O conteúdo de “Amplius!” é a defesa de uma literatura militante, sincera, contra uma literatura helenizante, cheia de regras.

1.1.5.1. Os contos.

São dezenove os contos publicados em *Histórias e Sonhos*, os quais especificamos abaixo, seguindo os mesmos critérios usados para o volume *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

1.1.5.1.1. “O moleque”. p. 15-26. O conto é dedicado a Arnaldo Damasceno Vieira (1876-1949), escritor nascido em Porto Alegre e falecido no Rio de Janeiro, autor da obra *Baladas e Poemas*, de 1911.

1.1.5.1.2. “Sua excelência”. p. 27-29.

1.1.5.1.3. “Harakashy e as escolas de Java”. Apresenta a epígrafe: “Tudo o que este mundo encerra é propriedade do Brahmane, porque ele, por seu nascimento eminente, tem direito a tudo o que existe. (Código de Manu)”.

1.1.5.1.4. “Congresso Pan-planetário”. p. 42-46. Apresenta a epígrafe: “Urubu pelado não se mete no meio dos coroados. (Ditado popular)”.

1.1.5.1.5. “Cló”. p. 47-59. O conto é dedicado a Alexandre Valentim Magalhães que, segundo Francisco de Assis Barbosa, tinha o apelido de “Sacha” e era “filho de Valentim

¹⁷Cf. <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MILANEZ,%20Prud%C3%AAncio%20Co%20tegie.pdf>

Magalhães, formou entre os bons amigos de Lima Barreto. Foi o romancista que o preparou, em Matemática e Português, para o concurso no Ministério da Agricultura”. O pai de Alexandre, Valentim Magalhães (1859-1903), jornalista, contista e romancista, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras¹⁸.

1.1.5.1.6. “Hussein Ben-Ali-al-Balek e Miqueas Habacuc” (conto argelino). p. 60-72. Dedicado a Cincinato Braga (1864-1953), político brasileiro, que apoiou a campanha presidencial de Rui Barbosa em 1910.

1.1.5.1.7. “Agaricus Auditae”. p. 73-84. Dedicado ao amigo João Luís Ferreira, que, como já nos referimos anteriormente, era, junto com o irmão Félix Pacheco, muito amigo de Lima Barreto.

1.1.5.1.8. “Adélia”. p. 85-88.

1.1.5.1.9. “O feiticeiro e o deputado”. p. 89-93.

1.1.5.1.10. “Uma noite no Lírico”. p. 94-99.

1.1.5.1.11. “Um músico extraordinário”. p. 100-106.

1.1.5.1.12. “A biblioteca”. p. 107-116. Dedicado a [Antônio Joaquim] Pereira da Silva (1876-1944), poeta simbolista, que publicou as obras “*Voe Solis*” (1903) e *Solitudes* (1918), além de outras. Escreveu um artigo em 07 de novembro de 1922, “Lima Barreto”, no jornal *A Noite*, sobre a morte e o enterro do escritor.

1.1.5.1.13. “Lívia”. p. 117-121.

1.1.5.1.14. “Mágoa que rala”. p. 122-141.

1.1.5.1.15. “Clara dos Anjos”. p. 142-153. Dedicado a [José Cândido de] Andrade Muricy (1895-1984), crítico literário e musical e pertencente ao grupo *Festa*.

1.1.5.1.16. “Uma vagabunda”. p. 154-158.

1.1.5.1.17. “A barganha”. p. 159-166.

1.1.5.1.18. “A matemática não falha”. p. 167-174.

1.1.5.1.19. “Uma conversa vulgar”. p. 175-180.

Os contos “Sua excelência” (1.1.5.1.2.) e “A matemática não falha” (1.1.5.1.18) foram publicados também em outros dois livros de Lima Barreto: o primeiro, como parte de “Os samoiedas”, em *Os Bruzundangas*; o segundo está em *Bagatelas*. A edição de *Histórias e Sonhos* é homogênea, trazendo apenas contos.

¹⁸ Cf. <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=124&sid=125>.

1.1.6. *Os Bruzundangas. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1922. 192 páginas.**

Lima Barreto recolheu as crônicas que compõem *Os Bruzundangas* da sua participação no periódico *A. B. C.* e entregou ao editor Jacinto Ribeiro que “lhe pagou 70 mil-réis pelos direitos da obra” (BR1952, p. 5). Os originais do livro ficaram em poder do editor durante muito tempo, do que reclama Lima Barreto a Almáquio Cirne, em 05 de janeiro de 1921: “[...] Há quatro anos que o Jacinto anuncia as minhas *Notas sobre a Bruzundanga* e não as põe para fora [...]” (XVII: C2, p. 203). Atesta Francisco de Assis Barbosa que Lima Barreto, em julho de 1917, “entrega ao editor Jacinto Ribeiro dos Santos os originais de *Os Bruzundangas*, que só aparecerão em volume em dezembro de 1922” (BARBOSA, 1975, p. 389).

O livro apresenta na capa, no alto, centralizado, o nome do autor; mais abaixo, também centralizado, o título “Os Bruzundangas”; abaixo do título, alinhado à direita, uma citação em francês: “Hais tous maux où qu’il soient, très dous Fils¹⁹. – Joinville – S. Luiz”; no rodapé, os créditos da editora: Rio de Janeiro – Jacinto Ribeiro dos Santos – Editora – Rua São José, 37 – 1922. Na primeira página de rosto está presente apenas o título, centralizado. Na segunda, reproduz-se, na íntegra, a capa do livro.

1.1.6.1. As crônicas.

Francisco de Assis Barbosa esclarece que:

Estas crônicas sobre a República das Bruzundangas – Estados Unidos das Bruzundangas – começaram a aparecer em janeiro de 1917 no semanário *ABC*, dirigido por Paulo Hasslocher e Luís Moraes, onde se encerra boa parte da colaboração de Lima Barreto na imprensa. É bem verdade que, já em 1911, um artigo do romancista na *Gazeta da Tarde* traz a indicação de que se trata de notas sobre o Império das Bruzundangas. (BR1952, p. 5).

Os textos que compõem o volume estão divididos da seguinte maneira: o primeiro, intitulado “Os samoiedas”, traz a inscrição “capítulo especial”, inclusive fazendo parte dele o conto “Sua Excelência”, que havia sido publicado em *Histórias e Sonhos* (cf. 1.1.5.1.2.); os demais, são nomeados e numerados de I a XXII.

1.1.6.1.1. “Os samoiedas” (capítulo especial). p. 09-27. Como epígrafe apresenta um trecho da epístola de São Paulo aos Gálatas: “Vazio estais de Cristo, vós que vos justificais pela lei: da graça tendes caído”. A crônica retrata a literatura de Bruzundanga, e neste capítulo está reproduzido o conto “Vossa Excelência”, publicado em *Histórias e Sonhos*, em 1920.

¹⁹“Odeie todos os males onde eles estiverem, dulcíssimo filho”.

1.1.6.1.2. “Um grande financeiro”. p. 29-37. Narra a história de Felixhimino Ben Karpatoso, arquétipo do sujeito que não entende nada de finanças, mas que se torna ministro da Fazenda.

1.1.6.1.3. “A nobreza da Bruzundanga”. p. 39-46. O narrador faz um panorama da nobreza de Bruzundanga, formada, segundo ele, por dois grandes ramos: “nobreza doutoral” e “de palpite”. A primeira é a formada por aqueles que se formam nas escolas superiores e se arvoram de ter o título de doutor, o que equivaleria ao “dom” anteposto aos nomes dos nobres na Espanha. A segunda nobreza é tratada no capítulo posterior.

1.1.6.1.4. “A outra nobreza da Bruzundanga”. p. 47-51. O narrador trata da nobreza “de palpite”, que não tem “base em cousa alguma; não é firmada em lei ou costume; não é documentada”.

1.1.6.1.5. “A política e os políticos da Bruzundanga”. p. 53-58. O sistema político na Bruzundanga é formado por homens que “em geral são casados com moças educadas pelas religiosas e estas fazem a política do país”, assim descreve o narrador, satirizando a mediocridade desta classe no país criado por Lima Barreto.

1.1.6.1.6. “As riquezas na Bruzundanga”. p. 59-63. A crônica enfoca a forma como se constitui a riqueza do país imaginário, com ênfase no café que “é tido como uma das maiores riquezas do país” e ao mesmo tempo “é uma das maiores pobreza”, por ser o “maior ‘mordedor’ das finanças da Bruzundanga”. Ainda trata da cultura da borracha e seu declínio, fazendo que a riqueza se tornasse pobreza.

1.1.6.1.7. “O ensino da Bruzundanga”. p. 65-69. A crítica nesta crônica é com relação ao procedimento para o ingresso no ensino superior e a fascinação pela busca do título de doutor nos cursos de medicina, direito e engenharia.

1.1.6.1.8. “A diplomacia da Bruzundanga”. p. 71-77. O texto volta sua crítica para outra grande fascinação na Bruzundanga: viver fora do país. Demonstra, além disso, como ocorre a escolha dos diplomatas, ao fato de a diplomacia do país ser apenas decorativa. Há referência ao surgimento do Visconde de Pancome, caricatura do Barão do Rio Branco.

1.1.6.1.9. “A constituição”. p. 79-85. Refere-se à promulgação da Constituição da República da Bruzundanga, com claras referências à Constituição brasileira de 1891. A crítica principal feita pelo narrador é a forma de eleição do presidente, neste país imaginário, chamado de “mandachuva”: este “devia unicamente saber ler e escrever; que nunca tivesse mostrado ou procurado mostrar que tinha alguma inteligência; que não tivesse vontade própria; que fosse, enfim, de uma mediocridade total” (LIMA BARRETO, 1922, p. 84-85).

1.1.6.1.10. “Um manda-chuva”. p. 87-93. A crônica versa a escolha de um presidente que, como já mencionamos, o narrador trata como “mandachuva”.

1.1.6.1.11. “Força armada”. p. 95-97. Segundo o narrador, na Bruzundanga não existe força armada, mas um exército formado apenas por oficiais.

1.1.6.1.12. “Um ministro”. p. 99-106. Tal como no capítulo I, “Um grande financeiro”, retrata um sujeito desconhecedor de agricultura, torna-se ministro da área. E o narrador afirma que, tal como no Brasil, a Bruzundanga é um país agrícola que não tem agricultura.

1.1.6.1.13. “Os heróis”. p. 107-116. O narrador fala sobre os heróis bruzundanguenses, com referências a uma heroína que ajudara um aventureiro estrangeiro, com indicação clara a Anita Garibaldi. Além dela, um herói bruzundanguense referido é o Visconde de Pancome, caricatura do Barão do Rio Branco.

1.1.6.1.14. “A sociedade”. p. 113-118. A sociedade da Bruzundanga é formada, segundo o narrador, por arrivistas. Descreve também o mecenato do país, feita com a generosidade do dinheiro do Estado.

1.1.6.1.15. “As eleições”. p. 119-125. A crônica mostra que “no ponto de vista eleitoral, a Bruzundanga nada tem que invejar da nossa cara pátria” (LIMA BARRETO, 1922, p. 125).

1.1.6.1.16. “Uma consulta médica”. p. 127-134. Centra a crônica na figura de Adhil Ben Thaft, com fama de ótimo médico por montar a cavalo, jogar xadrez, escrever muito bem, ser excelente orador, grande poeta, músico, pintor e goleiro de primeira. Ou seja, o narrador descreve mais um caso de profissional de destaque por outras habilidades, diferentes daquelas que desempenha.

1.1.6.1.17. “A organização do entusiasmo”. p.135-140. A crítica recai sobre as manifestações de entusiasmo às celebridades nacionais e estrangeiras, que se fez necessário criar uma “Guarda do Entusiasmo”.

1.1.6.1.18. “Ensino prático”. p. 141-145. O ensino prático para comerciários teria duas aulas obrigatórias, a de dança e a das coisas do carnaval, e seria então chamada “Academia Comercial da Bruzundanga”.

1.1.6.1.19. “A religião”. p. 147. O mais curto capítulo do livro fala sobre o predomínio de católicos, mas que os sacerdotes são, em geral, estrangeiros.

1.1.6.1.20. “Q.E.D”. p. 149-153. O título é a abreviação do lema latino *quod erat demonstrandum*, que significa “como se queria demonstrar”. O narrador a usou para comprovar como o cargo de secretário de ministro é indispensável para o “complexo funcionamento governamental da Bruzundanga” (LIMA BARRETO, 1922, p. 152).

1.1.6.1.21. “Uma província”. p. 155-160. É o retrato da província de Kaphet, que no plano da vida real equivale ao estado de São Paulo. Para o narrador, o traço característico da população de Kaphet é a vaidade: “Eles são os mais ricos do país; eles são os mais belos, eles são os mais inteligentes; eles são os mais bravos; eles têm as melhores instituições, etc. etc.” (LIMA BARRETO, 1922, p. 156).

1.1.6.1.22. “Pancome, as suas ideias e o amanuense”. p. 161-176. O narrador descreve os atos do Visconde de Pancome, caricatura do Barão do Rio Branco. Dentre as críticas veladas às atitudes do visconde, encontramos aquela que recai sobre a escolha de um amanuense, Sune Wolfe²⁰, para a pasta de Estrangeiros, que não sabia escrever cartas, mas “sendo elegante, bonitinho, bom dançador, tinha todas as boas qualidades para um aperfeiçoado amanuense do extraordinário Pancome” (LIMA BARRETO, 1922, p. 175).

1.1.6.1.23. “Notas soltas”. p. 177-191. Este último capítulo é formado por vários textos, sendo alguns intitulados. São estes “Sobre o teatro”, “Sobre os literatos”, “Sobre os jornais”, “Erudição”, “Sobre a administração”, “No gabinete do ministro”, “Sobre os sábios (a desenvolver)”, “Sobre a música”, “Sobre a indústria” e “A última nota solta”. São, na sua maioria, textos muito curtos, como no caso de “Sobre a música”, formado por um parágrafo de apenas duas linhas. Entre os que não contêm títulos, há alguns que são constituídos de apenas diálogos. Chama a atenção a nota “No gabinete do ministro”, que narra o diálogo entre o amanuense Sune Wolfe e o visconde de Pancome, cuja escolha daquele para trabalhar na pasta deste foi narrada no capítulo “Pancome, as suas ideias e o amanuense”.

Edição homogênea, *Os Bruzundangas* é a penúltima obra de Lima Barreto organizada por ele, e também o primeiro livro a ser republicado após a morte do escritor, em 1930, com os mesmos problemas de edição de 1922.

1.1.7. Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923. 220 páginas.

Bagatelas é o último livro organizado por Lima Barreto, vindo a público após a morte do escritor. A capa do volume é muito simples, sem ilustrações e sem cores, apenas com o nome do autor, ao alto, alinhado à esquerda. O título, ao centro, e no rodapé, os créditos da editora: Rio de Janeiro – Empresa de Romances Populares – Rua do Carmo, 35 – 1923. A página de rosto é a reprodução da capa e não há dedicatória.

²⁰ Referência a Hélio Lobo (1883-1960), diplomata e historiador brasileiro (Cf. VII: BR, p. 295, nota 67).

Bagatelas é formado pela junção de parte da colaboração do escritor em vários periódicos cariocas, como ele mesmo explica em nota de “advertência”:

Composto de artigos de várias naturezas e que podem merecer várias classificações, inclusive o de não classificáveis, este pequeno livro não visa outro intuito senão permitir aos espíritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a feitura de algumas reflexões sobre fatos, coisas e homens da nossa terra, que, julgo, talvez sem razão, muito próximas a mim.

Aparecidos em revistas e jornais modestos, é bem de crer que tais espíritos não tenham lóbrgado a existência deles; e é somente por esse motivo que os costuro em livro, sem nenhuma pretensão, nem mesmo a de justificar a minha candidatura à Academia de Letras²¹.

Percebo perfeitamente que seria mais prudente deixá-los enterrados nas folhas em que apareceram, pois muitos deles não são lá muito inocentes; mas, conscientemente, quero que as inimizades que eles possam ter provocado contra mim, se consolidem, porquanto, como Santo Inácio de Loyola, penso que não há inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo. (LIMA BARRETO, 1923, p. 3).

É muito pertinente esta nota de advertência para o entendimento de como ele enxergava a necessidade de imprimir em livros a sua participação na imprensa. Colocar em livro é perenizar a obra, tirando da condição volátil encontrada nos artigos espalhados nos jornais diários e revistas, principalmente por entender que os periódicos em que os publicou eram modestos e que talvez não fossem percebidos. Desenterrá-los das “folhas em que apareceram” é repô-los no interesse mais permanente do público, pelo menos o que me parece, sendo uma tentativa de registrar a literatura militante do autor de *Triste fim*. A prova disso é o escritor objetivar que as inimizades surgidas pela sua escrita sejam também permanentes. É o desejo do debate que o escritor procura imprimir em sua obra e que esta não caia no esquecimento.

Se nos chama a atenção o fato de o escritor mostrar a necessidade de se perenizar seus artigos publicados em jornais e revistas, voltamos nossa atenção para um fato peculiar na organização destes textos para serem editados em livros. É o que tentamos deduzir no momento de analisar o histórico da publicação de *Bagatelas*. Precisamos, então, examinar as datas do percurso da edição do livro: a de advertência, que reproduzimos acima, da entrega dos originais ao editor e as de muitos contos no volume.

Segundo Francisco de Assis Barbosa, o escritor entregou ao editor os originais de *Bagatelas* em agosto de 1921, portanto, o livro demorou mais de dois anos para vir a público. A nota de advertência à qual nos referimos é de 13 de agosto de 1918, e há muitos contos publicados em jornais e revistas depois desta data. É o que destaca o organizador da edição de 1956 pela Brasiliense:

²¹ Lima Barreto, segundo Francisco de Assis Barbosa, bateu “três vezes à porta [da Academia Brasileira de Letras], nas vagas de Sousa Bandeira (1917), Emílio de Menezes (1919) e Paulo Barreto (1921). (XVII: C2, p. 215).

A data referida [13 de agosto de 1918] e o ano de aparecimento do volume explicam a contradição inerente ao mesmo, que encerra trabalhos posteriores de muito à “Advertência”. Mas ainda esses artigos de lavra posterior à data em apreço devem ter sido escolhidos por Lima Barreto, pois uma prova há, pelo menos, de que ele assistia o editor até inícios de 1921, e trata-se de um bilhete em que encaminha uma relação de obras do Autor. (IX: BA, p. 33).

O bilhete em questão, reproduzido pelo biógrafo e organizador da obra do autor, é endereçado a Vasco Lima, responsável pela edição do livro e diz o seguinte: “Se ainda houver tempo, peço a você mande pôr em lugar conveniente do livro que vocês estão imprimindo a relação que mais acima vai. Gostaste?” (IX: BA, p. 33).

Pretendemos com essa apresentação de datas mostrar a maneira como o escritor lidou com a seleção dos textos que compuseram a obra: preparou o projeto em 1918 e durante dois anos ficou juntando textos ao volume.

1.1.7.1. Os artigos.

Os artigos, num total de 41, são inéditos em livros, com exceção de “A matemática não falha”, publicado como “conto” em *Histórias e Sonhos* (1920). Não há uma sequência cronológica dos textos no volume, nem constam os periódicos em que foram publicados anteriormente a *Bagatelas*. Para termos o máximo de informações possíveis, recorreremos ao volume XI: BA, da coleção *Obras de Lima Barreto*, editada pela Editora Brasiliense, em 1956, coordenada e dirigida por Francisco de Assis Barbosa, e aos dois volumes de *Toda Crônica: Lima Barreto*, organizados por Beatriz Resende e Raquel Valença, publicados pela editora AGIR em 2004. No caso de divergência entre as datas, ou mesmo que não constem em *Bagatelas*, as apresentadas em XI: BA e *Toda Crônica* virão entre colchetes.

1.1.7.1.1. “A superstição do doutor”. p. 5-13. *Gazeta de Notícias*. Mai. 1918. Traz a epígrafe: “Joaquim Veríssimo de Cerqueira Lima, amanuense dos Correios da Bahia, pedindo fazer constar em seus assentamentos o título de doutor em ciências médico-cirúrgicas. – Deferido. (*Gazeta de Notícias*, de 25 de março de 1917.)”.

1.1.7.1.2. “São Paulo e os estrangeiros”. p. 15-17. *O Debate*. [06 out.] 1917.

1.1.7.1.3. “Casos de bovarismo”. p. 19-22. *A. B. C.* [20 abr. 1918²²]. Apresenta a epígrafe: “... un grand oiseau au plumage rose, planant dans la splendeur des ciels poétiques...”²³. Gaultier – Le Bovarysme.

²²*Toda Crônica* determina 20 de abril de 1918 como data de publicação deste texto pelo *A. B. C.*, confirmada por CORRÊA (2012, p. 75).

²³Tradução: “... um grande pássaro com plumagem rosa, pairando no esplendor do céu poético...”

- 1.1.7.1.4. “Tenho esperança que...”. p. 23-26. A. B. C. 03 mai. [06 jun.] 1918.
- 1.1.7.1.5. “O caso do mendigo”. p. 27-29. *Gazeta da Tarde*. [26 mai.] 1911.
- 1.1.7.1.6. “Vera Zassulitch”. p. 31-34. *Brás Cubas*. 14 jul. 1918.
- 1.1.7.1.7. “Que fim levou?”. p. 35-38. *Gazeta da Tarde*. [10] jul. 1911.
- 1.1.7.1.8. “O convento”. p. 39-42. *Gazeta da Tarde*. [21] jul. 1911.
- 1.1.7.1.9. “No ajuste de contas”. p. 43-49. A. B. C. 01 [11] mai. 1918.
- 1.1.7.1.10. “Da minha cela”. p. 51-57. A. B. C. [25/30²⁴ nov. 1918].
- 1.1.7.1.11. “Carta aberta”. p. 59-64. A. B. C. [14] dez. 1918.
- 1.1.7.1.12. “Não valia a pena”. p. 65-69. A. B. C. [21 dez. 1918].
- 1.1.7.1.13. “Um ofício da A. P. S. A.”. p. 71-76. A. B. C. 28 dez. 1918.
- 1.1.7.1.14. “Problema vital”. p. 77-79. *Revista Contemporânea*. [22 fev. 1918/1919²⁵].
- 1.1.7.1.15. “Quem será, afinal?”. p. 83-85. A. B. C. 25 jan. 1919.
- 1.1.7.1.16. “Procurem a sua Josefina!”. p. 87-93. A. B. C. [04 jan. 1919].
- 1.1.7.1.17. “São capazes de tudo...”. p. 95-99. A. B. C. 06 [11] jan. 1919.
- 1.1.7.1.18. “Sobre o maximalismo”. p. 101-106. *Revista Contemporânea*. 01 mar. 1919.
- 1.1.7.1.19. “Os uxoricidas e a Sociedade Brasileira”. p. 107-114. Apresenta a epígrafe: “... et je deteste l’orgueil qui veut qu’on s’honore autrui, comme si quelqu’un dans la postérité d’Adam pouvait être trouvé digne d’honneur!²⁶” Anatole France – *M. Jérôme Coignard*. *Revista Contemporânea*. 02 [08] mar. 1919.
- 1.1.7.1.20. “A matemática não falha”. p. 115-120. *Souza Cruz*. 07 dez. 1918.
- 1.1.7.1.21. “O nosso ‘Iaquismo’”. p. 121-125. *Revista Contemporânea*. 19 [22] mar. 1919.
- 1.1.7.1.22. “Edificantes notas ao Southey”. p. 127-128. *Revista do Sul*. 1919.
- 1.1.7.1.23. “Henrique Rocha”. p. 129-135. *O Estado*. 22 jun. 1919.
- 1.1.7.1.24. “Livros de viagem”. p. 137-140. *Gazeta de Notícias*. 16 abr. 1920.
- 1.1.7.1.25. “Duas relíquias”. p. 141-144. A. B. C. 28 fev. 1920.
- 1.1.7.1.26. “Dois livros”. p. 145-147. A. B. C. [10 abr. 1920].
- 1.1.7.1.27. “Sobre o nosso teatro”. p. 149-153. *Revista Contemporânea*. 12 [15] mar. 1919.
- 1.1.7.1.28. “Pela ‘seção livre’”. p. 155-159. *Revista Contemporânea*. 26 [29] mar. 1919.
- 1.1.7.1.29. “Sestros brasileiros”. p. 161-163. A. B. C. [1920]

²⁴Em IX: BA consta a data de 25 de novembro de 1918; já em *Toda Crônica*, atesta o dia 30 do mesmo ano, confirmada por CORRÊA (2012, p. 69).

²⁵Em IX: BA consta o ano de 1918; em *Toda Crônica*, 1919; Ana Helena Cobra Fernandes atesta a data de 1919; na edição de 1923 não consta data alguma. Consideraremos a data de 22 de fevereiro de 1919.

²⁶Tradução: “E eu detesto o orgulho que deseja que se honre o próximo, como se alguém na posteridade de Adão pudesse ser digno de honra!”.

- 1.1.7.1.30. “A circular do Reverendo Vigário Geral”. p. 165-169. *Revista Contemporânea*. 08 [12] abr. 1919.
- 1.1.7.1.31. “Uma simples nota”. p. 171-174. [1920].
- 1.1.7.1.32. “A missão dos utopistas”. p. 175-179. *A Notícia*. 06 jul. 1919.
- 1.1.7.1.33. “Meia página de Renan”. p. 179-182. *Revista Contemporânea*. [03 jul.] 1919.
- 1.1.7.1.34. “As lições da grande guerra”. p. 183-187. *Hoje*. 03 jul. 1919.
- 1.1.7.1.35. “O ‘negócio’ da Bahia”. p. 189-192. *A. B. C.* 06 mar. 1920.
- 1.1.7.1.36. “Homem ou boi de canga?”. p. 193-195. *A. B. C.* [1920].
- 1.1.7.1.37. “O cedro de Teresópolis”. p. 197-199. 27 fev. 1920.
- 1.1.7.1.38. “Coisas eleitorais”. p. 201-204. *Revista Contemporânea*. 14 [19²⁷] abr. 1919.
- 1.1.7.1.39. “Após a guerra”. p. 205-207. *A. B. C.* [dez. 1919].
- 1.1.7.1.40. “Mais uma vez”. p. 209-211. *A. B. C.* [1920].
- 1.1.7.1.41. “A nossa situação”. p. 213-217. *A. B. C.* [1920].

Detalhamos a distribuição dos anos da publicação destes artigos em periódicos, de acordo com o nosso levantamento:

Quadro 1: distribuição dos anos de publicação dos artigos em *Bagatelas* em periódicos:

Ano de publicação em periódicos:	Total de textos:
1911	03
1917	01
1918	09
1919	16
1920	12

Também colocamos em quadro a distribuição dos artigos por periódicos em que foram publicados originalmente:

²⁷As datas em IX: BA e *Toda Crônica* divergem: na primeira, dia 14 de abril; na segunda, dia 19.

Quadro 2: distribuição dos artigos de *Bagatelas* por periódicos:

Título do periódico:	Total de artigos:
<i>Brás Cubas</i>	01
<i>Hoje</i>	01
<i>Revista do Sul</i>	01
<i>Souza Cruz</i>	01
<i>A Notícia</i>	01
<i>O Debate</i>	01
<i>O Estado</i>	01
<i>Gazeta de Notícias</i>	02
<i>Gazeta da Tarde</i>	03
<i>Revista Contemporânea</i>	09
<i>A. B. C.</i>	18
[s.n.]	02

Diante dos levantamentos de datas e periódicos em *Bagatelas*, uma edição homogênea, observamos que 32 dos 41 textos foram escritos e publicados em jornais e revistas após a data da “advertência” escrita em 13 de agosto de 1918.

No levantamento feito por Anoar Aiex da participação de Lima Barreto nos periódicos, detectamos que o escritor carioca publicou no *A. B. C.* 62 textos (AIEX, 1990, p. 9); destes artigos e crônicas escritos para o periódico, 39 foram editados em livros (23 em *Os Bruzundangas* e 16 em *Bagatelas*), ou seja, quase $\frac{3}{4}$ do total. Isso é relevante se levarmos em consideração o que dissemos anteriormente: o desejo do escritor em perenizar o assunto discutido durante a publicação nos jornais. Ainda mais relevante é notar a influência política que tinha o *A. B. C.*, o que corrobora a nossa tese de que Lima Barreto tinha realmente a urgência de ver publicados seus textos escritos nos jornais, pelos quais recebera pela participação, e eram colocados na condição perene de livro. Talvez isso explique o fato de preparar o projeto de *Bagatelas* em 1918 e continuar mandando outros textos após esse período.

O legado editorial deixado por Lima Barreto em 1922 é constituído por sete obras assim distribuídos: quatro romances, um livro com 19 contos e dois de artigos e crônicas, totalizando 64 títulos. Contabilizando juntamente os sete contos publicados como apêndice em *Triste fim de Policarpo Quaresma* temos a seguinte disposição:

Quadro 3: distribuição e totalização dos textos de Lima Barreto publicados em livro até 1923.

Romances	Contos	Artigos e crônicas	Total de textos
04	26	64	94

É esta distribuição então que nos serve de base para a análise da ampliação e modificação do legado editorial do escritor a partir de 1923.

1.2.As edições das obras de Lima Barreto entre editoras e tipografias.

Lima Barreto publicou por editoras cinco obras: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1ª edição), *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Histórias e Sonhos*, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*; por tipografia, *Numa e a Ninfa* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Recordações do escrivão Isaías Caminha em 1909 sai por uma editora de Lisboa, a Livraria Clássica Editora, que publicou outros escritores brasileiros, como Olavo Bilac e o crítico Sílvio Romero. A obra foi revista pelo poeta português Albino Forjaz de Sampaio, que fez ajustes quanto aos brasileirismos existentes nos originais enviados por Lima Barreto. A segunda edição, em 1917, restabelece o texto original, em que o “editor” Lima Barreto explica em “breve notícia” os motivos desta restauração (LIMA BARRETO, 1917, p. 7-13). Para a reedição desta obra, o escritor recorreu a uma tipografia, pois não conseguiu que o editor Francisco Alves o fizesse por sua casa editora (cf. XVI: C1, p. 107).

A segunda obra de Lima Barreto publicada por uma editora foi *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, pela Edição da “Revista do Brasil”, sob a direção de Monteiro Lobato. Mereceu este livro todo um aparato editorial por parte de Lobato que fez datilografar os originais para que o escritor pudesse fazer suas correções. O desvelo não ficou apenas com a parte editorial, mas mereceu toda a atenção em relação à distribuição do livro, embora a obra tenha fracassado em sua comercialização. Uma das tentativas de se alavancar as vendas do livro foi a reimpressão da obra com nova capa com a indicação de “Romance, menção honrosa da Academia Brasileira de Letras”. Entendeu Lobato que o livro vendia pouco porque o público pensava que a obra se tratava de uma biografia de um desconhecido. O fiasco editorial de *Vida e morte* levou Monteiro Lobato a não mais editar Lima Barreto e outros novatos.

Entre as publicações de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* estão dois pontos divergentes na trajetória editorial da obra limabarretiana. O segundo teve todo o aparato editorial e contou com a estrutura de distribuição criada por Lobato e foi o primeiro livro pelo qual o escritor foi remunerado, sem abrir mãos de direitos

comerciais ou contrair empréstimos para se ver editado. Do primeiro, o autor teve apenas o direito de receber cinquenta exemplares como pagamento.

As outras três obras publicadas por editoras foram compostas por textos curtos, como contos, crônicas e artigos, respectivamente, *Histórias e Sonhos*, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*. O primeiro deles veio a lume pela editora da família de um dos grandes amigos de Lima, Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino. Francisco Schettino, filho de Gianlorenzo, por laços de amizade com Lima Barreto, também reimprimiu *Numa e a Ninfa*.

Os Bruzundangas é um caso típico dos percalços editoriais de Lima Barreto, pois o editor Jacinto Ribeiro dos Santos comprou os direitos da obra, recebendo os originais em julho de 1917, só publicados em dezembro de 1922. Já *Bagatelas* é publicado em 1923, meses após a morte do escritor, pela Empresa de Romances Populares, editora criada pelo jornal *A Noite*, que tinha sido responsável pela edição de *Numa e a Ninfa* em 1917.

Ao ver negada a tentativa de se editar a segunda edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* por Francisco Alves, Lima Barreto recorreu a uma tipografia para que pudesse recolocar o livro no mercado, pois quando da sua publicação em 1909, “os livreiros brasileiros importaram tão poucos exemplares – Francisco Alves, com uma encomenda de 50, foi quem mais comprou – que o romance se esgotou e já não pode ser encontrado no Rio em janeiro de 1910” (HALLEWELL, 1985, p. 190).

Além da segunda edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, outros dois livros foram publicados por tipografias: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1915, pela Tipografia Revista dos Tribunais, do Rio de Janeiro e *Numa e a Ninfa* pelas oficinas do jornal *A Noite*, de propriedade de Irineu Marinho, sendo reimpressa pela editora de Gianlorenzo Schettino, provavelmente em 1919.

1.2.1. A bagatelização da obra de Lima Barreto.

Em *Triste fim de Policarpo Quaresma* foram publicados os primeiros textos curtos de Lima Barreto. Outras obras que trarão crônicas, artigos e contos serão *Histórias e Sonhos*, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, exatamente as três últimas obras que serão organizadas pelo escritor. Além disso, são a demonstração dos procedimentos de edição dos textos curtos do escritor, que vão do descaso dos editores à maneira de como o escritor juntava os textos para edição em livro.

Histórias e Sonhos, lançado em dezembro de 1920, teve os originais entregues ao editor em 23 de junho de 1919, quando Francisco Schettino acusa o recebimento em carta da mesma data (XVII: C2, p. 90). Numa sequência de cartas entre Schettino e Lima Barreto fica evidente

que, às vésperas de o livro sair publicado, o escritor ainda emendava textos, como podemos verificar em uma das missivas:

Aí vão as páginas das *Histórias*. Você poderá verificar como muitos contos estão totalmente errados, embora outros estejam quase perfeitos. Você devia ir organizando a errata e, se você guardou os originais, nós ainda poderemos fazer alguma coisa para salvar os contos estropiados que são dos melhores. Espero que você tomará em consideração isto que digo a você aqui e não ponha a coisa à venda sem a errata e o meu *placet*. (XVII: C2, p. 104-105).

O escritor mostra uma preocupação com os erros em alguns contos e cobra do editor que use dos originais, se ainda os possuir, para que possa o livro sair publicado sem textos estropiados. Ao que responde Francisco Schettino em 30 de novembro de 1920:

Aí vão novamente as provas, pois, pontos de interrogação deixaram-me na mesma, e ainda, por eu não possuir os originais. Você ao invés de fazer interrogação deve desemaranhar o período, pô-lo em ordem para, desse modo, fazer uma errata à altura. Se os períodos não estiverem completos, você os ajustará do modo mais abreviado possível, a fim de evitar uma errata confusa. Eu não estou julgando, nem deveria dizer nada disso, porque você entende mais do que eu essas coisas, nem há comparação, mas entretanto é zelo em demasia... (XVII: C2, p. 107).

Nessa troca de correspondência vemos um escritor preocupado com as correções e um editor que reclama do excesso de zelo do primeiro. O que chama a atenção são as datas destas correspondências, a proximidade da publicação do livro e a aparente má vontade do editor em dar relevância ao “zelo em demasia” do escritor, o que caracteriza um desleixo, até porque nos parece que a editora não tinha mais os originais. Quanto a essas incúrias dos editores, Lima Barreto reclamará em carta a Almáquio Cirne, em 05 de janeiro de 1921 (XVII: C2, p. 203). O escritor, que correntemente foi acusado de não se preocupar com a forma da escrita, no entanto, ficava infeliz com os descuidos das edições.

Entretanto, destes três últimos livros que estamos tratando aqui, *Histórias e Sonhos* é o único que Lima Barreto verá publicado, pois os outros, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas* veem a lume após a morte do escritor. No caso de *Os Bruzundangas*, como já descrevemos anteriormente, os originais estavam com o editor desde 1917, mas só foram publicados após a morte do autor. Francisco de Assis Barbosa afirma que o editor esqueceu o livro e “só se lembrou de publicá-lo depois da morte de Lima Barreto, anunciando com espalhafato” (VII: BR, p.20). Barbosa reproduz o anúncio do editor Jacinto Ribeiro dos Santos:

“BRUZUNDANGA” – Último livro de Lima Barreto, ainda revisto pelo autor, que nele faz uma crítica severa e mordaz da sociedade em geral e administração pública.

É uma obra de fino humor, destinada a franco sucesso. Um volume, brochado 4\$000, encadernado 6\$000. (VII: BA, p. 20).

Um truque de publicidade, segundo Barbosa, pois “Lima Barreto não tivera tempo nem sequer de ler as provas de *Bruzundangas*, que é, sem exagero, de toda a sua obra, o livro que contém os piores erros de revisão” (VII: BR, p. 20). Cotejando os procedimentos dos editores de *Histórias e Sonhos* e *Os Bruzundangas*, tem razão Lima Barreto que reclamava do descaso dos editores em publicar suas obras e quando o fazia era sempre às pressas “de forma que a obra sai mal impressa, feia, errada e até empastelada” (XVII: C2, p. 203). O caso de *Bruzundangas* é a prova de como os editores se aproveitavam do contexto de um mercado que não dava aos escritores condições adequadas para uma renumeração pela produção dos livros: Jacinto Ribeiro dos Santos comprou os direitos da obra e a seguiu por cinco anos e, segundo Francisco de Assis Barbosa, o editor “lançou o livro com o título estropiado, provas não revistas, originais organizados a trouxe-mouxe. E fez mais: guardou o chumbo da composição para tirar, em 1930, uma segunda edição, com os mesmos erros de revisão” (VII: BR, p. 21).

Até aqui tratamos da relação dos editores com a obra de Lima Barreto nos baseando na edição de *Histórias e Sonhos* e *Os Bruzundangas*, o que comprova o descaso editorial com a publicação da obra limabarretiana. Voltamo-nos agora para o procedimento do escritor na junção dos seus textos curtos para publicação em livro e para isso, debruçamo-nos sobre a obra *Bagatelas*, o último livro organizado por Lima Barreto. A obra foi publicada em 1923 e é símbolo, para nós, da maneira como o escritor coligia seus textos curtos para publicação em livro. Mostramos anteriormente que o volume tem uma “nota de advertência” com data de 13 de agosto de 1918 e, dos 41 textos publicados na obra, 32 são de datas posteriores à advertência. Diante de tal, surgem-nos alguns questionamentos: Lima Barreto monta o projeto e durante dois anos fica juntando textos para finalizar o volume? Ou substitui textos para inserir os posteriores a agosto de 1918?

Parece-nos que houve volumes a serem organizados por Lima Barreto, pois afirma na carta a Almáquio Cirne ter no jornal *A Noite* dois *Bagatelas* (XVII: C2 p. 203). Lima se refere ironicamente à semântica da palavra “bagatelas”, ao modo de como juntou os textos para a publicação e fala em outro livro nos mesmos moldes. Podemos tentar explicar essa afirmação ao analisar o significado do termo “bagatelas”.

Segundo o *Dicionário Eletrônico Houaiss*, “bagatela” significa:

1. Objeto de pouco valor ou utilidade; bugiganga, cacareco, ninharia.
2. Soma irrisória de dinheiro.
3. Ato, incidente etc. sem relevância; futilidade, bagatelório, ninharia.
4. Uso: ironia. Alto preço; valor exagerado.
5. Rubrica: música. Título dado a composições instrumentais breves.
6. Rubrica: ludologia. Jogo em que se

impulsionam bolas para o alto, marcando pontos segundo os lugares em que elas caem; bilhar chinês.

O título do livro, de conformidade com as acepções semânticas do termo “bagatela”, dá-nos a impressão de que Lima Barreto se refere à importância do teor dos textos ou mesmo da pouca relevância dos periódicos em que foram publicados. Para analisarmos a importância de alguns dos periódicos dos quais foram retirados vários artigos para o livro, tornamos a voltar nossa atenção aos 41 textos publicados na obra: nove são anteriores a 18 de agosto de 1918; destes, quatro foram publicados pela *Gazeta da Tarde*, três pelo *A. B. C.*, um por *O Debate* e outro por *Souza Cruz*.

Os textos publicados pela *Gazeta da Tarde* são de 1911, único ano em que o escritor colaborou com o periódico e publicou um dos contos brasileiros mais importantes, “O homem que sabia javanês”. Além disso, *A Gazeta da Tarde* teve uma considerável importância por ter sido fundado em 1880 por José Ferreira de Menezes (1845-1881), tornando-se “o órgão abolicionista mais radical e descomprometido da capital do Império” (LOPES, 2004, p. 275). Em 1883 é adquirido por José do Patrocínio (1853-1905) que fez dele uma das frentes abolicionistas (cf. CAMARGO, 2012, p. 607-616). Concluímos, então, que a *Gazeta da Tarde* tinha boa relevância no cenário jornalístico nacional, o que também se aplica à importância do semanário *A. B. C.* para o contexto político e cultural da época.

Dos 32 textos publicados após 13 de agosto de 1918, 15 são do hebdomadário *A. B. C.* e nove da *Revista Contemporânea*; os outros oito textos são distribuídos entre cinco periódicos. No período entre agosto de 1918 e meados de 1920, o escritor colaborou com outros jornais e revistas, como o *Malho*, *Argos*, *Tudo* e principalmente *A Careta*, revista de destaque entre os periódicos da época (Cf. NOGUEIRA, 2010, p. 60-80). Com isso queremos comprovar que Lima Barreto usou um critério que privilegiou a publicação de dois periódicos, o que nos leva a pensar em outro método de recolha para o livro: o de temas.

Quanto a isso, temos que pensar no conteúdo da advertência do livro, ao que o escritor afirma de que são “reflexões sobre fatos, coisas e homens de nossa terra, que, julgo, talvez sem razão, muito próprias a mim”. Ana Helena Cobra Fernandes (FERNANDES, 2010, p. 165) separou os textos que compõem *Bagatelas* em onze grupos. Descrevo, então, cada grupo e seus subgrupos, descritos entre parênteses: 1º – Ideias (pensamento social, memória nacional, pensamento político, maximalismo, antiamericanismo, guerra/paz/civilização, raça e preconceito); 2º – Vida Literária (crítica de livros, livros e *faits divers*); 3º – Política – Brasil (corrupção, burocracia estatal, economia, finanças, mandos e desmandos); 4º – Cultura e Sociedade (ações humanitárias, doutores, futebol e ascensão social); 5º – Instituições

(educação, imprensa, igreja e imprensa); 6º – Memórias Pessoais (loucura, Politécnica, Hospício e Ilha do Governador); 7º – Gênero (mulheres famosas e crimes de paixão); 8º – Capital Federal (reforma urbana); 9º – Fatos Internacionais (I Guerra Mundial); 10º – Homens Públicos (Santos Dumont); e 11º – Mundo Artístico (Teatro).

É fácil notar que não são só temas referentes ao cotidiano nacional, mas muitos deles centrados nos acontecimentos mundiais, como a I Guerra Mundial e a Revolução Socialista e seus desdobramentos. Concluimos então, que o título de *Bagatelas* soa com dissonância, pois os sentidos de “pouca serventia” e “pouca importância” não se aplicam integralmente nem aos periódicos nem mesmo aos temas. Chego à conclusão de que Lima Barreto tinha plena consciência desse projeto de publicação e, premeditadamente, fazia parecer que se tratava de junção aleatória de textos espalhados por vários periódicos. Astrojildo Pereira em prefácio a IX: BA chama a atenção para o fato de Lima Barreto ter exagerado em dizer que artigos de *Bagatelas* haviam aparecido em revistas e jornais modestos e destaca os semanários *A. B. C.* e *Hoje* que desfrutaram “em certa época de considerável notoriedade política e literária” (IX: BA, p. 9).

“Bagatelas” é usado como título numa acepção irônica, pois, como vimos, quase metade dos textos publicados no volume apareceu pela primeira vez em revistas e jornais de expressão como no caso do *A. B. C.*; quanto aos temas, trouxe a público o pensamento crítico do escritor com relação àquilo que acontecia no Rio de Janeiro e no mundo da época, no cotidiano da cidade em relação à cultura, às questões políticas. Chama a atenção o escritor para o título justamente pela vertente satírica que permeia a sua obra. Para que se comprove o que afirmo, basta vermos que após ter publicado *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o livro sobre o qual afirmou: “foi o único livro que comecei e acabei” (XVII: C2, p. 178), Lima tenha usado títulos para seus projetos de publicação que diferenciavam dos títulos mais extensos e de certa pompa. Os títulos até 1920 são *Recordações do escrivão Isaías Miranda*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Histórias e Sonhos*. Os posteriores são curtos e trazem sempre uma ideia negativa ou satírica: *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, que foram publicados, respectivamente, em 1922 e 1923, os dois após a morte do escritor.

O vocábulo “bruzundanga”, um regionalismo brasileiro, se aproxima em algumas acepções do termo “bagatela”:

1. Coisa de pouca serventia ou inútil; insignificância, ninharia;
2. Amontoado de coisas inúteis ou de escassa serventia;
3. Falta de ordem; confusão, barafunda;
- 4.

Linguagem confusa, difícil de entender; algaravia; 5. Coisa malfeita, mal realizada”.
(*Dicionário Houaiss Eletrônico*).

A leitura de *Os Bruzundangas* remete ao sentido das acepções “falta de ordem”, “confusão” e “algaravia”, sendo um país que se assemelha com o Brasil. O que nos salta aos olhos é a ideia de “pouca serventia” e “ninharia” que está implícita também no termo que o escritor usa para nomear o país imaginário e dar título à obra. A essas duas obras, juntamos os projetos de *Marginália* e *Feiras e Mafuás*, entregues ao editor Francisco Schettino e que não vieram a lume. Levantamos os significados dos termos envolvidos nos dois títulos não publicados:

Quadro 4: significados dos vocábulos “marginália”, “mafuá” e “feira”.

Termos:	Significados:
“MARGINÁLIA”	<i>Dicionário online Michaellis</i> ²⁸ : 1. Anotações à margem de um livro; 2. Coisas insignificantes, não essenciais”. <i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i> ²⁹ : 1. Conjunto de anotações nas margens de um livro ou de outro documento; 2. [Brasil, informal] Conjunto de marginais.
“MAFUÁ”	<i>Dicionário Aulete Digital</i> ³⁰ : 1. RJ. Pop. Feira ou parque de diversões com música, jogos, prendas, torneios etc [...]; 2. P. ext. Bagunça, confusão, desordem, desarrumação [...]. [Antôn. Arrumação, ordem]”.
“FEIRA”	<i>Dicionário Priberam da Língua Portuguesa</i> : [...] 5. [Figurado] Grande desordem. = BALBÚRDIA, BARAFUNDA; 6. Confusão de vozes. = GRITARIA, VOZEARIA.

É notória a concepção negativa que os vocábulos trazem, demonstrando que Lima Barreto deu conotações pejorativas aos projetos de *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*. Entretanto, chegamos à conclusão de que o escritor tinha plena consciência da importância dos textos que compunham estes volumes para o seu projeto de literatura militante. A aparente “bagunça” ou “desordem” e mesmo “coisas de pouco valor” que permeiam estes últimos livros do autor são provas de que após o fracasso editorial da sua obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, a despeito de todo aparato editorial que teve, Lima Barreto estampará este desânimo em forma de protesto na junção dos textos com os quais colaborou na imprensa carioca do início do século XX.

Como não tivemos acesso aos textos que formariam o conjunto de *Feiras e Mafuás* e *Marginália*, pois se perderam os originais, deduzimos a partir das conotações negativas dos títulos, que os projetos se pareceriam aos de *Os Bruzundangas* e *Bagatelas* e talvez aí o

²⁸Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em 22 mar. 2015. O *Dicionário Houaiss Eletrônico* define “marginalia” como “conjunto de notas inseridas nas margens de um caderno, manuscrito, jornal etc.”.

²⁹Disponível em <<http://priberam.pt.dlpo/marginalia>>. Acesso em 22 mar. 2015.

³⁰Disponível em <www.aulete.com.br/mafua>. Acesso em 24 mar. 2015.

escritor privilegiasse os textos publicados em outras revistas, como no caso da *Careta*, tal como fez ao valorizar a sua participação no semanário *A. B. C.* em *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*. O sentido de bagatelização que queremos dar à obra de Lima Barreto está mais numa ideia subjacente do que propriamente naquilo que foi publicado: até aqui falamos em acepções negativas que os títulos trazem, mas temos notado os aspectos positivos da consciência em que o projeto limabarretiano apresentou. Isso comprova que o escritor conseguiu aquilo que queria: a aparente desordem não passou do uso da sátira que permeia a obra limabarretiana. “Bagatelas” não tem nada a ver com o teor dos temas e nem mesmo com a importância dos periódicos. No entanto, a ideia da bagatelização influenciará mais aos futuros organizadores da obra limabarretiana do que propriamente a usada pelo escritor. Sobre esse aspecto, trataremos nos próximos capítulos.

Em resumo, Lima Barreto editou em vida sete obras: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Histórias e Sonhos*, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*. Para editar seu primeiro livro, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o escritor recorreu a uma editora de Lisboa, abrindo mão de qualquer remuneração pela obra, tendo como retribuição apenas o recebimento de 50 exemplares. Para poder ser publicado no Brasil, se vê obrigado a fazê-lo por editoras menores, quase sempre oficinas tipográficas. Assim aconteceu com a 2ª edição do seu livro de estreia que, após ser recusado por Francisco Alves, é reeditado por uma tipografia. Também foram publicados por tipografias *Numa e a Ninfa* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*; o segundo, acreditamos que tenha sido posto no mercado com a ajuda financeira de amigos. O único livro cuja publicação foi remunerada é *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* que, apesar de todo aparato editorial e comercial, redonda em fracasso de vendas. *Histórias e Sonhos* veio a lume por uma editora que tinha um dos melhores amigos do escritor como proprietário. Os dois últimos organizados pelo escritor, publicados postumamente, são *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, que trazem embutidas no título e na maneira como foram organizadas a sátira que permeou a obra do escritor: uma aparente desordem, mas que no âmago de sua organização demonstram critérios coerentes de edição. Tentamos demonstrar nesses tópicos que o percurso editorial do escritor Lima Barreto, através da história de edição de cada uma de suas obras, é marcado pelos descasos dos editores e até mesmo pela maneira aparentemente desorganizada do escritor juntar seus textos.

1.3. A evolução do sistema literário na Europa.

O sistema literário, segundo Antonio Candido, se forma a partir de três vertentes: o autor, a obra e o público. Para o crítico

a literatura é [...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade atuando no tempo. (CANDIDO, 2008, p. 84)³¹.

Funcionando no mesmo diapasão os três elementos citados por Candido, é de se esperar que o sistema literário traga aos escritores plenas condições de produção e comercialização de suas obras. Mas quando pelo menos um desses elementos – autor, obra e público – não corresponde totalmente, o sistema literário não tem sua plenitude:

Se a obra é mediadora entre autor e público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio. (CANDIDO, 2008, p. 85-86).

No processo de mediação entre os três elementos está o mercado editorial, que implica o sistema de produção, de comercialização e consumo de obras literárias. O trajeto para a consolidação desse mercado começa com a invenção da impressão de tipos móveis, por Johan Gutenberg:

Os efeitos da invenção de Gutenberg foram instantâneos e de alcance extraordinário, pois quase imediatamente muitos leitores perceberam suas grandes vantagens: rapidez, uniformidade de textos e preço relativamente barato. [...] De repente, pela primeira vez desde a invenção da escrita, era possível produzir material de leitura rapidamente e em grandes quantidades. (MANGUEL, 1997, p. 158-159).

Existindo uma produção de livros em série, conseqüentemente a obra literária se transforma em mercadoria, um bem a ser vendido. Dieter Wellershoff afirma:

Literatura e mercado, cultura e indústria – não gostamos de ver estes conceitos lado a lado como que denunciando uma relação suspeita. Claro que todos sabemos que uma obra literária é também uma mercadoria que o escritor vende ao editor, o editor ao livreiro, o livreiro ao público. (WELLERSHOFF, 1970).

³¹CANDIDO, Antonio. “O escritor e o público”. IN: _____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008. O artigo foi publicado originalmente como capítulo da obra coletiva dirigida por Afrânio Coutinho, **A literatura no Brasil**, vol. I, tomo 1, Editora Sul-Americana, Rio, 1955.

Se o escritor “vende” ao editor, o editor “vende” ao livreiro, e o livreiro “vende” ao público, o sistema literário, como proposto por Candido, é totalmente embasado pelo mercado editorial. O sistema de comércio de livros foi formado como se fez em qualquer outro ramo de produção industrial, ou seja, criou-se uma cadeia de produção, distribuição e consumo de bens consumíveis. Em questão da produção industrial de livros, a primeira modificação se deu com a separação de ofício do escritor e reproduzidor das obras, que antes estava reunida na pessoa do letrado (WELLERSHOFF, 1970).

Historicamente, o surgimento da imprensa de tipos móveis e o início da comercialização de livros se dão entre a Idade Média e o Renascimento, marcadamente o momento de mudanças de posicionamento ideológico totalmente religioso para uma era voltada mais para o raciocínio e a experimentação científica. Um dos momentos mais importantes nessa transição foi a Reforma Protestante que, segundo Dieter Wellershoff, por trazer ao povo “inúmeras cópias da Bíblia”, foi “o primeiro grande exemplo de democratização da cultura” (WELLERSHOFF, 1970). Mas essa democratização de cultura, naquele momento, não foi garantia de emancipação comercial aos escritores, pois

à técnica da reprodução faltava ainda a correspondente social, o vasto público leitor. Os escritores ficaram, portanto, social e espiritualmente ligados às cortes dos príncipes do Humanismo, mais tarde o absolutismo, onde encontraram um público estreitamente delimitado, com princípios morais e regras de gosto rígidos, públicos esses que não punham inteiramente em questão por se lhes não deparar a hipótese de outro. (WELLERSHOFF, 1970).

Um novo público surgiu a partir da metade do século XVIII, com a ascensão econômica e social da burguesia, diversificando o mercado e o ampliando, o que garantiu a possibilidade de autonomia intelectual, pois ele deixa de ser responsável

perante qualquer instância, deixa de ter uma entidade tutelar que lhe estabelece as normas válidas que representa padrões, de cujo favor depende; é o escritor que passa agora a ser a própria instância única e decisiva, a fazer suas leis; do mesmo modo já se lhe não põem quaisquer conteúdos ou formas obrigatórios mas é sua experiência íntima, a sua objetividade que decide. (WELLERSHOFF, 1970).

No entanto, no lugar de uma entidade tutelar que estabelecia as normas para os escritores, surgiu outra instância, que regulará a produção de bens culturais: o mercado editorial. Ao se transformar em mercadoria, o livro será comercializado como qualquer outro bem de consumo, fazendo parte de uma indústria cultural que, segundo Adriano Kurle, é “consequência do capitalismo e do fetichismo da mercadoria” (KURLE, 2013, p. 104).

A indústria cultural usará dos meios tecnológicos e da lógica de produção para colocar no mercado

a cultura, transformando-a em mercadoria. [...] Com isso amplia-se o acesso das massas à arte, por outro lado, limita-se toda a comercialização cultural a produtos que se adequam ao padrão comercial da indústria cultural. Por contrapartida, a tendência de condicionamento da produção estética acaba por condicionar o gosto e o juízo estético, que em certo ponto encontram-se totalmente anulados pelo hábito e pela sensação de distração (que coloca o espectador em posição não reflexiva) da arte como entretenimento. (KURLE, 2013, p. 104).

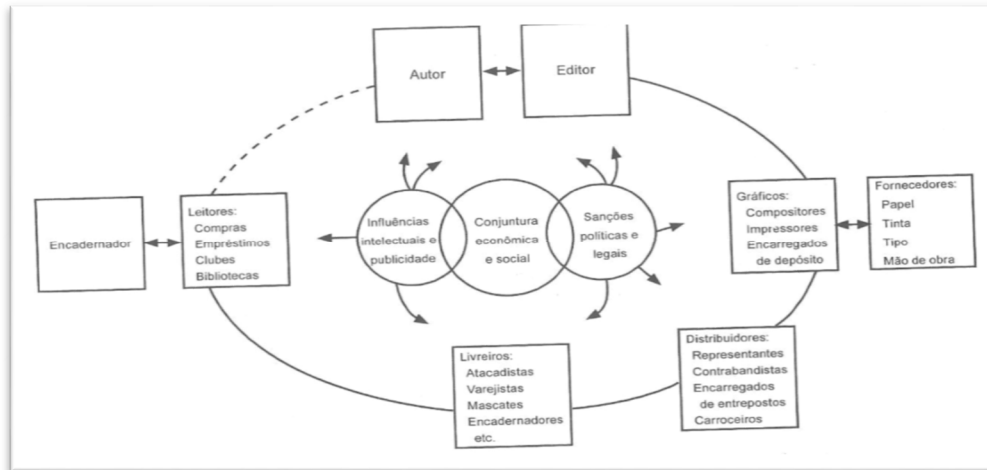
Em lugar do mecenato aristocrático que houve até os meados do século XVIII, o mercado editorial assume o papel daquele que ditará as normas para os produtores de bens culturais, transformando-se, numa expressão de Dieter Wellershoff, em “estrutura do alheamento”, pois

muitos escritores apercebem-se pelo mercado que sua obra não é desejada e deixam de poder continuar a sentir-se integrantes da *volunté générale* da burguesia. Compreendem a contradição entre arte e mercado, daí construirão talvez uma ideologia, como os boêmios, ou tornar-se-ão críticos da sociedade burguesa a partir de modelos conservativos ou ainda adaptarem-se às necessidades procurando sucesso e escrevendo literatura de salão, sobretudo romances folhetinescos. (WELLERSHOFF, 1970).

Entendemos, então, que há uma regulamentação recíproca entre o mercado e a produção de bens culturais. O mercado dita aquilo que o escritor precisa produzir para que se mantenha dentro do sistema; do contrário, o produtor de bens culturais fica à margem do mercado, tornando-se o crítico do esquema de produção da indústria editorial, ou mesmo se adequando às exigências deste mercado. Corrobora, então, a tese de Wellershoff, que como “em qualquer ramo industrial também as empresas fabricantes de livros, as tipografias e as editoras, têm constantemente de produzir e colocar seus produtos, caso queiram continuar rentáveis” (WELLERSHOFF, 1970).

Rentabilidade é a palavra que move o mercado editorial, como qualquer estrutura industrial, que precisa estar a todo momento produzindo, comercializando e tendo seu produto adquirido pelo público. Ao bem intelectual, de concepção estética por parte do escritor, junta-se o mecanismo industrial para transformá-lo em bem comercial e consumível da mercadoria, estruturado como vemos no organograma feito por Robert Darnton em *A questão dos livros* (figura 4):

Figura 4: organograma do mercado editorial, segundo DARTON, 2010, p. 195.



Assim, ao processo intelectual da concepção da obra literária, com suas questões estéticas e culturais, impõe-se a necessidade de comercialização da mercadoria livro. No esquema mostrado por Robert Darnton, fica-nos claro que à imaterialidade estética da obra impõe-se a materialidade da mercadoria que precisa circular, que nos faz concluir aquilo que propomos no início deste tópico ao nos referirmos à ideia de configuração do sistema literário proposto por Antonio Candido: na relação entre autor-obra-público, a intermediação é feita pelo mercado editorial, isto é, a circulação de bens culturais é marcadamente regulada pelos mecanismos impostos pela industrialização. Como bem atesta Dieter Wellershoff: “as empresas da indústria livreira veem-se assim forçadas a produzir permanentemente, racionalmente e, se possível, em ritmo crescente, tendo por isso de tomar as providências para manter o aparelho ocupado” (WELLERSHOFF, 1970).

Assim, o sistema literário na Europa adentra o século XX marcado pela presença do mercado editorial que busca um consumidor em lugar de um argumentador. E este mercado lançará mão das mais variadas possibilidades para a produção e comercialização da literatura, como a distribuição de coleções e o formato “livro de bolso”, sobre o qual falaremos no segundo capítulo desta pesquisa.

1.3.1. Brasil: a evolução do sistema literário.

No Brasil, segundo Antonio Candido³², o sistema literário é dividido em três fases. O primeiro período, de manifestações literárias, que corresponde à época colonial até meados do século XVIII. O segundo momento consiste no período de configuração do sistema literário, que coincide com o espaço que antecede a Independência do Brasil e o Romantismo, até a

³²CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007. 136 páginas.

década de 1880, quando começa a terceira fase, em que o sistema literário nacional se consolida.

Em seu clássico “O escritor e o público”, Antonio Candido atesta:

Quando consideramos a literatura no Brasil, vemos que sua orientação dependeu em parte dos públicos disponíveis nas várias fases, a começar pelos catecúmenos estímulos dos autos de Anchieta, a eles ajustados e sobre eles atuando como lição de vida e concepção do mundo. Vemos em seguida que durante cerca de dois séculos, pouco mais ou menos, os públicos normais da literatura foram aqui os auditórios – de igreja, academia, comemoração. O escritor não existia enquanto *papel social definido*, vicejava como atividade marginal de outras, mais requeridas pela sociedade diferenciada: sacerdote, jurista, administrador. (CANDIDO, 2008, p. 87. *Grifos do autor*).

Durante os séculos XVI e XVII ocorreram apenas manifestações literárias isoladas por ainda não haver condições de configurar um sistema, sendo umas das causas principais disso a falta de um público consistente. Predominam por aqui as manifestações públicas, em que os próprios escritores eram ao mesmo “tempo grupo criador, transmissor e receptor” quase sempre produtores de uma literatura dominada “pelo sermão e pelo recitativo” (CANDIDO, 2008, p. 88).

No movimento que antecede a Independência é que se “esboçam os elementos característicos do público e da posição social do escritor, definindo-se os valores de comunicação entre ambos” (CANDIDO, 2008, p. 88). Foi o momento em que se configurou um panorama de militância intelectual por parte dos escritores envolvidos na valorização das coisas da terra – nativismo, seguindo de nacionalismo, ao que cita Candido a figura de Silva Alvarenga,

provavelmente o primeiro escritor brasileiro que procurou harmonizar a criação com a militância intelectual, graças ao senso quase didático do seu papel. Em torno dele formou-se um grupo, o da *Sociedade Literária*, que se prolongou pelos dos alunos por ele formados como Mestre de Retórica e Poética, entre os quais alguns próceres da Independência. Assim, não apenas difundiu certa concepção da tarefa do homem de letras como agente positivo na vida civil, mas animou um movimento que teve continuidade, suscitando pequenos públicos fechados que se ampliariam pela ação cívica e intelectual, até as reivindicações da autonomia política e, inseparável dela, da autonomia literária. (CANDIDO, 2008, p. 88).

O processo de Independência e a conseqüente valorização da literatura não significou aos escritores *status* de profissionais das letras, por não haver um público consumidor suficiente para tal. O Estado e os grupos dirigentes funcionam como

público vicariante, poderíamos dizer. Com efeito, na ausência de públicos amplos e conscientes, o apoio ou pelo menos o reconhecimento oficial valeram por estímulo, apreciação e retribuição da obra, colocando-se ante o autor como ponto de referencial. (CANDIDO, 2008, p. 94).

Dentre os exemplos de proximidade de escritores com o mecenato oficial está o caso de Domingos José Gonçalves de Magalhães, que publica em Paris *Suspiros poéticos e saudades* em 1836, considerada obra-marco do Romantismo brasileiro. Magalhães foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro³³ e teve sua obra *A Confederação dos Tamoios* editada pelo imperador D. Pedro II, o qual outorgou ao artista o título de Barão de Visconde e Araguaia (cf. BOSI, 2003, p. 97-98).

Ao par desse oficialismo das letras, os escritores ocupavam funções públicas, como a de médicos, juristas e mesmo cargos políticos. Joaquim Manuel de Macedo, embora tenha se formado em Medicina, lecionou História do Brasil no Colégio D. Pedro II e foi preceptor dos netos do Imperador, além de deputado pelo Partido Liberal. O maior prosador do Romantismo nacional, José de Alencar, cursou Direito e foi deputado provincial pelo Ceará.

A imprensa foi outro campo fecundo para as letras nacionais a partir da implantação da imprensa no Brasil com a chegada da Família Real no Brasil, em 1808, com todos os romancistas publicando romances em folhetins e, no caso de alguns, como Manuel Antônio de Almeida, ocuparam cargos de redatores. E não se pode ignorar a figura daquele que será a maior de todas na literatura nacional, Machado de Assis, filho de um pintor mulato e uma lavadeira açoriana, que aos 16 anos entrou na Imprensa Nacional. O escritor teve uma carreira burocrática, “primeiro no *Diário Oficial* (1867-73) e, a partir de [18]74, na Secretaria da Agricultura” quando “pôde entregar-se livremente à sua vocação de ficcionista” (BOSI, 2003, p.174). Não se pode esquecer também que a imprensa teve papel fundamental para o desenvolvimento da literatura machadiana, como também na maioria dos escritores nacionais a partir dos meados do século XIX.

O processo de consolidação do sistema literário nacional se dá, segundo Antonio Candido, a partir da década de 1880, quando a literatura que

não consta mais de produções isoladas, mesmo devido a autores eminentes, exprimindo-se através de veículos que asseguram a difusão dos escritos e reconhecendo que, a despeito das influências estrangeiras normais, já podem ter como ponto de referência uma tradição local. (CANDIDO, 2007, p. 64).

³³ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 1838, existindo até os dias atuais, é “caracterizado por atividades múltiplas, nos terrenos cultural e cívico, pela reunião de volumoso e significativo acervo bibliográfico, hemerográfico, arquivístico, iconográfico, cartográfico e museológico, à disposição do público, durante todo o ano, e pela realização de conferências, exposições, cursos, congressos e afins.

Contou com o patronato do imperador d. Pedro II, a quem foi dado o título de Protetor, o qual incentivou e financiou pesquisas, fez doações valiosas, cedeu sala no Paço Imperial para sede do Instituto, em seus passos iniciais, e presidiu mais de 500 sessões. (FONTE: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, disponível em <http://www.ihgb.org.br/ihgb2.php>. Acesso em 08 ago. 2015.)

O mercado editorial brasileiro começa a partir de 1808, quando deixamos a condição de colônia, tornando-se o centro da Metrópole com a chegada da Família Real. Nesse mesmo ano foi criada a Imprensa Régia, permitindo a impressão de livros, jornais e folhetos. No entanto,

o custeio da impressão da obra, em muitos casos, ficava a cargo do autor, como ocorreu com a *Corografia Brasílica*. O autor do texto levantava o dinheiro necessário para pagar a edição da obra através de subscrições públicas. Por esse sistema, cada interessado subscrevia uma determinada quantia para ter o direito de receber um livro. A impressão era feita se fosse alcançado um número mínimo de subscritores que permitisse cobrir os gastos. (KOSHIYAMA, 2006, p. 24).

Este aspecto da dificuldade de impressão pelos altos custos é uma tônica do emergente mercado editorial do país. E é por meio dos jornais, como mencionamos, que muitos escritores tiveram os periódicos como meios para suas obras atingirem o público leitor. A escrita literária em jornais e revistas durante o Segundo Reinado levou os autores

a escrever para um público de mulheres, ou para os serões onde lia em voz alta. Daí um amaneiramento bastante acentuado que pegou em muito estilo; um tom de crônica, de fácil humorismo, de pieguice, que está em Macedo, Alencar e até Machado de Assis. Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influência caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar. (CANDIDO, 2008, p. 95).

Esta literatura de fácil acesso não permitiu, porém, aos escritores uma remuneração por parte do público, “obrigando o Estado a interpor-se entre ambos, como fonte de outras formas de retribuição” (CANDIDO, 2008, p. 95), como no referido caso de Gonçalves Magalhães. Apesar da ausência de um público amplo que fornecesse remuneração suficiente para os escritores, aconteceu a instalação das livrarias, que aumentaram em proporção a partir de 1808, como a Livraria Garnier, “um exemplo eloquente das novas estratégias do comércio livreiro no movimento internacional e circulação de mercadorias na segunda metade do século XIX, bem como da inserção brasileira nesse circuito de negócios com livros e livrarias” (DUTRA, 2010, p. 70).

A livraria Garnier tem o início da sua história em 1837, na França, com os irmãos François Hippolyte, Auguste Désiré e Pierre Auguste. Um quarto irmão, Baptiste Louis expandiu os negócios da Garnier, sendo diretor da livraria na cidade do Rio de Janeiro. No Brasil, a comercialização dos livros pelo representante da livraria francesa se dava pelos títulos editados pela matriz parisiense e encarregava-se da “impressão das edições dos autores brasileiros, os quais não foram poucos” (DUTRA, 2010, p. 70), o que tornou a principal referência pelo desenvolvimento editorial por aqui, proporcionando

pagamento regular de direitos autorais, boa remuneração aos tradutores, formação de um corpo fixo, qualificado, de redatores-revisores e um investimento maciço em literatura, tanto europeia quanto nacional. Baptiste Louis publicou, entre outros, Honoré de Balzac, Walter Scott, Charles Dickens, Alexandre Dumas e Oscar Wilde. Mas evitava lançar autores desconhecidos. Mesmo assim, acabou editando a maioria dos romancistas brasileiros importantes de seu tempo. (PAIXÃO, 1995, p. 19).

Outras importantes livrarias e editoras, na passagem do século XIX para o XX, eram a Laemmert, Quaresma e Francisco Alves. E quem monopoliza o “melhor comércio da capital, tornando-se a principal referência na importação de livros de autores em língua francesa e na difusão de autores franceses em geral, bem como de almanaques e revistas publicados na França” (DUTRA, 2010, p. 71) foi a Garnier; e em torno dela, estava Machado de Assis, que em 1897 era aclamado presidente da recém-criada Academia Brasileira de Letras, entidade que teve fortes laços com a livraria de Baptiste Garnier.

1.4. O sistema literário e o mercado editorial carioca entre 1900 e 1922.

Antonio Candido, após a afirmação de que o sistema literário brasileiro se consolidou a partir da década de 1880, dividiu, estética e sociologicamente, a literatura brasileira do século XX em três etapas: 1900-1922, 1922-1945, e de 1945 em diante. A primeira fase – 1900-1922 – é, segundo o crítico, uma fase de permanência, pois “conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo, sem dar origem a desenvolvimentos novos” (CANDIDO, 2008, p. 120). É uma literatura “satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia; seu esforço mais tenaz é conseguir pela cópia o equilíbrio e a harmonia, ou seja, o academismo” (CANDIDO, 2008, p. 120).

Ainda permanece fortemente arraigada a tradição de auditório, que Candido atribui à grande voga do discurso, do recitativo e da musicalização de poemas, pois por falta de edição, saraus e reuniões faziam com que o verso circulasse. É um processo sintomático da fragilidade do mercado editorial brasileiro, causado em boa parte pelo público minguado, o que não favorece a independência monetária dos escritores. Via de regra, foi necessário a ajuda do oficialismo governamental, pois a “condição de escritor funcionou muitas vezes como justificativa de prebenda ou de sinecura; e para o público, como reconhecimento a ambas, – num Estado patrimonialista como era o nosso” (CANDIDO, 2008, p. 94).

Esse monopólio, que não favorecia os jovens escritores, ou aqueles que não pertenciam ao círculo de amigos da Garnier e não faziam parte da Academia Brasileira de Letras, como Lima Barreto, levou muitos escritores neófitos a procurarem outros meios para se verem

publicados e mesmo para legitimarem seus projetos criadores³⁴. Surgirão escritores que se contraporão a esta situação, como Lima Barreto, que queriam propor sua autonomia intelectual, mesmo num contexto em que essa liberdade estivesse ameaçada pelo oficialismo das letras.

O Brasil estava atrasado em relação à Europa em termos de mercado editorial, o demonstrando que a busca da autonomia intelectual e financeira dos escritores eram restringidas pela estrutura reinante. Lima Barreto, por exemplo, conhecedor dos meandros da imprensa, sabia muito bem como os jornais eram o meio mais fácil para se atingir o público, o que revela na carta a Monteiro Lobato: “lendo unicamente jornais, como a gente inteligente do Rio, elas [moças botafoganas, aludidas anteriormente]³⁵ só conhecem a literatura do seu tempo aquilo que, como tal, neles é publicado: João do Rio, etc., etc.” (XVII: C2, p. 57).

Uma das insurgências contra o oficialismo da Academia Brasileira de Letras foi a tentativa de se fundar outra academia de letras, com o intento de defender os direitos autorais dos escritores:

A ideia parece ter sido lançada por Oscar Lopes, numa crônica de 10 de maio, n' *O País*, em que clamava ele contra a constante exploração dos intelectuais pelos editores e os livreiros. Ninguém lê no Brasil – dizem os editores e os livreiros. O comércio de livros é precário – afirmam os negociantes e todo mundo acredita nisso. No entanto – observa o escritor – há cinquenta anos o público paga caríssimo pelo livro e os vendem por meia pataca. (BROCA, 1975, p. 51).

Agremiações paralelas, como a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, que durou até 1917, fracassaram em suas tentativas de oposição à Academia Brasileira de Letras, pois quase nada nelas se realizou, além de palestras e saraus, sempre de sucesso mundano. Mas na realidade, o maior problema dos escritores não era de reivindicar direitos autorais, o entrave era “encontrar quem os editasse a qualquer preço” (BROCA, 1975, p. 53). A ação eficiente buscada seria a promoção de uma aliança entre os editores e os escritores, “a fim de obter do governo medidas que, favorecendo a difusão do livro, tornassem possíveis as reivindicações desejadas (BROCA, 1975, p. 53).

Recorrer aos jornais para se obter remuneração pela produção literária foi, ao lado das funções paralelas, na maioria dos casos como funcionários públicos, uma alternativa para os escritores. Lima Barreto fala, em carta a Almqüio Cirne em 11 de janeiro de 1920, sobre o conflito entre ser homem de letras e desempenhar outras atividades na sociedade:

³⁴Pierre Bordieu explica que “a relação que um criador mantém com sua obra e, por isso mesmo, a própria obra são afetadas pelo sistema de relações sociais nas quais se realiza a criação como ato de comunicação, ou, mais precisamente, pela posição do criador na estrutura do campo intelectual” (BORDIEU, 1968, p. 106).

³⁵As moças botafoganas às quais alude o escritor seriam a alusão ao público leitor carioca: gente da elite preocupada apenas com o mundanismo.

Todos nós que escrevemos, que queremos realizar uma obra intelectual, seja ela qual for, sofremos muito quando exercemos uma atividade normal na sociedade. Não é só no comércio ou na banca, como dizem os italianos. É em todas elas. Eu fui empregado público, numa repartição de primeira ordem, e me aborrecia. [...] O nosso temperamento e o feitio da nossa atividade intelectual estão sempre em conflito com a sociedade. Daí, a boêmia que houve em todas as épocas, ou os artistas que exercem duas, três, cinco e mais profissões e não esquentam lugar. (XVII: C2, p. 201-202).

A liberdade, tanto financeira quanto intelectual, só seria possível se os escritores pudessem publicar e ter condições de que seus livros fossem comercializados, o que, portanto, dar-lhes-ia respaldos para que se dedicassem apenas às atividades literárias. A sujeição às condições adversas do mercado editorial brasileiro dos primeiros vinte anos do século XX obrigou muitos escritores, como Lima Barreto, a procurarem editores fora do Brasil, no caso, Portugal. Um estreante na literatura, por exemplo,

podia tentar a publicação em Portugal, e o número de trabalhos brasileiros lá produzidos durante, aproximadamente, os 30 primeiros anos da República é bastante grande. A Livraria Chardron do Porto (que foi adquirida pelos irmãos Lello, mas que manteve o nome de seu primeiro dono) parece ter sido particularmente receptiva aos brasileiros, editando livros escritos por Paulo Barreto, Almáquio Diniz, Péricles Morais, Garcia Redondo, Virgílio Várzea, Armando Erse, Sylvio Romeiro e Coelho Neto, entre outros. (HALLEWELL, 1985, p. 189-190).

Outra forma de os escritores e artistas estarem em evidência era os salões. No Rio de Janeiro, os mais famosos eram o de Coelho Neto e de Inglês de Souza. Estes lugares, “se eram espaços onde o escritor brasileiro podia estar em evidência literária e social, não modificavam as condições estruturais que o impediam de sobreviver com o trabalho de escrever” (KOSHIYAMA, 2006, p. 45).

O panorama, à medida que se aproximou de 1920, vai se modificando. A Livraria Garnier, por exemplo, após a morte de Hippolyte Garnier em 1911, ficando os negócios para um sobrinho do falecido editor, passou a publicar “pouquíssimas primeiras edições brasileiras, contentando-se em explorar os direitos autorais que ela já adquirira, republicando os livros em sua ‘Coleção dos autores célebres da literatura brasileira’” (HALLEWELL, 1985, p. 194). Foi nesse período que surgiu no mercado editorial nacional o homem que revolucionaria a estrutura de circulação de obras literárias no país: Monteiro Lobato. O escritor e editor paulista

começou a publicar livros em 1918, pela Seção de Obras d’*O Estado de S. Paulo* e pela *Revista do Brasil*, a qual comprara em maio do mesmo ano e vinha desde então dirigindo. Em 1919 formou, com Olegário Ribeiro, entre outros sócios, a Olegário Ribeiro, Lobato e Cia. que tinha oficinas tipográficas próprias, vinda da Olegário Ribeiro. A sociedade, entretanto, foi dissolvida no mesmo ano. Em 1920, Lobato estabeleceu, com Octalles Marcondes Ferreira, a Monteiro Lobato & Cia., que agregou novos sócios e teve o capital ampliado em 1922. (BIGNOTTO, 2010, p. 121).

Em maio de 1924 é criada a Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato. A principal diferença que Lobato trouxe ao mercado foi a implantação de uma rede de comercialização dos livros editados e publicados por ele, remetendo-os a qualquer lugar em que houvesse um comércio, uma quitanda, uma farmácia. Dizia que “livro não é gênero de primeira necessidade... é sobremesa; tem que ser posto embaixo do nariz do freguês, para provocar-lhe a gulodice” (KOSHIYAMA, 2006, p. 73).

A importância de Monteiro Lobato no mercado editorial

vai muito além dos autores que ele publicou. O que editoras posteriores, como a José Olympio, realizaram só foi possível porque puderam trilhar o caminho que Lobato já havia explorado. Durante os sete anos de sua primeira aventura editorial ele conseguiu revolucionar todos os aspectos da indústria. Lançar novos autores e pagar direitos autorais compensadores era apenas um desses elementos. (HALLEWELL, 1985, p. 250).

Lobato é, sem a menor sombra de dúvida, a figura representativa e combativa que marca a transição de um panorama editorial de edições “matadinhos”³⁶ e muito pouco, ou nada, remuneradas, para um cenário de ampliação de mercado livresco de publicações mais bem cuidadas e que poderiam ter um sistema de distribuição do livro enquanto mercadoria.

1.4.1. O oficialismo das letras entre 1900 e 1922: um breve comentário.

Traçaremos por aqui, em linhas gerais, como se constituiu o oficialismo das letras durante os primeiros vinte anos do século XX carioca. Um dos reflexos mais conhecidos da criação da Academia Brasileira de Letras em 1897 foi a contribuição para que ocorresse o aburguesamento de muitos escritores boêmios que, naturalmente, estavam sempre em confronto com qualquer modelo oficial. A necessidade de se verem reconhecidos e terem suas obras comercializadas e consumidas levou os escritores a aderirem-se aos ideais da agremiação.

Segundo as ideias de Candido, a literatura dos dois primeiros decênios era de permanência em relação aos últimos vinte anos do século XIX. Conviviam entre si

³⁶O termo “matadinho” foi usado pelo próprio Monteiro Lobato em carta de 22 de fevereiro de 1922 a Lima Barreto para se referir à qualidade da edição de *Morte e vida de M. J. Gonzaga de Sá* devido à falta de papel. No entanto, dentre as obras publicadas de Lima Barreto, ela foi a mais bem cuidada em termos de edição e distribuição. Reproduzimos a missiva: “Prezado amigo Lima Barreto. / Saúde. / O livro está pronto. Remeti-o hoje para todas a livraria e agentes da *Revista* [do Brasil] (cerca de duzentos) de maneira que a penetração se fez em regra, com 2.000 exemplares de um baque. Mando-lhe vinte exemplares para distribuir entre os críticos do Rio e jornais. Querendo mais, peça. Para o resto do Brasil, já remetemos. *A edição é matadinho, porque continua a crise do papel*. Estamos montando oficina, e logo poderemos iniciar edições decentes. Você precisa fazer aí propaganda da *Revista* e nela farei do livro. Adeus”. (XVII: C2, p. 58. Grifos meus).

naturalistas, realistas, simbolistas e parnasianos, além da literatura regionalista, como afirma Alfredo Bosi:

O grosso da literatura anterior à “Semana” foi, como é sabido, pouco inovador. As obras, pontilhadas pela crítica de “neos” – neoparnasianas, neossimbolistas, neorromânticas – traíram o marcar passo da cultura brasileira em pleno século da revolução industrial. Essa literatura já foi vista, em suas várias direções, nas páginas dedicadas aos epígonos do Realismo e do Simbolismo. No caso dos melhores prosadores regionais, como Simões Lopes e Valdomiro Silveira, poder-se-ia acusar um interesse pela terra *diferente* do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural; mas, em última análise, tratava-se de uma experiência limitada, incapaz de desvencilhar-se daquele conceito mimético de arte herdado ao Realismo naturalista. (BOSI, 2003, P. 306).

Ao par deste panorama de virtual estagnação da literatura do período, havia o academicismo que se gestara na virada do século XIX para o XX motivado pela criação da Academia Brasileira de Letras, constituindo-se um oficialismo das letras. A agremiação, desde sua fundação, tinha ligações muito próximas com o Itamaraty que era “um abrigo para intelectuais que utilizavam a carreira diplomática de modo a tornar possível sua dedicação à produção intelectual. Nesse sentido, constituiu uma matriz articuladora e até necessária ao exercício da representação diplomática” (MALATIAN, 1999, p. 379). Segundo a tese de Teresa Malatian,

tal exercício de mecenato buscou diversos campos sociais onde pudesse se expressar, conferindo visibilidade e prestígio aos diplomatas, dando-lhes realce à carreira do qual também dependiam as promoções. Foi o que ocorreu com a presença de diplomatas na ABL. (MALATIAN, 1999, p. 379).

O posicionamento de Malatian é corroborado por Nicolau Sevcenko (SEVCENKO, 2003, p. 118), que atribui a relação existente entre órgãos oficiais e a Academia Brasileira de Letras devido à proximidade da entidade com a sede do governo federal. A partir de 1904, a agremiação ficou alojada nas dependências do Silogeu Brasileiro, prédio governamental em que funcionava, por exemplo, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

[...] a proximidade da sede do governo federal, reformado e ampliado em suas múltiplas repartições, oferecia inúmeras oportunidades adicionais aos letrados, desde os simples empregos burocráticos até os cargos de representação, as comissões e as delegações diplomáticas. Igualmente importantes eram a tutela oferecida pelo Estado e organizações culturais e institutos superiores e o mecenato declarado do Ministério das Relações Exteriores aos grandes expoentes das letras. (SEVCENKO, 2003, p. 118).

Em linhas gerais, assim constituiu-se o oficialismo das letras durante os dois primeiros decênios do século XX no Rio de Janeiro, numa relação de simbiose entre letrados e diplomatas, formando o grupo dos “vencedores”, escritores que se juntam aos grupos arrivistas, “desfrutando a partir de então de enorme sucesso e prestígio pessoal, elevados a

posições de proeminência no regime e de guias incondicionais do público urbano” (SEVCENKO, 2003, p. 131). E o espaço privilegiado para as publicações desses literatos era, sem dúvida, a livraria Garnier, que detém no seu catálogo os nomes como os de João do Rio e Coelho Neto, escritores contra os quais Lima Barreto verteu sua ácida crítica, considerando-os parte do mandarinato literário.

1.4.2. A posição de Lima diante do oficialismo das letras.

No capítulo XII de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, o narrador-personagem conta sobre a visita de um jovem poeta à redação d’*O Globo* para deixar um livro dele para que fosse avaliado pelo crítico literário do jornal, Frederico Lourenço do Couto, o Floc. Responde o jovem à pergunta feita pelo narrador sobre a autoria do livro:

– Sou, pois não. O senhor sabe: ninguém pode nunca estar certo de ter ou não habilidade. Escreve-se, os amigos gostam; mas, se não se tem coragem para sujeitar um volume à crítica, fica-se sempre na dúvida se é a simples amizade dos camaradas que louva as nossas produções, ou se há mérito, de fato, nelas... Sou muito moço, tenho vinte e dois anos, faço versos desde os dezoito; agora, fiz uma escolha e publiquei este volume... Queria que os senhores dissessem alguma coisa, que notassem os defeitos, para eu me corrigir, caso fosse possível... (I: IC, p. 235).

Após uma conversa entre o narrador-personagem Isaías Caminha e o jovem poeta Félix da Costa, o livro é colocado sobre a mesa do crítico Floc. O narrador faz uma reflexão sobre os destinos dos livros deixados nos jornais para a crítica:

Os livros nas redações têm a mais desgraçada sorte se não são recomendados e apadrinhados convenientemente. Ao receber-se um, lê-se-lhe o título e o nome do autor. Se é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressa-se em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em *clichê* que nada dizem da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o *clichê* é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico. Há casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro. Acontecia isso com três ou quatro autores. Um destes era Raul Gusmão, a quem o diretor invejava o talento de escrever; além dele, havia um grande poeta, respeitado em todo o Brasil, e um outro moço que se rebelara contra a ditadura do jornal. Com os nomes novos não havia hesitações; calava-se, ou dava-se uma notícia anódina, “recebemos, etc.”, quando não se descompunha. (I: IC, p. 237).

Recordações do escrivão Isaías Caminha é um romance à chave em que Lima Barreto retrata o mundo jornalístico do Rio de Janeiro da primeira década do século XX e o jornal criado pelo romancista na obra, *O Globo*, “disfarça o jornal real *Correio da Manhã*” (FANTINATI, 1978, p. 50). Dentre os personagens à *clef* do romance, Frederico Lourenço do Couto, o Floc, é, no plano da realidade, João Itiberê da Cunha, o Jic, poeta paranaense simbolista que, após uma temporada na Bélgica, adotou o nome de Jean Itiberê. A referência

ao jornalista e literato João do Rio é feita pela figura alusiva de Raul Gusmão que, segundo o narrador Isaías Caminha, tinha seu modo de escrever invejado pelo diretor do jornal *O Globo*. Esta citação serve-nos como mostra de como Lima Barreto tratou a maneira como os escritores novatos eram vistos pela crítica da época.

Na crônica “Os samoiedas”, o primeiro texto que compõe o volume *Os Bruzundangas* que, como sabemos, se trata da caricatura do Brasil, o narrador descreve como são os literatos daquele país, formados por poetas que valorizam apenas o cânone literário:

Os samoiedas, como vamos ver, contentam-se com as aparências literárias e a banal simulação de notoriedade, umas vezes por incapacidade de inteligência, em outras por instrução insuficiente ou viciada, quase sempre, porém, por falta de talento poético, de sinceridade, e necessidade, portanto, de disfarçar os defeitos com pelotiquices e passes de mágicas intelectuais. (VII: BR, p. 36-37).

Os dois fragmentos da obra de Lima Barreto que usamos acima são uma amostragem do modo como o autor enxergou e denunciou a situação da literatura da época. O escritor fez dos seus artigos, crônicas, contos e romances espaço para atacar as relações existentes entre alguns privilegiados pelo sistema, entendendo como nocivo às letras do país. Nestes tópicos, procuraremos mostrar a relação entre o autor e a situação descrita no tópico anterior, analisando sua correspondência ativa e passiva, e a crônica “O Garnier morreu” publicada na *Gazeta da Tarde* em 17 de agosto de 1911.

1.4.2.1. Repúdio ao oficialismo e a consciência crítica de Lima Barreto.

Nicolau Sevckenko escreve que havia dois grupos de intelectuais: o primeiro foi aquele formado pelos “vencedores”, conforme citamos no tópico anterior. O segundo é o dos “derrotados”,

Ou *ratés*, por oposição aos primeiros [“vencedores”], apresenta por sua vez também uma modesta clivagem interior. Trata-se menos de uma nova divisão que de uma definição de áreas e modos preferenciais de atuação. Marginalizados, esses escritores optariam por duas formas incompatíveis de reação. De um lado se postaram os que acatavam o seu opróbrio com resignação diante do mal consumado, inexorável, experimentando-o com estoicismo, muito embora inquietando os inimigos pela exibição dura e continuada de sua própria dor. De outro, estavam os inconformados com a nova ordem das coisas e que reagiam pela combatividade permanente, buscando na pregação reformista obstinada um desagravo contra seu abandono. (SEVCENKO, 2003, p. 133).

É nesse segundo grupo que Lima Barreto se inseriu e fez uso de seus textos nos periódicos cariocas, além de seus escritos ficcionais e confessionais, para demonstrar o seu inconformismo. Conhecedor de suas próprias dificuldades em se ver publicado ou mesmo

valorizado literariamente, Lima tinha uma visão profunda da constituição e condições do mercado editorial, sabendo como deveriam ser publicadas e postas em circulação as obras literárias. Na crônica “O Garnier morreu”, afirma no início: “A morte de H.[Hippolyte] Garnier [...] provoca falar na questão da edição de obra entre nós, sem esquecer a do comércio de livros em geral” (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p.102).

Os pontos cruciais para o mercado editorial são, para ele, a edição e o comércio do livro, o que evidencia mais ainda sua visão crítica: “Para quem quer ser autor e quer ter na sua obra a necessária e indispensável independência, esta questão [da edição de obra] está sempre presente e absorvente” (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p. 102). A reclamação também se direciona para a postura da livraria Garnier, sob a direção de Hippolyte Garnier, em aceitar apenas escritores que tivesse “representação oficial”. Investivando o recém falecido editor de “velho mentecapto” e que não falava português e nem “tinha vivido no nosso meio”, faz uma comparação com o estágio anterior da livraria Garnier, quando era dirigida por Baptiste-Louis Garnier, irmão de Hippolyte:

Foram-se os bons tempos do B. L. Garnier. Este viveu aqui, conhecia-nos, podia *aquilatar o valor, não direi intelectual, mas comercial de um livro*; mas, nesses últimos anos, sem ter ninguém propriamente dito, da casa que julgasse os manuscritos, sucediam-se borracheiras aparecidas *chez* Garnier. (LIMA BARRETO, 2004, v. 1., p. 102).

A crença no mercado editorial, como no trecho que elogia o antecessor de Hippolyte, Baptiste-Louis Garnier³⁷, é evidente ao afirmar que sabia medir o valor comercial de um livro. A crítica recai sobre a Garnier de Hippolyte por não ter ninguém que julgasse os manuscritos, publicando-se “borracheiras”, que significa, entre outras coisas, “[2.2.p.ext.]o que é tolo, extravagante; dislate, asneira, borrachice;3.p.ext.infrm.Coisa de má qualidade, malfeita ou que sai mal; borrachice” (*Dicionário Houaiss Eletrônico*). A defesa do mercado editorial e o ataque à exploração dos escritores são evidentes na crônica, como no trecho a seguir, ao se referir aos primórdios da velha livraria: “Dizem que ela [livraria Garnier] animou as letras pátrias. Não nego que o fizesse, mas de uns vinte anos para cá [1891-1911] só tem sabido aproveitar pecuniariamente reputação feita alhures” (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p. 102). O elogio, como vemos, é presente quando Lima indica que B.L. Garnier arriscava no mercado com escritores novos; a crítica, quando a livraria deixa de fazê-lo entre 1891 e 1911.

Na sequência das críticas, o autor tece consideração sobre a má vontade de Hippolyte Garnier em manter escritores consagrados na época e fora do catálogo da editora, sendo isso

³⁷Baptiste-Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844 e faleceu em 1893.

um desserviço prestado às letras do país. Ataca mais uma vez o livreiro francês: “Velho rico, ignorante das nossas coisas, o seu critério era o dos pistolões e do nome que o autor tinha no mundo” (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p. 103).

Após afirmar não sentir despeito e dizer que nunca tentou editar-se pela Garnier, reclama da necessidade da existência de outras editoras, demonstrando lucidez e pertinência de suas críticas:

É necessário que surjam outras casas editoras; é necessário que os lucros imensos que a Garnier tem tido provoquem o aparecimento de energias e capitais, que nos libertem de abjeta tutela. Não é possível que um país como o nosso só tenha um editor e esse editor seja estrangeiro, e viva fora do país, nada conheça de nossa atividade literária e mental, se deixe guiar por pistolões e recomendações. (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p. 103).

A consciência da necessidade de um mercado editorial competitivo e de que o livro enquanto mercadoria siga regras do mercado ligam-se à esperança de que o desaparecimento de Hippolyte Garnier traga melhoria para o comércio livreiro: “Essa pressão que a velha casa exercia sobre a nossa atividade literária precisava cessar, em bem nosso e das letras em geral; e amor desse octogenário (sic) rico e egoísta talvez determine isso e eu me alegro com ela” (LIMA BARRETO, 2004, v. 1, p. 104).

O escritor ressentia, logicamente, da situação do comércio livreiro no país na época porque nutria o sonho de viver da glória conquistada pela literatura, conforme afirmou na entrevista que deu à revista *Época* em 20 de fevereiro de 1916, transcrita parte em nota de rodapé no volume XIV da organização feita por Francisco de Assis Barbosa em 1956:

[...] desde o meu *Isaias Caminha*, que só trato de obedecer ao meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É esse o meu escopo. Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. *O fim da minha vida é as letras. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória.* Eu sou afilhado de Nossa Senhora da Glória. Não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser mais nada senão literato. Não peço às letras conquistas fáceis, não lhes peço gloriolas, peço-lhes coisa sólida e duradoura. (XIV: DI, p. 183-184. *Grifos meus*).

Assim, o desejo que o escritor tinha de poder conseguir com sua obra uma autonomia monetária o suficiente para que se mantivesse apenas de seus escritos foi sempre esbarrado pela configuração do mercado editorial na época. Conforme proposta de Robert John Oakley, no seu fundamental *Lima Barreto e o destino da literatura*, Lima Barreto denunciou a exploração da retórica oficial como imoral e reacionária (OAKLEY, 2011, p. 41). O pesquisador britânico relaciona a forma dos escritos de Lima Barreto com o ideal de comunicar-se satisfatoriamente pela literatura com um leitor virtual e necessidade de se ter

muita inteligência e a meditação sobre a razão fundamental da arte: a penetração e a articulação do significado da existência, com a meta de criar a solidariedade humana³⁸. Lima Barreto tinha a convicção do seu projeto de literatura e o usou para denunciar e atacar a literatura como “sorriso da sociedade”, dominante das letras no período chamado de Pré-modernismo nacional. Contudo, houve um Lima Barreto que flertou com o oficialismo, usando alguns mecanismos do mercado editorial, procurando colocar seu nome no panteão das letras nacionais.

1.4.2.2. Adesão ao oficialismo: anseios e realização.

Lima Barreto não tinha apenas seu projeto de literatura, como também apresentou a visão de que se precisava de livros ao gosto mediano do público, flertando com o mercado de romances populares. É o caso específico de *Numa e a ninfa*, publicado em folhetins pelo jornal *A Noite*: o romance apresentou como um dos subtítulos “romance sugestivo de escândalos femininos (figura 2). Coincidentemente, o proprietário de *A Noite*, Irineu Marinho, vai fundar, a partir das oficinas do jornal, uma editora que se chamará *Empresa de Romances Populares*, por onde sairá publicado *Bagatelas* em 1923.

O escritor de *Numa e a ninfa* procurou colocar em suas obras a indicação “obras do mesmo autor” (figura 5), mostrando um traço de distinção, fazendo uso da publicidade. Propaganda ou publicidade é

a comunicação persuasiva que, por meio de um conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão, destina a influenciar as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público num determinado sentido. É uma ação planejada, desenvolvida através de veículos de comunicação para a divulgação das vantagens, das qualidades e da superioridade de um produto material ou espiritual, como sabonetes, cigarros, bebidas, no primeiro caso, e ideias, crenças, instituições, doutrinas, no segundo caso. Tanto no que tange aos produtos materiais, quanto no que se refere aos produtos espirituais o objetivo da publicidade é claro: ela pretende vendê-los. (FANTINATI, 2012, p. 145).

No mercado editorial, a indicação de “obras do mesmo autor” é feita com o intuito de mostrar que há outras obras do escritor, chamando a atenção do público consumidor que se trata de autor que já possui outras publicações, dando-lhe aspectos de notoriedade. O artifício lembra outras publicações do autor, dando-lhe o traço de distinção que, eventualmente, liga-se ao interesse de ser consumido pelo público leitor:

As técnicas de persuasão e o objetivo de venda da publicidade se inserem no mecanismo geral da oferta e da procura (da produção e consumo), onde ela procura

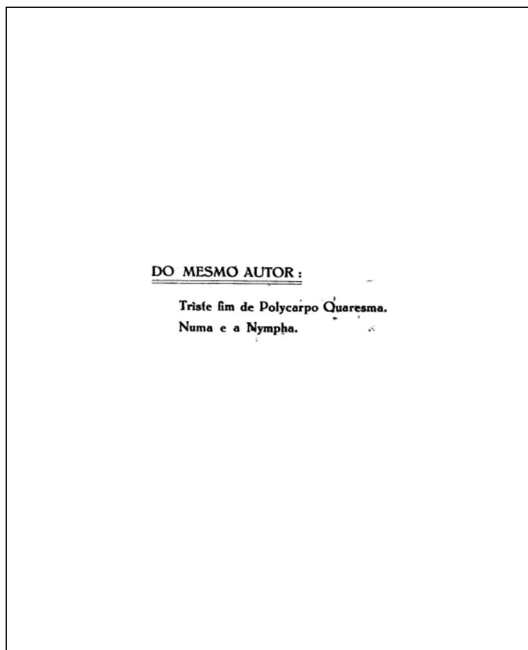
³⁸CAMARGO, Áureo Joaquim. “A luta dos discursos” em Lima Barreto. *Itinerários*, Araraquara, n. 36. p. 311-313, jan./jun. 2013.

não só despertar necessidades, mas também satisfazê-las. Por isso, os produtores procuram, por meio de marcas, tornar as mercadorias capazes de concorrência no mercado, no geral saturado e em mãos de grandes grupos econômicos, e aptas para serem aceitas socialmente. As mercadorias possuem um duplo valor: um valor de troca para o produtor, isto é, o produtor quer trocá-la por dinheiro; e um valor de uso para o consumidor, isto é, o consumidor deseja por meio da mercadoria satisfazer suas necessidades. (FANTINATI, 2012, p. 145).

Lima Barreto soube usar os procedimentos para sua inserção dentro do mercado editorial através dos mecanismos de publicidade exigidos para a venda de seus livros. Os folhetins de *Numa e a ninfa* foram anunciados como compostos de uma charge dos homens políticos da época do governo Hermes da Fonseca (cf. p. 12 dessa tese); portanto, ao ser publicado em livro, com a sátira aos políticos da época e indicado como romance de “escândalos femininos”, estava criada uma publicidade sobre a obra do escritor.

Outra atitude do escritor para se firmar no sistema literário foi a tentativa de pertencer ao quadro dos imortais da Academia Brasileira de Letras, concorrendo por duas vezes e não obtendo êxito; na terceira vez em que concorreria, retirou sua candidatura. Em 1919, inscreveu a obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* para concorrer ao prêmio de “melhor livro do ano”: o resultado foi a “menção honrosa”.

Figura 5: indicação de “obras do mesmo autor” colocada na edição de 1917 de *Recordações do escrivo Isaías Caminha*.



O escritor também saiu a campo para auxiliar escritores amigos seus, fazendo indicações de suas obras para os editores, como no caso de uma carta enviada ao proprietário

da Livraria Clássica Editora, de Lisboa, em que recomenda um livro de Domingos Ribeiro Filho (1875-1942):

Aproveito a oportunidade para apresentar-lhe o meu amigo Domingos Ribeiro Filho, escritor bem conhecido nas nossas rodas literárias e autor de um romance – *Cravo Vermelho*, que só não teve o sucesso da livraria que merecia, pelo fato do mau aspecto tipográfico que da brochura em que apareceu.

[...]

Ele lhe envia um manuscrito de romance – *Vãs Torturas* – segundo da série de estudos de uma moral que se propôs a examinar, e para a qual, se tanto lhe mereço, eu pedia um pouco da sua atenção e, caso o julgasse da mesma forma que o julgo, uma obra original e vigorosa, o fizesse editar.

E, sem mais, sou seu amigo agradecido. (XVI: C1, p. 177-178).

Lima Barreto já havia feito elogios ao livro *Cravo Vermelho* de Domingos Ribeiro Filho no segundo número da revista *Floreal*, em novembro de 1907, e agora indicava outra obra do escritor ao editor que publicara a primeira obra limabarretiana. A relação estreita entre Ribeiro Filho e Lima Barreto decorreu do fato de ambos terem sido colegas de trabalho na Secretaria de Guerra; além do mais, o autor de *Bagatelas* acreditava no mérito da literatura do autor de *Vãs Torturas*, pois este também era um militante anarquista, embora Lima afirmasse que as ideias do colega eram contrárias às suas. É o que se depreende na leitura da crônica que Lima Barreto escreve sobre o lançamento do livro *Cravo Vermelho*:

Encontramo-nos, eu e o Domingos, discutindo. Daí em diante temos discutido sempre. Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões acentuadas e, em geral, de opiniões contrárias às minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta. (XII: IL, p. 185).

Se Lima Barreto se mostrou prestativo em ajudar um amigo em publicar um livro, também lhe foi solicitado que intercedesse junto a Monteiro Lobato para que editasse a obra de um jovem escritor. O pedido foi feito por Paulo Hasslocher em carta datada de 02 de maio de 1921:

Enviei-te, por intermédio do teu irmão, os originais de um livro de versos de Prado Kelly, rapaz de grande talento e filho do *nosso comum amigo* Otávio Kelly (juiz federal) que ele deseja ver editado por Monteiro Lobato.

Venho pedir-te “com todas as minhas forças” que obtenha do teu amigo Lobato a realização dos desejos do meu amigo. Verás que apesar de muito moço (Prado Kelly tem dezessete anos) o poeta tem muitas qualidades e merece a proteção do veterano da inteligência que és.

[...]. (XVII: C2, p. 144-145).

Hasslocher na época em que escreveu esta carta a Lima Barreto, estava na direção, junto com Luís Moraes, da revista semanal *A. B. C.*, um dos mais influentes periódicos na época. Trata-se, então, de uma personalidade de vulto na época, demonstrando na carta que tinha

apreço pela experiência de Lima Barreto. Ganha em importância o pedido por se tratar de um favor a um filho de juiz federal, o que destaca a eminência intelectual de Lima Barreto junto a seus amigos.

Comprovamos esse destaque à pessoa de Lima Barreto pela admiração demonstrada por Jaime Adour, em carta de 19 de março de 1919:

Caro confrade Lima Barreto.

A sua obra de dia para dia cresce no conceito de todos aqueles que sabem prezar o que, ainda, se escreve neste país. Aqui, pelo menos, neste pequeno Estado [Rio Grande do Norte], onde pouco se lê, o seu nome é acatado e admirado por todos. É raro o intelectual ou simples leitor que não conheça o maravilhoso *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, – que não cite em “rodas” de palestras, a todo transe, como modelo real, perfeito, um ou outro personagem de suas produções. (XVII: C2, p. 158).

Mencionamos antes aqui sobre a aproximação entre os irmãos Félix Pacheco e João Luís Ferreira, e que o segundo pode ter ajudado o escritor a publicar *Triste fim de Policarpo Quaresma* em folhetins no *Jornal do Comércio*, em 1911, o que justificaria a dedicatória ao amigo no livro publicado em 1915.

Importante em questão de aproximação do escritor aos órgãos governamentais foi sua colaboração com o periódico *A.B.C.*, cujo surgimento “está intimamente ligado ao tratado diplomático de mesmo nome firmado, em 1915, por Argentina, Brasil e Chile” (MAUL, 1968, p. 138, *apud* CORRÊA, 2010, p. 541). O acordo foi firmado pelo ministro das Relações Exteriores e foi assinado no dia 25 de maio de 1915:

Ferdinando Borla fundou então o periódico no mesmo ano de 1915, cerca de três meses antes da concretização do tratado, utilizando-se de sua sigla, que era formada pelas iniciais dos países envolvidos (Argentina, Brasil e Chile. Maul informa que o semanário recebeu subvenção do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) para dar ao país um órgão de publicidade que se distinguiria dos demais existentes no nosso mundo jornalístico”. A esse respeito, o número inicial do *A. B. C.* deixa algumas pistas, apesar de negar com veemência sua relação com as aventuras diplomáticas do Barão do Rio Branco e de quem o sucedeu após sua morte. (CORRÊA, 2012, p. 96-97).

No periódico, Lima Barreto publicou as crônicas que constituíram o volume *Os Bruzundangas*, textos satíricos em que o escritor criou um país com características do Brasil da época, aludindo a algumas personagens históricas e coetâneas (CORRÊA, 2010, p. 122). A própria figura do maior expoente do Itamaraty, Barão do Rio Branco, é satirizada nesses textos, comprovando o espírito livre do escritor carioca: mesmo escrevendo para um periódico ligado ao Ministério das Relações Exteriores, não deixou de criticar todas as instituições governamentais, eclesiásticas e acadêmicas do Brasil.

Outro órgão da imprensa carioca que manteve fortes laços com o Ministério das Relações Exteriores foi o *Jornal do Comércio*, cujo proprietário, José Carlos Rodrigues, fez do periódico

o porta-voz do Itamarati e do seu grande Ministro Rio Branco. Isto para o progresso do Brasil e seu maior prestígio entre as nações. Era muito frequente que Rio Branco, terminados os trabalhos do dia, viesse passar horas na redação do *Jornal do Comércio* para um prolongado “bate-papo” com o seu grande amigo. Tornou-se-lhe isto uma espécie de hábito. Deu motivo a que jornalistas estrangeiros visitando o Rio, escrevessem que o *Jornal do Comércio* era um órgão semioficial. (GAULD, 1953, p. 435-436).

Foi no *Jornal do Comércio*, “órgão semioficial” do Itamaraty, que Lima Barreto publicou uma das obras literárias mais desmistificadoras do idealismo nacional³⁹, o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Mesmo com a proximidade do oficialismo o escritor manteve sua crítica pela sátira desmascarando um Brasil primado pela falácia de um discurso oficial que privilegiava apenas a república dos doutores e os mandarins da literatura.

Em síntese, procuramos demonstrar neste tópico e subtópicos como se configurou o sistema literário brasileiro nas duas primeiras décadas do século XX. A partir das ideias defendidas por Antonio Candido, constatamos um cenário ainda de permanência em relação aos dois últimos decênios do século XIX, constituindo uma literatura de permanência e de poucas novidades estéticas. Ao lado dessa literatura estagnada em questões estéticas, resiste o problema do mercado editorial brasileiro que ainda não dava condições suficientes para uma remuneração satisfatória para os escritores, principalmente para os iniciantes.

Nesse cenário de reduzido mercado editorial, criou-se em torno da livraria Garnier uma espécie de monopólio que privilegiava apenas escritores que estavam alinhados aos ideais propostos pela Academia Brasileira de Letras, o que conseqüentemente, levou escritores que não estavam alinhados a esse grupo a buscarem outras alternativas para se verem publicados, como a publicação através de editores portuguesas ou por intermédio de empréstimos e outras subvenções que não a oficial.

O posicionamento de Lima Barreto nesse campo é o de confronto, fazendo de sua literatura a arma para a denúncia das dificuldades de se ver publicado e valorizado por seus escritos. Barreto apresenta nos seus escritos a crença de que somente um mercado editorial

³⁹“Estão aí os dois polos máximos da vida política brasileira: as mesquinhas ambições da turbamulta que acotovela em torno do tesouro público, e o idealismo ingênuo que se fecha às realidades mais patentes, e somente enxerga o Brasil através dos primas da excelência e da perfeição. O apetite grosseiro, de um lado; o otimismo beócio, mais belo com certeza, mas igualmente estéril, do outro. Quem nos daria uma síntese mais perfeita? Lima Barreto não era um subjetivista: sentiu e soube exprimir o Brasil. (PRADO JÚNIOR, Caio. “Lima Barreto sentiu o Brasil”. *Leitura*, Rio de Janeiro, ago. 1943. In. LIMA BARRETO, 1997, p. 438).

mais aberto e mais democrático podia ser a solução para a necessidade dos escritores, ao passo que critica as instituições governamentais e seus vícios.

O escritor, mesmo com a aproximação que teve com os órgãos oficiais, como o periódico *A. B. C.*, não deixou de usar a sátira par desmistificar o discurso oficial, colocando seu espírito livre de intelectual militante que ousou mostrar seu desejo de viver de sua literatura, embora ele mesmo reconhecia que o mercado editorial nacional não lhe proporcionaria este êxito.

1.5. Conclusão.

Nesse primeiro capítulo analisamos sete obras preparadas e editadas por Lima Barreto entre 1909, com a publicação de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, e 1923, quando se publica, postumamente, *Bagatelas*. Nesse percurso editorial, verificamos que, dessas sete obras, Lima Barreto publicou sua primeira obra recorrendo a uma editora portuguesa, como era comum na época com os escritores novatos ou menos conhecidos, devido às dificuldades que tinham em serem publicados no Brasil.

Essas obras de Lima Barreto, publicadas por editoras e tipografias, foram examinadas individualmente em suas edições em vida do autor, tomando-se a última edição revista pelo autor como formadora de seu legado editorial. No processo de análise, salientamos os percalços editoriais por quais elas passaram e mostramos a disposição de Lima Barreto diante desse cenário que não favorecia aqueles que não estavam ligados ao círculo criado em torno da Academia Brasileira de Letras e da livraria Garnier. Dos seus livros postos em circulação em vida, o escritor apenas obteve remuneração digna pela edição do livro *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, executada pelo editor Monteiro Lobato que, apesar de todo seu esforço editorial e de distribuição da obra, não obteve ela sucesso de vendas.

Ponto importante tratado nesse capítulo foi a maneira como o autor juntou seus artigos e crônicas para serem publicadas em livros, especialmente nas obras *Bagatelas* e *Os Bruzundangas*. Partimos da ideia de que havia, diante das acepções negativas de “bagatelas” e “bruzundanga” uma concepção depreciativa dessas obras, fenômeno que batizamos de “bagatelização” de sua produção, ou seja, de que o escritor não teria critérios para juntar seus textos curtos para a publicação em livros. Num primeiro instante, permanece, sim, a impressão de que há um processo de bagatelização na maneira confusa de Lima Barreto juntar, sem obediência à ordem cronológica e sem agrupar por jornais, por exemplo, os textos curtos para sua publicação em livros, principalmente na obra *Bagatelas*. Mas a observação mais acurada do procedimento do escritor em relação aos seus critérios de recolha dos artigos

e crônicas para os volumes *Bruzundangas* e *Bagatelas* pode levar à conclusão de que a ideia negativa de bagatelização, se fica presente no nível aparente, encontra justificativa, num plano mais profundo: a desordem está mais próxima da concepção de sátira e crítica do escritor, cujo intuito era o de chocar o leitor por meio da técnica de estranhamento, conforme se pode ler em alguns estudiosos que compõem a fortuna crítica do autor.

Após estudarmos a história das publicações das sete obras do escritor publicadas até 1923, voltamos nosso olhar para a evolução do sistema literário na Europa e como foi desenvolvido o mercado editorial segundo a teoria de Dieter Wellershoff. O panorama do sistema literário europeu e o mercado livresco são parâmetros para analisar o panorama brasileiro, tomando, claro, em consideração os relevantes estudos de Antônio Candido sobre o assunto com sua atenção concedida às manifestações literárias do período colonial, à formação e à consolidação do sistema literário.

O último tópico deste capítulo traçou uma descrição sobre a formação do oficialismo das letras no Brasil a partir do final do século XIX e dos primeiros vinte anos do século XX. Sua gênese situa-se no II Império, com a aproximação dos escritores dos órgãos oficiais, e até mesmo ocupando cargos políticos. A partir de 1897, com a criação da Academia Brasileira de Letras, cria-se um vínculo entre a agremiação e o Ministério das Relações Exteriores. Também à agremiação se juntará a livraria Garnier, que mantém um monopólio de publicação dos autores da Academia, que será taxado de “mandarinato literário” por parte de Lima Barreto.

O escritor manteve uma postura de crítica à situação prevalecente denunciando em seus textos nos jornais, nos seus escritos fictícios e, sobretudo na sua correspondência, anotando sua insatisfação com a maneira que suas edições eram tratadas e, por consequência, fazendo uma análise do mercado editorial, que não dava aos escritores, principalmente àqueles que não pertenciam ao círculo da Academia Brasileira de Letras e da Livraria Garnier uma devida remuneração pela produção literária. Ao mesmo tempo em que apresentava sua crítica ao oficialismo das letras, Lima Barreto também esteve próximo dele, mas manteve sua postura de espírito livre com sua crítica ácida à conjuntura do parco mercado editorial.

Assim, procuramos cobrir o trajeto da criação do legado livresco daquele que teve a coragem e, acima de tudo, consciência de que só o mercado editorial poderia ser o responsável para que os escritores pudessem viver somente dos seus escritos, sem a necessidade de serem cooptados pelo oficialismo ou mesmo de recorrer aos caprichos de editores e tipógrafos. Lima Barreto desaparece aos 42 anos de idade, deixando um legado de sete obras escritas e editadas. No entanto, restou um número extenso de textos que serão

publicados após sua morte, e é sobre a ampliação de seu legado que nossa pesquisa se debruçará nos próximos capítulos.

2. REIMPRESSÕES E AMPLIAÇÃO DO LEGADO EDITORIAL DE LIMA BARRETO ENTRE 1930 E 1953.

Logo após a morte do escritor, saiu o volume de *Os Bruzundangas* pela Jacintho Ribeiro dos Santos Editor e, em 1923, veio a lume *Bagatelas* pela Empresa de Romances Populares. Estas duas obras nós as consideramos como edição em vida do escritor, pois os textos de ambas foram recolhidos pelo próprio autor. Entre 1923 e 1924 saiu publicado em folhetins pela *Revista Souza Cruz* o romance *Clara dos Anjos*.

Após estas três publicações, a obra de Lima Barreto caiu no esquecimento do mercado editorial, tendo apenas em 1930 a republicação de *Os Bruzundangas* no mesmo formato da edição de 1922. O ostracismo editorial em que foi colocado só terminaria em 1943, quando a editora O Livro de Bolso inicia um projeto de reedição das obras limabarretianas, malgrado após a publicação de apenas três livros do autor de *Isaiás Caminha*. Cinco anos depois, em 1948, outro projeto se apresentou, mas que também não logrou êxito, pelas Editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira, de 1948 a 1953.

Este capítulo tem como escopo descrever o panorama editorial das décadas de 1930, 1940 e início da de 1950, espaço de tempo empreendido entre a reedição de *Os Bruzundangas* e as duas tentativas de edições completas da obra de Lima Barreto. Após a apresentação do contexto editorial deste período, descreveremos e analisaremos os volumes da obra limabarretiana publicados entre 1943 e 1953. Tomado como sentido norteador o legado livresco do escritor até 1923, a análise das reedições de O Livro de Bolso, Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira visa à maneira como as edições póstumas de Lima Barreto são tratadas pelos organizadores e editores, suas alterações e continuidades. Além disso, analisaremos os traços característicos das reedições e organizações e como se encaixaram no mercado editorial, mormente pelas categorias de “livro de bolso” e “coleções”, dois dos modelos usados pela estrutura de produção, comercialização e consumo da indústria livresca.

2.1. O contexto editorial entre 1930 e 1953.

As três décadas que marcaram o período entre a morte de Lima Barreto (1922) e as reedições de sua obra (1943-1953) são pródigas em transformações em todos os setores, desde o político até o cultural. Sucederam-se, por exemplo, o fim da Velha República, que teve seu ocaso com a Revolução de 30, a consequente deposição de Washington Luís, e o início do governo de Getúlio Vargas.

As etapas históricas das mudanças no panorama político do Brasil de 1930 a 1953 dividiram-se em três partes: a primeira vai de 1930 até a decretação do Estado Novo, em

1937; a segunda compreendeu o espaço de 1937 a 1945, quando Vargas saiu do poder; a última, do fim do Estado Novo ao segundo governo varguista (1951-1954).

Esse intervalo de 21 anos é demarcado pelas duas presidências de Getúlio Vargas, que chega ao poder em 1930, com permanência de quinze anos, sucessivamente como chefe de governo provisório, presidente eleito pelo voto direto e ditador (FAUSTO, 1998, p. 331). Chega ao fim do seu primeiro momento na presidência após ser deposto em 1945 e voltou ao poder em 1950 pelo voto popular; mas, não completou seu mandato devido a seu suicídio em 1954.

A ascensão de Vargas ao poder e seus dois finais, o primeiro pela deposição e o segundo pelo suicídio, estão localizados dentro do período entre as duas guerras mundiais (1918-1945) e o início da Guerra Fria (década de 1950). Dentro desse contexto, estava a Grande Depressão causada pela quebra da Bolsa de Nova York (1929).

O campo cultural brasileiro já havia passado pelo furacão modernista de 1922 e a segunda fase do Modernismo deu seus sinais de aparecimento em 1928, quando da publicação de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida. Esta marcou o início de uma etapa da literatura nacional voltada para um regionalismo mais crítico, ao contrário do praticado por Afonso Arinos, Waldomiro Silveira e Coelho Neto, estabelecido entre o pitoresco e o preconceito; aquela, aglutinou as pesquisas do substrato cultural profundo do Brasil, levada a cabo por seu autor, um dos pilares da Semana de Arte Moderna de 1922.

As mudanças na literatura não estavam isoladas de outras transformações significativas do período. Uma das mais importantes delineou-se desde a década de 1920 com o enfoque na alfabetização da população, por influxo dos escola-novistas. A chamada Escola Nova foi influenciada pelo filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952), que entendia a educação como necessidade social. Em 1932 houve o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova que

consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação. Redigida por Fernando Azevedo, o texto foi assinado por 26 intelectuais, entre os quais Anísio Teixeira, Afrânio Peixoto, Roquete Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima e Cecília Meireles. Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O movimento reformador foi alvo da crítica forte e continuada da Igreja Católica, que naquela conjuntura era forte concorrente do Estado na expectativa de educar a população, e

tinha sob seu controle a propriedade e a orientação de parcela expressiva das escolas da rede privada. (BOMENY, 2015).⁴⁰

A educação voltada para as massas se relacionava diretamente com a necessidade de inserir o país no processo de industrialização que era uma das principais bandeiras da renovação social que se propôs nesses novos tempos. Esse processo fez com que o Rio de Janeiro deixasse de ser o centro mais importante do país, transferindo para São Paulo a condição de espaço econômico mais importante, perceptível desde os anos 1920.

As mudanças educacionais foram conduzidas por Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde entre 1934 e 1945, em torno do qual estavam intelectuais do quilate de Mário de Andrade, Heitor Villa-Lobos e Carlos Drummond de Andrade. É criado durante o governo Vargas o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, voltado para a propaganda política através dos novos meios de comunicação, como o rádio e o cinema (DEL PRIORE & VENÂNCIO, 2010, p. 258).

A participação dos meios de comunicação foi essencial para o governo ditatorial de Vargas, em particular o rádio, pelo contato direto com a população:

Os meios de comunicação de massa, rádio e imprensa, abriam possibilidades de contato com o povo até então inimagináveis, sendo por isso considerados áreas de necessário controle e constante fiscalização. Para entrar em contato diretamente com o povo, o governo Vargas teve que enfrentar a resistência ou mesmo a oposição de muitos jornais, principalmente após a Revolução Constitucionalista de 1932. As necessidades do governo levaram à criação de um novo jornal, porta-voz do regime. Ligado às Empresas Incorporadas da União, o novo jornal, *A Manhã*, tinha como diretor Cassiano Ricardo. Com grande circulação no Rio, seria ajudado pelo jornal *A Noite*, de São Paulo, dirigido por Menotti del Picchia, ambos complementando a ação da revista *Cultura Política*, mais voltada às elites. (OLIVEIRA, 2001, p. 50).

O rádio foi porta de entrada, por exemplo, para o maior afluxo da cultura americana sobre as comunicações com a atuação do *Office of Inter American Affairs*, agência norte-americana, sob o comando de Nelson Rockefeller, herdeiro da Standart Oil, que objetivava coordenar a ligação econômica e cultural entre os países americanos. A atuação do *Office* se fez presente graças à presença de empresas como General Eletric, Standard Oil e RCA Victor, que passaram a fazer propagandas de seus produtos no mercado brasileiro. Em 1941, chegaram as agências de publicidade, como a J. W. Thompson e a McCann-Erickson. Os produtos e as cotas publicitárias distribuídas pelas agências alteraram a programação radiofônica nas novelas e nos programas de auditório, musicais e humorísticos, criando profunda conexão entre audiência, emissora e anunciantes (OLIVEIRA, 2001, p. 51-52).

⁴⁰HELENA BOMENY. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/Educacao/ManifestoPioneiros>. Acesso em 01 out. 2015.

O advento do rádio, segundo Candido, restabeleceu a condição da literatura de auditório (2008, p.98), o que não foi a única modificação que se observou na literatura a partir da década de 1930. Após as experimentações estéticas dos anos 1920, a literatura dá uma guinada para um regionalismo crítico, sobretudo nordestino. Para o mercado editorial foi significativo a partir dos anos 1930, a “ampliação relativa dos públicos, o desenvolvimento das possibilidades de remuneração específica” e consequentemente acarretou certa “desoficialização da literatura” (CANDIDO, 2008, p. 97).

Em “A revolução de 1930 e a cultura”, Antonio Candido demonstra o quão importante foi o momento para o ensino no Brasil e as consequências para o mercado editorial:

As mudanças na educação, na literatura e nos estudos brasileiros repercutiram na indústria do livro, desde o projeto gráfico até a difusão; mas sobretudo quanto à matéria preferencial das suas páginas, cada vez mais receptivas aos autores novos integrados nas tendências do momento. Pode-se dizer que, reciprocamente, essas tendências foram estimuladas pelo livro renovado, na medida em que os autores procuravam se ajustar à preferência da moda e dos editores – como, por exemplo, o “romance social” e os estudos brasileiros. (CANDIDO, 2000, p. 191).

A ampliação do público leitor e a consequente autonomia pecuniária marcam o “desafogo” do escritor e a “desoficialização” do ato de escrever literatura, porquanto não havia mais a necessidade de que o escritor estivesse, na maioria dos casos, cooptado pelos órgãos públicos através de prebendas e sinecuras, constantes até meados dos anos 1920 (CANDIDO, 2008). Mas se os escritores se desvincularam do mecenato oficial, ficaram à mercê das regras do mercado, e sujeitaram-se ao gosto do público: “a produção industrial do livro subordinou o editor aos imperativos do lucro e o escritor de livros às exigências do consumidor” (HAUSER *apud* KOSHIYAMA, 2008, p. 13-14).

E foram essas exigências do público que transformaram o escritor em parte importantíssima do mercado editorial, sendo o ponto de início do processo, o criador do produto intelectual que será transformado em mercadoria. Koshiyama afirma que a “passagem da produção artesanal para a produção industrial capitalista implica modificações nas relações sociais da produção, comportando uma divisão de trabalho e uma imposição de nova realidade”. Mais à frente, confirma sua tese: “A mudança de um sistema de produção artesanal para o industrial implica, portanto, alterações de diversos níveis, sendo um processo não concretizável em períodos de curta duração” (KOSHIYAMA, 2008, p. 15).

No processo de profissionalização observada no mercado editorial brasileiro a partir dos anos 1920 a primeira modificação que se verificou foi a separação entre livreiro e editor:

Apesar de que, até o final da década de 1920, já houvesse acontecido experiências de autonomização relativa e diferenciação progressiva dos ofícios do livro (editor, livreiro, impressor, como atividades relativamente autônomas) e seus correlativos espaços (editora, livraria, depósitos de distribuição, oficina gráfica), é fundamental considerar-se que nenhum desses ofícios e espaços estava claramente separado, ou completamente legitimado, como esfera independente possuidora de um poder específico e reconhecido. (SORÁ, 2010, p. 62).

Evidenciou-se que antes de 1920 havia um mercado editorial incipiente no Brasil, em que as funções da edição do livro eram realizadas sempre em torno de uma livraria, mormente entre grupos de escritores que tinham certas afinidades entre si, como foi o caso da Livraria Garnier. Imprescindível foi a atitude de Monteiro Lobato de criar uma cadeia de produção de livros que ia do cuidado editorial até a montagem de uma rede de distribuição pelo país. O pioneirismo de Lobato deveu-se por se

tratar de um indivíduo que, por meio da fortuna familiar e de um tipo inédito de reconhecimento intelectual (entre autor e público), fundou uma empresa centrada no trabalho editorial, sem qualquer laço com a atividade livreira. [...] experimentou todos os elementos definidores do editor e da edição, como especialização e atividade relativamente autônomas. (SORÁ, 2010, p. 55).

Mas este pioneirismo não significou sucesso econômico. Destacamos no capítulo anterior que Lobato criou em 1924 a Cia Graphico-Editora Monteiro Lobato e já em 1925 a firma faliu. Logo em seguida fundou com Octalles Marcondes Ferreira a Cia. Editora Nacional e em 1929 vendeu as suas ações da empresa ao sócio. O arrojo de Lobato como editor talvez tenha sido um dos motivos que o levaram a entrar em diversas dificuldades financeiras, agravadas pelas agruras do campo econômico e político da época. Foi o caso de, por exemplo, em 1924, a sua firma ter tido dificuldades de sobrevivência diante dos acontecimentos políticos na cidade de São Paulo e a estiagem que ocorreu no ano de 1925, que levou ao racionamento de água e energia. As dificuldades hídricas e energéticas fizeram com que as oficinas tivessem condições de trabalhar apenas dois dias da semana. A solução foi adquirir um gerador próprio, cujo gasto fez aumentar mais ainda a dívida da empresa (HALLEWELL, 1985, p. 264).

A despeito dos fracassos empresariais do autor de *Urupês*, sua ousadia serviu de pavimentação para o desenvolvimento do mercado editorial, o que já se sentiu no início da década de 1930. O ano de 1934 é muito significativo para a história editorial do país, quando a Garnier vende a loja no Rio de Janeiro para a Ferdinand Briguiet e Companhia e, em 1936, passa a se chamar Briguiet-Garnier (HALLEWELL, 1985, p. 356). No ano em que a Garnier foi repassada para a Briguiet, José Olympio, que saíra da casa Garraux em São Paulo, inaugura suas instalações no Rio de Janeiro em 03 de julho:

Tudo parecia parado em São Paulo: os efeitos da Grande Depressão sobre a vida comercial e cultural haviam sido intensificados pela Revolução Constitucionalista de 1932. O Rio, por outro lado, começava a recuperar a posição de preeminência literária e intelectual que havia perdido para a capital do café no início do movimento modernista, dez anos antes. Não apenas Zé Lins [José Lins do Rego], mas quase todo o grupo nordestino mudara-se para lá. O jovem e ambicioso editor [José Olympio] sentiu-se obrigado a fazer o mesmo. (HALLEWELL, 1985, p. 356).

José Olympio pode ser considerado um herói “pelo arrojo e a amplitude com que estimulou e editou os novos, bem como pelo estilo das capas de suas edições, criadas sobretudo por Santa Rosa⁴¹ em suas diversas fases” (CANDIDO, 2000, p. 193). Não só Olympio se destacou como editor na época no Rio de Janeiro, como houve editores iguais a Augusto Frederico Schmidt, que fundara em 1930 a Livraria Schmidt Editora que soube apreciar e reconhecer novos talentos, tornando-se o principal editor da nova geração (HALLEWELL, 1985, p. 338-339). Outra editora que se distinguiu foi a Editora Ariel, formada pelos escritores Gastão Cruls (1888-1959) e Agripino Grieco (1888-1973):

A Editora Ariel, como o nome indica, era exclusivamente editora, sem loja para vendas no varejo, mas possuía uma linha editorial mais ampla, que incluía várias obras estrangeiras traduzidas, tais como a ficção policial de Georges Simenon, livros jurídicos e obras sobre outros assuntos não literários, evitando assim o risco daquela total dependência da literatura brasileira que contribuiu para o fracasso final de Schmidt. Essa editora também publicou a revista literária mais importante daquela época, o mensário *Boletim de Ariel* (tiragem: 3.000), que ajudava a divulgar suas edições, além de ser, ele próprio, fonte de renda. (HALLEWELL, 1985, p. 344-345).

São Paulo vai aos poucos se reerguendo das consequências da Revolução Constitucionalista e reconquistando seu lugar de destaque e em 1942 já era o centro editorial do país. As editoras cariocas imprimiam em São Paulo seus livros, devido aos preços mais baixos devido ao desenvolvimento técnico, ainda com um melhor acabamento (KOSHIYAMA, 2006, p. 156).

Outras editoras importantes ganharam espaço, como a Livraria Martins Editora, que criou as coleções “Biblioteca Histórica Brasileira” e “Biblioteca de Literatura Brasileira” e se notabilizou pela beleza plástica dos volumes publicados. No sul do Brasil, a Livraria Globo destacou-se pela publicação de literatura estrangeira traduzida, tendo entre seus tradutores o escritor Érico Veríssimo. Outro fato importante foi a criação do Instituto Nacional do Livro (I.N.L.) em 1937 por iniciativa do ministro Gustavo Capanema:

estavam previstas como suas atribuições a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, a elaboração de uma enciclopédia e

⁴¹ Tomás Santa Rosa Júnior (1909-1956), cenógrafo, ilustrador, pintor e crítico de arte.

um dicionário nacionais, e finalmente, a expansão por todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas”⁴².

Em 1943 será fundada a editora Brasiliense que, para o legado editorial de Lima Barreto será fundamental, pois por ela será publicado o projeto de maior fôlego de reedição e ampliação da obra do escritor, assunto que trataremos no terceiro capítulo dessa tese.

2.2. Ampliações e modificações do legado editorial de Lima Barreto na editora O Livro de Bolso.

No primeiro volume das obras do escritor a serem publicadas pela editora O Livro de Bolso, o crítico literário e o biógrafo Elói Pontes⁴³, responsável por prefaciar e anotar os volumes, afirma:

Rui Arruda vai publicar a *obra completa de Lima Barreto*. Para isso recolheu tudo quanto andava esparso, e os romances hoje esgotados. As (sic) *recordações do escrivão Isaías Caminha* constituem o primeiro volume da série. Seguir-se-ão (sic) *O (sic) triste fim de Policarpo Quaresma*. (PONTES, 1943, p. 2. Grifos nossos).

Pelas anotações no primeiro volume da obra de Lima Barreto publicado pela O Livro de Bolso, a ordem das “Obras de Lima Barreto” seria a seguinte: “I – *Recordações do escrivão Isaías Caminha*; II – *Triste fim de Policarpo Quaresma*; III – *A vida e a morte de M. J. Gonzaga de Sá* (sic); IV – *Numa e a ninfa*; V – *Histórias e Sonhos*; VI – *Os Bruzundangas*; VII – *Bagatelas*; VIII – *Clara dos Anjos*”.

O projeto tinha como escopo apenas a reedição dos livros editados em vida pelo escritor, acrescido do romance inacabado *Clara dos Anjos*, publicado em folhetins pela revista *Souza Cruz* em 1923 e 1924. Contudo, apenas os três primeiros foram publicados. Segundo Bernardo de Mendonça, a iniciativa do trabalho da publicação da obra de Lima Barreto pela O Livro de Ouro seria realizado dentro da série “Estante Panorama”, coordenada por Rui Arruda⁴⁴ (MENDONÇA, 1993, p. 14).

Após analisarmos os três volumes que vieram a público pela editora, restaram-nos muitas dúvidas sobre a “Estante Panorama”, pois somente no volume IC1943 há a referência a essa coleção. Em PQ1943 e VM1943 constam como parte da coleção “O Livro de Bolso”. As

⁴² <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/INL>.

⁴³ Elói Pontes escreveu biografias nos anos 1930 e 1940 com títulos apelativos (*A vida inquieta de Raul Pompeia*, *A vida dramática de Euclides da Cunha* e *A vida contraditória de Machado de Assis*). Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/ed708-o-desconforto-dos-criticos-com-as-biografias>>. Acesso em 15 out. 2015.

⁴⁴ Infelizmente não conseguimos informações sobre Rui Arruda, tampouco de seus trabalhos na editora O Livro de Bolso.

lacunas na pesquisa em relação à reedição da obra de Lima Barreto não ficaram somente na questão dos títulos das coleções, mas também quanto à história da editora.

Como tentativa de recolher maiores informações sobre a Livro de Bolso, recorreremos informalmente a uma conversa via rede social com a tradutora Denise Bottmann⁴⁵ que me passou as seguintes informações: a editora foi criada em 1941 em São Paulo, e tinha uma série chamada “O Livro de Bolso”. Por volta de 1942, mudou de nome para A Bolsa do Livro e manteve “O Livro de Bolso” apenas como coleção. Segundo Bottmann, em 1944 a editora criou outra série, de formato menor, a “Colete”. Consultamos a Junta Comercial de São Paulo e obtivemos o registro de início das atividades da A Bolsa do Livro; no entanto, não há registro da dissolução da firma. Registre-se que encontramos oferta de livros desta editora no sítio eletrônico Estante Virtual com data de edição de 1954.

Dos três livros de Lima Barreto publicados pela editora, os dois primeiros, IC1943 e PQ1943, são editados pela O Livro de Bolso, cujo endereço é Rua Santo Antônio, 93 – São Paulo; já VM1943 vem a lume pela A Bolsa do Livro, situado à Rua Xavier de Toledo, 140 – São Paulo. Mesmo com estas informações, não conseguimos montar o quebra-cabeça da história desta editora.

A despeito das dificuldades de informações sobre a editora em si, há que destacarmos a importância de a obra de Lima Barreto ser republicada após duas décadas de ostracismo editorial. Ganha ainda mais relevância o fato de sua obra ser editada em uma coleção repleta de escritores do mais alto cacife da literatura universal, o que corrobora a evidência merecida da obra do escritor desaparecido em 1922. Edições de coleções são um artifício do mercado editorial que incute no público consumidor o desejo de adquirir todos os volumes de uma coleção, tornando-se um poderoso estratagema de venda. Nesses casos, as obras de um escritor dentro do esquema de coleções tornam-se populares, por serem mais acessíveis em questões de preço: “De notar o seguinte: a apresentação em série e a uniformidade de preço criam hábitos de compra que vão por sua vez funcionar como motivação de compra; a atitude seletiva do comprador rareia cada vez mais. (WELLERSHOFF, 1970). Em termos de comercialização de livros, Dieter Wellershoff afirma em relação ao formato livro de bolso e coleções, que

dentro da produção geral se encontram tentativas para conservar e reapetrechar o princípio do cânon cultural, coleções como *exempla clássica* ao *Rowohlt's Klassiker*; mas isso não passa duma cor no meio dessa policromia perturbante, informe,

⁴⁵ Denise Bottmann é responsável pelo blog “Não gosto de plágio”, especialista em analisar aspectos da tradução no mercado editorial nacional: www.naogostodeplagio.blogspot.com.

poderíamos dizer mesmo tachista, não passa duma mercadoria entre outras no imensíssimo armazém do legível. (WELLERSHOFF, 1970).

É notória a necessidade de, como qualquer outro ramo industrial, as editoras precisarem vender, o que explicita os artifícios de mercantilização, como afirma Wellershoff. Editar livros em coleções é uma dessas estratégias:

As coleções de livros são compreendidas como modalidade específica de impresso, que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção cultural: a intervenção editorial, que, por meio da reorganização dos textos, objetiva a ampliação do mercado do livro; a intervenção no campo da cultura, que é fruto da seleção e adaptação do conjunto de textos e autores, assim como da prescrição de seus usos em um programa para formação do leitor destinatário da coleção. (TOLEDO, 2010, p. 139-140).

A criação das coleções em formatos de livro de bolso na Europa remonta à história, entre outras, por exemplo, da *bibliothèque bleue*, da França, que existiu do século XVII ao XIX: “A *bibliothèque bleue* é uma fórmula editorial que vai beber no repertório de textos já publicados, aqueles que mais parecem convir às expectativas do grande público que ela quer atingir” (CHARTIER, 1994, p. 20). Outro exemplo de livros pequenos e baratos foram os *chap books* ingleses, vendidos nas ruas entre os séculos XVII e XIX. No século XX, uma das coleções de bolso de sucesso mundial foi a britânica *Penguin*, a partir de 1935: “Apesar de existirem livros em formato reduzido há vários séculos, foi no século XX, através dessas iniciativas [como a *Penguin*], que coleções surgiram assumindo esta nomenclatura e com o claro objetivo de popularizar o livro” (SOUZA & CRIPPA, 2014, p. 190).

No Brasil, as tentativas de se produzir um livro de formato mais barato incluem tentativas com a da Livraria Globo, no Sul (HALLEWELL, 1985, p. 561), como a “Coleção Globo” e “Coleção Tucano”. Em São Paulo,

após a morte de Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva, em 1944, sua firma [Saraiva] iniciou a “Coleção Saraiva” de clássicos brasileiros, em sua memória. Os volumes eram distribuídos mensalmente aos sócios de um clube do livro, o que tornava possível fazer edições de 50.000 exemplares. (HALLEWELL, 1985, p. 561).

O formato livro de bolso é atrelado a coleções que são, em sua maioria, construídas a partir de reedições de clássicos da literatura, numa tentativa de popularização dos livros comercializados através de sistema de vendas a crediário, facilitando a aquisição, instigando o desejo de colecionador a adquiri-las.

2.2.1. Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: O Livro de Bolso, 1943. 233 páginas.

A capa do livro traz um desenho a cores sem assinatura (fig. 6), que Francisco de Assis Barbosa presume ser de Belmonte⁴⁶(I: IC, p. 5); no alto, o nome do escritor e, abaixo, o título do livro centralizado. Na segunda capa, o título e mais abaixo a inscrição “O Livro de Bolso”. Na terceira capa, no alto, o nome do escritor; no centro da página, o título do livro e abaixo consta “3ª edição”. Mais abaixo ainda, a indicação “algumas palavras de Elói Pontes”. No rodapé, o nome da editora e o logotipo.

figura 6: capas das edições de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicados pela editora O Livro de Bolso, em 1943, com desenhos atribuídos a Belmonte.



No verso da terceira capa a informação “este volume é o oitavo da série ‘O Livro de Bolso’”; “Primeira edição, 1943, que é a 3ª desta obra”. O corpo do texto começa com a dedicatória a “Benedito de Souza”, tal como aparece na primeira e na segunda edições. No

⁴⁶Benedito Carneiro Bastos Barreto (1896-1947) tornou-se conhecido utilizando o pseudônimo **Belmonte**. Foi pesquisador, desenhista, pintor, caricaturista e jornalista. Começou fazendo desenhos para a revista *Alvorada* e posteriormente desenhou para a revista *Miscellanea*. Tentou conciliar a carreira de caricaturista com os estudos de medicina, porém acabou optando pelo jornalismo. Tempos depois foi contratado como caricaturista pelo jornal *Folha da Noite*. Como desenhista ilustrou diversos livros de Monteiro Lobato e Viriato Corrêa. Fonte: Disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretaria/bibliotecas/biblioteca_Belmonte/biografia/index.php?p=468. Acesso em 16 Out. 2015.

verso da página da dedicatória há a indicação das obras de Lima Barreto a serem impressas pela editora na coleção “Estante ‘Panorama’”. Apresenta-se o prefácio assinado por Elói Pontes interposto entre a dedicatória, feita por Lima Barreto, e o início do romance. Tal disposição mexe com a estrutura do legado da obra, pois consideramos a dedicatória como parte do texto do autor.

Na contracapa do romance apresenta-se a frase “Quem é Lima Barreto”, seguido dos trechos da crítica de Agripino Grieco, Antônio Torres, Oliveira Lima e Jackson de Figueiredo sobre o escritor. Em se tratando do primeiro livro de Lima Barreto a ser publicado na coleção, estes trechos da crítica sobre o autor é uma marca de distinção da obra limabarretiana. Clara manifestação de publicidade, a intenção é a de colocar o escritor e sua obra em condições de igualdade com os demais nomes da coleção, com isso fomentando a necessidade de adquirir as publicações da editora.

2.2.2. *Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: O Livro de Bolso, 1943. 253 páginas.**

PQ1943 apresenta-se com a capa constituída por um desenho a cores sem assinatura, também atribuído a Belmonte por Francisco de Assis Barbosa (II: PQ, p. 6); no alto, o nome do escritor e, abaixo, o título do livro centralizado. A segunda capa traz no alto, centralizado, o nome do autor; abaixo o título do livro com a indicação “3ª edição; mais abaixo, consta “Antes do romance’ de Elói Pontes”; no rodapé, a inscrição “O Livro de Bolso” juntamente com o logotipo da editora. No verso da segunda capa temos a indicação de que o volume “é o décimo da série ‘O Livro de Bolso’”. Interessante é o que se segue: “Primeira edição, 1943, que é a 3ª desta obra”. Esquisitice da indicação à parte, temos que apontar o equívoco: não se trata de 3ª edição da obra, mas sim, a 2ª edição. Comprova-se o lapso verificando que após a 1ª edição, de 1915, não houve outra edição, nem mesmo reimpressão de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Na terceira capa, apenas o título centralizado no centro da página e a marca “O Livro de Bolso”.

No verso da terceira capa, há a relação de obras de Lima Barreto, constituídas pelas obras publicadas em vida pelo autor, acrescida do romance inacabado *Clara dos Anjos*, com a inversão de ordem cronológica entre *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Numa e a Ninfa*. Acreditamos que esta seria a disposição dos exemplares que editar-se-iam pela O Livro de Bolso, como descrevemos em 2.2., supra. Outro equívoco que encontramos aqui é a informação de que “este livro não é um resumo do original, é o livro completo”. Embora não seja resumo, tampouco é completo, pois em relação à edição original, foram suprimidos os

sete contos publicados na 1ª edição, em 1915; não há, contudo, justificativa para a supressão. Mantiveram-se a dedicatória a João Luiz Ferreira, como na primeira edição, e a epígrafe original; porém, como no caso de IC1943, o prefácio de Elói Pontes interpõe-se entre a epígrafe e o início do romance, constituindo uma alteração no formato original da obra.

Na folha anterior à segunda capa, há a informação: “Na coleção ‘O Livro de Bolso’ serão apresentadas obras primas de grandes escritores nacionais e estrangeiros”. Abaixo desta, os nomes dos escritores a serem publicados na série: “Anatole France, Alphonse Daudet, Alexandre Herculano, Aldous Huxley, Abade Prèvest, Alexandre Dumas, Alfred de Musset, Anita Loos, Andersen⁴⁷, Cervantes, C. Collodi, Ch. Dickens, Cronin, Charlotte Bronte, Coelho Neto, Conan Doyle, Camille Mauclair, Dorothea Brande, Dostoievsky, Émile Zola, Edgard Wallace, Edgard Allan Poe, Edmond Rostand, Elinor Glyn, F. Nietzsche, Gustave Flaubert, Guerra Junqueiro, Guy de Maupassant, Gogol, George Sand, Hans Staden, H. Balzac, Henry Murger, Irmãos Grimm, José de Alencar, Jack London, J. M. Macedo, Jane Austen, Lima Barreto, Leon Tolstoi, Lewis Carroll, Marejkowsky, Monteiro Lobato, Mark Twain, Marcel Prèvest, Máximo Gorki, Maeterlinck, Oscar Wilde, Oppenheim, Octave Mirabeau, Prosper Mérimée, Paul de Kruif, Pierre Lote, Pierre Louys, Romain Rolland, Rudyard Kipling, Stevenson, Somerset Maughan, Stendhal, Sienckiewicz, Thomas Hardy, Thomas Mann, Van Loon, Victor Hugo, Vargas Vila, V. Margueritte e Walter Scott”. A lista acima com Lima Barreto sendo publicado entre os grandes sucessos da literatura universal é indicativo da importância que a obra do escritor adquirira, tornando-se objeto de interesse da reedição de suas obras, corroborando a nossa observação em 2.2.1, quanto aos trechos da crítica sobre a obra do escritor, trazida na contracapa de IC1943.

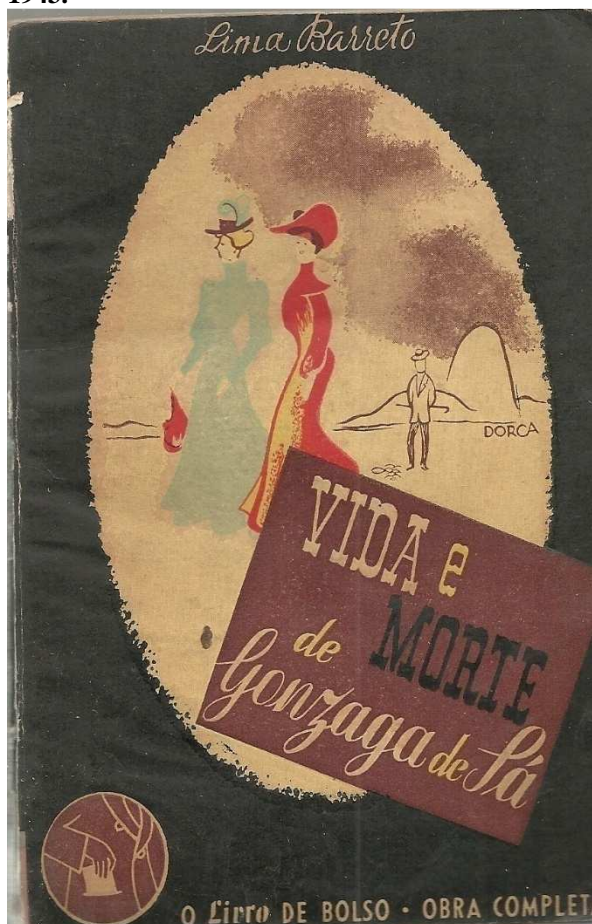
Contudo, fica-nos uma dúvida em relação ao objetivo, não realizado pela editora, que desejava reeditar as obras do escritor: onde seriam colocados os contos suprimidos em PQ1943. Pelo formato da coleção e pelas evidências de uniformização dos volumes, estes contos seriam realmente “esquecidos”, não vindo a lume em volume algum da editora. É a primeira manifestação de interferência no legado editorial do escritor, corroborando nossa tese da bagatelização de fato da obra limabarretiana, que prenunciamos no capítulo anterior, por parte dos editores após a morte do escritor.

⁴⁷ Reproduzimos *ipsis litteris* a maneira como foram impressos os nomes dos autores.

2.2.3. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá**. São Paulo, 1943. 191 páginas.

Terceiro e último livro de Lima Barreto a ser publicado pela editora O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro⁴⁸, VM1943 traz também um desenho a cores na capa, assinado por Dorca, (figura 7), mas com traços e contornos diferentes dos de IC1943 e PQ1943. As figuras humanas neste desenho são mais estilizadas em tons mais suaves, com representação de duas mulheres à frente e ao fundo a imagem de um homem, apenas com contornos de sua face; como pano de fundo, um esboço do litoral carioca com o morro do Pão de Açúcar. Ao contrário de IC1943 e PQ1943, a cena retratada é externa e contém uma moldura ovalada em negro. Chama a atenção para o título incompleto do título, *Vida e morte de Gonzaga de Sá*, que talvez tenha como objetivo esconder na capa o cacófono implicado nas iniciais M. J. que pode ser pronunciado, em tom de brincadeira, cremos, como “mijota”.

Figura 7: Capa do livro *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* publicado pela editora O Livro de Bolso em 1943.



⁴⁸ Aqui já constatamos que se trata da nova designação da editora O Livro de Bolso, pois na contracapa está marcado como A Bolsa do Livro, com endereço de Rua Xavier de Toledo, 140, São Paulo.

Na segunda capa, há a apresentação do nome do autor, o título, agora correto; indica a obra como “3ª edição” e no rodapé a anotação de “algumas palavras de Eloy Pontes”. No verso afirma-se que “este volume é o décimo primeiro da série” e “3ª edição desta obra”, cujo apontamento implica em outro equívoco, pois não há outra edição além da de 1919, a primeira. Na sequência apresentam-se o prefácio de Elói Pontes, “A advertência” de Lima Barreto e a “Explicação necessária”. Na contracapa, a relação das obras publicadas na coleção “O Livro de Bolso”: 1) *Iracema* – José de Alencar; 2) *Contos fantásticos* – Edgar Allan Poe; 3) *Vida boêmia* – H. Murger; 4) *Crime e castigo* – Dostoievsky; 5) *Carmen* – Prosper Merimée; 6) *Novelas extraordinárias* – Edgard Allan Poe; 7) *Vocabulário ortográfico moderno* – Prof. Ipê de Campos; 8) *Recordações do escrivão Isaías Caminha* – Lima Barreto; 9) *Dicionário inglês-português* – H. H. Binns; 10) *Triste fim de Policarpo Quaresma*; 11) *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* – Lima Barreto; 12) *Aventuras de Artur Gordon Pym*– Edgard Allan Poe.

A publicação dos três livros de Lima Barreto pela O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro constituiu a primeira tentativa de reedição da obra limabarretiana, uma perspectiva de se ampliar o legado editorial do escritor. Não obtivemos informações dos motivos pelos quais não foram publicados os demais livros, nem mesmo se a editora conseguiu colocar todos as obras dos outros escritores que anunciara; isso, lamentavelmente, deixa uma coluna a ser preenchida em nossa pesquisa.

Apesar da atitude louvável da O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro ter tirado Lima Barreto do ostracismo editorial e tê-lo publicado ao lado de grandes nomes da literatura universal, temos que assinalar o processo de bagatelização pelo qual passará a obra do escritor nas mãos dos organizadores e editores após 1923. Os sete contos publicados originalmente junto com o romance são suprimidos sem justificativas. Se Lima Barreto, em vida, sofreu com os descasos dos editores, a história se repetiu com a publicação póstuma de sua obra. As edições de IC1943, PQ1943 e VM1943 são o início da bagatelização de fato, da “bruzundanguização” do legado editorial de Lima Barreto.

Tomamos o termo bruzundanguização para nos referirmos aos desencontros que serão realizados nas edições póstumas do escritor. Se já demonstramos que a ideia de bagatelização das edições em vida do escritor estava mais na concepção satírica que o escritor usou para a publicação de *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, com os editores após 1923 essa ideia será outra: a intenção satírica dos títulos e da pseudobagatelização de Lima Barreto serão substituídas pela real bagatelização dos editores e organizadores, o que transforma as edições a partir de 1943 em uma bruzundanguização, ou seja, uma balbúrdia editorial, que chega mesmo à

desfiguração de algumas obras. Acentuam-se esses problemas a partir de 1948, quando outro projeto de reedição e ampliação do legado editorial do escritor foi aventado. Esse será o objeto dos próximos tópicos, em que analisaremos a reedição e a ampliação do legado livresco de Lima Barreto pelas Editoras Mérito S.A. e Gráfica e Editora Brasileira entre 1948 e 1953.

2.3. As edições da Editora Mérito e da Gráfica Editora Brasileira entre 1948 e 1953.

Após a publicação das três obras de Lima Barreto pela O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro, a ideia de se reeditar toda a obra de Lima Barreto será gestada pela Livraria Editora Zélio Valverde, o que se pretendia fazer “numa bela edição, ilustrada pelo desenhista Caribé” e em cada volume “com um ensaio assinado por um grande escritor contemporâneo” (I: IC, p.21).

O consultor literário da Zélio Valverde era o paulista Francisco de Assis (1914-1991), que foi incumbido de entrar em contato com a família de Lima Barreto. Barbosa ocupará um papel de maior destaque nas edições do escritor, tornando-se o principal organizador da obra limabarretiana após 1948. Paulista de Guaratinguetá, nascido em 1914, formou-se em Direito no Rio de Janeiro em 1935 e foi redator de *A Nação*, além de trabalhar em outros periódicos como os jornais paulistas *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*. Dentro do campo editorial foi um dos promotores do *I Congresso Brasileiro de Escritores*, em São Paulo, em 1945. Foi, também, consultor literário da Zélio Valverde, assessor de W. M. Jackson Editores e da *Encyclopedia Britannica do Brasil*, além de fazer parte do corpo de editores da *Enciclopédia Mirador Internacional*⁴⁹.

Ao entrar em contato com a família de Lima Barreto, Barbosa teve acesso ao que restara dos arquivos do escritor, o que,

apesar de desfalcado [o arquivo] para não dizer empastelado, fomos encontrá-lo, a tempo de ser salvo, nos baixos de um guarda-comida, na residência da irmã do escritor, no subúrbio de Todos os Santos. A biblioteca extraviara-se. Agradecida a José Mariano Filho, que custeara as despesas do enterro [de Lima Barreto], a família entregara-lhe os oitocentos e tantos volumes da coleção “Limana”, assim chamada pelo próprio romancista, num misto de ternura e ironia, muito de seu feito e temperamento. (I: IC, p. 22).

Os livros estavam perdidos, pois “José Mariano não dera maior valor ao presente” (I: IC, p. 22). Dos arquivos, porém, restaram “uns setenta por cento”, segundo Barbosa.

O projeto de reedição da obra de Lima Barreto não será levado ao fim por Zélio Valverde, por motivos de liquidação de sua casa editora. Diante desta impossibilidade,

⁴⁹ Cf. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, vol. 1, p. 296-297 e BARBOSA, 1975, p. 6.

Valverde colocou em contato a família de Lima Barreto com a firma W. M. Jackson Inc. Editores por

intermédio de A. H. Robertson, que dirigia o “O Livro do Mês”, ligado àquela empresa. Homem culto e inteligente, Robertson compreendeu, desde logo, o alcance da sugestão, dispondo-se a assinar contrato para a edição das obras de Lima Barreto, em dez volumes, excluindo, porém, a parte relativa à *Correspondência*. Ora com a chancela da Editora Mérito, ora com a da Gráfica Editora Brasileira, começaram a aparecer os volumes, na seguinte ordem: I-*Clara dos Anjos*, 1948; II-*Triste fim de Policarpo Quaresma*, 1948; III-*Recordações do escrivão Isaías Caminha*, 1949; IV-*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1949; V-*Numa e a ninfa*, 1950; VI-*Histórias e Sonhos*, 1951; VII-*Bruzundangas*, 1952; VIII-*Feiras e Mafuás*, 1953; IX-*Marginália*, 1953; X-*Diário Íntimo*, 1953. (I: IC, p. 22-23).

No entanto, o projeto inicial sofreu alterações quando Robertson foi afastado da Jackson e acarretou mudanças naquilo que havia sido planejado. Apenas os quatro primeiros volumes da reedição conseguiram sair conforme o planejado, com uma revisão acurada. Segundo Barbosa, “os demais deixaram muito a desejar, dada a má vontade manifesta dos editores, desgostosos do ‘mau negócio’ que haviam feito, principalmente pelo tom antiamericano de certas passagens da obra do romancista” (I:IC, p. 23). As editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira, já se percebeu, pertenciam à norte-americana W. M. Jackson, que foi responsável pela reedição das obras de Machado de Assis, e teve êxito em venda direta de coleções de livros a prestações (HALLEWEEL, 1985, p. 289-290) e também famosa pela coleção *Clássicos Jackson*.

A publicação pelas editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira foi responsável pela primeira ampliação e interferências no legado editorial limabarretiano. Os próximos tópicos têm como objetivo descrever minuciosamente a montagem de cada um dos dez volumes publicados entre 1948 e 1953, especificando as alterações sofridas, tanto na ampliação como nas interferências realizadas.

2.3.1. Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1948.

Segundo “nota do editor”, a publicação de CA1948 pela Editora Mérito “é a primeira edição de *Clara dos Anjos*, novela que saiu publicada, após a morte de Lima Barreto, em dezesseis números da *Revista Souza Cruz*, de janeiro de 1923 a maio de 1924, precisamente” (CA1948, p. 7). Mais abaixo, na mesma “nota” afirma que se repete o texto dos folhetins por terem se extraviados os manuscritos da obra (CA1948, p. 7). Na sequência apresentam-se os dados biográficos de Lima Barreto e o prefácio assinado pela crítica literária e tradutora Lúcia Miguel-Pereira (1901-1959).

CA1948 é o primeiro livro inédito de Lima Barreto publicado após sua morte e o segundo volume de sua obra que traz modificação no legado editorial: são publicados como apêndice os sete contos originalmente vindos a lume na primeira edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O primeiro volume das obras de Lima Barreto a sofrer modificações no legado editorial foi PQ1943, com a supressão dos sete contos publicados originalmente na primeira edição da obra (cf. 2.2., supra). Portanto, *Clara dos Anjos* publicada pela primeira vez em livro representa o primeiro caso de ampliação, e o segundo a trazer modificações no legado livresco limabarretiano.

Essas e outras modificações, que apontaremos no decorrer desta pesquisa, serão recorrentes nas edições após 1923 da obra do autor, e nem sempre os critérios para tais procedimentos são convincentes, como no caso de CA1948, que informa: “para completar o volume, acrescentou-se a esta edição a admirável coleção de contos, que figura na primeira edição do *Triste fim de Policarpo Quaresma*”. Ou seja, os intercâmbios de textos entre os volumes servem só para que os livros da coleção tenham o mesmo tamanho. Assim, CA1948 é uma edição heterogênea por ser composta de romance e contos.

2.3.2. *Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1948.**

Segundo volume das publicações da obra de Lima Barreto pelas editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado pela primeira vez em 1915, não traz os sete contos editados originalmente como apêndice ao romance, não havendo, contudo, explicações para que os mesmos fossem retirados do volume e transferidos para CA1948 (cf. 2.3.1).

Consoante a “nota do editor, PQ1948 é

quarta edição do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, uma das obras-primas da literatura brasileira, que foi recentemente escolhida como “Livro Dividendo”, para distribuição exclusiva entre os associados do “Livro do Mês”. A fim de que o grande público não se prive da leitura do *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, obra de há muito esgotada, resolveu a Editora Mérito S. A. promover mais esta edição do romance de Lima Barreto, certa de que, assim, estará contribuindo para o desenvolvimento da cultura e do bom gosto literário em nosso país. (PQ1948, p. 7).

Os livros da coleção “Livro do Mês” eram editados pela Gráfica Editora Brasileira e distribuídos a assinantes fixos. A cada seis meses era distribuído o “Livro Dividendo” gratuitamente. Portanto, temos em 1948 duas edições de *Triste fim de Policarpo Quaresma*: uma publicada pela Gráfica Editora Brasileira, através da coleção “Livro do Mês”, e outra pela Editora Mérito. A nota “obras do autor” informa:

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA. Publicado em folhetins do *Jornal do Comércio* (edição da tarde), Rio de Janeiro, 1911. 1ª edição. Rio de Janeiro, Revista dos Tribunais, 1915. 2ª edição. São Paulo, O Livro do (sic) Bolso, s. d. 3ª edição. São Paulo, Gráfica Editora Brasileira, 1948. (Impresso especialmente para o “Livro do Mês”.) 4ª edição. Rio de Janeiro, Editora Mérito S. A., 1948. (PQ1948, p. 5).

O prefácio da obra é a reprodução de artigo assinado pelo escritor e crítico [Manoel] Oliveira Lima (1867-1928) publicado n’*O Estado de São Paulo* em 13 de novembro de 1916. Como já mencionado, PQ1948 sofre interferências em relação ao legado editorial, transformando-se em edição homogênea, composta apenas por romance.

2.3.3. *Recordações do escrivão Isaiás Caminha. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1949.**

Terceiro livro na ordem de publicações da obra limabarretiana pela Mérito e Gráfica Editora Brasileira, IC1949 é a quarta edição do romance e traz o prefácio do organizador da coleção, Francisco de Assis Barbosa, e não há modificações em relação à última edição preparada por Lima Barreto, em 1917, mantendo-se como edição homogênea.

2.3.4. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1949.**

O volume, que pelo critério de citação nessa tese chamamos de VM1949, trouxe os primeiros contos inéditos de Lima Barreto. Francisco de Assis Barbosa, portanto, interferiu mais uma vez no legado editorial do autor transformando uma edição homogênea em edição heterogênea. A “nota do editor” informa que “é esta, portanto, a quarta edição do *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Ao fim do presente volume, acrescentou-se uma coletânea de contos de Lima Barreto, extraídos de jornais e revistas da época, que ainda não tinham sido publicados em livro” (VM1949, p. 7). O organizador incorre em erro ao imputar 4ª edição para a obra; deve, com certeza, ter considerado que a reimpressão feita por Monteiro Lobato como nova edição, o que sabemos se tratar apenas de uma reimpressão com nova capa, conforme dispomos no primeiro capítulo (cf. 1.1.4). Ainda, o organizador não ofereceu também os critérios pelos quais resolveu acrescentar os dezoito contos no volume VM1949.

São os seguintes contos publicados em VM1949, colocados no quadro abaixo:

Quadro 5 – relação de contos acrescentados à edição de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, publicado pela Editora Mérito em 1949.

01. “Três gênios de secretaria”. <i>Brás Cubas</i> , 10 abr. 1919.	10. “O tal negócio de ‘prestações’”. <i>O Malho</i> , 10 jan. 1920.
02. “O único assassinato de Cazuza”. <i>Revista Souza Cruz</i> , fev. 1922.	11. “O meu carnaval”. <i>Careta</i> , 08 jan. 1921.
03. “O número da sepultura”. <i>Revista Souza Cruz</i> , mai. 1921.	12. “Fim de um sonho”. <i>Careta</i> , 21 jan. 1922.
04. “Manuel Capineiro”. <i>Era Nova</i> , 21 ago. 1915.	13. “Lourenço, o magnífico”. <i>Careta</i> , 05 mar. 1921.
05. “Milagre do Natal”. <i>Careta</i> , 24 nov. 1921.	14. “O falso D. Henrique V (Episódio da história da Bruzundanga)”.
06. “A sombra do Romariz”. <i>Careta</i> , 14 jan. 1922.	15. “Eficiência militar (Historieta chinesa)”. <i>Careta</i> , 09 set. 1922.
07. “Quase ela deu o ‘sim’; mas...”. <i>Careta</i> , 29 jan. 1921.	16. “O pecado”. <i>Revista Souza Cruz</i> , ago. 1924.
08. “Foi buscar lâ...”. <i>América Brasileira</i> , mai. 1922.	17. “Um que vendeu a alma”. <i>Primavera</i> , jul. 1913.
09. “O jornalista”. <i>Revista Souza Cruz</i> , jul. 1921. ⁵⁰	18. “Carta de um defunto rico”. <i>A. B. C.</i> , 22 jan. 1921.

Vemos que não há uma apresentação de cronologia das publicações dos contos nos jornais e revistas, traço característico da junção de textos curtos por parte do organizador Francisco de Assis Barbosa.

2.3.5. *Numa e a ninfa. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira S.A., 1950.**

O volume, aqui citado como NN1950, promove modificações ao legado editorial do livro, como a supressão do subtítulo “romance da vida contemporânea”. Em relação às publicações anteriores da Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira, este livro não apresentou prefácio como nos demais, fato já indicado por Francisco de Assis Barbosa, o qual citamos anteriormente (cf. 2.3., supra). Outra ocorrência em relação à edição original foi a inclusão de quatro capítulos da intitulada *Aventuras do Dr. Bogoloff*, que, segundo as “notas do editor”, tratou-se de

publicação semanal (às terças-feiras), como se lê na folha de rosto do fascículo primeiro – que começaram a aparecer em fins de 1912, segundo as notas constantes dos cadernos de apontamentos do escritor.

Publicaram-se das *Aventuras* apenas dois capítulos: primeiro, “Fiz-me, então, diretor da Pecuária Nacional”; e o segundo, “Como escapei de salvar o Estado de Carapicus”. Dois outros capítulos, entretanto, já estavam concluídos: o terceiro, “Dei

⁵⁰ Dedicatória a Ranulfo Prata (1896-1942), escritor e médico sergipano, autor de *O Triunfo* (1918), *Dentro da Vida* (1925) entre outros. Foi clínico em Mirassol, interior de São Paulo, onde Lima Barreto passou uma temporada em 1921 a convite do amigo e médico.

alguns planos e pintei a batalha de Salamina”; e o quarto, “Fui um momento Sherlock Holmes”. (NN1950, p. 5).

Portanto, à obra *Numa e a ninfa*: romance da vida contemporânea publicada em 1915 em folhetins pelo jornal *A Noite* e depois em livro em 1917, o organizador Francisco de Assis Barbosa juntou mais quatro episódios, dois que haviam circulados em fascículos pelas bancas de jornal a partir de 1912 e dois inéditos das *Aventuras do Dr. Bogoloff*. Chama a atenção mais uma vez que o editor e organizador não revela os critérios pelos quais se norteou para juntar ao romance, à *clef*, *Numa e a ninfa* os textos satíricos de *Aventuras do Dr. Bogoloff*. O fato é que, mais uma vez, há uma interferência no legado editorial limabarretiana, transformando uma edição homogênea em heterogênea, composta de uma romance e quatro episódios picarescos.

2.3.6. *Histórias e Sonhos. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1951.**

Das edições realizadas entre 1948 e 1953, capitaneadas por Francisco de Assis Barbosa, o volume HS1951 é o que traz o maior número de textos inéditos de Lima Barreto. No entanto, não são apenas estas as modificações em relação ao legado editorial de *Histórias e Sonhos*, mas mudanças também na relação dos textos da primeira edição. Isso acontece pela supressão de dois textos publicados na edição original, “Sua Excelência” e “A matemática não falha”, explicada pelo organizador porque “figuraram em outras peças do autor, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, respectivamente” (HS1951, p. 5). Além dessa interferência, outras duas partes foram introduzidas no volume.

Com a supressão dos dois textos referidos anteriormente, HS1951 é composta por dezessete contos. As outras duas partes que compõem o volume são formadas por textos inéditos em livro. A segunda parte é intitulada *Outras Histórias* compostas pelos seguintes textos, distribuídos no quadro abaixo:

Quadro 6 – relação de contos inseridos na segunda parte de *Histórias e Sonhos*, 2ª edição, publicado pela Gráfica e Editora Brasileira, intitulada *Outras Histórias*.

01. “Por que não se matava”	09. “O caçador doméstico”
02. “Ele e suas ideias”	10. “Uma academia da roça”
03. “Numa e a Ninfa”	11. “A mulher do Anacleto”
04. “Uma conversa”	12. “Dentes negros e cabelos azuis”
05. “A cartomante”	13. “A doença do Antunes”

06. “O cemitério”	14. “A indústria da caridade”
07. “Na janela”	15. “Casa de poetas (comédia em um ato)”
08. “Despesa filantrópica”	16. “Os negros (esboço de uma peça)” ⁵¹

A terceira parte do livro é intitulada *Contos Argelinos*, cujo teor é explicado pelo organizador: “são uma série de historietas da política e da vida carioca. É verdade que nem todas foram dadas a lume com esse nome, mas o editor entendeu de reuni-las sob o mesmo título, tendo em vista o mesmo espírito satírico, que as anima” (HS1951, p. 5). Dispomos, então, os contos desta parte, numerados como capítulos de I a XLVII, no quadro abaixo:

Quadro 7 – relação de contos publicados na 3ª parte de *Histórias e Sonhos*, 2ª edição, publicado pela Gráfica e Editora Brasileira, intitulada *Contos Argelinos*.

I. “S. A. I. Jan-Ghote”	XXV. “O ideal”
II. “El Kazenadji”	XXVI. “A fraude eleitoral”
III. “O Juramento”	XXVII. “As teorias do Dr. Caruru”
IV. “A firmeza de Al-Bandeirah”	XXVIII. “O anel de Perdicas”
V. “O desconto”	XXIX. “O congraçamento”
VI. “A solidariedade de Al-Bandeirah”	XXX. “Nós! hein?”
VII. “O reconhecimento”	XXXI. “Um debate acadêmico”
VIII. “O oráculo”	XXXII. “Coisas parlamentares”
IX. “A chegada”	XXXIII. “Os Kalogheras”
X. “Um candidato”	XXXIV. “Conservou o fêz”
XI. “Um bom diretor”	XXXV. “Arte de governar”
XII. “Os quatro filhos d’Aimon”	XXXVI. “O destino do Chaves”
XIII. “A consulta”	XXXVII. “Uma opinião de peso”
XIV. “Que rua é essa?”	XXXVIII. “O poderoso Dr. Matamorros”
XV. “Abertura do congresso”	XXXIX. “Um fiscal de jogo”
XVI. “Medidas de S. Excia”	XL. “Boa medida”
XVII. “Uma anedota”	XLI. “Falar inglês”
XVIII. “A nova glória”	XLII. “Manifestações políticas”
XIX. “Era preciso...”	XLIII. “Na avenida”
XX. “Faustino I”	XLIV. “Rocha, o guerreiro”

⁵¹ Não há em nenhum dos textos a indicação de data e/ou periódico da publicação original, com exceção ao texto “Os negros”, que consta ao final a expressão “Lauus Deo!” E a data 21 Set. 1905.

XXI. “O rico mendigo”	XLV. “Um do povo”
XXII. “Projeto de lei”	XLVI. “Hóspede ilustre”
XXIII. “Firmeza política”	XLVII. “Interesse público”
XXIV. “Cincinato, o romano”	

Em resumo, HS1951 é um volume que trouxe modificações significativas à edição original de *Histórias e Sonhos* por ter suprimido dois textos e acrescentados outros 65, expandindo o legado editorial de Lima Barreto.

2.3.7. *Bruzundangas. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1952.**

BR1952 é mais um dos volumes montados por Francisco de Assis Barbosa e, conseqüentemente, com modificações em relação ao que foi deixado por Lima Barreto quando da publicação da edição original, em 1922. As interferências são igualmente com acréscimos de textos, colocando na edição mais uma parte com textos inéditos em livros do escritor.

Além da inclusão de uma outra parte com textos inéditos, Barbosa interfere no título da obra original suprimindo o artigo definido “os” constante na edição de 1922, cunhando o volume como *Bruzundangas*. E na primeira parte do volume, apresenta o título de “Notas sobre a República das Bruzundangas”. A diferença é explicada por Francisco de Assis Barbosa remetendo-se a artigo publicado por Raimundo Magalhães n’A *Tribuna* em 12 de dezembro de 1922, em que o articulista protestou contra a atitude de Jacinto Ribeiro dos Santos ter segurado por tanto tempo a publicação de *Os Bruzundangas* e tê-lo feito após a morte do escritor, aproveitando-se do ensejo para lucrar com a edição:

Protestara Raimundo não só contra o expediente do editor, “homem de imenso tino comercial”, como pela compra definitiva dos direitos autorais por uma quantia insignificante, mesmo àquela época, e ainda pelo que chamou “afrontosa e imbecil adulteração do título”, o qual deveria ser, de acordo com repetidas referências e alusões à obra, ouvida “da boca de Lima Barreto”: *Uma província da Bruzundanga*. (BR1952, p 6).

Ao que retruca Barbosa em relação ao título mencionado por Magalhães, pois “Lima Barreto havia falado primeiro em Império (1911), depois em República (1917), mas nunca em Província da Bruzundanga” (BR1952, p. 6). Segue Barbosa explicando que se trata de uma nação dividida em várias províncias e que o próprio Lima Barreto se referiu em carta a Almáquio Cirne em 1921, em que o escritor reclamava da demora de Jacinto Ribeiro dos Santos em colocar as “Notas sobre a República das Bruzundangas” (BR1952, p. 6-7).

Se o título causa estranheza, ocorre outras diferenças entre o legado editorial do livro e a edição de 1952. Mantém-se o prefácio de Lima Barreto, datado de 02 de setembro de 1922, contudo alguns capítulos tiveram a locução adjetiva “da Bruzundanga” suprimida em BR1952, como nos casos de “As riquezas”, “O ensino” e a “Diplomacia”. Além do mais, textos inéditos são acrescentados na primeira parte do volume, conforme explicação do organizador:

as crônicas que não constam na primeira ou na segunda tiragem *Bruzundangas*, vão devidamente anotadas, com a indicação das revistas ou dos jornais que as estamparam. Outras notas têm como única e exclusiva finalidade auxiliar o leitor, na compreensão do texto, às vezes propositadamente confuso, quando Lima Barreto satiriza de maneira mais viva a política e os políticos do Brasil de antes da Revolução de 1930. (BR1952, p. 7-8).

Colocamos no quadro abaixo os textos com a anotação de data de publicação e periódico de origem:

Quadro 8 – relação de crônicas acrescentadas na primeira parte de *Bruzundangas*, edição de 1952 pela Editora Mérito.

01. “Ainda sobre as letras”. <i>O Parafuso</i> , 12 Mar. 1919.	04. “Rejuvenescimento (Crônica militar)”. <i>Careta</i> , 19 mar. 1921.
02. “A arte”. <i>A. B. C.</i> , 07 set. 1919.	05. “No Salão da Marquesa”. <i>Careta</i> , 05 nov. 1921.
03. “Lei de Promoções (Crônica militar)”. <i>Careta</i> , 29 jan. 1921.	06. “Outras notícias”. <i>A. B. C.</i> , 23 nov. 1918.

É evidente neste quadro a interferência do editor no legado editorial do escritor, além de ferir o que consideramos fundamental em edições póstumas: a preservação do máximo da vontade do escritor enquanto vivo. Afirmamos isso ao constatar que Lima Barreto quando organizou os textos para a publicação de *Os Bruzundangas*, publicado em 1922, o fez com as crônicas publicadas no periódico *A. B. C.*, conforme constatamos no primeiro capítulo desta pesquisa (cf. 1.1.6.). O organizador, então, junta aos textos publicados originalmente no periódico *A. B. C.* outras peças que vieram a lume por outros jornais e revistas, como *A Careta* e *O Parafuso*.

É mais um indício que a bagatelização das edições limabarretianas são mais de reponsabilidade dos organizadores, e não do escritor. Este, já vimos, tinha um objetivo claro de demonstrar sua insatisfação com o mercado editorial através da ironia e da sátira, o que justificou os títulos *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*; porém, os editores e organizadores vão transformando um projeto coerente em uma verdadeira confusão editorial. Em outros termos,

podemos afirmar, vai de uma de bagatelização irônica para uma bagatelização de fato, o que transformou as edições em uma bruzundanguização editorial.

A segunda parte do volume BR1952 é intitulada *Coisas do Reino de Jambon* e constitui-se pelos textos abaixo, colocados em quadro:

Quadro 9 – relação de artigos e crônicas que compõem *Coisas do Reino de Jambon*, segunda parte do livro *Bruzundangas*, publicado pela Editora Mérito em 1952.

01. “Coisas do Jambon”. <i>Careta</i> , 30 jul. 1921	25. “O serviço das eleições”. <i>Careta</i> , 28 ago. 1915.
02. “Encrencas nacionais”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920	26. “Eleições”. <i>Careta</i> , 26 fev. 1921.
03. “Defesa da pátria”. <i>Careta</i> , 21 ago. 1915	27. “O reconhecimento”. <i>Careta</i> , 09 abr. 1921.
04. “Festas nacionais”. <i>Careta</i> , 29 nov. 1919	28. “Escola de Deputados”. <i>Careta</i> , 22 mai. 1915.
05. “Coisas administrativas”. <i>Careta</i> , 17 jan. 1920.	29. “Fato inédito”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920.
06. “O Império de Petrópolis”. <i>Careta</i> , 22 jan. 1921.	30. “Escola de enfermeiras”. <i>Careta</i> , 25 mar. 1922.
07. “A casa dos espantos”. <i>Atualidade</i> , 20 jul. 1919.	31. “O Café”. <i>Careta</i> , 26 jun. 1915.
08. “A importância da dança no intercâmbio comercial”. <i>A. B. C.</i> , 08 out. 1921.	32. “A defesa do Sr. Café (uma subscrição)”. <i>Dom Quixote</i> , 01 ago. 1917.
09. “Lei de imprensa”. <i>Careta</i> , 05 ago. 1922	33. “O que se dirá ‘deles’”. <i>Careta</i> , 18 fev. 1922.
10. “Arte de Vatel”. <i>Careta</i> , 30 out. 1920.	34. “Depois de velho”. <i>Careta</i> , 02 out. 1915.
11. “A amanuensa”. <i>A. B. C.</i> , 05 out. 1918	35. “Os jornais dos Estados”. <i>Correio da Noite</i> , 14 jan. 1915.
12. “O nosso feminismo”. <i>Careta</i> , 16 abr. 1921	36. “A pecuária”. <i>Correio da Noite</i> , 10 mar. 1915.
13. “O Dr. Frontin e o feminismo”. <i>Careta</i> , 14 fev. 1920.	37. “Nova reforma”. <i>Careta</i> , 07 ago. 1915.
14. “Voto feminino”. <i>Careta</i> , 09 jul. 1921.	38. “Colônia carioca”. <i>Careta</i> , 09 out. 1915.
15. “A polianteia das burocratas”. <i>Rio-Jornal</i> , 26 e 27 set. 1921.	39. “Amor, cinema e telefone”. <i>Careta</i> , 24 jan. 1920.
16. “Legião da mulher brasileira”. <i>A. B. C.</i> , 27 mar. 1920.	40. “A moda feminina”. <i>Careta</i> , 31 jan. 1920.
17. “O feminismo invasor”. <i>A. B. C.</i> , 21 jan. 1922.	41. “Tribunal histórico republicano”. <i>Careta</i> , 24 jan. 1920.
18. “O feminismo em ação”. <i>Careta</i> , 08 abr. 1922.	42. “O Rei e a Galeota”. <i>Careta</i> , 23 out. 1920.
19. “O patriotismo”. <i>Correio da Noite</i> , 21 dez. 1914.	43. “Atribuições de um autor”. <i>Careta</i> , 10 set. 1921.
20. “Reflexões”. <i>Correio da Noite</i> , 22 dez. 1914.	44. “O centenário”. <i>Careta</i> , 30 set. 1922.
21. “A Amazônia”. <i>Correio da Noite</i> , 08	45. “Congressos”. <i>Careta</i> , 07 out. 1922.

jan. 1915.	
22. “O momento”. <i>Correio da Noite</i> , 03 mar. 1915.	46. “Dissidências”. <i>Careta</i> , 05 jan. 1924.
23. “Os pintores”. <i>Correio da Noite</i> , 05 mar. 1915.	47. “Negócio de maximalismo”. <i>Careta</i> , 20 set. 1919.
24. “Oposição jornalística”. <i>Careta</i> , 18 set.1915.	

Analisando o quadro, verificamos que não se obedece a uma ordem cronológica dos textos. Fazemos aqui um quadro para distribuir a relação dos periódicos em que saíram originalmente estes 47 textos que compõem a parte intitulada *Coisas do Reino do Jambón*:

Quadro 10– distribuição dos textos que compõem a parte intitulada *Coisas do Reino do Jambón*, publicada em *Bruzundangas* pela Editora Mérito, em 1952, por periódicos:

Título do periódico	Número de textos
<i>Careta</i>	33
<i>Atualidade</i>	01
<i>A.B. C.</i>	04
<i>Rio-Jornal</i>	01
<i>Correio da Noite</i>	07
<i>Dom Quixote</i>	01

Colocamos em quadro, também, a distribuição dos anos de publicação dos textos de *Coisas do Reino do Jambón* na edição BR1952:

Quadro11 – distribuição dos anos de publicação dos textos que compõem a parte intitulada *Coisas do Reino do Jambón*.

Ano de publicação	Número de textos publicados
1914	02
1915	13
1917	01
1918	01
1919	03
1920	10
1921	09
1922	07
1924	01

Observando os dois quadros, notamos que a maioria dos textos publicados na parte *Coisas do Reino do Jambon* apareceu pela primeira vez no periódico *Careta*, o que é natural pelo fato de que nesta revista o escritor teve grande participação. Quanto aos anos de publicação, há uma concentração nos anos 1920 (10 textos), 1921 (09) e 1922 (07), totalizando 26 textos, portanto, mais da metade das peças publicadas; porém, o que chama a atenção é o total de textos publicados em 1915, num total de treze: entre este ano e 1920, só houve a publicação de 05 textos retirados dos periódicos para a edição do *Reino do Jambón*.

Se não há muito critérios na junção dos textos em relação aos anos de publicação nos periódicos, quanto aos assuntos dos textos eles não têm um fio condutor que justifique sua colocação junto às crônicas de *Os Bruzundangas*. Temos a impressão de que Barbosa pretendeu unir os dois países fictícios criados por Lima Barreto de forma satírica, Bruzundanga e Jambon⁵². Mas vemos claramente que os conteúdos dos textos que compõem *Coisas do Reino de Jambon*, em sua maioria, aproximam-se mais de *Bagatelas* do que de *Os Bruzundangas*.

2.3.8. Feiras e Mafuás*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A., 1953.

FM1953 constitui-se inteiramente de textos inéditos em livros. São os seguintes, dispostos no quadro abaixo:

Quadro12 – relação de artigos e crônicas que compõem *Feiras e Mafuás*, publicado em 1953 pela Editora Mérito.

01. “Feiras e Mafuás”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 28 jul. 1921.	27. “As pequenas revistas”. [s.n.], 26 abr. 1919.
02. “A corte do Itamarati”. <i>A.B.C.</i> , 02 nov.1918.	28. “Alvarás, cartas régias, etc”. [s.n.], 1918.
03. “Uma fita acadêmica”. <i>A. B. C.</i> , 02 ago. 1919	29. “O meu conselho”. <i>A.B.C.</i> , 01 out. 1921.
04. “Anúncios... anúncios...”. [s.n.], [s.d.]	30. “O ideal do ‘Bel-Ami’”. <i>A.B.C.</i> , 25 nov. 1916.
05. “As escoras sabichonas”. [s.n.], abr. 1920	31. “Memórias de Guerra”. [s.n.], 17 abr. 1920.
06. “ <i>Habeas-corporis</i> curioso”. <i>A.B.C.</i> , 14 fev. 1920.	32. “Considerações oportunas”. <i>A.B.C.</i> , 16 ago. 1919.
07. “Os médicos e o espírita”. <i>A.B.C.</i> , 19 mar.1921.	33. “Um domingo de discursos”. <i>A.B.C.</i> , 15 nov. 1919.
08. “O Estrela”. <i>Almanaque d’A Noite</i> , 1921.	34. “D’Annunzio e Lenine”. <i>A.B.C.</i> , 08 jan. 1921.
09. “O futurismo”. <i>Careta</i> , 22 jul. 1922.	35. “Sobre o carnaval”. [s.n.], [s.d.].

⁵² Na crônica “Coisas do Jambon”, que abre a segunda parte de *Os Bruzundangas*, o narrador fala do Reino do Jambon por este se parecer um presunto (“jámon” em espanhol). Facilmente faz-se a símile com o Brasil, pois o contorno do mapa brasileiro nos lembra o formato de um pernil suíno.

10. “A Academia Nacional de Medicina”. <i>Revista Contemporânea</i> , 12 e 26 jul. 1919.	36. “Palavras de um <i>snob</i> anarquista”. <i>A Voz do Trabalhador</i> , 15 mai. 1913.
11. “Relíquias, ossos e colchões”. <i>Careta</i> , 28 jan. 1922.	37. “A mudança do Senado”. [s.n.], 26 set. 1918.
12. “A origem do homem”. <i>Careta</i> , 25 jun. 1921.	38. “Manuel de Oliveira”. <i>Revista Souza Cruz</i> , 01 mai. 1921.
13. “Pobre Euclides”. <i>Careta</i> , 16 jul. 1921.	39. “As reformas e os ‘doutores’”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 16 jan. 1921.
14. “Bendito futebol”. <i>Careta</i> , 01 out. 1921.	40. “O trem de subúrbios”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 21 dez. 1921.
15. “Método confuso”. <i>Careta</i> , 08 out. 1921.	41. “Não há remédio”. [s.n.], 20 jul. 1918.
16. “Leitura de jornais”. <i>Careta</i> , 19 mar. 1921.	42. “O caso da <i>A Folha</i> ”. <i>A Folha</i> , 14 fev. 1920.
17. “O motivo da zanga”. <i>Careta</i> , 05 mar. 1921.	43. “Maio”. <i>Gazeta da Tarde</i> , 04 mai. 1911.
18. “Educação física”. <i>A.B.C.</i> , 09 abr. 1921.	44. “Otávio Carneiro”. <i>O Estado</i> , 09 mar. 1920.
19. “Fabricantes de países”. [s.n.], 24 abr. 1920.	45. “A nossa filantropia”. <i>A.B.C.</i> , 24 ago. 1918.
20. “A universidade”. [s.n.], 13 mar. 1920.	46. “Feminismo e volto feminino”. <i>Careta</i> , 07 jan. 1922.
21. “Simples reparo”. <i>A.B.C.</i> , 21 fev. 1920.	47. “As glórias do Brasil”. <i>Careta</i> , 07 jan. 1922.
22. “Extravagâncias oficiais”. <i>A.B.C.</i> , 17 jan. 1920.	48. “O encerramento do Congresso”. <i>Careta</i> , 14 jan. 1922.
23. “Variações sobre um artigo”. <i>A.B.C.</i> , 25 out. 1919.	49. “Enfermeiras louras e mosquitos zumbidores”. <i>Careta</i> , 28 jan. 1922.
24. “Pintores, desenhistas, etc.”. <i>A Estação Teatral</i> , 10 jun. 1911.	50. “O meu almoço”. <i>A Notícia</i> , 03 jun. 1920.
25. “A guerra faliu”. <i>Argos</i> , 19 abr. 1919.	51. “Os enterros de Inhaúma”. <i>Careta</i> , 26 ago. 1922.
26. “A estação”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 06 out. 1921.	52. “Esta minha letra”. <i>Gazeta da Tarde</i> , 28 jun. 1911.

Quadro13 – distribuição dos textos que compõe *Feiras e Mafuás* publicado pela Editora Mérito S. A., em 1953, por periódicos:

Título do periódico	Número de textos
<i>Estação Teatral</i>	01
<i>Gazeta de Notícias</i>	04
<i>A.B.C.</i>	14
<i>Almanaque d’A Noite</i>	01
<i>Revista Contemporânea</i>	01
<i>Careta</i>	12
<i>A Voz do Trabalhador</i>	01

<i>A Folha</i>	01
<i>Gazeta da Tarde</i>	02
<i>Estação Teatral</i>	01
<i>O Estado</i>	01
<i>Revista Souza Cruz</i>	01
<i>Argos</i>	01
[s.n.]	10

Quadro14 – distribuição dos anos de publicação dos textos que compõem a parte intitulada *Coisas do Reino do Jambón*.

Ano de publicação	Número de textos
1911	03
1913	01
1916	01
1918	05
1919	07
1920	10
1921	15
1922	07
[s.d.]	03

Salvos os textos que não constam os periódicos em que apareceram pela primeira vez, no total de dez, a maioria se concentra no *A.B.C.* e *Careta*, 14 e 12 respectivamente; justifica-se, assim, por se tratarem dos periódicos com maior contribuição de Lima Barreto, conforme já mencionamos nessa tese. Quanto à distribuição dos anos de publicação, a maioria está entre os anos 1918 a 1922, com maior número em 1921.

Postos os números acima, disporemos a justificativa de Francisco de Assis Barbosa para juntar os textos e editar *Feiras e Mafuás*. Segundo o organizador, Lima Barreto entregou “ao editor Francisco Schettino os originais de um livro que intitulou: *Feiras e Mafuás*. Como *Bagatelas*, tratava-se de uma coletânea de artigos e crônicas de vários assuntos, publicada na imprensa periódica do Rio de Janeiro” (FM1953). O próprio Lima Barreto referiu-se em carta a Lucílio Varejão, em 26 de setembro de 1922, que estava prestes a sair publicado *Feiras e Mafuás*, o que não aconteceu. Barbosa afirma que

esse livro chegou assim a ser composto e paginado, pelo menos em parte, mas nunca foi editado. Nos papéis do romancista, encontramos as provas de páginas, já numeradas, de 6 a 45, e emendadas com a letra de Schettino, perfazendo parte do artigo “Feiras e Mafuás”, seguindo-se-lhe os artigos completos: “A corte do Itamarati”, “Uma fita acadêmica”, “Anúncios... anúncios...”, “As escoras sabichonas”, “*Habeas corpus* curioso”, “Os médicos e o espírita” e parte de “O Estrela”. (FM1953, p. 5).

O organizador acrescenta outros textos aos cinco que compuseram o projeto em mãos de Francisco Schettino de forma aleatória. Ao atentarmos para as datas constantes nestes textos – na ordem: 1921-1918-1919-[s.d.]-1920 (cf. quadro 12, itens 01 a 05) –, Lima estaria dando ênfase a textos publicados em periódicos dos últimos seis anos de sua vida, já que na carta a Lucílio Varejão, na qual comenta que *Feiras e Mafuás* estava prestes a sair, é de setembro de 1922. No entanto, o organizador junta cinco textos com datas anteriores a 1918, fugindo ao que teria sido um critério de Lima Barreto no projeto original da montagem de *Feiras*.

O editor afirma que, ao compor *Feiras e Mafuás*, usou os mesmos critérios que Lima Barreto quando este compôs *Bagatelas*. Sabemos que Lima Barreto ficou bom tempo interferindo na montagem de seu livro, e que a forma como o fez tinha a ver com sua maneira satírica de crítica, agindo assim na indicação de títulos que traziam a idéia de “pouca serventia” e mesmo “de bagunça”, o que deduzimos se tratar apenas de um jogo semântico dos termos usados. O organizador de FM1953 usou de um critério que se assemelha mais a uma juntada de textos, hipotético critério usado por Lima Barreto. Além do mais, ainda observamos, como na montagem de *Coisas do Reino do Jambón*, que o editor ignora a ordem cronológica do aparecimento dos textos nos periódicos.

2.3.9. *Marginália. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.**

MA1953 é mais um volume das reedições pela Mérito e Gráfica Editora Brasileira a ser composta por mais de uma parte: *Marginália*, *Impressões de Leitura* e *Mágoas e Sonhos do Povo*. Quanto ao título que traz o volume, é uma referência aos originais entregues ao editor Francisco Schettino, que se perderam. Francisco de Assis Barbosa no volume XII das *Obras de Lima Barreto*, de 1956, afirma que “o título *Marginália* – é importante lembrar – pertence a Lima Barreto, que pretendia reunir artigos e crônicas sob esta denominação, como se infere do subtítulo de “A questão dos ‘poveiros’, na *Gazeta de Notícias*, de 2-1-1921 – ‘Da *Marginália*’” (XII: MA, p. 21). O editor, porém, em MA1953, não apresenta explicação alguma sobre os critérios de junção dos textos que compõem a parte *Marginália*.

Quadro 15 – artigos e crônicas que compõem a 1ª parte de *Marginália*, publicada pela Editora Mérito, em 1953.

01. “A questão dos ‘poveiros’”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 02 jan. 1921.	13. “O nosso caboclisto”. <i>Careta</i> , 11 out. 1919.
02. “Hotel 7 de setembro”. <i>Careta</i> , 05 ago. 1922.	14. “Como resposta”. <i>Careta</i> , 08 abr. 1922.
03. “15 de novembro”. <i>Careta</i> , 26 nov. 1921.	15. “A Maçã e a polícia”. <i>Careta</i> , 11 mar. 1922.
04. “A biblioteca”. <i>Correio da Noite</i> , 13 jan. 1915.	16. “Generosidade”. <i>Careta</i> , 25 jun. 1921.
05. “O anel dos musicistas”. <i>A Lanterna</i> , 25 jan. 1918.	17. “A política republicana”. <i>A.B.C.</i> , 19 out. 1918.
06. “Elogio da morte”. <i>A.B.C.</i> , 19 out. 1918.	18. “Bilhete”. <i>Careta</i> , 17 jun. 1922.
07. “A minha candidatura”. <i>Careta</i> , 13 ago. 1921.	19. “De Cascadura ao Garnier”. <i>Careta</i> , 29 jul. 1922.
08. “Sobre a guerra”. <i>Correio da Noite</i> , 19 dez. 1914.	20. “A carroça dos cachorros”. <i>Careta</i> , 20 set. 1919.
09. “Até Mirassol (notas de viagem)”. <i>Careta</i> . 23 e 30 abr. 1921 e 07 mai. 1921 (texto dividido em I, II e III).	21. “A derrubada”. <i>Correio da Noite</i> , 31 dez. 1914.
10. “Dias de roça”. <i>Careta</i> , 15 mai. 1921.	22. “Vestidos modernos”. <i>Careta</i> , 22 jul. 1922.
11. “Palavras dum simples”. <i>Hoje</i> , 22 jul. 1922.	23. “O moambeiro”. <i>Careta</i> , 07 ago. 1915.
12. “Bailes e divertimentos Suburbanos”. <i>Gazeta de Notícias</i> . 07 fev. 1922.	

Quadro16 – distribuição dos textos que compõem a 1ª parte de *Marginália* por periódicos:

Título do periódico	Total de textos
<i>Gazeta de Notícias</i>	02
<i>Careta</i>	15
<i>Correio da Noite</i>	03
<i>A Lanterna</i>	01
<i>A.B.C.</i>	02
<i>Hoje</i>	01

Quadro17 – distribuição dos anos de publicação em periódicos dos textos da 1ª parte de *Marginália* publicado pela Editora Mérito S. A. em 1953.

Ano de publicação	Número de textos
1914	02
1915	02
1918	03
1919	02
1921	06
1922	08

A maioria dos textos que compõe esta primeira parte, *Marginália*, vem da revista *Careta*, concentrando nos anos de 1921 e 1922. É claro também que os textos foram juntados não levando em consideração a ordem cronológica de produção, assim como aconteceu com os demais volumes montados pelo editor.

Se não conseguimos relacionar algum critério para a formação da primeira parte de MA1953, já na segunda parte, vislumbramos pelo título e pelo conteúdo dos textos que a compõem, separados pelo organizador por um fio temático: *Impressões de leitura*. No entanto, não há nota por parte de Francisco de Assis Barbosa explicando o motivo de tal seleção. Ressalte-se o texto inicial da coletânea, “O destino da literatura”, pois se trata da publicação da palestra que Lima Barreto proferiria em São José do Rio Preto em 1921, não ocorrendo pelo fato de o escritor ter sido encontrado bêbado antes de apresentá-la. Trata-se de um verdadeiro tratado da literatura limabarretiana, vindo a público pela *Revista Souza Cruz*.

Quadro18 –relação de artigos e crônicas que compõem *Impressões de Leitura*, publicada em *Marginália*, pela Editora Mérito em 1953.

01. “O destino da literatura”. <i>Revista Souza Cruz</i> , out. e nov. 1921.	15. “O secular problema do Nordeste”. <i>A.B.C.</i> , 21 set. 1918.
02. “Livros”. <i>Careta</i> , 12 ago. 1922.	16. “Anita e Plomark, aventureiros”. <i>A.B.C.</i> , 16 fev. 1918.
03. “Literatura militante”. <i>A.B.C.</i> , 07 set. 1918.	17. “Elogio do amigo”. <i>A.B.C.</i> , 05 ago. 1922.
04. “Literatura e política”. <i>A Lanterna</i> , 18 jan. 1918.	18. “Um romance sociológico”. <i>Revista Contemporânea</i> , 26 abr. 1919.
05. “Reflexões e contradições à margem de um livro”. <i>A.B.C.</i> , 23 abr. 1921.	19. “Limites e protocolos”. <i>A.B.C.</i> , 02 mai. 1920.
06. “À margem do ‘Coivara’ de Gastão Cruls”. <i>A.B.C.</i> , 23 jul. 1921.	20. “Levanta-te e caminha”. <i>Argos</i> , out. e nov. 1919.
07. “História de um mulato”. <i>O País</i> , 17 abr. 1922.	21. “Canais e Lagoas”. <i>Argos</i> , dez. 1919.
08. “Vários autores e várias obras”. <i>Gazeta</i>	22. “Dois meninos”. <i>A Folha</i> , 01 jun. 1920.

<i>de Notícias</i> . 06 dez. 1920.	
09. “Urbanismo e roceirismo” . <i>A.B.C.</i> , 10 set. 1921.	23. “Volto ao Camões!” . <i>A.B.C.</i> , 27 abr. 1918.
10. “A obra do criador de Jeca-Tatu” . <i>Gazeta de Notícias</i> , 11 mai. 1921.	24. “Tabaréus e Tabaroas” . <i>Careta</i> , 24 jun. 1922.
11. “Madame Pommery” . <i>Gazeta de Notícias</i> , 02 jun. 1920.	25. “Fetiches e fantoches” . <i>Careta</i> , 02 set. 1922.
12. “Estudos” . <i>Gazeta de Notícias</i> . 26 out. 1920.	26. “O Professor Jeremias” . <i>O Estado</i> , 13 fev. 1920.
13. “A obra de um ideólogo” . <i>A.B.C.</i> , 05 fev. 1921.	27. “Um romancista” . <i>Correio da Noite</i> , 01 mar. 1915.
14. “O Triunfo” . <i>A.B.C.</i> , 28 set. 1918.	

Quadro19 – distribuição de textos por periódicos em *Impressões de Leitura*, publicado em *Marginália*, pela Editora Mérito S.A. em 1953.

Título do periódico	Número de textos
<i>Revista Souza Cruz</i>	01
<i>Careta</i>	03
<i>A.B.C.</i>	11
<i>A Lanterna</i>	01
<i>O País</i>	01
<i>Gazeta de Notícias</i>	04
<i>Revista Contemporânea</i>	01
<i>Argos</i>	02
<i>A Folha</i>	01
<i>O Estado</i>	01
<i>Correio da Noite</i>	01

Quadro20 - distribuição dos anos de publicação em periódicos dos textos de *Impressões de Leitura*, publicado em *Marginália*, pela Editora Mérito S. A. em 1953.

Ano de publicação	Número de textos
1915	01
1918	06
1919	03
1920	06
1921	06
1922	05

É perceptível que há uma distribuição mais equânime entre os periódicos de onde foram retirados os textos publicados em *Impressões de Leitura* na edição MA1953. Contudo, o *A.B.C.* é a revista com mais textos nesta parte, justificável por ter sido um dos periódicos que Lima Barreto mais colaborou. Ocorreu o mesmo em relação aos anos de publicação, com os textos distribuídos quase paritariamente entre 1918 e 1922. Atribuímos essa divisão mais coerente devido ao editor ter usado um critério claro para a junção dos textos: o assunto que os permeia, sem, contudo, Francisco de Assis Barbosa comentar esse critério em lugar algum do volume.

A terceira parte de MA1953 é denominada *Mágoas e sonhos do povo* constitui-se de onze textos, numerados por algarismos romanos:

Quadro 21 – relação de artigos e crônicas que formam *Mágoas e sonhos do povo*, publicado em *Marginália* pela Editora Mérito em 1953.

I. “Recordações da <i>Gazeta Literária</i>”. <i>Hoje</i> , 20 mar. 1919	VII. “História de um soldado velho”. <i>Hoje</i> , 10 abr. 1919.
II. “Sonhei com isto: o que é?”. <i>Hoje</i> , 17 jun. 1919.	VIII. “Superstições domésticas”. <i>Hoje</i> , 27 mar. 1919.
III. “Histórias de macaco”. <i>Hoje</i> , 16 abr. 1919.	IX. “Rezas e orações”. <i>Hoje</i> , 03 abr. 1919.
IV. “Um domingo de Páscoa”. <i>Hoje</i> , 21 abr. 1919.	X. “Restos do ‘tabu’ ancestral”. <i>Atualidade</i> , 10 ago. 1919.
V. “O príncipe Tatu”. <i>Hoje</i> , 08 mar. 1919.	XI. “Coisas do jogo do bicho”. <i>Livros Novos</i> , abr. 1919.
VI. “Contos e histórias de animais”. <i>Hoje</i> , 17 abr. 1919.	

Estes onze textos são na sua maioria publicados no periódico *Hoje* no ano de 1919; a exceção fica pelos dois últimos que vieram a lume pela primeira vez em *Atualidade* e *Livros Novos*. No mais, *Marginália*, assim como foi publicado em 1953 pela Editora Mérito, é mais um volume montado por inteira responsabilidade de Francisco de Assis Barbosa, mantendo dos critérios de Lima Barreto apenas o título.

2.3.10. *Diário Íntimo. São Paulo; Rio de Janeiro: Editoria Mérito S. A., 1953.**

Encerra-se o projeto de reedição e ampliação do legado editorial de Lima Barreto pela Mérito e Gráfica Editora Brasil com o volume *Diário Íntimo*, que teve os escritos memorialísticos do escritor publicados pela primeira vez, expandindo o conhecimento sobre o

pensamento crítico do escritor. Completa o volume mais outras duas partes, *O Diário do Hospício* e o romance inacabado *O Cemitério dos Vivos*⁵³.

Com este livro [*Diário Íntimo*], apresentamos a parte mais importante da obra inédita de Lima Barreto, reunindo os apontamentos do seu *Diário íntimo* e os fragmentos de *O Cemitério dos Vivos*, inspirado na longa convivência do escritor entre loucos, teve como ponto de partida o *Diário do Hospício*, que também incluímos no presente volume. Conservaram-se por isso mesmo as repetições, sem mutilação do texto, o que seria desonesto, impedindo ainda o confronto dos dois documentos a quem desejasse estudar mais a fundo o problema do estilo e da composição literária do criador de Policarpo Quaresma. (DI1953, p. 5).

Ao fim, então, de termos descrito e analisado a maneira como foram editados e publicados os livros das duas reedições e ampliação da obra de Lima Barreto, pela O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro, Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira, enfatizamos as principais modificações realizadas em relação ao legado editorial limabarretiano.

A primeira modificação importante verificada foi a supressão dos sete contos publicados originalmente em 1915 como apêndice a *Triste de Policarpo Quaresma* no volume editado em 1943 pela O Livro de Bolso. Nas reedições e ampliação do legado editorial do escritor pelas Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira ocorreram as maiores interferências naquilo que Lima Barreto deixou editado ao morrer em 1922. Dos sete volumes publicados até 1923, seis foram reeditados no projeto da Mérito e Gráfica Editora Brasileira, ficando de fora de *Bagatelas*. No entanto, desta meia dúzia de obras reeditas, apenas IC1949 não teve interferências no que foi editado pelo escritor. Os demais são modificados, seja no acréscimo de novos textos ou de supressão daqueles que tinham sido publicados originalmente.

Resumamos caso a caso estas interferências, começando pelo primeiro livro publicado pela Editora Mérito, *Clara dos Anjos*, que trouxe os sete contos publicados em *Triste fim de Policarpo Quaresma* em 1915. Portanto, o segundo volume, PQ1948, foi publicado sem os contos que trouxera como apêndice na primeira edição. O terceiro a trazer modificações é VM1949, que recebeu 18 contos inéditos em livro como segunda parte no volume, alterando a estrutura da edição de 1919. No volume NN1950, acresceram-se quatro episódios picarescos. HS1951 teve dois contos de sua primeira edição suprimidos e recebeu 63 textos inéditos em duas novas partes no volume. BR1952 recebeu uma nova parte com 47 textos inéditos, além de ter mais seis novos textos incluídos na primeira parte, *Os Bruzundangas*.

FM1953, MA1953 e DI1953 são compostos totalmente de textos inéditos em livros, constituindo volumes que foram criados originalmente pelo organizador Francisco de Assis

⁵³ Tomaremos para fins de contabilização dos textos de Lima Barreto publicados em livro o volume DI1953 composto por “memórias” (que engloba as duas primeiras partes, *Diário Íntimo* e *Diário do Hospício*) e um romance (*Cemitério dos Vivos*, mesmo inacabado).

Barbosa. Fato louvável, não obstante as interferências no legado editorial do escritor, é a ampliação do mesmo, dando um salto quantitativo imenso na obra publicada de Lima Barreto. Em 1923, com a publicação de *Bagatelas*, o número de textos limabarretianos publicados em livros totalizava 94, distribuídos em 04 romances, 26 contos, 64 artigos e crônicas. O saldo da ampliação do legado editorial limabarretiano ficou assim até 1953:

Quadro22 – distribuição e totalização dos textos de Lima Barreto publicados em livro até 1953.

Romances	Contos	Artigos e crônicas	Memória	Total
06	109	189	01	305

Se não chegava a uma centena o total de textos de Lima Barreto publicado em 1923, em 1953 esta cifra triplica, passando a barreira das três centenas. O que equivale dizer, que, de seu ostracismo editorial durante duas décadas, a obra do escritor terá um “boom” na publicação de seus livros, especialmente os que serão formados a partir da enorme quantidade de textos curtos que o escritor deixou espalhados pela imprensa carioca, da sua vasta contribuição com os jornais e revistas da época. Mas a ampliação deste legado não se interrompeu em 1953 com o fim do projeto da Mérito e da Gráfica Editora Brasileira: em 1956 o próprio Francisco de Assis Barbosa estará à frente de outro projeto de reedição e ampliação do legado editorial de Lima Barreto. Este é o assunto de nosso próximo capítulo.

2.4. Conclusão.

Nas três décadas que separam a morte de Lima Barreto da data de publicação de *Diário Íntimo* pela Editora Mérito em 1953, o mercado editorial nacional passou por grandes transformações, desde a ampliação do público leitor ao alargamento de possibilidades de remuneração dos escritores nacionais. Lima Barreto faleceu no exato momento em o panorama de estagnação editorial brasileiro começava a dar sinais de mudanças, tão sonhadas pelo escritor.

Ao analisarmos a reedição de três obras de Lima Barreto pela editora O Livro de Bolso/A Bolsa do Livro, no formato de bolso e dentro de uma coleção, percebemos que as edições e reedições póstumas do autor sofreriam dos mesmos males dos quais reclamava o escritor em relação à publicação de seus livros: pouco caso por parte dos editores, entre outros. Esta incúria, muitas vezes, ocorreu devido às leis do mercado editorial, como se viram obrigados os organizadores da coleção “O Livro de Bolso” a formatarem a obra *Triste fim de*

Policarpo Quaresma no padrão uniforme dos volumes de uma coleção, obrigando-os a suprimir os contos publicados na edição original.

Embora tenhamos que enaltecer a iniciativa de se tirar do limbo editorial a obra de Lima Barreto, colocando-o entre os clássicos da literatura universal, não podemos omitir o fato de sete de seus mais importantes contos serem mantidos no esquecimento por quase três décadas, de 1915 a 1943. Se em vida Lima Barreto sofreu com as edições “matadinhas” e à trouxe-mouxe por causa da negligência de seus editores, após sua morte as publicações serão mais cuidados editoriais, mas padecendo da idiossincrasia de seus organizadores: a interferência na estrutura do seu legado livresco, suprimindo textos ou mesmo intercambiando-os entre os volumes montados.

Acreditamos que isso aconteceu por motivação comercial exigida pelo modelo de se editar em coleções e em formato de livro de bolso, que prima pela padronização dos volumes em série. Causou-nos estranheza o fato de, por exemplo, os organizadores da coleção “O Livro de Bolso” não ter explicado a supressão dos sete contos em PQ1943. Obviamente que ao leitor consumidor da série foi negado o contato com textos de primeira grandeza da lavra limabarretiana, os contos “A Nova Califórnia” e “O homem que sabia javanês”, que ainda ficaram no esquecimento editorial até 1948, quando é publicado pela Editora Mérito S. A. e Gráfica Editora Brasileira, já em outro projeto de reedição e ampliação da obra limabarretiana.

No projeto da Mérito e Gráfica Editora Brasileira, Francisco de Assis Barbosa ao organizar os dez volumes publicados entre 1948 e 1953, interferiu significativamente na estrutura original de algumas obras do escritor. Essas modificações consistiram em supressões, acréscimos e intercâmbios de textos, alterando o legado editorial de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a ninfa*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Histórias e Sonhos* e *Os Bruzundangas*. Os volumes criados inteiramente com textos inéditos, *Feiras e Mafuás*, *Marginália* e *Diário Íntimo* foram construídos com critérios que Barbosa afirmou serem iguais aos de Lima Barreto quando coligiu os textos de *Bagatelas* em 1923.

Questionamos esses critérios atribuídos a Lima Barreto, pois nos posicionamos que o escritor usou da ideia de “bagatelas” com objetivos irônicos como crítica à maneira como suas edições eram tratadas pelas editoras, o que discutimos no primeiro capítulo. Caso que comprova nossa tese de critérios usados por Lima Barreto foi a preferência por textos publicados pelo hebdomadário *A.B.C.* e ter deixado de lado os textos da sua colaboração na revista *Careta*, por exemplo.

A ideia de bagatelização acabou por ser entendida literalmente por Francisco de Assis Barbosa, o que lhe deu salvo-conduto para juntar os textos de forma aleatória em volumes que se transformaram mesmo em verdadeiras “feiras” e “mafuás”, dando-nos a nítida ideia de uma bruzundanga editorial. O projeto que se encerrou em 1953 deixou as edições expandidas, positivamente, em três vezes o legado editorial do escritor, contudo não estava à altura do grande escritor que foi Lima Barreto. Foi-se construindo um Lima Barreto editorial divergente do Lima Barreto escritor que teve a maestria de usar a sátira e a ironia mordente para criticar o mercado editorial de sua época.

Às edições intencionalmente bagatelizadas, surgirão as edições bruzundanguizadas, levadas a termo pela incompreensão da ironia do escritor. Esse processo de balbúrdia editorial se agravará nas futuras organizações da obra do escritor, como veremos nos próximos dois capítulos.

3. A EDIÇÃO DE 1956 PELA EDITORA BRASILIENSE.

Este capítulo possui dois objetivos: o primeiro é o de fazer um brevíssimo histórico da trajetória da Editora Brasiliense, desde sua gênese até a década de 1950. Segundo é o de apresentar a descrição e a caracterização de cada um dos dezessete volumes da obra de Lima Barreto publicados pela editora no ano de 1956, evidenciando os resultados: a ampliação do legado editorial do escritor e a as permanências e modificações ocorridas em relação às edições anteriores.

3.1. A trajetória da Editora Brasiliense até a década de 1950.

A Editora Brasiliense foi fundada em 1943, na cidade São Paulo, constituindo-se numa das mais importantes editoras do país. A história de sua formação tem relação com a Companhia Editora Nacional (CEN), dirigida por Octalles Marcondes Ferreira, quando em 1943

seis professores, funcionários que respondiam pela execução do programa de livros didáticos [da CEN], deixaram a empresa para estabelecer sua própria editora, a Editora do Brasil, que logo se tornou, e ainda é⁵⁴, importante editora de livros didáticos e infantis. Mais séria ainda foi a saída, nesse mesmo ano, do principal auxiliar de Octalles, Arthur Neves. (HALLEWELL, 1985, p. 289).

Arthur Neves, um dos fundadores da Brasiliense, tinha o desejo de que Octalles Marcondes Ferreira seguisse o exemplo de W. M. Jackson Company: venderem-se coleções de livros a prestações⁵⁵. Diante da recusa, o ex-auxiliar de Octalles tomou dinheiro emprestado com Nelson Palma Travassos, da *Revista dos Tribunais*, entusiasta da ideia da venda a crediário.

No processo de formação da Brasiliense, Monteiro Lobato se viu seduzido pela oportunidade de ter sua obra editada em uma coleção e saiu da CEN e migrou para a Brasiliense, mesmo com os seus direitos autorais retidos pela antiga casa. Marcado pela grande amizade que tinha com o antigo sócio, Octalles Marcondes Ferreira não fez objeções à escolha de Lobato. O primeiro passo para a criação da editora se deu com a publicação da revista *Hoje – o Mundo em Letra de Forma*:

O ano era 1943 e estávamos em plena Era Vargas, mais precisamente no período do Estado Novo. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o Instituto

⁵⁴ A primeira edição do livro de Laurence Hallewell no Brasil é de 1985.

⁵⁵ Octalles não se deixou convencer. Como declarou numa entrevista no fim de sua vida, apenas o livro vendido no balcão da livraria apresentava algum benefício cultural: “O livro que o vendedor vende de casa em casa, a prestação, é um livro impingido. A pessoa só o compra para se livrar do vendedor. Quando muito, porque o livro é bonito e fica bem na estante da sala”. (HALLEWELL, 1985, p. 290).

Nacional do Livro impunham limites para a produção e comercialização de livros. É nesse cenário de autoritarismo e repressão política que o historiador Caio Prado Júnior (1907-1990), o escritor Monteiro Lobato (1882-1948) e o militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro) Arthur Neves criam a revista *Hoje – O Mundo em Letra de Forma*. A revista funcionava nos fundos de uma livraria em São Paulo, na rua D. José de Barros e divulgava clandestinamente o material que o PCB produzia em oposição ao Estado Novo. (IUMATTI, 2011)⁵⁶.

A nova editora surgiu “lastreada pela obra de Monteiro Lobato” (SODRÉ *apud* KOSHIYAMA, 2006, p. 152), publicações da Sra. Leandro Dupré⁵⁷ e os trabalhos de Caio Prado Júnior. Este último, um dos sócios fundadores da Editora Brasiliense, um dos mais importantes intelectuais brasileiros teve atuação relevante no cenário político, participando da articulação da Revolução de 1930. Filiou-se ao Partido Comunista do Brasil em 1931, integrou-se à Aliança Nacional Libertadora, de que foi presidente no Estado de São Paulo. Escreveu um dos livros de grande referência sobre o Brasil, *Formação do Brasil Contemporâneo*, em 1942. Juntou-se aos outros fundadores da Brasiliense o casal Dupré, Leandro e Maria José. Leandro, engenheiro, colocou a esposa como sócia-fundadora da Editora Brasiliense. Maria José Fleury Monteiro Dupré teve sua primeira publicação com o conto

“Meninas Tristes” (Suplemento Literário com rotogravura de *O Estado de S. Paulo*), em 1939, com pseudônimo de Mary Joseph. Em 1941, estreia como romancista com o *Romance de Teresa Bernard*, usando daí em diante o nome de casada, Madame Dupré, como assinatura literária. Seu êxito definitivo foi *Éramos Seis* (1943). (COELHO, 2006, p. 467).

Um dos idealizadores e realizadores da nova editora, Arthur Heládio Neves (1916-1971), militante do Partido Comunista do Brasil, “tinha ponto de vista políticos fortemente progressistas, que devem ter sido, em parte, responsáveis pelo pronto apoio que recebeu de [Nelson Palma] Travassos” (HALLEWELL, 1985, p. 291) para a formação da nova editora. De início, metade das publicações da Brasiliense era constituída pelas obras de Caio Prado, Monteiro Lobato e Maria José Dupré. Outras edições tratavam da “história recente do país, leis trabalhistas, reforma agrária, política rural, política alimentar, etc. Uma das nossas marcas em oposição ao governo foi uma recusa em incorporar a reforma ortográfica promovida por Vargas. Em carta remetida a Arthur Neves, Lobato escreve: ‘Antes morrer que aderir ao Estado Novo, e acento é Estado Novo’” (IUMATTI, 2011).

⁵⁶ IUMATTI, Paulo Teixeira. “Tradicionalmente inovadora: Editora Brasiliense e sua história”. Disponível em <http://blogdabrasiliense.blogspot.com.br/2011/06/tradicionalmente-inovadora-editora.html>. Acesso em 22 out. 2015.

⁵⁷ A escritora Maria José Dupré (1905-1984), esposa de Leandro Dupré.

A editora contou com sua própria livraria, a Livraria Brasiliense, e a gráfica Urupês. A venda de coleções completas, ambição de Arthur Neves, foi uma das mais importantes atividades da Brasiliense, ao mesmo tempo em que deu “ênfase à administração de empresas, e às ciências sociais, particularmente interpretações esquerdistas do Brasil de autores como Josué de Castro, Manuel Correia de Andrade e o próprio Caio Prado Júnior” (HALLEWELL, 1985, p. 291).

Em 1955 surge a *Revista Brasiliense*, fruto de ideias de Caio Prado Júnior e Elias Chaves Neto, cuja

fundação contou com a ajuda de Sérgio Buarque de Holanda, Heitor Ferreira Lima, João Cruz da Costa, Sérgio Milliet, dentre outros.

A *Revista Brasiliense* teve 51 números publicados e tornou-se um núcleo sem filiação política ou partidária, em torno da qual vários escritores, médicos e especialistas das mais diversas áreas se congregaram a fim de estudar em profundidade o amplo espectro de problemas que envolviam a política, a cultura, a economia e a sociedade brasileira. (IUMATTI, 2011).

Durante toda a sua trajetória, a editora teve grande importância na edição de literatura, desde a publicação de toda a obra de Monteiro Lobato e de Maria José Dupré, até a valorização de jovens talentos das letras nacionais. Relevante também foi seu papel no campo do mercado editorial brasileiro com o lançamento das coleções “Jovens de todo o mundo”, “Contos jovens”, “Teatro universal”, “Uma nova mulher”, “Sexo e educação”, “Circo de Letras”, “Tudo é História”, “Encanto Radical”, “Cantadas Literárias” e “Coleção Primeiros Passos”. Algumas dessas coleções ainda fazem parte do catálogo da editora.

Dentre os projetos de publicação de coleções completas das obras de escritores nacionais, merece ser destacada uma de 1956, em dezessete volumes, as *Obras Completas de Lima Barreto*, sobre a qual debruçamos nos próximos tópicos deste capítulo.

3.2. Os 17 volumes das *Obras Completas de Lima Barreto*.

Afirmamos, no capítulo anterior, que Francisco de Assis Barbosa, como consultor literário da Livraria Editora Zélio Valverde, recebeu a incumbência de entrar em contato com a família de Lima Barreto para que suas obras fossem editadas. Com a impossibilidade de ser realizado o projeto pela Zélio Valverde, Barbosa o faria por meio das editoras Mérito e Gráficas Editora Brasileira, que faziam parte da W. M. Jackson Editores.

Figura 8: página de rosto de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Editora Brasiliense, 1956, antecedida de retrato de Lima Barreto.



Na entrevista montada por Carmen Lúcia Negreiros Figueiredo, organizada com trechos dos depoimentos de Francisco de Assis Barbosa em vários momentos de sua vida⁵⁸, este diz em relação ao projeto da Editora Brasiliense em editar Lima Barreto:

Até que Caio Prado Júnior, em 1955, à frente da Editora Brasiliense, decidiu assumir a tarefa, entrando em contato com os irmãos de Lima Barreto e adquirindo os direitos autorais de publicação, que em 1982, a 1º de novembro, caíram em domínio público, por não existirem herdeiros diretos. (LIMA BARRETO, 1997, p. 411).

Francisco de Assis Barbosa, como já mencionamos no capítulo antecedente, era consultor literário da Zélio Valverde, além de ter sido assessor de W. M. Jackson Editores e

⁵⁸ “Lima Barreto: homem e literato nos anos 20”. In: LIMA BARRETO, A. H. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Edição Crítica, Antônio Houaiss e Carmen Lúcia Negreiros de Figueiredo (coordenadores). 1. ed. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; São José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX; Scipione Cultural, 1997. p. 405-412.

da *Encyclopedia Britannica do Brasil*. Sua experiência em edições, com certeza, veio da experiência de haver pertencido ao corpo de editores da *Enciclopédia Mirador Internacional*. Barbosa ocupou papel de destaque em funções de redator dos Anais e Documentos Parlamentares, além de escrever biografias como a de Lima Barreto (1952), Machado de Assis (1957) e de figuras públicas como Juscelino Kubitschek (1962) e de Santos Dummont (1973). Deixou ao morrer, em 1991, importantes ensaios, entre eles *Achados do vento* (1958). Seu trabalho de maior destaque foi, evidentemente, o empreendido em reeditar e publicar as obras de Lima Barreto, como o fez de 1948 a 1953 pela Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira, e em 1956 pela Editora Brasiliense.

Além de Francisco de Assis Barbosa, compuseram o corpo de editores das *Obras de Lima Barreto* pela Brasiliense dois dos mais conceituados intelectuais brasileiros: Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença. O primeiro, filho de imigrantes libaneses, nasceu no Rio de Janeiro em 1915, desempenhou seu papel de intelectual como filólogo, lexicógrafo, tradutor, crítico literário, professor e diplomata. Na sua imensa produção intelectual, destacam-se, entre tantos trabalhos, a primeira tradução para o Brasil da obra *Ulisses* do escritor irlandês James Joyce (1882-1945) em 1970, e a publicação de *Elementos de bibliologia*, em 1967, uma das principais referências nos estudos ecdóticos. Morreu em 1999, no Rio de Janeiro, um ano antes de ser publicado o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Manuel Cavalcanti Proença, mato-grossense de Cuiabá, nasceu em 1906 e morreu em 1966 no Rio de Janeiro. Romancista, destacou-se com *Manuscrito Holandês* (1959) e na crítica, se sobressaíram *Roteiro de Macunaíma* (1950) e *José de Alencar na Literatura Brasileira* (1966).

É inegável o estofo intelectual dos três envolvidos nos trabalhos de organização e edição da obra de Lima Barreto pela Editora Brasiliense, com condições de dar à obra do escritor carioca desaparecido em novembro de 1922 um aparato editorial de grandeza imensurável, estabelecendo o texto limabarretiano à altura que a obra é merecedora. O que pretendemos nos próximos tópicos é a análise de cada um dos dezessete volumes da coleção, com o intento de verificarmos os procedimentos de montagem destes, para avaliarmos as modificações em relação ao legado editorial até 1923, aquele organizado pelo próprio escritor, e o legado editorial até 1953, com as edições da Editora Mérito e Gráfica Editora Brasileira.

Os volumes da coleção apresentam basicamente a mesma estrutura, com as capas tendo o mesmo desenho, assinado por E. Koetz⁵⁹, diferenciando-se apenas a cor de fundo em cada

59. Edgar Koetz (Porto Alegre, RS, 1914 – idem, 1969). Desenhista, gravador, artista gráfico e pintor. Dedicou-se, ao longo de sua carreira, ao desenho, à gravura e às artes gráficas. Como capista e ilustrador, trabalha para a

volume. A ilustração, em nanquim, com um estilo de traços que lembram a xilogravura, toma a capa e a contracapa, retratando uma paisagem urbana referenciando o Rio antigo, antes do “Bota-abaixo” de 1904, um casario colonial, as ruas em calçamento de pedras, postes de lâmpião a gás, os Arcos da Lapa, um quiosque e um bonde elétrico, que embute uma imagem de modernidade, contrapondo-se aos demais elementos que referenciam o século XIX. A natureza preenche o fundo da gravura, retratada pelos morros cariocas e pela orla marítima. As figuras humanas são representadas por um homem de terno, gravata e chapéu, ocupando o centro da capa; na contracapa, outro sujeito de terno, gravata e cartola, de barbas. As demais figuras são de uma baiana vendendo quitutes na calçada, outra mulher com uma trouxa de roupas na cabeça puxando uma criança, e um negro sem camisas carregando algo que se parece com um tabuleiro. Dá-nos a impressão de que a figura masculina no centro da capa faça uma referência aos traços físicos de Lima Barreto. Ressalte-se ainda que as figuras do negro sem camisa carregando algo na cabeça e a baiana vendedora na calçada remetem-nos ao panorama carioca antes da Abolição.

Na primeira página de rosto de cada volume está o título, seguido, no verso, da relação das dezessete obras da coleção, informando: “Obras de Lima Barreto – organizadas sob a direção de Francisco de Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença”; na página que antecede a segunda de rosto vem estampado um retrato, ou a reprodução de um jornal, ou de manuscritos⁶⁰etc. Segue-se, então, na página de rosto, o nome do autor, no alto, centralizado; abaixo, mais ao centro, o título da obra, a indicação de categoria literária, o nome do prefaciador, a edição, e, no rodapé, “Editora Brasiliense – São Paulo – 1956”. No verso, são descritas as edições anteriores da obra em livros e, quando o caso, de publicação em folhetins.

Os prefácios dos volumes antecedem as “notas prévias” em que o organizador, geralmente, trata da história das publicações e outras informações inerentes ao volume em si. Ao final, nas “notas ao texto”, os editores dispõem o cotejo entre as edições anteriores da obra para o estabelecimento do texto. O “índice da matéria” vem na última página, antecedendo o

Editora Livraria do Globo, famosa por possuir uma seção de desenho dirigida pelo artista gráfico alemão Ernest Zeuner. Participa da fundação da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, em 1938; do Clube de Gravura de Porto Alegre, em 1950; e do Clube de Gravura de Bagé, em 1952. Em 1945, reside em Buenos Aires atuando principalmente como artista gráfico. Lá, recebe um prêmio da Câmara Argentina do Livro pelo trabalho realizado na obra Juarez Maximiliano, de Franz Werfel. Na área educacional, trabalha como professor de pintura na UFRGS, ministra curso no MAM/RJ, e participa da fundação da Escola Superior de Propaganda, em São Paulo. A partir de 1964, retoma a carreira de pintor. Fonte: Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa257175/edgar-koetz>. Acesso em 26 out. 2015.

⁶⁰ A essa página, chamaremos de “documento histórico”, por entendermos se tratar da reprodução de itens que compuseram a trajetória da vida do escritor, tanto pessoalmente quanto literariamente.

colofão que indica que “este livro foi composto e impresso na Gráfica Urupês Ltda. – Rua Spartaco, 215 – São Paulo, 1956”.

Obras completas de Lima Barreto cumpre as características de uma edição em coleção: a uniformidade de formato, o mesmo padrão de capa e a mesma estrutura interna de cada volume, o que, plasticamente chama a atenção de colecionadores e potenciais consumidores. Nos próximos tópicos, enfocaremos como se compôs cada um dos livros desta coleção, fazendo a análise do *modus operandi* do organizador.

3.2.1. Recordações do escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 316 páginas.

O organizador coloca *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (I: IC) como primeiro volume da coleção, respeitando a ordem cronológica do legado editorial do livro, pois se trata da primeira obra publicada por Lima Barreto em 1909, pela Livraria Clássica Editora, de Portugal.

No documento histórico é estampado o retrato do autor “na época da 1ª edição de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909)” (I:IC, p. 3). O prefácio é assinado por Francisco de Assis Barbosa, cujo conteúdo refere-se às condições enfrentadas pelo escritor em relação aos editores de sua obra, considerações sobre a obra *Isaías Caminha* e um breve comentário das edições de Lima Barreto após 1930.

A “nota prévia é a explicação do organizador sobre os critérios da edição de I: IC, afirmando que o texto da segunda edição, revista e aumentada em vida pelo autor, em 1917, “constitui, dessa forma, o texto por excelência do romance” (I: IC, p. 32). Importante nessa “nota prévia” é a explanação das normas para o estabelecimento do texto em todos os volumes da coleção, com a relação dos dicionários que serviram de base para a colação do texto dos dezessete volumes. Mantém-se a dedicatória a Benedito de Sousa, assim como há a prevalência da epígrafe da edição original. No final do volume, há as “Notas ao texto”, com a relação das ocorrências nas edições da *Floreal* (folhetins, 1907), a 1ª edição (1909), a 2ª edição (1948) e os manuscritos. Da página 294 à 313, as notas sobre as ocorrências divergentes entre as edições consultadas. Manteve-se, em relação ao legado editorial da obra, a edição homogênea, volume composto apenas pelo romance.

3.2.2. *Triste fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 321 páginas.**

Seguindo a ordem cronológica das publicações do autor, *Triste fim de Policarpo Quaresma* é o segundo volume das *Obras de Lima Barreto*. O documento histórico é reprodução de parte da capa de *A Estação Teatral* de 1º de julho de 1911, comemorativa pelo aniversário do periódico, com retratos de várias personalidades, com certeza, colaboradores, entre elas está Lima Barreto, marcado pelo nº 50. Na página de rosto⁶¹, temos o nome do escritor, o título, o nome do prefaciador, e a indicação de 2ª edição da obra. Essa marcação é equivocada por sabermos que se trata de 5ª edição de *Policarpo Quaresma*, como está descrita pelo próprio organizador no verso da segunda capa:

Triste Fim de Policarpo Quaresma. Publicação em folhetins do *Jornal do Comércio*, edição da tarde, 1911.

Triste Fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro, Typ. “Revista dos Tribunais”, Rua do Carmo, 55, 1915.

Triste Fim de Policarpo Quaresma. 3ª edição. Antes do Romance: Eloi Pontes. [São Paulo] [Capa em cores, com um desenho sem assinatura, presumivelmente de Belmonte].

Triste Fim de Policarpo Quaresma. São Paulo, Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1948. [Edição privativa dos sócios do “Livro do Mês”].

Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro, Editora Mérito S. A., s.d. [1948] [Capa com um desenho assinado S. R.; prefácio de M. de Oliveira Lima]. (II: PQ, p. 6).

A citação nos dá ciência de que são, realmente, quatro as edições até 1948, confirmando a edição II: PQ como a 5ª edição e não segunda, como equivocadamente se mostra na segunda capa. Contradiz-se o próprio organizador, na “nota prévia”:

O *Triste fim de Policarpo Quaresma* foi, depois, posto em segunda edição por O Livro do (sic) Bolso, s/d (1943). São Paulo; em terceira edição em livro, pela Gráfica Editora Brasileira, 1948, São Paulo; e, em quarta edição em livro, pela Editora Mérito S. A., 1948, São Paulo. Esta é, por conseguinte, a quinta edição em livro, sexta ao todo, do romance. (II: PQ, p. 17-18).

Obviamente, sexta edição pelo fato de o organizador considerar a publicação em folhetins como parte do legado editorial da obra *Policarpo Quaresma*. O prefácio é o mesmo de PQ1948, do escritor e crítico M[anuel] de Oliveira Lima, publicado originalmente em *O Estado de São Paulo*, em 13 de novembro de 1916, um dos primeiros textos acerca do livro. Na “nota prévia”, informações apontam para o fato de Lima Barreto ter feito a edição em livro da obra, em 1915, a partir das provas dos folhetins do romance em 1911, no *Jornal do Comércio*. Mantêm-se a dedicatória e a epígrafe do legado editorial de *Policarpo Quaresma*.

⁶¹ Como demonstrado em 3.2 a segunda capa é padronizada em todos os volumes; portanto, a partir de 3.2.3 só indicaremos o nome do prefaciador e um ou outro aspecto que mereça ser destacado.

Nas “notas ao texto”, p. 299, a relação dos dicionários consultados, das edições anteriores utilizadas para o estabelecimento do texto: os folhetins, a 1ª edição em livro, a edição de 1948 (não explica qual, já que houve duas edições neste ano) e os manuscritos. O “índice da matéria” está na página 321.

Tal como na edição PQ1948, o editor manteve a supressão dos sete contos publicados na edição de 1915, saída em vida do escritor. Em II: PQ e PQ1948 não há explicações ou apresentação de critérios que justifica a supressão dos sete contos, mas uma informação: “Com essa primeira edição [a de 1915], foram publicados vários contos, que, na presente coleção, constituem a segunda parte do volume intitulado *Clara dos Anjos*” (II: PQ, p. 17). O organizador não corrigiu, portanto, a modificação que fizera em 1948, mantendo a edição homogênea, formada pelo romance.

3.2.3. *Numa e a ninfa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 291 páginas.**

Terceiro volume, III: NN, segue a ordem das edições em vida de Lima Barreto cronologicamente. No documento histórico, reproduz-se

a primeira página de *A Noite*, de 12-3-1915. A legenda, sob o clichê, explicava: “a galeria onde Lima Barreto foi buscar os personagens do *Numa e a Ninfa*. O desenhista Seth, autor da *charge*, identificou alguns dos personagens, a saber: 1 – Pinheiro Machado; 2 – Rivadávia Correia; 3 – Antônio Azeredo; 4 – Lauro Müller; 5 – Fonseca Hermes; 6 – Hermes da Fonseca; 7 – João Laje; 8 – Paulo de Frontim; 9 – Luís Bartolomeu; 10 – Leão Veloso; 11 – Sabino Barroso. (III: NN, p. 4).

Estranha-se que, a exemplo do que ocorre na publicação de NN1950, seja omitido o subtítulo “romance da vida contemporânea”, sem nenhuma explicação para tal. Nas notas ao texto, informa-se: “O título *Numa e a Ninfa* teve, na 2ª edição, em forma de folheto, o subtítulo “Romance da Vida Contemporânea”, enquanto em T [3ª edição trazia apenas “Romance”]. O folheto a que se refere é a 1ª edição impressa pelas *Officinas d’A Noite*, publicado em 1915 e reimpresso em 1919 pela Schettino (cf. 1.1.3). Outrossim, a edição de NN1950 foi organizada pelo próprio Francisco de Assis Barbosa, também à frente das edições de 1956 pela Brasiliense. Ou seja, não esclarece a mudança em 1950, tampouco a manutenção dela em 1956. Em III: NN foram suprimidos os episódios picarescos que foram editados como apêndice em NN1950, o que restabeleceu o legado editorial da obra, a 1ª edição de 1915 e reimpressão em 1919. Portanto, a edição volta a ser homogênea como na edição original; mas não há explicações dos critérios usados para a supressão destes textos.

As notas ao texto, à página 269, traz a relação de dicionários consultados e dos textos que serviram para o estabelecimento do texto de III: NN: as provas corrigidas pelo autor sobre

o texto da 1ª edição de *A Noite* e a edição de 1950 pela Gráfica Editora Brasileira. O índice da matéria está na página 291.

3.2.4. – *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 316 páginas.**

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá em termos de mercado editorial foi aquele que, em vida do autor, foi publicado dentro de um padrão de qualidade melhor, como mencionamos no primeiro capítulo. A edição VM1949 trouxe modificações em relação à 1ª edição, com o acréscimo de 18 contos como apêndice ao romance, mantidos em IV: VM.

No documento histórico está a reprodução do retrato do escritor “tirado por ocasião da 2ª edição em livro do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1917)”. São dois textos de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde) que prefaciam o romance: o primeiro, da página 9 à 13, datada de 16 de julho de 1954; e segundo, reprodução do artigo publicado no periódico *O Jornal*, de 18 de junho de 1919. Muito relevante é o conteúdo do primeiro parágrafo do prefácio datado de 1954:

A 17 de junho de 1919, com o primeiro número do *O Jornal* de Renato Lopes, surgia a primeira crônica desse inseparável companheiro, cujo nome não tive coragem de abandonar, nem mesmo na curva de 1928: o Tristão de Ataíde. E logo no dia seguinte, a 18 de junho, a primeira figura literária com que se ocupava o jovem crítico, em suas novas funções, era a de Lima Barreto e a deste seu romance nesse mesmo ano publicado, ainda em vida do autor: *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. (IV: VM, p. 9).

Refere-se o intelectual católico, falecido em 1983, ao início de sua carreira como crítico literário, quando assume o pseudônimo de Tristão de Athayde, que o separava de suas atividades na indústria da família. O artigo publicado em 1919 pelo *O Jornal* intitulou-se “Um discípulo de Machado de Assis”, que colocou a obra de Lima Barreto no círculo da mais alta tradição literária brasileira.

Foram mantidas a dedicatória a Antônio Noronha Santos, as duas epígrafes (de Vigny e de Bourget) e a “advertência”. O romance vai da página 21 à 168; os contos, da 169 à 290. Nas notas ao texto, à página 295, aponta-se para os dicionários usados e os textos para o cotejo e estabelecimento do volume. Não se reestabeleceu, contudo, o legado editorial de 1919, que era edição homogênea; seguiu-se a edição heterogênea de 1949.

3.2.5. *Clara dos Anjos**. São Paulo: Editora Brasileira, 1956. 296 páginas.

V: CA é o primeiro volume que se interpõe na ordem cronológica do legado editorial das obras de Lima Barreto; contudo, cremos que o editor seguiu o critério de se colocar na ordem os romances do escritor: aos quatro editados em vida, acrescentou o publicado postumamente. Na sequência, do sexto volume em diante da coleção, entram na ordem os livros que contém os contos, as crônicas e artigos, além dos textos memorialísticos. Como em CA1948, o organizador deixou no volume V: CA os contos que retirara de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915. Francisco de Assis Barbosa aproveitou-se do critério do próprio Lima Barreto para juntar num mesmo volume publicado, contos e romances. Mas, é preciso ressaltar que, como analisamos no primeiro capítulo, o escritor aproveitou o ensejo de publicar uma obra, e colocou contos que haviam sido publicados em periódicos colocando-os em livros. Trata-se de aproveitar uma oportunidade de publicação que talvez não a tivesse em outro momento pelas condições precárias, tanto financeiramente quanto editorialmente. O que salta aos olhos é o procedimento de Barbosa de interferir no legado, tirando textos publicados originalmente num volume e recolocando-os em outros que não fossem aqueles deixado segundo o estabelecido pelo próprio escritor. Assim o fez com *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, em que colocou contos junto ao romance.

No documento histórico de V: CA, reproduz-se a “caricatura de Lima Barreto, de autoria de Hugo Pires, publicada pela primeira vez na revista *A Cigarra*, de São Paulo, 1919” (V: CA, p. 5). O prefácio é assinado por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), um dos mais importantes historiadores do Brasil, que em 1936 publicou uma das mais relevantes obras sobre a formação da pátria: *Raízes do Brasil*. O artigo de Holanda reproduzido em V: CA foi publicado pela primeira vez no *Diário de Notícias*, em 23 e 30 de janeiro de 1949, reflexo da publicação de *Clara dos Anjos* em 1948 pela Editora Mérito, pois o ensaísta faz uma análise tanto do romance como dos contos publicados como apêndice, além de tratar da obra de Lima Barreto como, em grande parte, “uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte” (V: CA, p. 9). Na edição de 1948 do romance, o prefaciador foi Lúcia Miguel-Pereira. O romance vai da página 27 à 196; em seguida, os contos, da 197 à 292.

3.2.6. *Histórias e Sonhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 308 páginas.

VI: HS reproduz no documento histórico a capa da 1ª edição de *Histórias e Sonhos* em 1920, e tem como prefácio um texto de Lúcia Miguel-Pereira, publicado originalmente na

História da Literatura Brasileira, volume XII, *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1950, p. 284-290. O volume se constitui de três partes, tal como em HS1951: a primeira, *Histórias e Sonhos*, está entre as páginas 21 e 211; *Outras Histórias*, a segunda parte, entre a 213 e 250; *Contos Argelinos*, a última parte, de 251 a 280.

Histórias e Sonhos é o primeiro volume da coleção que traz apenas textos curtos, marcando um exemplo dos mais marcantes quanto às interferências praticadas por Francisco de Assis Barbosa no legado editorial de Lima. Da edição original publicada em 1920 pela Gianlorenzo Schettino, o organizador já havia suprimido dois textos na edição HS1951, “A matemática não falha” e “Vossa Excelência”⁶², além de ter aumentado o volume em mais duas outras partes: *Outras Histórias* e *Contos Argelinos* (cf. capítulo II, 2.3.6.).

Não ocorreram mudanças na primeira parte, *Histórias e Sonhos*, em relação a HS1951, mas ocorrem modificações nas outras duas partes. Dos 16 textos de *Outras Histórias*, sete são suprimidos e realocados para XII: MA:

Quadro 23: relação de textos suprimidos de *Outras Histórias*, do volume HS1951, e realocados em XII: MA.

01. “Por que não se matava” (conto)	05. “A doença do Antunes” (conto)
02. “Ele e suas ideias” (conto)	06. “Casa de poetas (comédia em um ato)” (peça de teatro)
03. “Numa e a Ninfa” (conto)	07. “Os negros (esboço de uma peça)” (peça de teatro.)
04. “O cemitério” (conto)	

Na terceira parte, *Contos Argelinos*, ocorreram, como na segunda parte, modificações com supressão de 34 textos, transpostos para VIII: CRJ e XII: MG. Para VIII: CRJ foram descolados 08 textos:

Quadro 24: relação de textos suprimidos de *Contos Argelinos*, do volume HS1951, e realocados em VIII: CRJ.

01. “Um debate acadêmico”	05. “O poderoso Dr. Matamorros”
02. “Coisas parlamentares”	06. “Manifestações políticas”
03. “O destino do Chaves”	07. “Na avenida”
04. “Uma opinião de peso”	08. “Um fiscal de jogo”

O volume XII: MG recebeu 26 textos de *Contos Argelinos*:

⁶² Segundo o organizador Francisco de Assis Barbosa, a supressão dos dois contos ocorreu pelo fato de os dois figurarem em outros livros do escritor: “A matemática não falha” em *Bagatelas* e “Vossa Excelência” como parte da crônica “Os samoiedas” em *Os Bruzundangas* (cf. capítulo II, 2.3.6.).

Quadro 25: relação de textos suprimidos de *Contos Argelinos*, do volume VI: HS, e realocados em XII: MG

01. “O oráculo”	14. “O rico mendigo”
02. “A chegada”	15. “Projeto de lei”
03. “Um candidato”	16. “Firmeza política”
04. “Um bom escritor”	17. “Cincinato, o romano”
05. “Os quatro filhos d’Aimon”	18. “O ideal”
06. “A consulta”	19. “A fraude eleitoral”
07. “Que rua é essa?”	20. “As teorias do Dr. Caruru”
08. “Abertura do congresso”	21. “O congraçamento”
09. “Medidas de S. Excia.”	22. “Nós! Hein?”
10. “Uma anedota”	23. “Falar inglês”
11. “A nova glória”	24. “Rocha, o guerreiro”
12. “Era preciso”	25. “Um do povo”
13. “Faustino I”	26. “Interesse público”

Com os deslocamentos destes textos para outros volumes da coleção, VI: HS passou a ser composto da seguinte maneira: 1ª parte, *Histórias e Sonhos*, com 17 textos; 2ª parte, *Outras Histórias*, com 9 e a 3ª parte, *Contos Argelinos*, com 13. Na “nota prévia”, o editor relembra a supressão em HS1951 dos textos “A matemática não falha” e “Sua Excelência”, publicados originalmente em 1920 (cf. nota de rodapé 57 desta tese); alude, também, à composição da edição de 1951 com três partes, que repete em 1956, mas com modificações conforme descrevemos nos quadros 23, 24 e 25.

Para explicar o deslocamento dos 41 textos das três partes do volume, apesar de seguir o modelo da edição anterior, escreve o organizador:

Na presente edição, que é a terceira, seguiu-se o mesmo critério da segunda. Entretanto, para atender à uniformidade dos volumes desta coleção, no que diz respeito ao número de páginas, não foi possível manter alguns dos contos e crônicas reunidos na segunda e terceira partes da edição de 1951. (VI: HS, p. 20).

Nesta citação temos a apresentação do critério do organizador para o deslocamento dos textos: a manutenção da uniformidade dos volumes da coleção. É coerente a explicação no que tange à publicação de obras em coleção, mas não explica os critérios usados para a escolha dos textos suprimidos e deslocados para outros volumes. Só percebemos um critério na supressão de dois deles, por se constituírem de categoria diferente dos demais da parte *Outras Histórias*: as duas peças teatrais (cf. itens 6 e 7 do quadro 23). O que nos parece é que Francisco de Assis Barbosa embasou-se nos critérios de Lima Barreto em publicar edição heterogênea, obras contendo diferentes categorias literárias, como foi o caso da 1ª edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, composta por um romance e contos. O que nos chama a

atenção, no entanto, é a maneira, em tese, arbitrária de intercambiar os textos nos volumes, baseando-se no objetivo mercadológico de montagem de volumes uniformes de uma coleção.

3.2.7. *Os Bruzundangas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 308 páginas.

VII: BR apresenta no documento histórico a foto

tirada por ocasião da inauguração da Biblioteca Lima Barreto, doSAPS, em Madureira, subúrbio carioca, vendo-se o diretor executivo da instituição, Sr. Paiva Muniz, o escritor Francisco de Assis Barbosa, os irmãos de Lima Barreto: Evangelina e Carlindo, e o professor Trindade Filho, presidente do Centro Cultural Lima Barreto. O retrato a óleo do romancista, em segundo plano, é da autoria do pintor Victório Gobbis⁶³. (VII: BR, p.4).

Indica a folha de rosto um volume formado por “sátira”. O prefácio é a reprodução de artigo publicado originalmente em 12 de novembro de 1949 na *Folha da Manhã*, de São Paulo, do crítico paulista Osmar Pimentel (1912-1989), afirmando, entre outras coisas que na obra limabarretiana predominam dois temas centrais: “a piedade pelos injustiçados” e “a eficácia, quase milagrosa, atribuída às forças da inteligência e do idealismo para uma possível organização ética da cidade dos homens” (VII: BR, p. 12).

BR1952 já havia sofrido alterações em relação à edição original de 1922, quando o organizador acrescentou textos, transformando, inclusive, em uma edição composta por mais de uma parte, diferente daquilo que o escritor havia deixado em vida. Francisco de Assis Barbosa agora, em VII: BR, vai alterar aquilo que ele mesmo havia interferido em 1952 em *Os Bruzundangas*. A primeira modificação é a separação dos textos abaixo que o mesmo havia ajuntado aos textos da edição original de *Os Bruzundangas*. Estes formarão a parte intitulada *Outras histórias da Bruzundanga*:

Quadro 26: crônicas separadas da 1ª parte de BR1952, que formarão *Outras histórias da Bruzundanga* em VII: BR.

01. “As letras na Bruzundanga” (em BR1952 consta como “Ainda sobre as letras”).	04. “Rejuvenescimento (Crônica militar)” .
02. “A arte” .	05. “No Salão da Marquesa” .
03. “Lei de Promoções (Crônica militar)”	06. “Outras notícias” .

A separação destes seis textos da 1ª parte de *Os Bruzundangas* restabelece a edição de 1922 da obra com seus 23 textos, salvo ainda o organizador ter montado um volume com duas outras partes, diferente do formato da publicação original do livro. As outras duas

⁶³ Victorio Gobbis nasceu na Itália em 1894, chegou ao Brasil em 1923e aqui morreu em 1968. Foi pintor, desenhista e restaurador.

modificações são a retirada da parte *Coisas do Reino do Jambon*, que foi deslocada para um volume próprio, VIII: CRJ, e a formação de uma terceira parte com os quatro episódios picarescos de *As aventuras do Doutor Bogóloff*, que fazia parte de NN1950.

Com as intervenções ocorridas em VII: BR, a composição do volume fica constituída dessa maneira: *Os Bruzundangas*, com 23 crônicas, da página 23 à 172; *Outras Histórias dos Bruzundangas*, com 6 crônicas, da 173 à 195; e *Aventuras do Doutor Bogóloff*, formadas por 04 episódios picarescos, da 197 à 284. O organizador não explica os motivos da separação das seis crônicas de *Outras Histórias da Bruzundanga*, expondo apenas que “o presente volume, sob título geral –encerra três partes, tematicamente associadas, o que lhe dá certa unidade, vida publicitária até agora dissociadas” (VII: BR, p. 19).

3.2.8. *Coisas do Reino do Jambon. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 320 páginas.**

O documento histórico de VIII: CRJ reproduz “uma página da 1ª edição em livro de *Numa e a Ninfa*, revista por Lima Barreto”, não constando o ano. O prefácio é do romancista e jornalista Olívio Montenegro (1896-1962), publicado originalmente na obra *O Romance Brasileiro*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, p. 143-158. Segundo a análise de Montenegro, Lima Barreto foi o “romancista do começo deste século [XX] que mais olhou para si mesmo para escrever” (VIII: CRJ, p. 9). A página de rosto indica que a obra é composta de “sátira” e “folclore”.

O volume também é compósito, formado por mais de uma parte: a primeira dá título ao livro, *Coisas do Reino do Jambón*⁶⁴; a segunda é denominada *Hortas e Capinzais*; a terceira, *Mágoas e sonhos do povo*. *Coisas do Reino do Jambon* é formada pelos 47 textos constantes na segunda parte de BR1952, acrescidos dos 08 textos remanejados de HS1951 e 38 inéditos⁶⁵:

⁶⁴ Em HS1951 *Coisas do Reino do Jambon* era parte do volume de contos; ao ser retirado da edição da Mérito, dará nome ao volume VIII da Edição Brasiliense, 1956.

⁶⁵ Indicaremos, no quadro 27, entre parênteses, a edição oriunda do texto; no caso de ineditismo, nada se constará.

Quadro 27 – relação dos textos que compõe *Coisas do Reino do Jambon*, publicada pela Editora Brasiliense, em 1956:

01. “Coisas do Jambon”. <i>Careta</i> , 30 jul. 1921. (BR1952)	48. “Coisas parlamentares”. <i>Careta</i> , 25 out. 1919.
02. “Encrencas’ Nacionais”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920. (BR1952)	49. “Um debate acadêmico”. <i>Careta</i> , 25 out. 1919. (HS1951)
03. “Defesa da Pátria”. <i>Careta</i> , 21 ago. 1915. (BR1952)	50. “Megalomania”. <i>Careta</i> , 28 ago. 1920.
04. “Festas Nacionais”. <i>Careta</i> , 29 nov. 1919. (BR1952)	51. “Assunto sério”. <i>Careta</i> , 13 mar. 1920.
05. “Coisas administrativas”. <i>Careta</i> , 17 jan. 1920. (BR1952)	52. “O repórter e o júri”. <i>Careta</i> , 18 out. 1919.
06. “O império de Petrópolis”. <i>Careta</i> , 22 jan. 1921. (BR1952)	53. “Amazonas do Assírio”. <i>Careta</i> , 22 mai. 1920.
07. “A casa dos espantos”. <i>Atualidade</i> , 20 jul. 1919. (BR1952)	54. “Uma ideia”. <i>Careta</i> , 29 mai. 1920.
08. “Importância da dança no intercâmbio comercial”. <i>A.B.C.</i> , 08 out. 1921. (BR1952)	55. “Alta cultura”. <i>Careta</i> , 10 jul. 1920.
09. “Lei de imprensa”. <i>Careta</i> , 05 ago. 1922. (BR1952)	56. “Um sociólogo”. <i>Careta</i> , 21 ago. 1920.
10. “Arte de Vatel”. <i>Careta</i> , 30 out. 1920. (BR1952)	57. “Acumulações e comendas”. <i>Careta</i> , 11 set. 1920.
11. “A amanuensa”. <i>A.B.C.</i> , 05 out. 1918. (BR1952)	58. “Os grandes tapeceiros”. <i>Careta</i> , 25 set. 1920.
12. “O nosso feminismo”. <i>Careta</i> , 16 abr. 1921. (BR1952)	59. “A Universidade”. <i>Careta</i> , 25 set. 1920.
13. “O Doutor Frontin e o Feminismo”. <i>Careta</i> , 14 fev. 1920. (BR1952)	60. “Banquetes”. <i>Careta</i> , 25 set. 1920.
14. “Voto Feminino”. <i>Careta</i> , 07 jul. 1921. (BR1952)	61. “Macaquitos”. <i>Careta</i> , 23 out. 1920.
15. “A polianteia das burocratas”. <i>Rio-Jornal</i> , 26 e 27 set. 1921. (BR1952)	62. “Arte culinária”. <i>Careta</i> , 13 nov. 1920.
16. “Legião da mulher brasileira”. <i>A.B.C.</i> , 27 mar. 1920. (BR1952)	63. “Os tais higienistas...”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920.
17. “O Feminismo invasor...”. <i>A.B.C.</i> , 21 jan. 1922. (BR1952)	64. “Sabedoria esverdinhada”. <i>Careta</i> , 11 dez. 1920.
18. “O feminismo em ação”. <i>Careta</i> , 08 abr. 1922. (BR1952)	65. “O destino do Chaves”. <i>Careta</i> , 15 dez. 1920. (HS1951)
19. “O patriotismo”. <i>Correio da Noite</i> , 21 dez. 1914. (BR1952)	66. “Uma conferência esportiva”. <i>Careta</i> , 01 jan. 1921.
20. “Reflexões”. <i>Correio da Noite</i> , 22 dez. 1914. (BR1952)	67. “Seria o ‘suco’”. <i>Careta</i> , 08 jan. 1921.
21. “A Amazônia”. <i>Correio da Noite</i> , 08 jan. 1915. (BR1952)	68. “As mulheres na Academia”. <i>Careta</i> , 19 fev. 1921.
22. “O momento”. <i>Correio da Noite</i> , 03 mar. 1915. (BR1952)	69. “Coisas jurídicas”. <i>Careta</i> , 19 fev. 1921.
23. “Os pintores”. <i>Correio da Noite</i> , 05 mar. 1915. (BR1952)	70. “Uma opinião de peso”. <i>Careta</i> , 22 jan. 1921. (HS1951)
24. “Oposição jornalística”. <i>Careta</i> , 18 set. 1915. (BR1952)	71. “O poderoso Doutor Matamorros”. <i>Careta</i> , 05 fev. 1921. (HS1951)

25. “O serviço das eleições”. <i>Careta</i> , 28 ago. 1915. (BR1952)	72. “A greve da Cantareira”. <i>Careta</i> , 19 fev. 1921.
26. “Eleições”. <i>Careta</i> , 26 fev. 1921. (BR1952)	73. “Automóveis oficiais”. <i>Careta</i> , 26 fev. 1921.
27. “O Reconhecimento”. <i>Careta</i> , 09 abr. 1921. (BR1952)	74. “Os doutores militares da polícia”. <i>Careta</i> , 12 mar. 1921.
28. “Escola de deputados”. <i>Careta</i> , 22 mai. 1915. (BR1952)	75. “Fábricas e arsenais bélicos”. <i>Careta</i> , 12 mar. 1921.
29. “Fato inédito”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920. (BR1954)	76. “Prensas’ e ‘guitarras’”. <i>Careta</i> , 27 ago. 1921.
30. “Escola de enfermeiras”. <i>Careta</i> , 25 mar. 1922. (BR1952)	77. “Um fiscal de jogo”. <i>Careta</i> , 10 set. 1921. (HS1951)
31. “O café”. <i>Careta</i> , 26 jun. 1915. (BR1952)	78. “Graças a Deus!”. <i>Careta</i> , 17 set. 1921.
32. “A defesa do Senhor Café (uma subscrição)”. <i>Dom Quixote</i> , 01 ago. 1917. (BR1952)	79. “Doux Pays”. <i>Careta</i> , 24 set. 1921.
33. “O que se dirá ‘deles’”. <i>Careta</i> , 18 fev. 1922. (BR1952)	80. “Manifestações políticas”. <i>Careta</i> , 29 out. 1921. (HS1951)
34. “Depois de velho...”. <i>Careta</i> , 02 out. 1915. (BR1952)	81. “Em Petrópolis”. <i>Careta</i> , 17 dez. 1921.
35. “Os jornais dos estados”. <i>Correio da Noite</i> , 14 jan. 1915. (BR1952)	82. “Egresso de Petrópolis”. <i>Careta</i> , 31 dez. 1921.
36. “A pecuária”. <i>Correio da Noite</i> , 10 mar. 1915. (BR1952)	83. “O carnaval e a morte”. <i>Careta</i> , 11 mar. 1922.
37. “Novas reformas”. <i>Careta</i> , 07 ago. 1915. (BR1952)	84. “Na avenida”. <i>Careta</i> , 15 abr. 1922. (HS1951)
38. “Colônia carioca”. <i>Careta</i> , 09 out. 1915. (BR1952)	85. “Uma atuação da Dona Berta”. <i>Careta</i> , 06 mai. 1922.
39. “Amor, cinema e telefone”. <i>Careta</i> , 24 jan. 1920. (BR1952)	86. “Na segunda classe”. <i>Careta</i> , 02 set. 1922.
40. “A moda feminina”. <i>Careta</i> , 31 jan. 1920. (BR1952)	87. “Exportação de frutas”. <i>Careta</i> , 11 nov. 1922.
41. “Tribunal Histórico Republicano”. <i>Careta</i> , 24 jan. 1920. (BR1952)	88. “Médicos e gramáticos”. <i>Careta</i> , 11 nov. 1922.
42. “O rei e a galeota”. <i>Careta</i> , 23 out. 1920. (BR1952)	89. “Uma surpresa da Exposição”. <i>Careta</i> , 11 nov. 1922.
43. “Atribuições de um autor”. <i>Careta</i> , 10 set. 1921. (BR1952)	90. “Novos ministérios”. <i>Careta</i> , 14 out. 1922.
44. “O centenário”. <i>Careta</i> , 30 set. 1922. (BR1952)	91. “Herói!”. <i>Careta</i> , 18 nov. 1922.
45. “Congressos”. <i>Careta</i> , 07 out. 1922. (BR1952)	92. “A penhora da ‘Moralidade’”. <i>Careta</i> , 19 jan. 1924.
46. “Dissidências”. <i>Careta</i> , 05 jan. 1924. (BR1952)	93. “Coisas do ‘Sítio’”. <i>Careta</i> , 09 fev. 1924.
47. “Negócio de Maximalismo”. <i>Careta</i> , 20 set. 1919. (BR1952)	

É possível observar a partir do quadro acima que os textos inéditos que o organizador juntou aos 47 da edição BR1952 são todos publicados pela *Careta*, com datas a partir do ano de 1919. As fontes jornalísticas dos textos de *Coisas do Reino do Jambon* são as seguintes:

Quadro 28 - distribuição dos textos que compõem *Coisas do Reino do Jambon*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956, por periódicos:

Título do periódico	Número de textos
<i>Careta</i>	79
<i>A.B.C.</i>	04
<i>Atualidade</i>	01
<i>Rio-Jornal</i>	01
<i>Correio da Noite</i>	07
<i>Dom Quixote</i>	01

Quadro 29 – distribuição por anos de publicação dos textos que compõem *Coisas do Reino do Jambon*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Ano de publicação	Número de textos
1914	02
1915	13
1917	01
1918	01
1919	06
1920	25
1921	26
1922	16
1924	03

Numa análise panorâmica do quadro 28, é fácil perceber que o organizador manteve a ordem dos 47 textos que vieram de BR1952 (itens 1 a 47), mas colocou os 08 procedentes de HS1951 misturados aos 38 inéditos. Contudo, percebemos que a partir do texto prevaleceram os publicados pela *Careta* com data a partir de 1919, denotando um critério de seleção. Estranha-nos o fato de que Francisco de Assis Barbosa não ter organizado todos os textos em ordem cronológica, já que misturou os de origem em HS1951 aos inéditos.

A segunda parte de VIII: CRJ, *Hortas e Capinzais*, é formada por 22 textos inéditos em livro, que segundo Barbosa, pertenceram a uma série que “apareceu na *Careta*, quase sempre

com um subtítulo, em geral “Vida Urbana”; por esse motivo, suas crônicas receberam denominação de nossa responsabilidade, acorde com o tema versado em cada uma”. Se a explicação é válida para justificar a montagem desta parte do volume VIII: CRJ, notável é a informação de que o subtítulo das crônicas juntadas era “Vida Urbana”, já que na coleção há um volume (XI: VU) com este título. O fato de não constarem em XI: VU nós atribuímos ao critério anunciado de “uniformização de volumes”.

Quadro 30 – relação das crônicas inéditas que formam a parte intitulada *Hortas e Capinzais*, publicadas em VIII: CRJ:

01. “A sociedade de agricultura”. <i>Careta</i> , 10 jan. 1920	12. “Galos de briga”. <i>Careta</i> , 03 jul. 1920.
02. “Como extinguir os gafanhotos”. <i>Careta</i> , 17 jan. 1920.	13. “Instrumentos agrícolas”. <i>Careta</i> , 24 jul. 1920.
03. “Criação de Gado”. <i>Careta</i> , 24 jan. 1920.	14. “Animais domésticos”. <i>Careta</i> , 14 ago. 1920.
04. “A lagarta rosada”. <i>Careta</i> , 31 jan. 1920.	15. “Insetos nocivos”. <i>Careta</i> , 21 ago. 1920.
05. “A cultura da cana e a indústria do açúcar”. <i>Careta</i> , 07 fev. 1920.	16. “Plumagem para chapéus”. <i>Careta</i> , 04 set. 1920.
06. “Maravilhas da Amazônia”. <i>Careta</i> , 21 fev. 1920	17. “Madeiras de lei”. <i>Careta</i> , 11 set. 1920.
07. “Algodão e feijão”. <i>Careta</i> , 06 mar. 1920.	18. “Animais de tiro”. <i>Careta</i> , 18 set. 1920.
08. “Cogumelos”. <i>Careta</i> , 13 mar. 1920.	19. “Cercas”. <i>Careta</i> , 25 set. 1920.
09. “A couve anã”. <i>Careta</i> , 17 abr. 1920.	20. “A jaca”. <i>Careta</i> , 16 out. 1920.
10. “Leite e seus derivados”. <i>Careta</i> , 01 mai. 1920.	21. “Plantação de galinhas”. <i>Careta</i> , 05 nov. 1921.
11. “A propósito de aves”. <i>Careta</i> , 29 mai. 1920.	22. “Galinhas poedeiras”. <i>Careta</i> , 26 nov. 1921.

A relação destas 22 crônicas de *Hortas e Capinzais* apresenta um recorte da produção de Lima Barreto na *Careta*, seja pelo assunto, seja pelo espaço temporal: de janeiro de 1920 a novembro de 1922, mantendo-se a ordem cronológica do aparecimento dos textos no periódico. A terceira parte de VIII: CRJ é constituída por *Mágoas e Sonhos do Povo* publicada como parte de MA1953. Assim, ficou organizado o volume: a primeira parte, que dá título, *Coisas do Reino do Jambon*, vai da página 25 à 201; a segunda parte, *Hortas e Capinzais*, da 203 à 238; a última, *Mágoas e Sonhos do povo*, da 239 à 298.

Aspecto notável que se apresenta em VIII: CRJ é o caso de termos a quebra da cronologia do legado que pressupúnhamos na coleção até aqui: dos volumes I ao V houve uma preferência pela ordem de publicação dos romances, na sequência que foram editados em vida pelo escritor (*Isaías Caminha*, *Numa e a Ninfa*, *Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte*)

pospondo-se o inédito *Clara dos Anjos*. Seguiram-se, na coleção *Obras de Lima Barreto*, os volumes VI e VII, *Histórias e Sonhos* e *Os Bruzundangas*, respectivamente, num claro respeito à sequência das edições montadas por Lima Barreto e publicados até seu falecimento em 1922. Na lógica observada na linha temporal dos romances na coleção, o volume VIII deveria ser ocupado por *Bagatelas*, o último organizado por Lima Barreto a ser publicado. Daí para diante, seguir-se-iam os volumes totalmente criados por Francisco de Assis Barbosa, numa demonstração de se obedecer a outro critério de ordenação.

A interposição de um volume totalmente montado pelo organizador à ordem cronológica das edições feitas pelo próprio Lima Barreto demonstra que na coleção *Obras de Lima Barreto*, ainda permaneceram as características de bagatelização que presenciamos nas edições feitas pelo próprio Barbosa entre 1948 e 1953. Além de tudo, não podemos ignorar que VIII: CRJ é indicado como formado pelas categorias literárias “sátira” e “folclore”, divergindo da classificação que o organizador havia dado para os textos realocados de HS1951 (contos) e BR1952 (crônicas). Indicando como volume composto por “sátira”, coloca-o na mesma categoria literárias que inseriu os textos de VII: BR (*Os Bruzundangas*), embora os textos de VIII: CRJ estejam mais próximos da categoria literária daqueles publicados em *Bagatelas*, que, aliás, deveria vir depois de VII: BR e ocupar o oitavo lugar, respeitando a ordem do legado limabarretiano, cabendo a *Coisas do Reino do Jambon* o nono lugar, como o primeiro livro da série de volumes construídos por Francisco de Assis Barbosa, que alcança até o volume XIII: IL.

3.2.9. *Bagatelas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 324 páginas.**

A publicação de *Bagatelas* pela Editora Brasiliense “reproduz a primeira edição, que apareceu em 1923, um ano após a morte de Lima Barreto” (IX: BA, p. 33). No documento histórico reproduz-se um desenho do escritor, assinado por D[imitri]. Ismailovitch (Rússia, 1896-Rio de Janeiro, 1976), datada de 1950, pertencente ao escritor Jaime Adour da Câmara. Na relação de “Obras de Lima Barreto”, o organizador afirma ser o volume IX: BA constituído de “artigos e crônicas”, o que contraria a indicação do próprio escritor na edição de 1923: “composto de artigos de várias naturezas” (LIMA BARRETO, 1923, p.3). Na página de rosto, contudo, credita-se a edição como “romance”, que, com certeza, trata-se de um lapso de impressão.

No prefácio, escrito especialmente para a edição de IX: BA, o escritor, crítico literário e político brasileiro Astrojildo Pereira (1890-1965), como já mencionamos no primeiro capítulo desta tese, refuta o próprio Lima Barreto quando este diz que *Bagatelas* era composto de

textos que apareceram em “revistas e jornais modestos”. O articulista faz uma análise dos assuntos que permeiam IX: BA, demonstrando a importância e a abrangência do olhar crítico que Lima Barreto mantinha sobre os assuntos de sua época, no Brasil quanto no resto do mundo.

3.2.10. *Feiras e Mafuás. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 314 páginas.**

X: FM reproduz a edição de FM1953, agora com o prefácio do jornalista e crítico Jackson Figueiredo (1891-1928), publicado originalmente em *A Lusitana* em 10 de junho de 1916. No artigo do jovem crítico vale a pena ressaltar a seguinte passagem, até pela data que o texto foi escrito, poucos anos depois de Lima Barreto ter publicado *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* e logo após a publicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma*:

[...] Lima Barreto, é, entre nós, na verdade o tipo perfeito de analista social, mas um analista de combate, que não ficou como Machado de Assis, por exemplo, no círculo de uma timidez intelectual esquivada ao julgamento. Ele não se limita a mostrar todos os fundos da cena, o que vai pelos bastidores da nossa vida; toma partido, assinala os atores que falam a linguagem da verdade, mostra o que há de falso, de mentiroso na linguagem dos outros. (X: FM, p. 11).

O documento histórico reproduz a fotografia publicada na *Careta* em 17 de setembro de 1910 do júri no julgamento da “Primavera de sangue”, em que Lima Barreto aparece assinalado num círculo. As crônicas que enfeixam o volume vão da página 19 à 298; e as notas ao texto, se iniciam na 299.

3.2.11. *Vida Urbana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 306 páginas.**

Vida Urbana (XI: VU) é mais um volume de inteira responsabilidade de Francisco de Assis Barbosa, composto de textos inéditos em livros. Na “nota prévia”, a explicação do organizador dá conta do ineditismo dos artigos e crônicas que formam *Vida Urbana*, além de explicar a escolha do título. Também afirma que se trata de “coleção de artigos e crônicas de Lima Barreto, de diversas épocas”, que denota uma espécie de confissão de que o critério usado pelo organizador para a junção de crônicas e artigos para a publicação é o mesmo usado pelo escritor para a edição de *Bagatelas*:

O presente volume vem à luz pela primeira vez. Enfeixa uma coleção de artigos e crônicas de Lima Barreto de diversas épocas, com predominância da produção dos seus últimos anos de vida, nos periódicos do Rio de Janeiro. O título ocorre em crônicas publicadas na revista *Careta*, frequentes vezes na série que aí manteve sob a denominação de “Hortas e Capinzais”. Procurou-se, na medida do possível, reunir aqueles escritos que correspondessem ao título – o que seria a melhor forma de evidenciar o carinho e amor com que Lima

Barreto, ademais profundo conhecedor da sua cidade, acompanhou um dos momentos críticos da transformação desta. (XI: VU).

Francisco de Assis Barbosa refere-se à escolha do título a partir de uma série que o escritor manteve na *Careta*, em que o subtítulo era “Vida Urbana”, o que nos leva à seguinte questão: Por que não se reuniu os textos de *Hortas e Capinzais* (cf. 3.2.8, supra) no mesmo volume de *Vida Urbana*? Respondemos: haveria problemas com a “uniformidade”.

Quadro 31 – relação de crônicas e artigos que formam *Vida Urbana*, publicada pela Editora Brasiliense, em 1956.

01. “A mulher brasileira”. <i>Gazeta da Tarde</i> , 27 abr. 1911.	67. “O edifício da Cruz Vermelha”. <i>Hoje</i> , 10 jul. 1919.
02. “Os nossos jornais”. <i>Gazeta da Tarde</i> , 20 out. 1911.	68. “No primor da elegância”. <i>O Malho</i> , 19 jul. 1919.
03. “Os ‘cortes’”. <i>Correio da Noite</i> , 14 dez. 1914.	69. “Modas femininas e outras”. <i>Careta</i> , 13 set. 1919.
04. “Quantos”. <i>Correio da Noite</i> , 18 dez. 1914.	70. “A tal história da aniagem”. <i>A.B.C.</i> , 27 set. 1919.
05. “Não se zanguem”. <i>Correio da Noite</i> , 26 dez. 1914.	71. “Os correspondentes”. <i>Careta</i> , 27 set. 1919.
06. “A polícia suburbana”. <i>Correio da Noite</i> , 28 dez. 1914.	72. “Atribulações de um vendeiro”. <i>Careta</i> , 27 set. 1919.
07. “A música”. <i>Correio da Noite</i> , 30 dez. 1914.	73. “Uma partida de <i>football</i> ”. <i>Careta</i> , 04 out. 1919.
08. “A propósito...”. <i>Correio da Noite</i> , 12 jan. 1915.	74. “As vaporosas”. <i>Careta</i> , 04 out. 1919.
09. “O morcego”. <i>Correio da Noite</i> , 02 jan. 1915.	75. “Cuidado!!”. <i>Careta</i> , 04 out. 1919.
10. “Pólvora e cocaína”. <i>Correio da Noite</i> , 05 jan. 1915.	76. “No ‘Mafuá’ dos padres”. <i>Careta</i> , 11 out. 1919.
11. “Um exemplo”. <i>Correio da Noite</i> , 06 jan. 1915.	77. “Um ‘desafio’ histórico”. <i>Dom Quixote</i> , 15 out. 1919.
12. “A lei”. <i>Correio da Noite</i> , 07 jan. 1915.	78. “Casos do júri”. <i>O Estado</i> (Niterói), 25 out. 1919.
13. “As esquinas”. <i>Correio da Noite</i> , 09 jan. 1915.	79. “Liga de Defesa Nacional”. <i>Careta</i> , 25 out. 1919.
14. “Com o ‘Binóculo’”. <i>Correio da Noite</i> , 11 jan. 1915.	80. “Linhas de tiro”. <i>Careta</i> , 01 nov. 1919.
15. “Conhecem?”. <i>Correio da Noite</i> , 15 jan. 1915.	81. “Verdadeiro expoente”. <i>Careta</i> , 01 nov. 1919.
16. “O novo manifesto”. <i>Correio da Noite</i> , 16 jan. 1915.	82. “Coerência”. <i>Careta</i> , 01 nov. 1919.
17. “O nosso secretário”. <i>Correio da Noite</i> , 18 jan. 1915.	83. “Histórias de Niterói”. <i>Careta</i> , 01 nov. 1919.
18. “As enchentes”. <i>Correio da Noite</i> , 19 jan. 1915.	84. “Efeitos da lei valetudinária”. <i>Careta</i> , 15 nov. 1919.
19. “E o tal balázio?”. <i>Correio da Noite</i> , 21 jan. 1915.	85. “Concurso para a cozinha”. <i>Careta</i> , 22 nov. 1919.

20. “Ao Senhor Lucas do Prado”. <i>Correio da Noite</i> , 22 jan. 1915.	86. “Novidades”. <i>Careta</i> , 22 nov. 1919.
21. “Os próprios nacionais”. <i>Correio da Noite</i> , 23 jan. 1915.	87. “Podem fazer?”. <i>Careta</i> , 22 nov. 1919.
22. “A volta”. <i>Correio da Noite</i> , 26 jan. 1915.	88. “Limites entre estados e municípios”. <i>Careta</i> , 06 dez. 1919.
23. “Não as matem”. <i>Correio da Noite</i> , 27 jan. 1915.	89. “Academia de Letras”. <i>Careta</i> , 13 dez. 1919.
24. “Não é possível”. <i>Correio da Noite</i> , 28 jan. 1915.	90. “O Saldo”. <i>Careta</i> , 20 dez. 1919.
25. “Um conselho”. <i>Correio da Noite</i> , 29 jan. 1915.	91. “Qualquer serve”. <i>Careta</i> , 27 dez. 1919.
26. “As manguinhas de fora...”. <i>Correio da Noite</i> , 11 fev. 1915.	92. “Política do distrito”. <i>Careta</i> , 27 dez. 1919.
27. “Os exames”. <i>Correio da Noite</i> , 06 mar. 1915.	93. “O pai da ideia”. <i>Careta</i> , 14 fev. 1920.
28. “Um fato”. <i>Correio da Noite</i> , 09 mar. 1915.	94. “Uma outra”. <i>Careta</i> , 06 mar. 1920.
29. “A instrução pública”. <i>Correio da Noite</i> , 11 mar. 1915.	95. “Queixa de defunto”. <i>Careta</i> , 20 mar. 1920.
30. “Continuo...”. <i>Correio da Noite</i> , 13 mar. 1915.	96. “Os cachorros da ‘Barra’”. <i>Careta</i> , 27 mar. 1920.
31. “A Filomena”. <i>Careta</i> , 10 abr. 1915.	97. “Fala o corvo”. <i>Careta</i> , 01 mai. 1920.
32. “Carta de um pai de família ao Doutor Chefe de Polícia”. <i>Careta</i> , 24 abr. 1915.	98. “Cavendish, na Guanabara”. <i>Careta</i> , 05 jun. 1920.
33. “Quase doutor”. <i>Careta</i> , 08 mai. 1915.	99. “Mina de ferro e aço”. <i>Careta</i> , 12 jun. 1920.
34. “Um entendido”. <i>Careta</i> , 15 mai. 1915.	100. “Vantagens do <i>football</i> ”. <i>Careta</i> , 19 jun. 1920.
35. “Ontem e hoje”. <i>Careta</i> , 26 jun. 1915.	101. “O Conselho Municipal e a Arte”. <i>Hoje</i> , 08 jul. 1920.
36. “História macabra”. <i>Careta</i> , 17 jul. 1915.	102. “Chapéus, etc.”. <i>Careta</i> , 24 jul. 1920.
37. “País rico”. <i>Careta</i> , 31 jul. 1915.	103. “O tal ‘dia’”. <i>Careta</i> , 04 set. 1920.
38. “Um jantar no júri”. <i>Careta</i> , 21 ago. 1915.	104. “Papel-moeda”. <i>Careta</i> , 18 set. 1920.
39. “Gratidão do Assírio”. <i>Careta</i> , 11 set. 1915.	105. “Uma anedota”. <i>Careta</i> , 16 out. 1920.
40. “Ex-homem”. <i>Careta</i> , 25 set. 1915.	106. “Sobre a arte culinária”. <i>Careta</i> , 23 out. 1920.
41. “Futura notícia”. <i>Careta</i> , 25 set. 1915.	107. “Carta aberta, ao jeito dos bilhetes de João do Rio”. <i>Careta</i> , 13 nov. 1920.
42. “Exemplo a imitar”. <i>Careta</i> , 09 out. 1915.	108. “Missão Olímpica’ e os ‘apedidos’”. <i>Careta</i> , 08 jan. 1921.
43. “Uma lembrança”. <i>Careta</i> , 16 out. 1915.	109. “A questão dos telefones”. <i>Careta</i> , 09 abr. 1921.
44. “De forma que...”. <i>Careta</i> , 06 nov. 1915.	110. “Mas... esses americanos...”. <i>Careta</i> , 16 abr. 1921.

45. “Os outros”. <i>Careta</i> , 11 dez. 1915.	111. “Feiras livres”. <i>Careta</i> , 16 jul. 1921.
46. “Mais uma”. <i>A.B.C.</i> , 31 mar. 1917.	112. “Alto comércio”. <i>Careta</i> , 09 jul. 1921.
47. “Carta fechada – meu maravilhoso Senhor Zé Rufino”. <i>A.B.C.</i> , 12 mai. 1917.	113. “Com o Liró”. <i>Careta</i> , 23 jul. 1921.
48. “Sobre o desastre”. <i>Revista da Época</i> , 20 jul. 1917.	114. “A revolta do mar”. <i>Careta</i> , 23 jul. 1921.
49. “A vaga da academia”. <i>Lanterna</i> , 17 jan. 1918.	115. “Medidas de emergência”. <i>Careta</i> , 30 jul. 1921.
50. “O que é, então?”. <i>Lanterna</i> , 22 jan. 1918.	116. “O conde e o visconde; dois generosos”. <i>Careta</i> , 06 ago. 1921.
51. “Estudos brasileiros”. <i>Lanterna</i> , 26 jan. 1918.	117. “Botafogo e os prós-homens”. <i>Careta</i> , 06 ago. 1921.
52. “Lavar a honra, matando?”. <i>Lanterna</i> , 28 jan. 1918.	118. “A pescaria”. <i>Careta</i> , 13 ago. 1921.
53. “No campo de Agramante”. <i>Lanterna</i> , 29 jan. 1918.	119. “Vejam só”. <i>Careta</i> , 20 ago. 1921.
54. “Até que afinal!...”. <i>A.B.C.</i> , 02 fev. 1918.	120. “Declaração necessária (o caso dos 250 contos)”. <i>Careta</i> , 01 out. 1921.
55. “Cada raça tem o seu Calino”. <i>A.B.C.</i> , 23 fev. 1918.	121. “Estupendo melhoramento”. <i>Careta</i> , 01 out. 1921.
56. “Os matadores de mulheres”. <i>Lanterna</i> , 18 mar. 1918.	122. “A lógica do maluco”. <i>Careta</i> , 08 out. 1921.
57. “Padres e frades”. <i>Lanterna</i> , 23 mar. 1918.	123. “O fabricante de diamantes”. <i>A.B.C.</i> , 26 nov. 1921.
58. “As formigas e o prefeito”. <i>Lanterna</i> , 04 mai. 1918.	124. “O pré-carnaval”. <i>Careta</i> , 14 jan. 1922.
59. “O Franco...”. <i>Brás Cubas</i> , 04 jul. 1918.	125. “Carnaval e a eleição do ‘bambã’”. <i>Careta</i> , 04 mar. 1922.
60. “O Clube de Engenharia”. <i>Brás Cubas</i> , 11 jul. 1918.	126. “Paulinho e o ‘Mafuá’”. <i>Careta</i> , 11 mar. 1922.
61. “Sobre o football”. <i>Brás Cubas</i> , 15 ago. 1918.	127. “Bilhete”. <i>Careta</i> , 08 jul. 1922.
62. “Velhos ‘apedidos’ e velhos anúncios”. <i>Brás Cubas</i> , 22 ago. 1918.	128. “Transatlantismo”. <i>Careta</i> , 08 jul. 1922.
63. “Como budistas...”. <i>A.B.C.</i> , 31 ago. 1918.	129. “O nosso feminismo” ⁶⁶ . <i>A.B.C.</i> , 12 ago. 1922.
64. “O chefe político e o seu eleitor”. <i>O Malho</i> , 01 abr. 1919.	130. “O novo esporte”. <i>A.B.C.</i> , 26 ago. 1922.
65. “Quereis encontrar marido? – aprendei!...”. <i>Hoje</i> , 26 jun. 1919.	131. “Este sujeito”. <i>Careta</i> , 09 set. 1922.
66. “A causa única”. <i>O Malho</i> , 28 jun. 1919.	

⁶⁶ Há um texto homônimo publicado pela *Careta* em 16 de abril de 1921, editado em livros nos volumes BR1952 e VIII: CRJ.

Quadro 32 – distribuição por periódicos dos textos que compõem *Vida Urbana*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Título do periódico	Número de textos
<i>Correio da Noite</i>	28
<i>Gazeta da Tarde</i>	02
<i>Careta</i>	71
<i>A.B.C.</i>	09
<i>Revista da Época</i>	01
<i>Hoje</i>	03
<i>O Malho</i>	03
<i>Dom Quixote</i>	01
<i>O Estado</i>	01
<i>Lanterna</i>	08
<i>Brás Cubas</i>	04

Quadro 33 – distribuição por anos de publicação dos textos que compõem *Vida Urbana*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Ano de publicação	Número de textos
1911	02
1914	05
1915	38
1917	03
1918	15
1919	29
1920	15
1921	16
1922	08

Dos volumes da coleção descritos até aqui, XI: VU é o que contém maior número de textos, como também é o que é formado totalmente por artigos e crônicas inéditos em livros. É ainda mais um dos volumes montados inteiramente por responsabilidade de Francisco de Assis Barbosa. O que chama a atenção após a análise dos dois quadros é perceber que é o primeiro também que se obedeceu a uma ordem cronológica da publicação dos textos. No entanto, uma ideia que se apresenta em comparação com outros volumes montados por Francisco de Assis Barbosa é que a junção dos textos de *Vida Urbanas* e assemelha a um

rescaldo: o que sobrou das montagens de outros volumes, colocou-se neste. Levando em consideração o critério da “uniformidade dos volumes”, a solução foi a junção de crônicas e artigos até que atingisse o total de mais ou menos 300 páginas.

Digno de nota, contudo, é o prefácio de XI: VU, assinado por Antônio Houaiss, um dos colaboradores da organização e edição da coleção *Obras de Lima Barreto*. O ilustre linguista já afirma nos dois primeiros parágrafos de seu prefácio, Lima Barreto faz um uso eficaz do instrumento da linguagem, o que desmistifica o conceito dos puristas da língua de sua época, que consideravam o seu estilo desleixado:

O uso eficaz do instrumento da linguagem – necessidade e finalidade da linguagem – esteve sempre presente em Afonso Henriques de Lima Barreto, a parte do momento – em que decidiu dedicar-se à literatura. Literatura não era para ele apenas “expressão”, mas sobretudo “comunicação”, e comunicação militante – “militante” é a palavra que ele mesmo emprega – em que o autor se engaja, tão ostensivamente quanto possível, com suas palavras e o que elas transportam, a mover, demover, remover e promover. (XI: VU, p. 9).

Ao passo que desenvolve o prefácio, Houaiss vai comprovando com passagens da obra de Lima Barreto como o escritor demonstra sua crítica ao purismo linguístico de sua época e a crença que tinha na literatura como instrumento de comunicação, função de “necessidade e finalidade da linguagem”. No que cabem nossas interpretações ao prefácio de Houaiss, Lima Barreto usou do seu “desleixo” linguístico de maneira satírica ao criar personagens como Capitão Pelino, em “A nova Califórnia”), e Armando, o médico esposo de Olga, afilhada do protagonista de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Tinha, portanto, consciência o escritor de que sua literatura buscava a comunicação e a expressão da inteligência, como demonstrou no fundamental “O destino da literatura”, sem se preocupar com questões de purismo linguístico; e fez mais, demonstrou-o com a ironia e crítica cortante de sua sátira. O texto de Antônio Houaiss fecha-se com referências às colações que serviram para o estabelecimento dos textos dos dezessete volumes da coleção, expondo a preocupação dos organizadores em tratar o texto limabarretiano com o esmero que merece. No documento histórico está reproduzida a fotografia da Praça da República em 1903.

3.2.12. *Marginália. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 326 páginas.**

Marginália sofreu modificações em relação à edição de 1953 da Editora Mérito: das três partes que a compunham, ficou apenas a primeira, que deu título ao livro. *Impressões de leituras* foi deslocado para XIII: IL e *Mágoas e sonhos* para VIII: CRJ. Para se cumprir o

critério de “uniformidade dos volumes” da coleção, a nova configuração foi formada com o acréscimo de mais duas partes: *Contos e Teatro*:

Encerra este livro apenas uma parte do que, sob o mesmo título, foi publicado pela Editora Mérito S. A.

Acrescentaram-se, porém, diversos artigos e crônicas, extratados de revistas e jornais da época, que, dessa forma, aparecem pela primeira em livro.

Com o fito de estabelecer uma possível unidade, nos volumes desta coleção, foram também para aqui transferidas algumas peças antes publicadas em *Histórias e Sonhos*, da edição Mérito.

(XII: MA, p. 21. Grifos meus).

Encerramos, em forma de quadro, a relação dos artigos e crônicas que formam a nova constituição de *Marginália*⁶⁷:

Quadro 34 – relação dos textos que compõem *Marginália*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956:

01. “A ‘questão dos ‘poveiros’”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 02 jan. 1921. (MA1953)	52. “Não queria, mas...”. <i>Careta</i> , 03 jun. 1922.
02. “Hotel sete de setembro”. <i>Careta</i> , 05 ago. 1922. (MA1953)	53. “No próximo centenário”. <i>Careta</i> , 24 jun. 1922.
03. “15 de novembro”. <i>Careta</i> , 26 nov. 1921. (MA1953)	54. “O football”. <i>Careta</i> , 01 jul. 1922.
04. “A Biblioteca”. <i>Correio da Noite</i> , 18 jan. 1915. (MA1953)	55. “A comédia brasileira”. <i>Careta</i> , 02 set. 1922.
05. “O anel dos musicistas”. <i>A Lanterna</i> , 25 jan. 1918. (MA1953)	56. “O telefone e seu inventor”. <i>Careta</i> , 26 ago. 1922.
06. “Elogio da morte”. <i>A.B.C.</i> , 19 out. 1918. (MA1953)	57. “O ‘Estácio’ atual”. <i>Careta</i> , 22 jul. 1922.
07. “A minha candidatura”. <i>Careta</i> , 13 ago. 1921. (MA1953)	58. “Uma iniciativa”. <i>Careta</i> , 30 set. 1922.
08. “Sobre a Guerra”. <i>Correio da Noite</i> , 19 dez. 1914. (MA1953)	59. “Pedro I e José Bonifácio”. <i>Careta</i> , 07 out. 1922.
09. “Até Mirassol (notas de viagem)”. <i>Careta</i> , 23 e 30 abr. e 07 mai. 1921. (MA1953)	60. “Eu também!”. <i>Comédia</i> , 05 jul. 1919.
10. “Dias de roça (carta)”. <i>Careta</i> , 14 mai. 1921. (MA1953)	61. “Bônus da Independência”. <i>Careta</i> , 17 dez. 1921.
11. “Palavras dum simples”. <i>Hoje</i> , 22 jul. 1922. (MA1953)	62. “O cultivo do ‘jerimum’”. <i>Careta</i> , 15 jan. 1921.
12. “Bailes e divertimentos suburbanos”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 07 fev. 1922 (MA1953)	63. “Será sempre assim?”. <i>A.B.C.</i> , 07 jan. 1922.
13. “O nosso caboclisto”. <i>Careta</i> , 11 out. 1919. (MA1953)	64. “A Liga do Coração”. <i>Careta</i> , 14 mai. 1921.
14. “Como resposta”. <i>Careta</i> , 08 abr. 1922. (MA1953)	65. “Os percalços do budismo”. <i>Careta</i> , 14 mai. 1920.
15. “A Maçã e a polícia”. <i>Careta</i> 11 mar.	66. “O que o ‘Gigante’ viu e me disse”. <i>O</i>

⁶⁷Indicaremos, no quadro 34, entre parênteses, de qual edição o texto foi deslocado; no caso de ineditismo, nada se constará.

1922. (MA1953)	<i>Debate</i> , 19 jul. 1917.
16. “Generosidade”. <i>Careta</i> , 25 jun. 1921. (MA1953)	67. “Variações...”. <i>A.B.C.</i> , 14 jan. 1922.
17. “A política republicana”. <i>A.B.C.</i> , 19 out. 1918. (MA1953)	68. “Como é?”. <i>Careta</i> , [s.d.].
18. “Bilhete”. <i>Careta</i> , 17 jun. 1922. (MA1953)	69. “Feiras livres ⁶⁸ ”. <i>Careta</i> , 16 jul. 1921.
19. “De Cascadura ao Garnier”. <i>Careta</i> , 29 jul. 1922. (MA1953)	70. “Sobre a carestia”. <i>O Debate</i> , 15 set. 1917.
20. “A carroça dos cachorros”. <i>Careta</i> , 20 set. 1919. (MA1953)	71. “Coisas americanas – I”. <i>O Debate</i> , 06 out. 1917.
21. “A derrubada”. <i>Correio da Noite</i> , 31 dez. 1914. (MA1953)	72. “Coisas americanas – II”. <i>O Debate</i> , 27 out. 1917.
22. “Vestidos modernos”. <i>Careta</i> , 22 jul. 1922. (MA1953)	73. “A Caio M. de Barros”. <i>O Debate</i> , 08 ago. 1917.
23. “O moambeiro”. <i>Careta</i> , 07 ago. 1915.	74. “Carta aberta (a Hélio Lobo)”. <i>O Debate</i> , 08 set. 1917.
24. “O Jardim Botânico e as suas palmeiras”. <i>Tudo</i> , 26 jun. 1919.	75. “São Paulo e os estrangeiros”. <i>O Debate</i> , 13 out. 1917.
25. “Falta de numerário”. <i>Careta</i> , 25 out. 1919.	76. “O oráculo”. <i>Correio da Noite</i> , 17 dez. 1914. (HS1951)
26. “Providências policiais”. <i>Careta</i> , 18 out. 1919.	77. “A chegada”. <i>Careta</i> , 27 mar. 1915. (HS1951)
27. “É pequena!”. <i>Careta</i> , 25 out. 1919.	78. “Um candidato”. <i>Careta</i> , 03 abr. 1915. (HS1951)
28. “Doutor Gandola”. <i>Careta</i> , 08 mai. 1919.	79. “Um bom diretor”. <i>Careta</i> , 03 abr. 1915. (HS1951)
29. “Gréve inútil”. <i>Careta</i> , 22 mai. 1920.	80. “Os quatro filhos d’Aymon”. <i>Careta</i> , 17 abr. 1915. (HS1951)
30. “Vocações”. <i>Careta</i> , 10 jul. 1920.	81. “A consulta”. <i>Careta</i> , 17 abr. 1915. (HS1951)
31. “Recitais”. <i>Careta</i> , 14 ago. 1920.	82. “Que rua é essa?”. <i>Careta</i> , 24 abr. 1915. (HS1951)
32. “Reis modernos”. <i>Careta</i> , 04 set. 1920.	83. “Abertura do Congresso”. <i>Careta</i> , 08 mai. 1915. (HS1951)
33. “A frequência escolar”. <i>Careta</i> , 30 out. 1920.	84. “Medidas de Sua Excelência”. <i>Careta</i> , 08 mai. 1915. (HS1951)
34. “O Haroldo”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920.	85. “Uma anedota”. <i>Careta</i> , 29 mai. 1915. (HS1951)
35. “Divertimento?”. <i>Careta</i> , 04 dez. 1920.	86. “A nova glória”. <i>Careta</i> , 26 jun. 1915. (HS1951)
36. “O prefeito e o povo”. <i>Careta</i> , 15 jan. 1921.	87. “Era preciso...”. <i>Careta</i> , 03 jul. 1915. (HS1951)
37. “Coisas de ‘Mafuá’”. <i>Careta</i> , 22 jan. 1921.	88. “Faustino I”. <i>Careta</i> , 03 jul. 1915. (HS1951)
38. “Uma entrevista”. <i>Careta</i> , 26 mar. 1921.	89. “O rico mendigo”. <i>Careta</i> , 24 jul. 1915.

⁶⁸ Esta crônica não é inédita em livro: trata-se do mesmo texto publicado em *Vida Urbana*, VI: VU, p. 248 (cf. quadro 31, item 111).

39. “A prenda”. <i>Careta</i> , 30 abr. 1921.	90. “Projeto de lei”. <i>Careta</i> , 04 set. 1915. (HS1951)
40. “Uma nota”. <i>Careta</i> , 27 ago. 1921.	91. “Firmeza política”. <i>Careta</i> , 11 set. 1915. (HS1951)
41. “Caridades...”. <i>Careta</i> , 20 ago. 1921.	92. “Cincinato, o romano”. <i>Careta</i> , 18 set. 1915. (HS1951)
42. “Carta aberta ⁶⁹ ”. <i>Careta</i> , 24 set. 1921.	93. “O ideal”. <i>Careta</i> , 02 out. 1915. (HS1951)
43. “Academia dos moços”. <i>Careta</i> , 29 out. 1921.	94. “A fraude eleitoral”. <i>Careta</i> , 30 out. 1915. (HS1951)
44. “Um problema”. <i>Careta</i> , 13 mar. 1920.	95. “As teorias do Doutor Caruru”. <i>Careta</i> , 30 out. 1915. (HS1951)
45. “País rico”. <i>Careta</i> , 08 mai. 1920.	96. “O congoçamento”. <i>Careta</i> , 18 dez. 1915. (HS1951)
46. “Teias de aranha”. <i>Careta</i> , 01 abr. 1922.	97. “Nós! hein?”. <i>Careta</i> , 13 set. 1919. (HS1951)
47. “Comédia nacional”. <i>Careta</i> , 27 mai. 1922.	98. “Falar inglês”. <i>Careta</i> , 01 out. 1921. (HS1951)
48. “Melhoramentos”. <i>Careta</i> , 27 mai. 1922.	99. “Rocha, o guerreiro”. <i>Careta</i> , 19 ago. 1922. (HS1951)
49. “Feminismo internacional”. <i>Careta</i> , 03 jun. 1922.	100. “Um do povo”. <i>Careta</i> , 19 ago. 1922. (HS1951)
50. “Ainda e sempre”. <i>Careta</i> , 06 mai. 1922.	101. “Interesse público”. <i>Careta</i> , 09 fev. 1924. (HS1951)
51. “Iaiá das Marimbas”. <i>Careta</i> , 03 jun. 1922.	

Quadro 35 – Distribuição das crônicas e artigos de *Marginália*, publicada pela Editora Brasiliense, em 1956.

Título do periódico	Número de textos
<i>Gazeta de Notícias</i>	02
<i>Careta</i>	80
<i>Correio da Noite</i>	04
<i>A Lanterna</i>	01
<i>O Debate</i>	07
<i>A.B.C.</i>	04
<i>Comédia</i>	01
<i>Hoje</i>	01
<i>Tudo</i>	01

⁶⁹Segue o título “Carta aberta” o nome do destinatário, entre parênteses: “A uma senhora que se envolveu numa alta especulação, interessando o Código Penal, e se portou, durante o processo, com a perfeição domais afeiçoado Pigatti”.

Quadro 36 – distribuição por anos de publicação dos textos que compõem *Marginália*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Ano de publicação	Número de textos
1914	03
1915	22
1917	07
1918	03
1919	09
1920	10
1921	19
1922	26
1924	01
[s.d.]	01

As crônicas e os artigos que compõem *Marginália* estão entre os textos que vieram de MA1953 e HS1951; contudo, o organizador não menciona o fato de se ter um texto também publicado em outro volume, “Feira livre”, que apareceu editado no volume anterior da coleção, XI: VU. A segunda parte do volume XII: MA, denominada de *Contos*, é formada pelos cinco contos remanejados de HS1951 (cf. quadro 23); assim como as duas peças de teatro que faziam parte dos textos de HS1951(cf. quadro 23) formam a terceira parte de XII: MA, denominada *Teatro*. Tal como na maioria dos volumes montados por Francisco de Assis Barbosa, não há um critério de ordem cronológica para a junção dos textos inéditos aos já publicados em livro. Também, é claro o critério de reunir num mesmo livro textos de categorias literárias diferentes. O volume se triparte assim: *Marginália*, da página 23 à 266; *Contos*, da 267 à 292; e *Teatro*, situa-se entre as 293 e 312.

O documento histórico estampa a fotografia, de autoria de J. Casal, da casa onde Lima Barreto passou parte da infância na Ilha do Governador. O prefácio é a reprodução de artigo de Agrippino Grieco, crítico literário eco-fundador da Editora Ariel com Gastão Cruls, publicado no livro *Vivos e mortos*, 2ª edição, Livraria José Olympio Editora, 1947, pp. 82-89. Grieco em seu texto chama Lima Barreto de “o maior e mais brasileiro dos nossos romancistas” e “o nosso primeiro criador de almas”.

3.2.13. *Impressões de leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 312 páginas.

XIII: IL é indicado como um livro contendo “críticas” criado a partir da segunda parte de MA1953, que o editor e organizador Francisco de Assis Barbosa considerou, então, como “artigos e crônicas”. Aos textos que compunham a segunda parte de MA1953, acrescentaram-se mais 28⁷⁰:

Quadro 37 – relação de textos que compõem *Impressões de leitura*, publicado pela Editora Brasiliense em 1956.

01. “O destino da literatura”. <i>Revista Souza Cruz</i> , out. / nov. 1921. (MA1953)	29. “Apresentação da revista <i>Floreal</i> ”. <i>Floreal</i> , 25 out. 1907.
02. “Livros”. <i>Careta</i> , 12 ago. 1922. (MA1953)	30. “Literatura e arredores”. <i>Floreal</i> , 12 nov. 1907.
03. “Literatura militante”. <i>A.B.C.</i> , 07 set. 1918. (MA1953)	31. “Histrião ou literato?”. <i>Revista Contemporânea</i> , 15 fev. 1918.
04. “Literatura e política”. <i>A Lanterna</i> , 18 jan. 1918. (MA1953)	32. “O Senhor Diabo”. <i>Careta</i> , 31 dez. 1921.
05. “Reflexões e contradições à margem de um livro”. <i>A.B.C.</i> , 23 abr. 1921. (MA1953)	33. “Poetas”. <i>Careta</i> , 29 jul. 1922.
06. “À margem do ‘Coivara’ de Gastão Cruis”. <i>A.B.C.</i> , 23 jul. 1921. (MA1953)	34. “Uma ideia”. <i>Careta</i> , 28 fev. 1920.
07. “História de um mulato”. <i>O País</i> , 17 abr. 1922. (MA1953)	35. “Um livro desabusado”. <i>A.B.C.</i> , 24 dez. 1921.
08. “Vários autores e várias obras”. <i>Gazeta de Notícias</i> . 06 dez. 1920. (MA1953)	36. “A lógica da vida”. <i>A.B.C.</i> , 31 dez. 1921.
09. “Urbanismo e roceirismo”. <i>A.B.C.</i> , 10 set. 1921. (MA1953)	37. “Um livro luxuriante”. <i>A.B.C.</i> , 08 abr. 1922.
10. “A obra do criador de Jeca-Tatu”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 11 mai. 1921. (MA1953)	38. “Poesias e poetas”. <i>A.B.C.</i> , 05 mar. 1921.
11. “ <i>Madame Pommery</i> ”. <i>Gazeta de Notícias</i> , 02 jun. 1920. (MA1953)	39. “Estética do ‘Ferro’”. <i>Careta</i> , [s.d.].
12. “Estudos”. <i>Gazeta de Notícias</i> . 26 out. 1920. (MA1953)	40. “Aos poetas”. <i>A.B.C.</i> , 17 dez. 1921.
13. “A obra de um ideólogo”. <i>A.B.C.</i> , 05 fev. 1921. (MA1953)	41. “Tudo junto”. <i>Rio-Jornal</i> , 26 dez. 1921.
14. “ <i>O Triunfo</i> ”. <i>A.B.C.</i> , 28 set. 1918. (MA1953)	42. “Um romance de Botafogo”. <i>A.B.C.</i> , 24 set. 1921.
15. “O secular problema do Nordeste”. <i>A.B.C.</i> , 21 set. 1918. (MA1953)	43. “Sobre uma obra de Sociologia”. <i>A.B.C.</i> , 07 mai. 1921.
16. “ <i>Anita e Plomark, aventureiros</i> ”. <i>A.B.C.</i> , 16 fev. 1918. (MA1953)	44. “A crítica de ontem”. <i>Revista Contemporânea</i> , 10 mai. 1919.
17. “Elogio do amigo”. <i>A.B.C.</i> , 05 ago. 1922. (MA1953)	45. “Um poeta e uma poetisa”. [s.n.], 31 mar. 1919.
18. “Um romance sociológico”. <i>Revista</i>	46. “Qualquer coisa”. <i>A Estação Teatral</i> ,

⁷⁰ Entre parênteses a indicação dos textos oriundos de MA1953.

<i>Contemporânea</i> , 26 abr. 1919. (MA1953)	24 jun. 1911.
19. “ <i>Limites e protocolos</i> ”. <i>A.B.C.</i> , 02 mai. 1920. (MA1953)	47. “ Uma coisa puxa a outra... – I ”. <i>Estação Teatral</i> , 08 abr. 1911.
20. “ <i>Levanta-te e caminha</i> ”. <i>Argos</i> , out. e nov. 1919. (MA1953)	48. “ Uma coisa puxa a outra... – II ”. <i>Estação Teatral</i> , 22 abr. 1911.
21. “ <i>Canais e Lagoas</i> ”. <i>Argos</i> , dez. 1919. (MA1953)	49. “ Uma coisa puxa a outra... – III ”. <i>Estação Teatral</i> , 06 mai. 1911.
22. “ Dois meninos ”. <i>A Folha</i> , 01 jun. 1920. (MA1953)	50. “ Uma coisa puxa a outra... – IV ”. <i>Estação Teatral</i> , 20 mai. 1911.
23. “ Volto ao Camões! ”. <i>A.B.C.</i> , 27 abr. 1918. (MA1953)	51. “ Alguns reparos ”. <i>A Estação Teatral</i> , 15 jul. 1911.
24. “ <i>Tabaréus e Tabaroas</i> ”. <i>Careta</i> , 24 jun. 1922. (MA1953)	52. “ O Garnier morreu ”. <i>Gazeta da Tarde</i> , 07 ago. 1911.
25. “ <i>Fetiches e fantoches</i> ”. <i>Careta</i> , 02 set. 1922. (MA1953)	53. “ Semana Artística – I ”. <i>Correio da Noite</i> , 15 abr. 1913.
26. “ <i>O Professor Jeremias</i> ”. <i>O Estado</i> , 13 fev. 1920. (MA1953)	54. “ Semana Artística – II ”. <i>Correio da Noite</i> , 24 abr. 1913.
27. “ Um romancista ”. <i>Correio da Noite</i> , 01 mar. 1915. (MA1953)	55. “ Semana Artística – III ”. <i>Correio da Noite</i> , 28 jun. 1913.
28. “ Um romance pernambucano ”. [s.n.], 09 ago. 1920.	

Quadro 38 – Distribuição por periódicos dos textos de *Impressões de Leitura*, publicada pela Editora Brasiliense, em 1956.

Título do periódico	Número de textos
[s.n.]	01
<i>Correio da Noite</i>	04
<i>Souza Cruz</i>	01
<i>A Estação Teatral</i>	07
<i>Careta</i>	07
<i>A.B.C.</i>	18
<i>Floreal</i>	02
<i>A Lanterna</i>	01
<i>O País</i>	01
<i>Gazeta de Notícias</i>	04
<i>Revista Contemporânea</i>	03
<i>Gazeta da Tarde</i>	01
<i>Argos</i>	02
<i>A Folha</i>	01
<i>O Estado</i>	01

<i>Rio-Jornal</i>	01
-------------------	----

Quadro 39 – distribuição por anos de publicação dos textos que compõem *Impressão de Leitura*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Ano de publicação	Nº de textos
1907	02
1911	07
1913	03
1915	01
1918	07
1919	05
1920	08
1921	14
1922	07
[s.d.]	01

O volume XIII: IL é o último da coleção a encerrar os textos curtos de Lima Barreto publicados em jornais e revistas, e, como na maioria dos volumes montados por Francisco de Assis Barbosa, as crônicas e artigos são juntados sem uma ordem cronológica. A explicação na nota prévia afirma:

não se obedeceu à cronologia na sequência dos artigos e crônicas, porque isso iria tumultuar a parte integrante em *Marginália*, na edição Mérito. Por esse motivo, não estranhará o leitor a inclusão aqui de peças datadas de 1907 e outras de 1911, em meio e ao fim do volume. (XIII: IL, p. 47).

Parece-nos um tanto obscura a informação de que a cronologia na sequência de artigos e crônicas tumultuaria a parte integrante em *Marginália*, de 1953. Se estão sendo transferidos em bloco de uma obra para outra, não causaria estranheza se fossem colocados em ordem de publicação nos jornais. Dá-nos, sempre, a impressão de que ao “critério de uniformização” da coleção está subjacente a ideia de juntada de textos. Também não explica o organizador o fato de dar ao conjunto de artigos e crônicas, como atribuiu em MA1953, a categoria de “crítica”, aumentando mais ainda a confusão da rotulação das categorias literárias na coleção.

Quanto ao documento histórico no volume, temos a foto, de autoria de J. Casal, da herma do escritor, na Ilha do Governador, inaugurada em 1930. O prefácio, escrito especialmente para *Impressões de leitura*, é de autoria de M. Cavalcanti Proença, um dos

colaboradores de Francisco de Assis Barbosa na empreitada da coleção *Obras de Lima Barreto*. No artigo, Cavalcanti é mais um que aponta para o projeto limabarretiano de literatura: a comunicação em detrimento do purismo da linguagem preconizada por escritores como Coelho Neto: “Mas Lima Barreto não fez somente condenar. Estruturou as suas teorias, definiu princípios e escolher as diretivas formais que lhe pareceram adequadas à difusão de sua obra. Simplicidade, simplicidade, foi o seu norte” (XIII: IL, p. 38).

3.2.14. *Diário íntimo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 312 páginas.

XIV: DI tem a primeira parte formada por escritos memorialísticos de Lima Barreto. A segunda é constituída pelos manuscritos do romance inacabado *Clara dos Anjos*:

O texto da primeira versão de *Clara dos Anjos*, que constitui a segunda parte deste volume, foi retirado dos originais constantes do acervo de Lima Barreto, de um amarrado onde se lia, com a própria letra do escritor, o seguinte escrito a lápis: “notas, apontamentos, rascunhos para a *Clara dos Anjos*.”

[...]

Trata-se de fato de material que se gradua desde páginas iniciais, inteiramente elaboradas, a páginas de meros apontamentos e rascunhos, no sentido do que viria a ser a arquitetura definitiva do romance, por sinal de maior envergadura escrita vinte anos depois. (XIV: DI, p. 20).

Na coleção *Obras de Lima Barreto*, XIV: DI é a primeira publicação dos escritos íntimos de Lima Barreto, já mencionado no segundo capítulo dessa tese, que representa fonte de muitas informações sobre o pensamento e posicionamento do escritor sobre as questões literárias, e em especial, sobre os problemas enfrentados quanto à publicação de sua obra. Francisco de Assis Barbosa indica o volume como composto por “memórias”. Em relação a DI1953, o organizador aproveita apenas a primeira parte, *Diário do Hospício*, transferindo para XV: CV a segunda parte, *Cemitério dos Vivos*.

O documento histórico traz a fotografia, de J. Casal, da casa em que morou Lima Barreto em Todos os Santos, subúrbio do Rio de Janeiro. O prefácio é elaborado pelo sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987), que atendeu o pedido de Francisco de Assis Barbosa para que escrevesse

algumas palavras de introdução para o *Diário íntimo* deixado por esse homem do trópico com alguma coisa de russo dos gelos em sua vocação de escritor de romances ao mesmo tempo sociais e introspectivos. Aqueles romances em que os sofrimentos do autor se confundem com os dos personagens. (XIV: DI, p. 9).

O prefácio data de julho de 1954, o que – presumimos – a edição e organização da coleção *Obras de Lima Barreto* já estavam acontecendo desde essa época. Os textos de *Diário íntimo* vão da página 23 à 216; *Clara dos Anjos* (primeira versão incompleta, 1904), da 217 à 283; e as notas ao texto, 285 à 312.

3.2.15. *O cemitério dos vivos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 296 páginas.

XV: CV é o segundo livro da coleção com escritos memorialísticos de Lima Barreto, além de apresentar parte de um romance inacabado, que dá título ao volume: *Cemitério dos vivos*. Consoante o editor,

este livro é, em parte, um prolongamento do *Diário íntimo*. Notadamente o *Diário do Hospício*, nas condições especialíssimas em que foi escrito. Na edição de 1953 formavam uma unidade. Daqui por diante, na atual coleção das “Obras Completas de Lima Barreto”, constituem volumes independentes. (XV: CV, p. 25).

Como descrito em 3.2.14, de DI1953 foram retirados *Diário do Hospício* e *O Cemitério dos Vivos* para se compor XV: CV. O volume ficou assim dividido: a) *Diário do Hospício* (apontamentos), p.33-118; b) *O cemitério dos vivos* (fragmentos), p. 119-226; c) *Inventário* (Coleção “Limana”), p. 227-253; e d) *Documentos*, p. 255-268. As notas ao texto estão entre as páginas 269 e 292.

No documento histórico, há a reprodução da gravura do Hospício de Pedro II, que consta na estampa nº 28 de *Brasil Pitoresco*, de autoria de Charles Ribeyrolles (França, 1812-Rio de Janeiro, 1860). O prefácio, “Lima Barreto”, é escrito pelo escritor e crítico literário Eugênio Gomes (1897-1972) exclusivamente para a coleção *Obras de Lima Barreto*. É mais um articulista a ver Lima Barreto como aquele que insurgiu contra a literatura purista de sua época:

Se não foi modernista da primeira hora, era contudo um inconformado que, embora ainda a se debater entre algumas correntes estéticas de tendências formalistas, já tinha tomado posição ostensiva contra o estéril princípio da arte pela arte, do qual ainda havia pregoeiros ou praticantes fervorosos naquela altura. (XV: CV, p. 9).

A reprodução do inventário da biblioteca de Lima Barreto, chamada de coleção “Limana”, contraria, clara e evidentemente, a ideia de que o escritor era desleixado. Há uma nítida noção de organização dos volumes por prateleiras, além de espaço reservado para que ficassem suas anotações, como por exemplo, os manuscritos e originais de seus escritos. Segundo as anotações do próprio escritor no “inventário”, a partir deste seria feito um catálogo (XV: CV, p. 229); a data que consta encabeçando a lista é de 01 de setembro de 1917. Da página 255 à 268 está a parte intitulada *Documentos*, que inclui uma entrevista dada por Lima Barreto ao jornal *Folha*, do Rio de Janeiro, publicada em 31 de janeiro de 1920. Também encerram esta parte três registros médicos relativos às duas internações no Hospício Nacional de Alienados (XV: CV, p.261-268).

3.2.16. *Correspondência (ativa e passiva) – tomo I*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 292 páginas.*

O 16ª volume da coleção é a primeira parte da publicação da correspondência ativa e passiva de Lima Barreto. Com o prefácio de Antônio Noronha Santos, escritor e amigo de Lima Barreto, escrito especialmente para o volume, traz no documento histórico o fac-símile de uma carta do escritor ao pai em 1893. Entre as cartas de cunho pessoal, como as remetidas para o pai e a irmã, há aquelas de maior interesse para o conhecimento da trajetória literária do escritor. Destaque para as missivas trocadas entre o escritor e seu amigo Antônio Noronha Santos, o crítico José Veríssimo, os escritores, Inglês de Souza e Olavo Bilac, a escritora Gilka Machado, e o editor Antônio Maria Teixeira, a quem coube publicar em Lisboa *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

3.2.17. *Correspondência (ativa e passiva) – tomo II*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. 272 páginas.*

O último volume das *Obras de Lima Barreto* encerra a segunda parte da correspondência ativa e passiva do escritor. O fac-símile da carta de Monteiro Lobato a Lima Barreto de 02 de setembro de 1918 estampa o documento histórico; o prefácio é a reprodução do artigo “Primeiro contacto com Lima Barreto”, escrito por Antônio Noronha Santos, com o pseudônimo de B. Quadros, publicado em 25 de janeiro de 1936 na revista *Vida Nova*. Entre os missivistas deste tomo II da correspondência de Lima Barreto estão Monteiro Lobato e Francisco Schettino, cujas cartas trocadas com o escritor ocupam a maior parte do livro: Lobato entre as páginas 49 e 82; Schettino, da 86 a 132. Também há três cartas enviadas à Academia Brasileira de Letras: uma pela qual solicita inscrever *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* para concorrer como melhor livro do ano (04 de dezembro de 1920); as outras duas relativas à inscrição e desistência da candidatura para a Academia.

Após a descrição e comentários sobre a montagem de cada um dos 17 volumes da coleção, façamos um levantamento dos procedimentos efetuados pelo organizador Francisco de Assis Barbosa em relação aos sete livros que compõem o legado editorial do escritor até 1923. Destes, somente *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Numa e a Ninfa* e *Bagatelas* não sofreram alterações em relação às suas estruturas. Os demais, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Histórias e Sonhos*, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, foram, de alguma forma, modificados na edição da Editora Brasiliense em 1956.

Vamos a essas interferências, de modo condensado: *Triste fim de Policarpo Quaresma* teve os sete contos publicados como apêndice retirados; em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de*

Sá, ao contrário, foram acrescentados contos; de *Histórias e Sonhos* foram suprimidos dois textos; e, em *Os Bruzundangas* duas partes foram acrescentadas.

A edição dos dez outros volumes da coleção não teve origem no legado livresco de Lima Barreto⁷¹: são formados por textos recolhidos pelo organizador; alguns desses livros foram montados a partir das edições que se processaram entre 1948 e 1953 pelas Editora Mérito e Gráfica Editora, sob responsabilidade do próprio Francisco de Assis Barbosa.

Os volumes que não têm relação com as edições da Mérito e Gráfica Editora Brasileira nem com o legado editorial são *Vida Urbana* (XI: VU) e os dois tomos de correspondências, XVI: C1 e XVII: C2. Os outros oito são tomados a partir das edições entre 1948 e 1953, alguns recebendo textos que estavam no legado livresco. O primeiro caso é V: CA, que recebeu os sete contos de *Policarpo Quaresma*, que já ocorria desde CA1948. VIII: CRJ tem origem em BR1952 e recebeu contos de HS1951, além de ter ganho mais uma parte com textos inéditos. X: FM é a reprodução de FM1953; XII: MA teve partes suprimidas e levadas para outros volumes da coleção, porém recebeu textos de HS1951. XIII: IL tem textos realocados de MA1953; XIV: DI e XV: CV foram criados a partir de DI1953, recebendo ambos mais textos que formarão os dois volumes.

É claro e evidente que sempre nos embasamos no legado livresco deixado pelo escritor para a análise das modificações e ampliação nas edições pós-1923. Chamamos a atenção para a cronologia das publicações, tanto as deixadas por Lima, quanto pelas edições que ampliaram o legado. Vejamos estas linhas comparativas entre as edições:

Quadro 40 – linha cronológica das publicações do legado livresco de Lima Barreto até 1923 (edições em vida): 7 títulos.

1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a
<i>Recordações do escrivão Isaías Caminha</i>	<i>Triste fim do Policarpo Quaresma</i>	<i>Numa e a Ninfa</i>	<i>Morte e Vida de M. J. Gonzaga de Sá</i>	<i>Histórias e Sonhos</i>	<i>Os Bruzundangas</i>	<i>Bagatelas</i>

⁷¹ Exceção feita a *Clara dos Anjos*, V: CA, que recebeu os contos suprimidos de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Quadro 41 – linha cronológica das publicações entre 1948 e 1953 (1ª ampliação do legado livresco de Lima Barreto): 10 títulos.

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
CA1948	PQ1948	IC1949	VM1949	NN1950
6ª	7ª	8ª	9ª	10ª
HS1951	BR1952	FM1953	MA1953	DI1953

Quadro 42 – ordem dos volumes publicados na coleção *Obras de Lima Barreto* (2ª ampliação do legado livresco de Lima Barreto): 17 títulos.

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª
I: IC	II: PQ	III: NN	IV: VM	V: CA	VI: HS	VII: BR	VIII: CRJ	IX: BA
10ª	11ª	12ª	13ª	14ª	15ª	16ª	17ª	
X: FM	XI: VU	XII: MA	XIII: IL	XIV: DI	XV: CV	XVI: C1	XVII: C2	

Sempre insistimos nesse capítulo que a montagem dos volumes não obedeceu à ordem cronológica em relação aos textos curtos que foram recolhidos dos periódicos em que apareceram originalmente. Questionamos, então, se Francisco de Assis Barbosa levou em consideração a ordem em que apareceram os sete livros de Lima Barreto em vida. Foi por isso que colocamos em quadro as ordens cronológicas do legado livresco, das edições de 1948 a 1953 e a da Brasiliense

Nas edições da Editora Mérito e da Gráfica Editora Brasileira, o organizador não seguiu a ordem do legado, iniciando a publicação com *Clara dos Anjos*, romance até então inédito em livros; na sequência, ignorou a cronologia das edições em vida do escritor, publicando *Policarpo Quaresma* antes de *Isaías Caminha*; também invertendo as sequências de *Vida e Morte* e *Numa e a Ninfa*.

Na edição da Brasiliense, respeitou-se a ordem da publicação dos romances, colocando na sequência *Clara dos Anjos*, numa clara obediência de critérios de cronologia: romances publicados em vida mais romance publicado postumamente; na linha dos livros de textos curtos, o organizador dispôs na ordem do legado livresco *Histórias e Sonhos* e *Os Bruzundangas*, mas interpôs entre esses e *Bagatelas, CRJ*, que não pertence às edições em vida.

No confronto entre as edições 1948-1953 e a de 1956, verificam-se as seguintes ocorrências: a inversão da ordem de V: CA e interposição de VIII: CRJ entre VII: BR e X: FM; XI: VU entre X: FM e XII: MA; XIII: IL entre XII: MA e XIV: DI. Em relação entre a ordem do legado, a edição de 1956 consegue chegar mais próxima daquela deixada por Lima Barreto, com exceção da inserção de *Bagatelas*.

À parte a discussão sobre a ordem dos volumes nos três momentos das edições, Francisco de Assis Barbosa teve em mãos o projeto de se fazer uma publicação que estivesse à altura literária que mereceu Lima Barreto. O grande mérito, sem dúvida, de Barbosa é a ampliação espetacular de títulos da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, desaparecido em 1922 e que teve imensas dificuldades para se ver publicado. Para amarrar as pontas de nossas explanações, voltamo-nos para os critérios presumíveis que os organizadores da edição da Editora Brasiliense se valeram para editarem os dezessete volumes da coleção.

Primeiro, o critério da uniformização dos volumes, aspecto exigido pelo formato de edição de livros em coleções: a média de páginas desta edição varia de 270 a 330, dando um média de pouco mais de 300 por volume. Isto explicaria o porquê do deslocamento de textos entre os volumes que formaram a edição de 1948-1953 para a constituição da coleção de 1956. Embora isso não fosse esclarecido por Francisco de Assis Barbosa, nas edições da Mérito e Gráfica Editora Brasileira, já se presente essa noção de uniformidade, o que estimamos tenha servido de base para construção dos volumes da Brasiliense.

Em segundo lugar, o critério usado para juntar textos de categorias literárias diferentes para a montagem de alguns volumes foi motivado pelo próprio Lima Barreto ao publicar como apêndice de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. O *modus operandi* do escritor para a junção de romance e contos se justificaram pela necessidade financeira, no caso de se aproveitar a chance que apareceu para publicação de um livro; já no caso de Barbosa, o motivo foi a necessidade imposta pelo modelo mercadológico da coleção. O que nos causa estranheza é a maneira como se processaram os deslocamentos entre os volumes da edição 1948-1953 e 1956. Resultaram em livros com textos publicados sem a observação de uma ordem cronológica, além da alteração de categoria literária de muitos deles.

Para se ter uma ideia do que resultou a mudança de indicação de categoria literária em boa parte dos textos deslocados entre volumes, fizemos no quadro abaixo:

Quadro 43 - cotejo dos textos curtos de Lima Barreto nas Editora Mérito e Editora Gráfica Brasileira (1948 a 1953) e os da Editora Brasiliense (1956) e suas respectivas categorias literárias.

Texto	Mérito / Gráfica Editora Brasileira	Brasiliense
01. “Os Samoiedas” (traz incrustado o conto “Sua Excelência”)	BR1952 ⁷² (crônica)	VII: BR (sátira)
02. “Um grande financeiro”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
03. “A nobreza de Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
04. “A outra nobreza da Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
05. “A política e os políticos da Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
06. “As riquezas da Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
07. “O ensino na Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
08. “A diplomacia da Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
09. “A constituição”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
10. “Um mandachuva”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
11. “Força armada”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
12. “Um ministro”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
13. “Os heróis”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
14. “A sociedade”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
15. “As eleições”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
16. “Uma consulta médica”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
17. “A Organização do Entusiasmo”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
18. “Ensino Prático”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
19. “A religião”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
20. “Q. E. D.”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
21. “Uma província”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
22. “Pancome, as suas ideias e o amanuense”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
23. “Notas soltas”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
24. “Sobre o teatro”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
25. “Sobre os literatos”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
26. “Sobre os jornais”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
27. “Erudição”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
28. “Sobre a administração”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
29. “No gabinete do ministro”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
30. “Sobre os sábios”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
31. “Sobre a música”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
32. “Sobre a indústria”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
33. “A última nota solta”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
34. “As letras na Bruzundanga”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
35. “A arte”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
36. “Lei de Promoções (Crônica Militar)”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
37. “Rejuvenescimento (crônica militar)”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)

⁷² BR1952 – *Os Bruzundangas*. São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1952.

38. “No salão da marquesa”	BR1952 (crônica)	VII: BR (sátira)
39. “Outras notícias”	BR1952 (conto)	VII: BR (sátira)
40. “Aventuras do Doutor Bogóloff”	NN1950 ⁷³ (contos)	VII: BR (sátira)
41. “Coisas do Jambon”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
42. “Encrenças Nacionais”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
43. “Defesa da pátria”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
44. “Festas nacionais”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
45. “Coisas administrativas”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
46. “O império de Petrópolis”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
47. “A casa dos espantos”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
48. “Importância da dança no intercâmbio comercial”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
49. “Lei de imprensa”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
50. “Arte de Vatel”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
51. “A amanuense”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
52. “O nosso feminismo”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
53. “O Doutor Frontim e o feminismo”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
54. “Voto feminino”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
55. “A polianteia das burocratas”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
56. “Legião da mulher brasileira”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
57. “O feminismo invasor”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
58. “O feminismo em ação”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
59. “O patriotismo”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
60. “Reflexões”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
61. “A Amazônia”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
62. “O momento”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)

⁷³ NN1950 – *Numa e a Ninfa*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira S. A., 1950

63. “Os pintores”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
64. “Oposição jornalística”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
65. “O serviço das eleições”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
66. “Eleições”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
67. “O reconhecimento”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
68. “Escola de deputados”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
69. “Fato inédito”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
70. “Escola de enfermeiras”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
71. “O Café”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
72. “A defesa do Senhor Café (Uma subscrição)”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
73. “O que se dirá ‘deles’”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
74. “Depois de velho...”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
75. “Os jornais dos Estados”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
76. “A pecuária”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
77. “Novas reformas”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
78. “Colônia carioca”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
79. “Amor, cinema e telefone”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
80. “A moda feminina”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
81. “Tribunal histórico republicano”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
82. “O Rei e a Galeota”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
83. “Atribuições de um autor”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
84. “O centenário”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
85. “Congressos”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
86. “Dissidências”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
87. “Negócio de Maximalismo”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ

		(sátira/folclore)
88. “Cousas parlamentares”	BR1952 (crônica)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
89. “Um debate acadêmico”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
90. “O destino do Chaves”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
91. “Uma opinião de peso”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
92. “O poderoso Doutor Matamorros”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
93. “Um fiscal de jogo”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
94. “Manifestações políticas”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
95. “Na avenida”	HS1951 (conto)	VIII: CRJ (sátira/folclore)
96. “O oráculo”	HS1951 ⁷⁴ (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
97. “A chegada”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
98. “Um candidato”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
99. “Um bom diretor”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
100. “Os quatro filhos d’Aymon”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
101. “A consulta”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
102. “Que rua é essa?”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
103. “Abertura do Congresso”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
104. “Medidas de Sua Excelência”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
105. “Uma anedota”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
106. “A nova glória”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
107. “Era preciso”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
108. “Faustino I”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
109. “O rico mendigo”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)

⁷⁴ HS1951 – *Histórias e Sonhos*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Gráfica Editora Brasileira, 1951.

110. “Projeto de lei”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
111. “Firmeza política”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
112. “Cincinato, o Romano”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
113. “O ideal”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
114. “A fraude eleitoral”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
115. “As teorias do Doutor Caruru”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
116. “O congraçamento”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
117. “Nós! Hein?”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
118. “Falar inglês”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
119. “Rocha, o guerreiro”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
120. “Um do povo”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
121. “Interesse público”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
122. “A doença do Antunes”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
123. “Porque não se matava”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
124. “Ele e suas ideias”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
125. “Numa e a ninfa”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
126. “O cemitério”	HS1951 (conto)	XII: MA (artigo/crônica)
127. “O destino da literatura”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
128. “Livros”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
129. “Literatura militante”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
130. “Literatura e política”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
131. “Reflexões e contradições à margem de um livro”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
132. “À margem do ‘coivara’, de Gastão Cruls”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
133. “História de um mulato”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)

134. “Vários autores e várias obras”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
135. “Urbanismo e roceirismo”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
136. “A obra do criador de Jeca Tatu”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
137. “ <i>Mme. Pommery</i> ”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
138. “Estudos”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
139. “A obra de um ideólogo”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
140. “O triunfo”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
141. “O secular problema do Nordeste”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
142. “Anita e Plomark, aventureiros”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
143. “Elogio do amigo”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
144. “Limites e protocolo”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
145. “Levanta-te e caminha”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
146. “Canais e lagoas”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
147. “Dois meninos”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
148. “Volto ao Camões”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
149. “Tabaréus e tabaroas”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
150. “Fetiches e fantoches”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
151. “O Professor Jeremias”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)
152. “Um romancista”	MA1953 (artigo/crônica)	XIII: IL (crítica)

Essa relação de 152 textos com indicação de mais de uma categoria literária é um dos problemas causados pelas transferências ocorridas entre volumes das edições 1948-1953 e a edição 1956. Mas o aspecto positivo das edições se sobressai quando se totaliza o número de títulos publicados em 1956: contrastando com os textos deixados editados pelo escritor em vida, a edição pela Brasiliense quintuplica o legado editorial de Lima Barreto.

Quadro 44 – Comparação entre os três momentos de publicações da obra de Lima Barreto:

Tipologia textual	Legado editorial (Número de títulos)	Legado até 1953 (número de títulos)	Legado até 1956 (número de títulos)
Romances	04	05 ⁷⁵	06 ⁷⁶
Contos	26	109	69
Artigos/crônicas	64	183	335
Sátira/folclore	-	-	148
Crítica	-	-	28
Teatro	-	-	02
Memória	-	1	2
Totais de títulos	94	298	590

Se a edição 1948-1953 triplicou o número de títulos publicados de Lima Barreto, a edição de 1956 da Brasiliense quintuplica-os. Não restam dúvidas de como o trabalho de pesquisa e publicação dessas quase seis centenas de títulos é representativo para a obra limabarretiana em termos de edição, embora haja alguns descompassos entre o número de “contos”. No processo de aumento dos títulos publicados, reduziu-se a quantidade das narrativas curtas, consequência da mudança de indicação de categorias literárias que ocorreu entre as edições 1948-1953 e a de 1956.

Mas se Barbosa se preocupou em retirar do esquecimento artigos, crônicas e contos publicados nos jornais e revistas, correspondência, romances inacabados e diário íntimo do escritor, não fez esforço algum ou menção para editar os textos com os quais Lima Barreto começou a escrever profissionalmente, conforme descreve Beatriz Resende:

É no *Correio da Manhã*, o mais importante diário carioca da Primeira República, que escreve de forma mais profissional pela primeira vez. A propósito das obras de escavações no Morro do Castelo, redige uma série de reportagens que são publicadas, sem assinatura, de abril a junho de 1905. Os textos começam dando conta da situação daquela parte da cidade, mas logo o escritor mescla às reportagens folhetim que vinha desenvolvendo, ficcionalizando o fato histórico da tomada da cidade por piratas franceses, em 1709⁷⁷. (RESENDE, 2004, p. 10).

Contudo, é grande o mérito a ser dado para o trabalho realizado por Barbosa, Cavalcanti e Houaiss, cujo estofamento intelectual e seriedade resgatam muito do trabalho de Lima Barreto,

⁷⁵ Vide nota abaixo.

⁷⁶ Incluímos os dois romances inacabados, *Clara dos Anjos* e *Cemitério dos Vivos*.

⁷⁷ Segundo nota de Resende, as reportagens reunidas em *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997. Org. e notas de Beatriz Resende.

principalmente ao termos contato com sua correspondência, que junto com seus escritos memorialísticos confirmam a grandeza da literatura e do pensamento do escritor.

3.3. Conclusão.

A publicação da coleção *Obras completas de Lima Barreto* foi realizada pela Editora Brasiliense no ano de 1956, exatamente 13 anos após sua criação e também da primeira tentativa de se editar as obras do escritor carioca pela Editora O Livro de Bolso. É representativa para a obra limabarretiana a publicação dos dezessete volumes editados e publicados em 1956, depois de duas tentativas de ampliação do legado livresco de Lima Barreto. Quintuplicando o número de títulos editados e publicados pelo próprio escritor, o trabalho realizado por Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença foi responsável por retirar do esquecimento editorial a enorme contribuição de Lima Barreto para a imprensa carioca, além de seus diários e correspondências. Ao lado deste resgate editorial, há que se ressaltar também a importância dos prefácios usados para a coleção, recolhendo parte da fortuna crítica do escritor até meados dos anos 1950.

A despeito da grandiosidade da empreitada editorial realizada pelos três intelectuais, tentamos mostrar na descrição da montagem de cada volume da coleção a maneira como se processou. O imperativo para a edição de cada um dos livros é a uniformidade dos volumes, característica essencial para a publicação de uma coleção. Assim fizeram-no os organizadores, desde o mesmo tipo de capa, disposição de contracapa, notas de advertência, documento histórico ilustrativo, notas do texto e índice da matéria, resultando na plasticidade que requer uma coleção de livros, pronta para ser adquirida, lida e ser mesmo exposta numa estante. São características do valor de uso e troca da mercadoria livro, o que importa para a recuperação literária de um autor e também para a indústria editorial.

No *modus operandi* da montagem da coleção, é imperioso que sejam seguidos critérios que às vezes fogem da vontade do organizador, o que o leva agir de acordo com os preceitos econômicos da indústria editorial. Parece-nos que foi isso que aconteceu com o organizador Francisco de Assis Barbosa ao juntar os textos de Lima Barreto. Percebemos que o apego do editor foi seguir critérios usados pelo próprio escritor em dois momentos de sua trajetória editorial: o de juntar textos de categorias diferentes num mesmo volume e agrupar textos curtos não obedecendo uma cronologia do aparecimento destes em periódicos. Referimo-nos à edição de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, composto pelo próprio escritor com o romance

e contos e a edição de *Bagatelas*, que aparentemente o escritor fez a junção de forma aleatória.

Os critérios usados por Lima são explicáveis sob dois pontos de vista: o primeiro se relacionou com as dificuldades financeiras de o escritor publicar seus textos, pois na urgência de ver seus contos publicados, aproveitou da oportunidade de ter recursos momentâneos. O segundo, já o explicamos no primeiro capítulo, estava mais no uso irônico de bagatelização do que a utilização da palavra na sua acepção literal. Ao se referir aos textos juntados em *Bagatelas* como “artigos de várias naturezas e que podem merecer várias classificações, inclusive o de não classificáveis”, o escritor passou a ideia de coligir seus textos sem nenhum critério, o que comprovamos não ser verdade.

Assim, Francisco de Assis Barbosa lançou mão dos critérios usados por Lima Barreto para a montagem de boa parte dos dezessete volumes da coleção: juntando textos de categorias diferentes, e, via de regra, não obedecendo a uma ordem cronológica. Diante deste, há um outro tipo de bagatelização nas edições de Lima Barreto: a que é realizada por critérios resultantes da necessidade mercadológica, a “uniformidade de volumes” de uma coleção. Diante de tal necessidade, Barbosa se baseou mais nos volumes que havia editado pelas Editoras Mérito e Gráfica Editora Brasileira entre 1948 e 1953 do que propriamente a do legado dos sete livros editados em vida pelo escritor.

Se a edição de 1948-1953 foi bagatelizada e mesmo bruzundanguizada como apontamos no segundo capítulo, ela servirá de base para a montagem da edição de 1956. Diante da necessidade de uniformização dos livros da coleção, recorreu-se aos critérios já referidos de Lima Barreto para se revolver a questão mercadológica que se apresentou. Vejamos o caso de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. A publicação do romance junto com um bloco de contos desmerece, editorialmente, o livro; assim o fez por necessidade monetária. A edição de 1956 liberta *Triste fim* da sua condição heterogênea, o que significa um ganho editorial; no entanto, esses contos foram para outro volume contendo um romance, *Clara dos Anjos*. Assim como aconteceu com *Vida e Morte*, que desde a edição de 1949 foi composto com um conjunto de contos. Ainda sem nos referirmos às supressões e deslocamentos dos contos, crônicas e artigos pelas edições feitas por Barbosa.

Ainda que nos pareça que a edição das *Obras Completas de Lima Barreto* pela Editora Brasiliense seja digna de louvor pela ampliação do legado editorial do escritor e por causa do estabelecimento dos textos, as imposições de cunho mercadológico das edições em coleção não nos impedem de apontar que a ideia de bagatelização da obra limabarretiana ganha outros

contornos, mas ainda permanecem atormentando a grandeza da literatura do criador de *Bagatelas* e *Os Bruzundangas*.

4. AS EDIÇÕES DE LIMA BARRETO PÓS-1956.

O capítulo que encerra esta tese de doutorado tem como propósito abordar algumas organizações das obras de Lima Barreto publicadas após a edição da coleção *Obras Completas de Lima Barreto* pela Editora Brasiliense em 1956 sob responsabilidade de Francisco de Assis Barbosa com a colaboração de Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti Proença. Precisamente, o ponto central de nossa análise das edições pós-1956 são as publicações dos textos curtos em três compilações realizadas a partir de 2001: *Lima Barreto: Prosa Seleta* (2001), Editora Nova Aguilar; *Toda Crônica: Lima Barreto*, 2 volumes (2004), Editora AGIR; e *Contos Completos de Lima Barreto* (2010), Companhia das Letras. Estas três edições são o centro das atenções do capítulo, em que procuraremos constatar as permanências e/ou rupturas da bagatelização apontada nos capítulos anteriores. Um breve histórico do mercado editorial nacional a partir dos anos 1960 é tratado no início deste capítulo, ao qual se segue a análise das organizações acima mencionadas.

4.1. O contexto e a configuração do mercado editorial da década de 1960 em diante.

No capítulo anterior desta tese, restringimo-nos ao estudo da fundação da Editora Brasiliense, em 1943, e sua trajetória até meados da década de 1950, quando se publicou, em 1956, os dezessete volumes da coleção *Obras Completas de Lima Barreto*. Aqui, neste capítulo, procuraremos fazer um breve histórico do mercado editorial dos anos 1960 aos dias atuais, para que possamos situar a análise das edições limabarretianas pós-1956.

Ao final da década de 1950 e início da de 1960, as editoras que predominavam no mercado editorial eram a Livraria José Olympio, a Editora Brasiliense e a Civilização Brasileira. Em 1966, surgiu a Editora Sabiá, fundada por Fernando Sabino e Rubem Braga, a partir da Editora do Autor⁷⁸, que publicou por exemplo, Clarice Lispector. A força da nova editora estava em seu círculo de amigos – João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Stanislaw Ponte Preta e José Carlos Oliveira:

A editora inicialmente foi considerada um produto típico da zona Sul do Rio, ou mesmo da chamada “turma de Ipanema”. Mas marcaria presença nas livrarias. A partir da contratação de um diagramador de primeira linha, Antônio Herranz, e de ilustradores renomados, formulou o aspecto gráfico de seus livros. Boa parte dos lançamentos era impressa em gráficas cariocas, numa época em que praticamente todos os livros eram impressos em São Paulo. Além disso, apostou nas capas

⁷⁸ A Sabiá, cuja marca registrada, o pássaro, ficou sendo a marca da própria José Olympio, teve origem numa espécie de cooperativa de autores, a Editora do Autor, constituída em 1960, e que contava o poeta Manuel Bandeira entre seus fundadores. Desentendimentos entre os três diretores da firma original levaram a uma separação, em 1966, quando dois deles, Fernando Sabino e Rubem Braga, constituíram sua própria editora. (HALLEWELL, 1985, p. 388).

plastificadas e criou moda, como as caixinhas para quatro livros idealizada por Rubem Braga. (PAIXÃO, 1998, p. 136).

Os fundadores, porém, se dedicavam apenas à literatura e venderam-na para a José Olympio em 1972, mas deixaram marcas importantes no mercado editorial brasileiro, como por exemplo a publicação de *O apanhador nos campos de centeio*, do americano J. D. Salinger, e *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez, que tornara o primeiro grande sucesso da literatura hispano-americana no Brasil, em 1968 (PAIXÃO, 1998, p. 137).

A Editora Ática, com destaque na publicação de livros didáticos, surgiu em 1964, mas se tornou importante com a edição da coleção “Bom Livro”, série de clássicos da literatura brasileira. A Ática é um exemplo de como os anos que se seguiram à sua fundação foram importantes para as editoras que produziam livros didáticos, já que o país mergulhou em período de ditadura militar que dura 21 anos, terminado em 1985:

Centenas de peças teatrais, letras de músicas, roteiros de filmes e até mesmo sinopses de novelas foram proibidas. A perda da liberdade de expressão foi ainda mais abrupta na imprensa periódica em que, durante anos, vigorou censura prévia. O mesmo aconteceu com os livros, considerados perigosos veículos de ideias contestatórias. O arbítrio dos censores condenou uma infinidade de títulos, tendo como consequência a apreensão de inúmeras edições e a prisão de diversos autores e editores. Ênio Silveira e a sua *Civilização Brasileira*⁷⁹figuraram entre os mais visados pela ditadura. (PAIXÃO, 1998, p. 142).

No entanto, o governo militar investiu na infraestrutura para a indústria, viabilizando subsídios e redução de impostos, o que gerou um crescimento econômico, chamado de “milagre econômico”, à custa de uma inflação elevada e aumento da dívida externa. Em 1974, com a crise mundial do petróleo, o crescimento estagna-se. Esse decênio de euforia fez com que houvesse um aumento da produção editorial:

Entre 1969 e 1973 a produção anual de livros triplicou, colocando o Brasil no ranking dos dez maiores produtores do mundo. Esse desenvolvimento promoveu transformações relevantes no setor, como o surgimento de várias editoras, algumas operando fora do eixo Rio-São Paulo, e ampliação da publicação de autores nacionais. Mas a grande explosão se deu no segmento de livros didáticos que ultrapassou a casa dos 100 milhões de exemplares por ano, representando mais da metade do mercado. (PAIXÃO, 1996, p. 143).

Em 1970, acontece a I Bienal Internacional do Livro em São Paulo. Surgiram algumas editoras como, por exemplo a LP&M (1973), Rocco (1975), e uma das mais importantes editoras das últimas décadas, em 1986: a Companhia das Letras. No segmento de edição de

⁷⁹ Em outubro de 1965, pressões do governo Castello Branco obrigaram Ênio Silveira a retirar-se da direção nominal tanto da *Revista [Civilização Brasileira]* como da editora para evitar que houvesse uma ação oficial direta contra elas. Naquela altura ele já fora preso três vezes. A primeira, logo após a Revolução, para ser interrogado sobre a origem de seus bens, pois alguns dos militares consideravam inconcebível que se pudesse obter algum lucro comercial normal no Brasil publicando livros sérios sobre política e ciências sociais. (HALLEWELL, 1985, p. 486).

coleções aparece em 1973, através da Editora Abril, o Círculo do Livro. A Abril, seguindo o modelo de publicação de coleções, colocou no mercado através das bancas de jornal e revistas a série “Grandes Sucessos”, com obras de literatura estrangeira e autores brasileiros, entre eles autores como Cyro dos Anjos e Raul Pompéia. A experiência da editora foi a de maior sucesso no segmento de vendas de livros literários em bancas de jornal, o que já havia acontecido com a venda de fascículos⁸⁰.

Em junho de 1984 terminou a circulação do mais “conhecido ‘book review’ já publicado no Brasil”, *Leia Livros*, revista literária criada por Cláudio Abramo e Caio Graco, herdeiro de Caio Prado Jr., fundador da Brasiliense (PAIXÃO, 1996, p. 175). Os anos 1990 chegaram com novas experiências em suportes de leitura, com a redescoberta do áudio-livro, agora em fita cassete, e a partir dos anos 2000, o CD-ROM, favorecendo principalmente a difusão de enciclopédias e dicionários. Reflexo do mundo da informática mais importante do mercado editorial é o lançamento do primeiro leitor de livros digitais – *e-reader*– em 1998 nos Estados Unidos. Em 2007 a *Amazon*, empresa multinacional de comércio eletrônico, lança o Kindle, que chegou ao Brasil em 2009. Ao lado dos livros impressos, há a partir de então, a oferta de obras no formato *e-book*⁸¹.

Em síntese, dos anos 1960 a 2010, período de meio século, o mercado editorial nacional é marcado por grandes transformações, desde questões político-sociais até as tecnológicas. Embora muito sucinta e eivada de vácuo, nosso intento foi o de marcar o contexto em que ocorreram algumas organizações da obra de Lima Barreto, analisar o que se permaneceu e o que se alterou em relação às edições até 1956.

4.2. As publicações da obra de Lima Barreto pós-1956.

A importância dada à organização realizada por Francisco de Assis Barbosa das *Obras completas de Lima Barreto* pela Editora Brasiliense é evidente, como atesta Luiz Antônio de Souza na bibliografia estabelecida por ele na edição crítica de *Triste fim de Policarpo Quaresma* pela ALLCA XX/Scipione Cultural em 1997, coordenada por Antônio Houaiss e Carmem Lúcia Negreiros:

⁸⁰“Parece-me claro que essa atitude do consumidor brasileiro médio é em grande parte responsável pelo enorme êxito de outro tipo de livro vendido nas bancas de jornais: a edição em fascículos, que o comprador adquire na crença (ou esperança?) de que, quando tiver completado o conjunto, mandará encaderná-lo, para que constitua uma realce permanente em seu ambiente doméstico.” (HALLEWELL, 1985, p. 567). Segundo as reflexões de Dieter Wellershoff poderia também constituir-se num significativo fator a alimentar a esfera da produção da indústria cultural com sua permanente necessidade de novos materiais para ser impresso.

⁸¹ Numa pesquisa no sítio eletrônico da Livraria Cultura, há a oferta de “mais de 8.694.104 títulos” de *ebooks*; a mesma cifra é destinada aos livros convencionais. Disponível em www.livrariacultura.com.br, acesso em 07 nov. 2015.

A bibliografia de Lima Barreto tem como *marco referencial* a edição da obra completa, da editora Brasiliense de São Paulo, em 1956, em 17 volumes. A escolha desta edição, que implicou, conseqüentemente, a não inclusão das edições posteriores, deve-se ao fato de que o trabalho de revisão crítica e de estabelecimento dos textos, da produção literária do escritor, que não foi pouca, empreendido por Francisco de Assis Barbosa, inegavelmente o grande biógrafo de Lima Barreto, Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença tem sido, também, considerada como a base, a partir da qual as edições publicadas, utilizam-se para a consolidação e validação dos textos. Ainda que as edições posteriores possam ter títulos e denominação, que o leitor não encontrará arrolados nas obras completas, estes não serão nada mais que uma reunião, uma seleção ou mesmo um extrato coligidos da edição de 1956. (LIMA BARRETO, 1997, p. 611. Grifos nossos).

Claro ficou que os textos que compuseram a edição de 1956 pela Brasiliense são tomados como definitivos para os trabalhos de organização e seleção dos textos limabarretianos publicados a partir de então. Com a obra de Lima Barreto entrando para o domínio público em 1982, os livros do autor começam a aparecer em séries como a “Bom Livro”, da Editora Ática, a LP&M Pocket, da LP&M; e também em edições bem mais baratas como a da editora Paulus. Além destes formatos em coleções, surgem também versão quadrinizadas de sua obra, como no caso da Editora Escala, que lançou os contos “A nova Califórnia” e “Um músico extraordinário” e o romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* na coleção *Literatura brasileira em quadrinhos*. No formato *e-book*, o trabalho realizado pelas Companhia das Letras e a Penguin, que lançaram *Clara dos Anjos* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Contudo, neste capítulo, debruçar-nos-emos sobre as edições da obra de Lima Barreto pós-1956 a fim de observarmos se os procedimentos de Francisco de Assis Barbosa nas edições 1948-1953 e 1956 se se repetiram ou sofreram modificações. Tomaremos como exemplo os principais trabalhos de publicação de Lima Barreto, acreditamos, desenvolvidos por três editoras: a) Nova Aguilar, com *Prosa Seleta* (Lima Barreto); b) Editora AGIR, com *Toda Crônica*: Lima Barreto; e c) Companhia das Letras, com *Contos completos de Lima Barreto*.

4.2.1. A permanência da bagatelização: a bruzundanguização de *Lima Barreto*: Prosa Seleta.

Em 2001 foi publicado pela Editora Nova Aguilar, em papel-bíblia, com 1518 páginas, o volume *Lima Barreto: Prosa Seleta*. A editora Nova Aguilar nasceu de um acordo entre a

Nova Fronteira e a Aguilar: “Em 1977, pouco antes de morrer, Carlos Lacerda⁸² fecharia um acordo com a Aguilar – que seria rebatizada de Nova Aguilar –, para publicar clássicos em compactas edições de luxo” (PAIXÃO, 1998, p. 156).

A organização do volume de *Lima Barreto: Prosa Seleta* ficou sob a responsabilidade de Eliane Vasconcellos, cujo currículo na Fundação Casa de Rui Barbosa a aponta como

pesquisadora e museóloga da Fundação Casa de Rui Barbosa desde 1976. A partir de 1993, passa a dirigir o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira dessa instituição. É especialista em arquivos literários, tendo organizado os inventários dos arquivos de Clarice Lispector, Pedro Nava, Vinicius de Moraes, Antonio Calado, entre outros. Coordena, na FCRB, o projeto Centro de Referência Carlos Drummond de Andrade, que tem por objetivo indexar toda a produção jornalística do escritor. Dedicar-se também ao estudo da relação mulher-literatura, tendo publicado vários artigos sobre o assunto, além de uma seleção de crônicas de Carmem Dolores. Participou da antologia *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Foi condecorada com as medalhas Rui Barbosa e Cruz e Sousa⁸³.

O volume se divide em quatro partes, *Romances*, *Sátiras*, *Contos* e *Diário íntimo*, além de trazer uma nota editorial, cronologia da vida e da obra, fortuna crítica e uma iconografia. A primeira parte é constituída pelos romances *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, p.113-257; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, p. 259-411; *Numa e a Ninfa*, p.413-554; *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, p.555-634; e *Clara dos Anjos*, 635-748. Há um respeito em relação à cronologia de publicação dos cinco romances do escritor, a mesma verificada na coleção *Obras completas de Lima Barreto*, pela Editora Brasiliense, em 1956.

A segunda parte, *Sátira*, compõe-se de *Os Bruzundangas*, p. 751-851, e *Coisas do Reino do Jambon*, p. 853-1038. A organizadora usou a estrutura do volume VII: BR, colocando as duas primeiras partes, *Os Bruzundangas* e *Outras histórias dos Bruzundangas*, ignorando os quatro episódios das *Aventuras do Doutor Bogóloff*. No alto das páginas que compõem *Os Bruzundangas* e *Outras Histórias dos Bruzundangas* indicam que são “sátiras e crônicas”, não especificando quais textos pertencem a uma ou outra categoria.

Na sequência de *Sátira*, p. 855-1038, estão colocados os textos *Coisas do Reino do Jambon*, *Hortas e Capinzais* e *Mágoas e sonhos de um povo*, exatamente a mesma estrutura do volume VIII: CRJ, e também são considerados “sátiras e crônicas”, tal como ocorre na parte *Os Bruzundangas*. O que chama a atenção é que Francisco de Assis Barbosa indicou o volume de 1956 como composto de “sátira e folclore”. A organizadora nada mais faz do que

⁸² Carlos Frederico Werneck de Lacerda (1914-1977), jornalista, membro da União Democrática Nacional (UDN), deputado federal (1947-1955) e governador do estado da Guanabara (1960-1965), fundou o jornal *Tribuna da Imprensa* e a editora Nova Fronteira em 1965.

⁸³ Disponível em <http://casaruibarbosa.gov.br/DOC/FCRB_Curriculo_ElianeVasconcellos.pdf> Acesso em 07 nov. 2015.

transportar a exata formação dos volumes da coleção de 1956; no entanto, ainda aumenta mais a confusão em torno da rotulação de gêneros, já provocada por Francisco de Assis Barbosa.

Mas a maior confusão está em *Contos*, a terceira parte do volume: a organizadora informa que é formada por *Histórias e Sonhos*, *Outros Contos* e *Contos Argelinos*. O que ocorre é que ela arrola vinte e cinco contos e nenhum deles pertence a *Histórias e Sonhos*: são formados pelos 18 textos que foram colocados como apêndice em VM1949 e IV: VM e pelos sete contos publicados originalmente em *Triste fim de Policarpo Quaresma* e depois transferidos para CA1948 e V: CA. Das edições de *Histórias e Sonhos* de 1920, HS1951 e VI: HS não consta nenhum dos 19 (incluindo “A matemática não falha” e “Sua excelência, da 1ª edição). Em *Outros Contos* reproduz-se a lista dos 09 contos publicados em *Outras Histórias*, VI: HS. Percebemos com isso que a organizadora ignora o título original dado por Francisco de Assis Barbosa para este conjunto de textos⁸⁴. *Contos argelinos* reproduziu o que foi publicado em VI: HS mantendo o número de treze contos.

A última parte, *Memorialística*, encerram *Diário Íntimo*, *Clara dos Anjos* (primeira versão incompleta) e *O Cemitério dos vivos*, numa nítida demonstração de junção dos textos que compuseram os volumes XIV: DI e XV: CV. Ao fim da descrição de *Lima Barreto: Prosa Seleta*, parece ter ficado claro que o trabalho de organização careceu de um critério de seleção cuidadosa dos textos limabarretianos. Vejamos que a organizadora Eliane Vasconcellos afirma na nota editorial:

Podemos ver a obra de Lima Barreto em três dimensões:

- a) a da NARRATIVA DE FICÇÃO (romances, novelas e contos), como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a Ninfa*, *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Clara dos Anjos*, *Histórias e Sonhos* e os dois volumes que Francisco de Assis Barbosa classifica de “Sátira”: *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambon*.
- b) a da NARRATIVA DO COTIDIANO (crônicas e memórias), como *Feiras e mafuás*, *Vida Urbana*, *Marginália*, *Diário íntimo* e *Cemitério dos vivos*.
- c) e a da NARRATIVA CRÍTICA, se assim se pode dizer para caracterizar os livros de artigos, de crítica e o de correspondência (ativa), como *Bagatelas*, *Impressões de leitura* e os dois volumes de Correspondência. (VASCONCELLOS, 2001, p. 13-14).

É no mínimo controversa a divisão sugerida, pois como sabemos, a partir de nossa análise nos capítulos anteriores, *Vida urbana*, *Feiras e mafuás*, *Marginália* e *Bagatelas* são volumes que se aproximam, pela ideia de “artigos de natureza vária”, conforme apontou o próprio Lima Barreto ao compor *Bagatelas*. Parece-nos que há nessa tentativa de agrupamento dos textos em três vertentes uma desculpa para eventuais enganos que possam

⁸⁴*Outras Histórias* aparece como apêndice em HS1951 com 16 contos; em VI: HS foram suprimidos sete destes textos, formando então com nove.

ocorrer nas organizações. Vasconcellos, no entanto, reconhece a dificuldade de se rotular literariamente os textos curtos de Lima Barreto com precisão:

Cremos não ser preciso mostrar que textos do item b) podem ser incluídos no item a), assim como alguns do item c) podem participar do item b), *tal a dificuldade em separar a matéria ficcional da não-ficcional*: entre um conto e uma crônica não há às vezes grande distinção, a não ser a da narrativa que na crônica cede lugar à simples descrição; e pelas duas narrativas pode passar o raciocínio crítico, de maneira que a intuição criadora e a reflexão crítica constituem as duas faces de uma mesma moeda – a da criação artística. (VASCONCELLOS, 2001, p. 14. Grifos nossos).

Dificuldades à parte em relação à catalogação dos textos de Lima Barreto, a organizadora comete uma incúria ao juntar os textos da parte intitulada *Contos* quando atribui a *Histórias e Sonhos* textos que não fazem parte do legado editorial da obra, ou, pior ainda, não colocando o conjunto de 19 textos com os quais o autor compusera a edição original. Há uma clara negligência na apresentação de critérios para a junção dos textos na organização, essencialmente na parte dos contos, não oferecendo ao leitor pelo menos uma justificativa para a atitude. Outro equívoco é a mudança do título de *Outras Histórias* chamado nesta organização de *Outros Contos*.

Lima Barreto: Prosa Seleta, sob a organização de Eliane Vasconcellos apresenta, assim, como uma continuidade da bagatelização das edições de Lima Barreto. Podemos afirmar com toda certeza que se trata da bagatelização de fato, pois, acreditamos, diante das dificuldades enfrentadas pela autora da seleção para catalogar os textos de Lima Barreto, ela eleva ao grau máximo as confusões na organização: transforma a bagatelização em bruzundanguização.

4.2.2. A ruptura da bagatelização: *Toda Crônica*: Lima Barreto.

Toda Crônica: Lima Barreto foi publicado em 2004, pela editora AGIR, em dois volumes, sob organização das pesquisadoras cariocas Beatriz Resende e Rachel Valença. Resende, pesquisadora carioca, desenvolveu trabalhos referentes a Lima Barreto e publicou *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos* pela Editora UFRJ e Editora da UNICAMP, em 1993, sua pesquisa de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Valença é Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense e desenvolve pesquisas referentes ao samba carioca, tendo sido coautora do livro *Serra, Serrinha, Serrano: o império do samba*. A Editora AGIR tem sua gênese nos anos 1940 e teve como um dos seus fundadores Alceu Amoroso Lima, responsável pela coleção “Nossos Clássicos”. Em 2002 foi adquirida pela Ediouro.

O título da coleção, *Toda Crônica: Lima Barreto*, pressupõe que se trata da publicação de todas as crônicas do escritor, o que levanta de antemão o questionamento: quais crônicas? Aquelas que Francisco de Assis Barbosa indicou como tal? Nosso intento nesse tópico é analisar como se formaram os dois volumes da coleção e como Resende e Valença trabalharam com a categoria “crônica” em Lima Barreto.

No volume I, o texto de Beatriz Resende, “Sonhos e mágoas de um povo” (p. 9-23) enfoca a participação de Lima Barreto na imprensa carioca e sua relação com o povo e a cidade do Rio de Janeiro. Na sequência, Rachel Valença apresenta os critérios norteadores da organização, que destacaremos mais abaixo. Há uma iconografia, com destaque para a ficha de internação do escritor em 1919, fotos dos pais e do avô do escritor, das casas onde morou, além de digitalizações de capas e textos publicados pelo autor. As crônicas que compõem o volume são as publicadas entre dezembro de 1900 a agosto de 1919. Ao final do volume, encontram-se os índices das crônicas, dos assuntos, e dos nomes.

O volume II apresenta o artigo “Profissão: jornalismo”, de Beatriz Resende (p. 7-11), que faz um balanço sobre a produção de Lima Barreto nos jornais e revistas cariocas nos seus últimos anos de vida, de 1919 a 1922. As crônicas que enfeixam o volume são as publicadas entre setembro de 1919 e fevereiro de 1924. Ao final, é oferecido um quadro cronológico, “Lima Barreto e seu tempo”, em três colunas: “Lima Barreto”, “Rio de Janeiro” e “Mundo”), de 1881 a 1956. Encerra com os índices de crônicas, assuntos e onomástico.

Valença, fazendo considerações sobre a recolha e a organização das crônicas afirma que se tomou por base o texto dos dezessete volumes de *Obras de Lima Barreto*, editados pela Brasiliense em 1956:

O trabalho cuidadoso desses editores [Barbosa, Houaiss e Proença] foi o ponto de partida para que se pudesse dar agora a público um texto expurgado das falhas e incorreções que tanto incômodo causaram ao grande escritor enquanto viveu e dificultariam sua imediata comunicação com o leitor de hoje (VALENÇA, 2004, p. 25).

Tendo em conta que as pesquisadoras tomam como base a organização capitaneada por Francisco de Assis Barbosa, com colaboração de Antônio Houaiss e Manuel Cavalcanti, passamos a analisar *Toda Crônica: Lima Barreto*. Gostaríamos antes de tudo, de anotar duas pequenas ocorrências em relação às datas que constam nas capas dos volumes: a) volume I, menciona-se o espaço temporal de 1890-1919, mas a primeira crônica é de 1900. Não há explicação para a data da capa⁸⁵; b) volume II, o espaço indicado é de 1919-1922, no entanto

⁸⁵ Lima Barreto tinha nove anos em 1890, não teria idade para publicar crônicas em jornais.

a última crônica publicada no livro é de 1924. Outro equívoco anotado é o índice de crônicas no primeiro volume que contém textos do escritor “Esta edição” e “Sonhos e mágoas de um povo”, de autoria das organizadoras.

São 438 as crônicas presentes nos dois volumes (185 no primeiro e 253 no segundo) dispostas em ordem cronológica, servindo-lhes de fonte os seguintes volumes da edição de 1956: VIII: CRJ, IX: BA, X: FM, XI: VU, XII: MA e XIII: IL. De VIII: CRJ foram selecionados os 93 textos da primeira parte, *Coisas do Reino do Jambon*, os quais Francisco de Assis Barbosa indicou como “sátira/folclore”; no entanto, as organizadoras ignoraram as outras duas partes do volume formadas por textos curtos, *Hortas e Capinzais* e *Mágoas e sonhos do povo*. É curioso observar que Resende dá título “Mágoas e sonhos do povo” ao texto que escreve para o volume I para explicar sobre a participação de Lima Barreto na imprensa carioca.

Os textos de *Bagatelas* (IX: BA) foram incorporados todos em *Toda Crônica*; assim como foi feito com os de X: FM; XI: VU e XII: MA. De XIII: IL tomam apenas quatro textos do volume: “Qualquer coisa”, “Uma coisa puxa a outra I”, “Uma coisa puxa outra II” e “O Garnier morreu”, ignorando os outros 52 textos de XIII: IL, levando à estranheza o motivo de ter escolhido dois textos da série “Uma coisa puxa a outra” do total de quatro⁸⁶.

Interessante observar quanto à escolha destes textos retirados de XIII: IL é que eles ocupam uma sequência no volume de Barbosa, começando com “Qualquer coisa” e em seguida os quatro “Uma coisa puxa a outra” e “Alguns reparos”: estes textos encerram uma discussão sobre teatro, e foram publicadas pela *Estação Teatral*, entre abril e julho de 1911. O texto subsequente é “O Garnier morreu”, publicada na *Gazeta da Tarde*, em 07 de agosto de 1911. São textos estes que fogem do assunto “impressão de leitura” que embasam o volume, referindo-se especificamente ao teatro e às questões de mercado editorial, o que justificaria Resende tomá-los como crônicas e colocá-los na sua organização; no entanto, são escolhidos apenas parte deles, não havendo maiores explicações para o procedimento.

Na nossa tentativa de encontrar uma explicação plausível para a escolha de crônicas em detrimento de outras, atribuímos isso ao critério de ordem cronológica da organização. Vejamos no quadro abaixo a relação de crônicas dispostas no volume I, entre as páginas 68 e 105, comparadas com a sequência ocorrida em XIII: IL, p. 259-283.

⁸⁶ “Uma coisa puxa a outra – I”, “Uma coisa puxa a outra – II”, “Uma coisa puxa a outra – III” e “Uma coisa puxa a outra – IV”.

Quadro 45—comparação entre as ordens das crônicas em *Toda Crônica*, volume I, p. 68-115, e XIII: II, p. 259-283.

<i>Toda Crônica</i> – volume I	XIII: II
01. “Uma coisa puxa a outra... I”. 08 abr. 1911.	01. “Qualquer coisa”. 24 jun. 1911.
02. “Uma coisa puxa a outra... II”. 22 abr. 1911.	02. “Uma coisa puxa a outra... I”. 08 abr. 1911.
03. “A mulher brasileira”. 27 abr. 1911.	03. “Uma coisa puxa a outra... II”. 22 abr. 1911.
04. “Maio”. 04 mai. 1911.	04. “Uma coisa puxa a outra... III”. 06 mai. 1911.
05. “O caso do mendigo”. 26 mai. 1911.	05. “Uma coisa puxa a outra... IV”. 20 mai. 1911.
06. “Pintores, desenhistas, etc.”. 10 jun. 1911.	06. “Alguns reparos”. 15 jul. 1911.
07. “Qualquer coisa”. 24 jun. 1911.	07. “O Garnier morreu”. 07 ago. 1911.
08. “Esta minha letra”. 28 jun. 1911.	
09. “Que fim levou?”. 10 jul. 1911.	
10. “O convento”. 21 jul. 1911.	
11. “O Garnier morreu”. 07 ago. 1911.	

É perceptível que se colocados em ordem cronológica, as crônicas “Uma coisa puxa a outra... III” e “Uma coisa puxa a outra... IV” ficariam separadas das “I” e “II”, tendo dois textos, “A mulher brasileira” e “maio”, entre a série, que teria levado as organizadoras a optarem pela não inclusão. Acreditamos que que essa observação da ordem cronológica justifica a o procedimento adotado em *Toda Crônica* para a seleção dos textos. Caso contrário, temos que acreditar que o processo tenha ocorrido, improvavelmente, de forma aleatória.

Falta de critérios para a seleção de textos à parte, chamamos a atenção para a maneira como Beatriz Resende encara a questão de crônicas em Lima Barreto, resolvendo em parte a controversa categorização feita por Francisco de Assis Barbosa. Numa tentativa de entender a gênese da solução encontrada pela organizadora de *Toda Crônica*, buscamos a resposta no seu livro *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*⁸⁷:

Ainda em vida, Lima Barreto preparou a edição de três volumes de crônicas aos quais deu os altamente significativos títulos: *Bagatelas*, *Feiras e Mafuás* e *Marginália*, mas não chegou a ver nenhum deles publicado.

Marginália foi o nome aventado para uma revista que pensou em criar já no fim da vida. Diversas vezes emprega o termo, geralmente dizendo que reuniu uma determinada série de artigos e crônicas numa “marginália”. *Feiras e mafuás* não chegou a receber nenhuma nota prévia ou introdução do autor. Já *Bagatelas* tem uma advertência do autor datada de 1918, onde diz ser o volume composto por

⁸⁷ RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

artigos de “várias classificações, inclusive a de não classificáveis”, “aparecidos em revistas e jornais modestos”.

Vida Urbana foi organizado postumamente, contendo predominantemente a produção do fim da vida do autor. O título vem de crônicas da revista *Careta* onde funcionava como uma espécie de subtítulo contraditório da série *Hortas e Capinzais*. (RESENDE, 1993, p. 26-27).

Embora longa, a citação é necessária para deixar claro que a pesquisadora carioca se embasou na ideia de que artigos de “várias classificações, inclusive a de não classificáveis” são crônicas, o que, em tese, resolveria os equívocos produzidos na organização de Francisco de Assis Barbosa, que a “artigos” acrescentou a tipologia “crônicas” em X: FM, XI: VU e XII: MA. Justificativa para o motivo de ter usado apenas quatro dos textos de XIII: IL, podemos deduzir quando Resende em seu livro de 1993 expõe:

Apesar de nos referirmos frequentemente a diversos textos do volume *Impressões de leitura*, não fizemos dele um objeto sistemático de estudo, já que *era preocupação do próprio Lima Barreto distinguir suas críticas literárias das crônicas*. Chega mesmo a dizer que, por falta de tempo para agradecer os livros de jovens autores que lhe eram enviados e comentá-los, temia transformar sua coluna de crônica na revista *Careta* em crítica literária. (RESENDE, 1993, p. 27).

Não há, portanto, maiores esclarecimentos sobre o fato de se escolher alguns textos de XIII: IL nem mesmo explicar porque não privilegiar crônicas com temáticas não tão pertinentes às “impressões de leitura” do autor, como é o caso dos textos sobre o teatro, por exemplo, como colocamos acima, tomando apenas algumas delas em detrimento das outras.

Em resumo, o mérito da organização feita por Resende e Valença está na ordem cronológica em que foram colocadas as crônicas, o que estabelece um critério fundamental para a edição da imensa produção de Lima Barreto nos jornais e periódicos do Rio de Janeiro dos dois primeiros decênios do século XX. Podemos afirmar que há uma ruptura na ideia de bagatelização das edições limabarretianas de 1948 até 2004. Não obstante o fato de as duas pesquisadoras resolverem a questão de boa parte da produção limabarretiana ao estabelecer como crônicas os textos arrolados nos dois volumes de *Toda Crônica*, restaram pontas de dúvidas quanto ao critério de seleção: por que se ignoraram textos que na coleção *Obras de Lima Barreto* estavam agrupados pelo mesmo assunto ou pelo mesmo critério de junção, como nos casos de *Impressões de Leitura*, *Hortas e Capinzais* e *Mágoas e sonhos do povo*? Embora a bagatelização realizada por Francisco de Assis Barbosa em VIII: CRJ, IX: BG, X: FM, XI: VU, XII: MA e XIII: IL, tenha sofrido uma ruptura pelo trabalho de Beatriz Rezende e Rachel Valença, não poderiam ser chamados os dois volumes da AGIR de *Toda Crônica*.

4.3. A edição dos contos.

Se tratarmos das crônicas de Lima Barreto até aqui renderam algumas indagações e poucas respostas, o mesmo se dá quando tentamos estabelecer o total de contos publicados pelo escritor. Tal dificuldade surgiu a partir das edições póstumas da obra do escritor, em que os diversos organizadores e editores, ao recolherem dos jornais e revistas os textos inéditos em livro, foram manuseando-os de maneira que sempre alteraram a categoria literárias destes,

Pretendemos no próximo tópico, fazer um levantamento das edições que trouxeram narrativas curtas do escritor após sua morte, em 1922, nas diversas organizações como as de Francisco de Assis Barbosa (entre 1948 e 1956), Oséias Silas Ferraz (2005), Mauro Rosso (2010) e Lilian Moritz Schwarcz (2010).

4.3.1. A dispersão dos contos, antes e depois de 1956.

Os primeiros contos de Lima Barreto apareceram publicados pelo próprio autor como apêndice ao romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em 1915, num total de sete: 1) “A nova Califórnia”; 2) “O homem que sabia javanês”; 3) “Um e outro”; 4) “Um especialista”; 5) “O filho da Gabriela”; 6) “*Miss Edith e seu tio*”; e 7) “Como o homem chegou”. A estes primeiros, se juntarão os dezenove publicados em 1920 em *Histórias e Sonhos*, pela Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino: 1) “O moleque”, 2) “Harakashy e as escolas de Java”; 3) “Congresso Pan-Planetário”; 4) “Cló”; 5) “Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miqueias Habacuc”; 6) “*Agaricus Auditae*”; 7) “Adélia”; 8) “O feiteiro e o deputado”; 9) “Uma noite no Lírico”; 10) “Um músico extraordinário”; 11) “A biblioteca”; 12) “Lívia”; 13) “Mágoa que rala”; 14) “Clara dos Anjos”; 15) “Uma vagabunda”; 16) “A barganha”; 17) “Uma conversa vulgar”; 18) “Sua Excelência”; e 19) “A matemática não falha”.

São, então, 26 textos que Lima Barreto deixou como contos no legado editorial. Em 1923, veio a lume *Bagatela*, livro que reunia artigos, como o próprio escritor definiu ao recolher textos que havia publicado nos diversos jornais e revistas da época. Nessa edição aparece “A matemática não falha” que figurara entre os contos publicados em *Histórias e Sonhos* em 1920. E, em 1922, “Sua excelência” apareceu publicado como parte do capítulo especial “Os samoiedas” no livro *Os Bruzundangas*, indicado como “crônicas”. Já de partida, surge a primeira dúvida em relação aos dois textos supracitados, são “contos” ou “artigos e/ou crônica”?

Em vida, Lima Barreto não editou mais nenhum livro que fosse composto por narrativas curtas. Somente em 1948 começou-se a publicação de textos curtos da obra limabarretiana com o projeto de reedição realizado por Francisco de Assis Barbosa pela Editora Mérito e

Gráfica e Editora Brasileira. Em 1949 são publicados como apêndice ao romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, pela Mérito, dezoito contos: 1) “Três gênios de secretaria”; 2) “O único assassinato de Cazuza”; 3) “O número da sepultura”; 4) “Manuel Capineiro”; 5) “Milagre de Natal”; 6) “A sombra do Romariz”; 7) “Quase ela deu o ‘sim’, mas...”; 8) “Foi buscar lâ”; 9) “O jornalista”; 10) “O tal negócio de ‘prestações’”; 11) “O meu carnaval”; 12) “Fim de um sonho”; 13) “Lourenço, o magnífico”; 14) “O falso D. Henrique V”; 15) “Eficiência militar”; 16) “O pecado”; 17) “Um que vendeu a alma”; 18) “Carta de um defunto rico”⁸⁸.

Em 1951 é publicada a segunda edição de *Histórias e Sonhos* pela Gráfica Editora Brasileira, suprimindo os contos “Sua Excelência” e “A matemática não falha”, por “figurarem em outras obras do autor, *Os Bruzundangas* e *Bagatelas*, respectivamente (HS1951, p. 5). Além da supressão dos dois textos citados, acresceram-se mais duas partes na edição HS1951: *Outras histórias* e *Os contos argelinos*. Segundo o organizador, foram coligidos “contos de Lima Barreto [...] inéditos” (HS1951, p. 5) em *Outras histórias*, num total de dezesseis: 1) “Por que não se matava”; 2) “Ele e suas ideias”; 3) “Numa e a Ninfa”; 4) “Uma conversa”; 5) “A cartomante”; 6) “O cemitério”; 7) “Na janela”; 8) “Despesa filantrópica”; 9) “O caçador doméstico”; 10) “Uma academia da roça”; 11) “A mulher do Anacleto”; 12) “Dentes negros e cabelos azuis”; 13) “A doença do Antunes”; 14) “A indústria da caridade”; 15) “Casa de poetas (comédia em um ato)”; e 16) “Os negros (esboço de uma peça)”. Estão nessa relação juntamente com contos dois textos dramáticos.

Em *Contos argelinos*, que o organizador considera como “historietas da política e da vida carioca” (HS1951, p. 5), são colocados 47 contos: 1) “S. A. I. Jan-Ghote”; 2) “El-Kazenadji”; 3) “O juramento”; 4) “A firmeza de Al-Bandeirah”; 5) “O desconto”; 6) “A solidariedade de Al-Bandeirah”; 7) “O reconhecimento”; 8) “O oráculo”; 9) “A chegada”; 10) “Um candidato”; 11) “Um bom diretor”; 12) “Os quatro filhos d’Aimon”; 13) “A consulta”; 14) “Que rua é essa?”; 15) “Abertura do Congresso”; 16) “Medidas de S. Excia.”; 17) “Uma anedota”; 18) “A nova glória”; 19) “Era preciso”; 20) “Faustino I”; 21) “O rico mendigo”; 22) “Projeto de lei”; 23) “Firmeza política”; 24) “Cincinato, o romano”; 25) “O ideal”; 26) “A fraude eleitoral”; 27) “As teorias do Dr. Caruru”; 28) “O anel de Perdicas”; 29) “O congraçamento”; 30) “Nós! Hein?”; 31) “Um debate acadêmico”; 32) “Coisas parlamentares”; 33) “Os Kalogheras”; 34) “Conservou o fez!”; 35) “Arte de governar”; 36)

⁸⁸ A relação de textos que reproduzimos aqui já foi descrita em outros capítulos em forma de quadro; a fim de que facilitem a lembrança dos títulos e textos que compõem cada parte dos volumes estudados, repetimo-los de forma contínua para que não cause no leitor o incômodo de ficar folheando este trabalho.

“O destino do Chaves”; 37) “Uma opinião de peso”; 38) “O poderoso Dr. Matamorros”; 39) “Um fiscal de jogo”; 40) “Boa medida”; 41) “Falar inglês”; 42) “Manifestações políticas”; 43) “Na avenida”; 44) “Rocha, o guerreiro”; 45) “Um do povo”; 46) “Hóspede ilustre”; e 47) “Interesse público”.

Quadro 46 – quantidade de contos de Lima Barreto publicados até 1953.

Nome da obra	Número de contos
<i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> – edição de 1915 (depois transferidos para <i>Clara dos Anjos</i> em 1948)	07
<i>Histórias e Sonhos</i> – edição de 1920	19
<i>Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá</i> – edição de 1949	18
<i>Histórias e Sonhos</i> – edição de 1951	16 (<i>Outras Histórias</i>) 47 (<i>Contos argelinos</i>) ⁸⁹
Total de textos assinalados como “contos” até 1953	107

Dos 107 textos arrolados como “contos” até 1953, 26 foram editados e publicados por Lima Barreto e 81 são publicados postumamente em livros. Na montagem da edição de 1956, a indicação de “contos” sofrerá mudanças com os deslocamentos dos textos entre os volumes da coleção, como analisamos no capítulo III desta tese.

Resumamos, as ocorrências em relação aos contos de Lima Barreto nas edições de 1948-1953 e 1956: a) os contos publicados em *Triste fim de Policarpo Quaresma* em 1915 são transferidos para o volume *Clara dos Anjos* em 1948, repetindo-se em 1956; b) na edição de *Histórias e sonhos* de 1951 foram suprimidos dois contos daqueles publicados na edição de 1920; c) das partes *Outras histórias* e *Contos argelinos* constantes em HS1951 foram suprimidos textos e remanejados para outros volumes da coleção de 1956, que indicam serem formados por categorias diferentes daquelas que foram publicadas em 1951. O critério para que isso ocorresse foi, segundo Francisco de Assis Barbosa, para se cumprir uma “possível unidade” entre os volumes da coleção.

Os volumes que comportam contos na edição de 1956 são *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, *Clara dos Anjos*, *Histórias e Sonhos* e *Marginália*, que recebeu 05 textos dos que constavam em *Outras Histórias*. Assim, ficam distribuídos os contos em 1956:

⁸⁹ Aqui só estão computados os contos inéditos em livro. No caso da primeira parte da edição HS1951 não foram computados os textos da primeira parte, *Histórias e Sonhos*, por terem sido registrados na edição de 1920.

Quadro 47 – distribuição de textos publicados como “contos” na edição de 1956.

Volume - obra	Número de contos
IV – <i>Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá</i>	18
V – <i>Clara dos Anjos</i>	07
VI – <i>Histórias e Sonhos</i>	17 (<i>Histórias e Sonhos</i>) 09 (<i>Outras Histórias</i>) 13 (<i>Contos argelinos</i>)
XII - <i>Marginália</i>	05
Totais de textos assinalados como “contos” coleção <i>Obras completas de Lima Barreto,</i> 1956, Editora Brasiliense	69

Grosso modo, ao se verificar os dados computados nos quadros 46 e 47, a diferença entre a quantidade de “contos” publicados até 1953 e os publicados em 1956 é de 38 textos. São números importantes, demonstrando que para se cumprir um critério de montagem de volumes consoante um modelo mercadológico de edição em coleção, os textos são deslocados de um lugar para outro, causando confusões como a que vemos nos quadros 44 (capítulo III), 46 e 47, criando motivos para que as organizações pós-1956 seguissem o estabelecido, como veremos nos tópicos seguintes.

4.3.2. As edições compiladas de Oséias Silas Ferraz e Mauro Rosso.

Em 2005, com a tiragem de 3000 exemplares, a Crisálida Livraria e Editora, de Belo Horizonte, lançou *Contos Reunidos*⁹⁰ com a organização do editor Oséias Silas Ferraz, tendo como colaboradores Leonardo Gonçalves e Imaculada Peifer. Há uma proposta muito clara da organização feita por Ferraz, em que anuncia que se pretende reunir “pela primeira vez em um único volume os 58 contos publicados pelo escritor carioca em livros, revistas e jornais” (FERRAZ, 2005, p. 7).

Assim, Ferraz considera como contos publicados por Lima Barreto aqueles 07 publicados como apêndice em *Triste fim de Policarpo Quaresma*; os 19 publicados em *Histórias e Sonhos*, em 1920; os 18 publicados em apêndice da edição de *Vida e morte de M.*

⁹⁰ LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Contos Reunidos*. Organização de Oséias Silas Ferras. Belo Horizonte: Crisálida Livraria e Editora, 2005. 358 páginas.

J. Gonzaga de Sá, em 1949; e os 14 de *Outras histórias*, publicado em *Histórias e Sonhos* de 1951, excetuando as duas peças de teatro.

O organizador explica assim a exclusão de *Contos argelinos*:

Os chamados *Contos argelinos* estão ausentes deste volume por entendermos que esses constituem uma unidade própria: são textos satíricos sobre a vida e a política no Brasil; formariam, assim, uma série de contos satíricos a ser reunida em volume à parte, a exemplo do que já acontece com os dois livros com os quais mantém afinidades: *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambon*. (FERRAZ, 2005, p. 7).

Embora se engane Ferraz em aproximar os textos de *Coisas do Reino do Jambon* aos de *Contos argelinos* e *Os Bruzundangas*, os critérios de organização de *Contos Reunidos* são claros, não levantando discussões sobre o número exato, por exemplo, dos “contos argelinos”, matéria escorregadia em vista das intervenções feitas por Francisco de Assis Barbosa. Esta clareza não ocorreu por exemplo, com a organização realizada em *Lima Barreto e a política: os “contos argelinos” e outros textos recuperados*⁹¹.

Mauro Rosso, ensaísta e escritor e que desenvolve projetos e programas de pesquisa literária para entidades, atuante na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio como pesquisador literário, é responsável pela revista eletrônica *Germina: Revista de Literatura & Arte* (<http://www.germinaliteratura.com.br>), publicou em 2010 *Lima Barreto e a política*. Nesse livro, Rosso considera que Lima Barreto escreveu 105 contos, conforme citação abaixo:

- 7 contos, como “apêndice” à 1ª edição do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* [...]. Alguns desses contos considerados entre os melhores de sua lavra, mas não apareceram em qualquer das edições de *Histórias e Sonhos*.
- 19 contos na citada 1ª edição de *Histórias e Sonhos* [...].
- 18 contos, como “apêndice” à 4ª edição do romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* [...] – abrigando contos publicados em jornais e revistas do período de 1915-18, que da mesma forma não apareceram em qualquer edição de *Histórias e Sonhos*.
- a 2ª edição de *Histórias e Sonhos*, em 1951 [...] organizada por Francisco de Assis Barbosa, contém uma Parte I com 17 dos 19 contos da 1ª edição, excluídos “Sua Excelência”, incluído no volume póstumo *Os Bruzundangas* [...], e “A matemática não falha”, incluído no também póstumo *Bagatelas* [...]; uma parte II intitulada “Outras Histórias”, com 14 contos, não constantes da 1ª edição de *Histórias e sonhos*; e uma Parte III denominada “Contos argelinos”, com 13 propriamente ditos e mais 33⁹² contos (nunca mais foram editados e publicados).
- uma 3ª edição de *Histórias e Sonhos* integra a “Coleção Lima Barreto”, em 17 volumes, de 1956 [...], contendo nas Parte I os 19 contos da 1ª e 2ª edições, na Parte II os 14 contos da 2ª edição e os 13 “contos argelinos” – mas sem incluir aqueles 34 contos abrigados na 2ª edição de *Histórias e Sonhos*. (ROSSO, 2010, p. 12-13).

⁹¹ LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Lima Barreto e a política: os “contos argelinos” e outros textos recuperados*. Organização de Mauro Rosso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

No que seja desculpável citação tão longa, achamos necessária para demonstrar que o levantamento feito pelo organizador, na maneira como ele a desenvolveu é no mínimo tortuosa devido as descrições das edições em que saíram publicados os contos de Lima Barreto. Veja o exemplo de quando cita a edição de 1956 de *Histórias e Sonhos*: nesta 3ª edição da obra não foram publicados 19 contos, e sim 17, pois Francisco de Assis Barbosa manteve a supressão de “Vossa Excelência” e “A matemática não falha”. Outro equívoco: os 34 contos (vide nota 85) aos quais se refere da 2ª edição de *Histórias e Sonhos* foram sim editados e publicados depois. Estes textos apareceram na edição de 1956 remanejados e organizados em outros volumes. Esqueceu-se também Rosso de verificar que alguns destes textos foram juntados na edição de *Toda Crônica* organizada por Beatriz Resende e Rachel Valença em 2004.

Lima Barreto e a política: os “contos argelinos” e outros textos recuperados é dividido por Mauro Rosso em três partes: *Contos argelinos*, *Outros contos políticos* e *Teatro barretiano*. Na primeira parte são colocados os 13 contos de *Contos argelinos* de VI: HS, acrescido de “Hussein Ben-Áli Al-Bálec e Miqueias Habacuc (conto argelino)”, que faz parte dos 19 contos da 1ª edição de *Histórias e Sonhos* de 1920, o que, segundo nota de rodapé justifica a inserção deste no rol de “contos argelinos”:

o registro expresso é do próprio Lima Barreto, aposto no texto original do conto – publicado segundo as fontes disponíveis, em 1914 no jornal *Correio da Noite* (no qual Lima colaborou de junho a agosto) e que caracteriza-se inofismavelmente como a “origem” do conjunto “contos argelinos”, desenvolvido em série a partir de 1915. (ROSSO, 2010, p. 71).

Na segunda parte, *Outros contos políticos*, estão encerrados 33 textos que constavam como parte de HS1951, na parte *Contos argelinos*, que na edição de 1956 foram remanejados para outros volumes, VIII: CRJ e XII: MA., excluindo desta lista “Na Avenida”. A terceira parte foge totalmente do propósito do livro, *Lima Barreto e a política*: o organizador coloca as duas peças teatrais do escritor, intitulando como *Teatro barretiano*.

Sintetizemos os problemas que a organização feita por Rosso. Em primeiro lugar, o organizador ignora que os 34 contos suprimidos de *Contos argelinos* foram editados e publicados na edição de 1956, organizada por Francisco de Assis Barbosa. Em segundo, usa a seleção feita por Barbosa na edição de *Histórias e Sonhos* com 47 textos, dando o título *Contos argelinos* para a coleção de contos. Ao organizar *Lima Barreto e a política*, Rosso toma exatamente a divisão feita por Barbosa em 1956, acrescentando um conto ao conjunto restante de *Contos argelinos* e monta um conjunto de textos com o mesmo nome, como se a seleção fosse dele própria.

Some-se a isso aproveitar-se dos textos que foram remanejados por Francisco de Assis Barbosa, tomando-os como sua organização, salvo a exclusão de um dos textos. E para fechar essa análise, não são só estes 33 contos que são de natureza política e também não há justificativa para a junção dos dois textos teatrais com temática divergente da proposta no título da organização. Além de tudo, “textos recuperados” não se aplicam à organização feita por Mauro Rosso, pois todas as peças reunidas em sua seleção foram editadas e publicadas em *Obras completas de Lima Barreto* em 1956.

4.3.3. *Contos completos de Lima Barreto organizada por Lilian Moritz Schwarcz.*

Em 2010, com organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz, é publicado pela Companhia das Letras *Contos completos de Lima Barreto*⁹³. Com um volume contendo 710 páginas, o livro tem o mérito de trazer publicados textos de Lima Barreto ainda inéditos, ampliando o legado editorial do escritor. Apregoa a organizadora que a edição

reúne o conjunto completo de contos produzidos por Lima Barreto até hoje conhecidos que podem ser encontrados nos acervos públicos nacionais. Fazem parte desta obra: os contos publicados pelo autor em vida; os que ganharam espaço em edições póstumas, publicados sem o aval do escritor; e os deixados sob a forma de manuscritos, completos ou não, guardados em tiras de papel no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, muitos deles inéditos. (SCHWARCZ, 2010, p. 15).

A estrutura do livro também é dividida em partes, seguindo a cronologia das publicações em vida do escritor e as das organizações de Francisco de Assis Barbosa: I – “contos publicados, conforma seleção do autor, como apêndice da 1ª edição da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*”; II – “contos publicados, conforme seleção do autor, na obra *Histórias e Sonhos*, 1ª edição, 1920 – último livro publicado em vida por Lima Barreto”; III – “contos publicados em *Outras histórias*, que integram a 2ª edição de *Histórias e Sonhos*, 1951; IV – “*Contos argelinos* que integram a 2ª edição de *Histórias e Sonhos*, 1951”; V – “contos que integram a 4ª edição da obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, 1949”; e VI – “Outros contos (textos manuscritos completos e incompletos e classificados como tal)”.

As cinco partes que compõem os textos reeditados somam exatamente 107 contos, ou seja, a quantia apontada por nós até 1953, inclusive com as duas peças teatrais. A organizadora não levou em considerações as modificações feitas na edição organizada por Francisco de Assis Barbosa em 1956.

⁹³ LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Contos completos*. Organização e introdução de Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A sexta parte traz 45 textos que estavam sob a guarda da Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional:

Transcrevemos os documentos classificados como contos, mesmo sabendo que em alguns casos temos antes crônicas do que textos de ficção. Mesmo assim, privilegiamos o registro do autor e a possibilidade de tornar públicos documentos de difícil acesso, bem como seguimos critérios do próprio literato, que muitas vezes, nas seleções que fez, misturou esses gêneros. (SCHWARCZ, 2010, p. 52).

Esse depoimento deixa claro que os organizadores não têm, na maioria das vezes, os critérios para o levantamento dos textos de Lima Barreto, e recorrem às organizações feitas por Francisco de Assis Barbosa em duas ocasiões. Ao sabor do interesse da edição que se propõe, consideram a organização de Barbosa nas edições 1948-1953, ou ignoram as intervenções na de 1956, ou faz o caminho inverso.

4.4. Conclusão.

Tentamos mostrar no quarto e último capítulo desta tese que as edições pós-1956 da obra de Lima Barreto foram, sem exceção, fiduciárias das duas organizações feitas por Francisco de Assis Barbosa, principalmente a realizada através da Editora Brasiliense. Das peculiaridades causadas pelos critérios, uniformização dos volumes e junção de textos de categorias diferentes, aplicados por Francisco de Assis Barbosa editar as *Obras completas de Lima Barreto*, surgiram dificuldades para os futuros organizadores de edições limabarretianas. E diante de alguns obstáculos para as compilações, os organizadores pós-1956 nem sempre souberam como lidar com a edição feita por Barbosa: alguns simplesmente reproduziram os critérios barbosianos; outros, num espasmo de ousadia tentaram fugir ao proposto em 1956, mas acabaram sempre sujeitados.

Nos casos de *Lima Barreto: Prosa Seleta* encontramos a bagatelização das edições limabarretianas levada ao extremo, não respeitando o legado editorial de Lima Barreto, tampouco a edição feita em 1956. Em *Toda Crônica: Lima Barreto*, são feitas intervenções interessantes no que tange à quebra da bagatelização que foi implantada, ideologicamente por Lima Barreto e por forças mercadológicas 1956, como a “uniformização” dos volumes, ao editar as crônicas em ordem cronológica de publicação em jornais e revistas. É a primeira tentativa de se separar os textos limabarretianos do arcabouço editorial feito por Francisco de Assis Barbosa, mas pecou por ignorar textos que poderiam figurar entre “todas as crônicas” da obra da AGIR. Cremos que poderiam ter sido publicados três volumes com a totalidade dos textos curtos de Lima Barreto, excetuando aqueles que são considerados como “contos”.

Vimos que em relação às compilações dos contos não foi diferente, ocorrendo uma série de equívocos, como se sucede na organização de Mauro Rosso, que toma a edição de 1956 e não dá os créditos à seleção feita por Francisco de Assis Barbosa. Apossa-se dela dividindo-a em duas partes, excluindo um texto. Com esse procedimento o volume fica como se fosse mérito exclusivo do próprio Rosso, sem contar o descompasso de colocar textos dramáticos, e a conduta de designar alguns escritos como “textos recuperados” que, como vimos, não se trata disso.

Oséias Silas Ferraz é menos polêmico ao juntar 58 contos que considera como aqueles que cabem na categoria, excetuando a escorregadia série “contos argelinos” e as duas peças teatrais. O último trabalho descrito em nosso capítulo foi a organização de Lilian Moritz Schwarcz, que nada mais fez que seguir o legado editorial de Lima Barreto estabelecido em 1953, após as edições de Mérito e Gráfica Editora Brasileira. Não traz, portanto, mérito nenhum para as edições de Lima Barreto, salvo a relação de transcrição de 45 textos inéditos do escritor desaparecido em 1922, mas que, como ela própria afirma, nem todos são contos.

Em resumo, edições como *Toda Crônica* e *Contos completos* são alardeados como edições esmeradas e bem cuidadas editorialmente, seguem ditames do mercado editorial; criam expectativas para o leitor de que receberá uma obra definitiva dos textos curtos de Lima Barreto, mas na realidade são edições calcadas na organização de Francisco de Assis Barbosa. Ou seja, ainda sofrendo da bagatelização ideológica de Lima Barreto e da bagatelização mercadológica de Barbosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Tendo como proposta a discussão das edições das obras do escritor Afonso Henrique de Lima Barreto, esta pesquisa foi dividida em quatro momentos, que correspondem aos capítulos que a constituem. O primeiro capítulo abrange o período entre 1909 e 1923, intervalo de tempo que vai da publicação do romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* à de *Bagatelas*, considerando como o momento da formação do legado editorial do escritor, composto por sete obras editadas por ele. Essas obras apresentam, em suas histórias de edição e publicação, características do mercado editorial dos primeiros vinte anos do século passado no Rio de Janeiro.

O primeiro traço desse mercado se manifesta na necessidade de um autor estreante ter de procurar uma editora portuguesa para editar sua obra abrindo mão de receber por essa publicação. Outro traço era a necessidade de se recorrer às edições feitas por tipografias, muitas delas ligadas aos periódicos, por vezes ligadas aos periódicos, *locus* privilegiado para a circulação de matérias literárias.

Dentre os livros do legado, constitui exceção a publicação de *M. J. Gonzaga de Sá*, impresso por um editor – Monteiro Lobato – que empregou no livro de 1919 todo o aparato editorial exigido e ainda remunerou Lima Barreto. Sua figura e atuação representam o momento em que se buscavam no Brasil melhorias para o mercado editorial, resultantes da expansão do público leitor com reflexos na estruturação de uma rede distribuidora do livro enquanto mercadoria.

Outro ponto desenvolvido nesse capítulo foi o de mostrar a maneira crítica como Lima Barreto se portou diante do sistema literário e editorial que não lhe era favorável: fez de seus escritos fictícios e seus textos publicados nos jornais uma arma contra o oficialismo das letras na República Velha. Esse comportamento crítico convivia em tensão com manifestações que não conseguiam esconder seu desejo de aproximação desse mesmo oficialismo.

O segundo capítulo pôs em foco o período entre 1930 e 1953, época de grandes transformações no mercado editorial, influenciadas pelos acontecimentos políticos e culturais a partir da Revolução de 30. Entre os aspectos favoráveis estão o aumento do público leitor, em virtude de realizações sociais no campo da escolarização das massas, e o crescente profissionalismo no sistema gráfico e editorial. A obra de Lima Barreto saiu, então, do ostracismo editorial através de dois projetos: o primeiro, empreendido pela Editora O Livro de Bolso, que o lançou no formato “livro de bolso” numa coleção com grandes vultos da literatura universal; o segundo, de mais fôlego, realizado por Francisco de Assis Barbosa, de 1948 a 1953, quando amplia o legado editorial do escritor de sete para dez volumes.

A publicação da coleção *Obras de Lima Barreto* foi o alvo de análise do terceiro capítulo, pois trata-se da maior organização feita da obra do escritor, realizada em 17 volumes pela Editora Brasiliense, sob a coordenação de Francisco de Assis Barbosa. Ressaltou-se em especial a importância da ampliação do legado editorial limabarretiano, tendo em vista as modificações realizadas em relação aos sete livros que o escritor deixou editados em 1922, quando falece, e aos 10 volumes publicados na edição 1948-1953, sob a tutela do mesmo Barbosa.

O quarto e último capítulo, o mais curto, voltou-se para a avaliação das organizações realizadas com os contos e crônicas limabarretianos após a publicação da coleção *Obras de Lima Barreto*. Nesse capítulo abordaram-se todas as publicações pós-1956 que se basearam na organização de Francisco de Assis Barbosa, repetindo os erros e acertos daquela edição.

O fio condutor dos quatro capítulos foi a ideia da bagatelização da obra limabarretiana. Esse termo surgiu como uma tentativa de explicação do *modus operandi* na recolha dos textos que compuseram *Bagatelas*, publicado em 1923, mas preparado pelo próprio Lima Barreto de 1918 a 1921. Bagatelização não pode ser tomada pelo sentido negativo de “bagatela”, coisa sem valor, mas pelo teor irônico com que o escritor lidou na crítica que fez ao mercado editorial. Não seguir a ordem cronológica, na ordenação dos textos e levar a acreditar que os textos não tinham uma classificação exata foram dois artifícios para criticar e reclamar do sistema adverso do mercado editorial brasileiro. Esse processo de bagatelização é irônico, pois valorizou e muito os textos que compuseram *Bagatelas*. A ideia da bagatelização limabarretiana estava também na organização dos textos da obra *Os Bruzundangas*, como nos projetos não realizados de *Marginália* e *Feiras e mafuás*. Seu biógrafo e maior organizador de sua obra, Francisco de Assis Barbosa, não entendeu o sentido dado por Lima Barreto e deu uma interpretação errônea do que foi a bagatelização praticada pelo autor carioca.

À bagatelização limabarretiana seguiu-se, assim, a bagatelização barbosiana, nas duas edições que ampliaram o legado editorial do escritor: a de 1948-1953 e a de 1956. Francisco de Assis Barbosa tomou dois critérios usados por Lima Barreto na construção dos volumes de sua obra – o de colocar no mesmo livro categorias literárias diferentes e o de coligir textos sem uma ordem cronológica – e utilizou-os para a elaboração dos volumes das duas edições. Levado pela atitude do escritor, o organizador se sentiu à vontade para manusear os textos entre volumes da coleção que editou em 1956, atendendo ao critério de “uniformidade dos volumes”, imposição do mercado editorial e desobedecendo o crivo da ordem cronológica na edição dos textos retirados dos jornais e revistas. Temos, então, dois sistemas de bagatelização: um, ideológico, o do escritor; outro, mercadológico, o do organizador.

O trabalho executado por Francisco de Assis Barbosa tem, apesar disso, muito mérito pela ampliação significativa do legado limabarretiano – os títulos quintuplicaram desde o legado editorial de 1923. A bagatelização da edição de 1956, no entanto, fez com que o modelo se multiplicasse nas organizações que surgiram a partir do século XXI, como mostramos no estudo das edições *Lima Barreto: Prosa Seleta* (2001), *Toda Crônica: Lima Barreto* (2004) e *Contos completos* (2010). Assim, há um Lima Barreto, escritor, crítico, irônico, que fez da bagatelização da sua obra uma arma; e há um outro Lima Barreto, personagem criado nas edições de Francisco de Assis Barbosa. E é esta criatura editorial, formada pelos critérios barbosianos, que se torna sempre o objeto dos estudos acadêmicos.

Algumas lacunas ficam nesse trabalho de doutorado, perceptíveis na leitura dos quatro capítulos que o compõem. Cremos que se poderia falar mais da relação dos jovens escritores do início do século XX e os editores portugueses, principalmente como se deu a compensação monetária destas publicações. Dentro desse campo de edições em Portugal dos neófitos escritores brasileiros, poder-se-ia pensar em um cotejo entre os manuscritos enviados a Portugal, as revisões e correções feitas pelos portugueses à semelhança do trabalho de Albino Forjaz de Sampaio para a edição de 1909 de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. No caso do livro de Lima Barreto, fazer uma comparação entre as modificações realizadas em Portugal e a possível restauração brasileira do texto na segunda edição em 1917, feita pelo escritor.

REFERÊNCIAS

I. Obras de Lima Barreto:

Bagatelas. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

Bagatelas. Prefácio de Astrojildo Pereira. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

Os Bruzundangas. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1922.

Os Bruzundangas. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A., 1952.

Os Bruzundangas. Prefácio de Osmar Pimentel. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 07)

Cemitério dos vivos: memórias. Prefácio de Eugênio Gomes. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 15)

Clara dos Anjos. Prefácio de Lúcia Miguel-Pereira. Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A., 1948.

Clara dos Anjos. Prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 05)

Coisas do reino do Jambon. Prefácio de Olívio Montenegro. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 08).

Contos completos. Lilian Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Contos reunidos. Oseias Silvas Ferraz (org.). Belo Horizonte: Crisálida, 2005.

Correspondência: ativa e passiva. Tomo I. Prefácio de Antônio Noronha Santos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 16).

Correspondência: ativa e passiva. Tomo II. Prefácio de B. Quadros. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 17).

Diário íntimo. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.

Diário íntimo. Prefácio de Gilberto Freire. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 14).

Feiras e mafuás. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.

Feiras e mafuás. 2. ed. São Paulo: Prefácio de Jackson de Figueiredo. São Paulo, 1956. (Obras de Lima Barreto, 10).

Histórias e sonhos. Rio de Janeiro: Gianlorenzo Schettino Livraria e Editora, 1920.

Histórias e sonhos. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira, 1952.

Histórias e sonhos. 3. ed. São Paulo: Prefácio de Lúcia Miguel-Pereira. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 06).

Impressões de leitura. Prefácio de Manuel Cavalcanti Proença. Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 13)

Lima Barreto: prosa seleta. Eliane Vasconcellos (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. (Biblioteca Luso Brasileira; série Brasileira).

Lima Barreto e a política: os “contos argelinos” e outros textos recuperados. Mauro Rosso (org.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2010.

Marginália. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1953.

Marginália. Prefácio de Agrippino Grieco. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

Numa e a ninfa: romance da vida contemporânea. Rio de Janeiro: Oficinas d’A *Noite*, 1915.

Numa e a ninfa. 2. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1950.

Numa e a ninfa. 3. ed. Prefácio de João Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 03).

Recordações do escrivão Isaías Caminha. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1909.

Recordações do escrivão Isaías Caminha. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1917.

Recordações do escrivão Isaías Caminha. 2. ed. rev. e aum. [nova tiragem]. Rio de Janeiro: A. de Azevedo & Costa, 1917.

Recordações do escrivão Isaías Caminha. 3. ed. Prefácio de Elói Pontes. São Paulo: O Livro de Bolso, 1943. (O Livro de Bolso, 8).

Recordações do escrivão Isaías Caminha. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1949.

Recordações do escrivão Isaías Caminha. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1949. (Edição privativa dos sócios do Círculo Literário do Brasil).

Recordações do escrivão Isaías Caminha. Prefácio de Francisco de Assis Barbosa. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 1).

Toda crônica: Lima Barreto. Beatriz Resende e Rachel Valença (org.). Rio de Janeiro: Agir, 2004. 2 v.

Triste fim de Policarpo Quaresma. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1915.

Triste fim de Policarpo Quaresma. Prefácio de Elói Pontes. 2. ed. São Paulo, 1943. (O Livro de Bolso, 10).

Triste fim de Policarpo Quaresma. Prefácio de Oliveira Lima. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1948.

Triste fim de Policarpo Quaresma. 4. ed. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1948. (Edição dos sócios do “Livro do Mês”).

Triste fim de Policarpo Quaresma. Prefácio de M. Oliveira Lima. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 2).

Triste fim de Policarpo Quaresma. Antônio Houaiss et al. (coord.). Edição crítica. Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Guatemala; São José de Costa Rica; Santiago do Chile: ALLCA XX/Scipione Cultural 1997. (Colección Archivos, 30).

Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. (Série Revisões, 5).

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. São Paulo: *Revista do Brasil*, 1919.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Prefácio de Elói Pontes. 2. ed. São Paulo: O Livro de Bolso, 1943. (O Livro de Bolso, 11).

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Prefácio de Paulo Ronai. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A., 1949.

Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 4).

Vida urbana. Prefácio de Antônio Houaiss. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. (Obras de Lima Barreto, 11).

II. Obras consultadas:

AIEX, Anvar. **As ideias sócio-literárias de Lima Barreto.** São Paulo: Vértice, 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto.** 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; INL, 1975.

BIGNOTO, Cilza. Monteiro Lobato: editor revolucionário? In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil:** dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BOMENY, Helena. **O manifesto dos pioneiros da Escola Nova.** Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoPioneiros>>. Acesso em 01 out. 2015.

BORDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: Jean Poullon et al. **Problemas do estruturalismo.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BROCA, José Brito. **Vida literária no Brasil – 1900**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1975.

CAMARGO, Áureo Joaquim. Lima Barreto na *Gazeta da Tarde*: um crítico na contramão do mercado editorial. XI SEL – Seminário de Estudos Literários: 50 anos do II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. UNESP, Assis, SP. Anais, p. 607-616.

_____. A “luta dos discursos” em Lima Barreto. **Itinerários**, Araraquara, p. 311-313, nº 36, jan-jun/2013.

_____. Quantos contos? Análise sobre a quantidade de contos de Lima Barreto. 2º CIELLI - Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários -, 2012, Maringá, PR. Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários - CIELLI / Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários - CELLI, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Irineu Marinho**: imprensa e cidade. São Paulo: Globo, 2012.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. Brasília: Editora da Universidade Brasília, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

CORRÊA, Henrique Sérgio Silva. **O A.B.C. de Lima Barreto (1916-1922)**. 2012. 328 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

DARTON, Robert. **A questão do livro**: passado, presente e futuro. Tradução Daniel Pelizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEL PRIORE, Mary & VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DUTRA, Eliane de Freitas. Leitores de além-mar: a Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FANTINATI, Carlos Erivany. **O professor e o escritor**: estudos sobre literatura brasileira e leitura. São Paulo: Editora UNESP; Assis: ANEP, 2012.

FERNANDES, Ana Helena Cobra. **Bagatelas em perspectiva**: Lima Barreto – crônicas anotadas. 2010. [s.n.]. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

GAULD, Charles Anderson. José Carlos Rodrigues: o patriarca da imprensa carioca. p. 427-438. **Revista de História** – Universidade de São Paulo, v.7, nº 16, 1953.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. Tradução Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. (Coroa Vermelha: Estudos Brasileiros, 6).

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: INL, 1967. 2 v.

IUMATTI, Paulo Teixeira. **Tradicionalmente inovadora: Editora Brasiliense e sua história**. Disponível em <<http://blogdabrasiliense.blogspot.com.br/2011/06/tradicionalmente-inovadora-editora.html>>. Acesso em 22 out. 2015.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2006. (Coleção Memória Editorial, 4).

KURLE, Adriano. Indústria Cultural: quando a arte encontra a mercadoria. **Intuição – Revista do Programa de Pós Graduação em Filosofia da PUCRS**. p.103-122. V. 6-nº 1. Junho 2013.

LAJOLO, Marisa. A leitura em *Formação da literatura brasileira* de Antonio Candido. IN: LA SERNA, Jorge Ruedas de. **História e Literatura**: homenagem a Antonio Candido. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Fundação Memorial da América Latina; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. p. 51-74.

LAUFER, Roger. **Introdução à textologia**: verificação, estabelecimento, edição de textos. Tradução Leda Tenório da Motta. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MALATIAN, Teresa. Diplomacia e letras na correspondência acadêmica: Machado de Assis e Oliveira Lima. **Revista Estudos Históricos**. p.377-392, v. 1, nº 24, 1999.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. p. 60-80, **Miscelânea – Revista de Pós-Graduação em Letras – UNESP – Campus de Assis**, v. 8, jun.-dez. 2010.

OAKLEY, Robert J. **Lima Barreto e o destino da literatura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Nádia Lippi. O intelectual. In: BOMENY, Helena (org.). **Constelação Capanema**: intelectuais e política. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas; Bragança Paulista, SP: Ed. Universidade de São Francisco, 2001.

PAIXÃO, Fernando (Coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

SORÁ, Gustavo. **José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Edusp: Com-Arte, 2010. (Coleção Memória Editorial, 6).

SEVECENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. A diversificação e popularização do livro e o surgimento e desenvolvimento de coleções de bolso no Brasil. **Revista FAMECOS Porto Alegre**. p. 186-207, v. 1, n. 1, jan-abr. 2014.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado do livro. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (orgs.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

TOLEDO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

WELLERSHOFF, Dieter. **Literatura, mercado e indústria cultural**. In: Humboldt, Hamburgo: 22: 44-8, 1970.